

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**ROSSANA MARIA MARINHO ALBUQUERQUE**

**CONSELHOS AFETIVOS EM TEMPOS DE CULTURA TERAPÊUTICA:  
analisando manuais de autoajuda e experiências das leitoras**

**São Carlos**

2015

**ROSSANA MARIA MARINHO ALBUQUERQUE**

**CONSELHOS AFETIVOS EM TEMPOS DE CULTURA TERAPÊUTICA:**  
analisando manuais de autoajuda e experiências das leitoras

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Sociologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Titular Dr.<sup>a</sup> Maria da Glória Bonelli.

**São Carlos**

2015

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

A345ca      Albuquerque, Rossana Maria Marinho.  
              Conselhos afetivos em tempos de cultura terapêutica :  
              analisando manuais de autoajuda e experiências das  
              leitoras / Rossana Maria Marinho Albuquerque. -- São  
              Carlos : UFSCar, 2015.  
              231 f.

              Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos,  
              2015.

              1. Sociologia. 2. Cultura terapêutica. 3. Gênero. 4.  
               Emoções. I. Título.

CDD: 301 (20<sup>a</sup>)



Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676  
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673  
[www.ppgs.ufscar.br](http://www.ppgs.ufscar.br) - Endereço eletrônico: [ppgs@ufscar.br](mailto:ppgs@ufscar.br)

### ROSSANA MARIA MARINHO ALBUQUERQUE

Tese em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Aprovada em 16 de março de 2015.

#### BANCA EXAMINADORA:

Profª Dra. Maria da Glória Bonelli  
Orientador(a) e Presidente  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

Profª Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva  
Universidade Federal de São Carlos

Profª Dra. Rosemeire Aparecida Scopinho  
Universidade Federal de São Carlos

Profª Dra. Miriam Pillar Grossi  
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Dra. Lucila Scavone  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Para uso da CPG

Homologado na 54ª Reunião da CPG-  
Sociologia, realizada em 01/04/15

  
Profª Dra. Jacqueline Sinhoretto  
Coordenadora do PPGS

*Para Eunice Marinho, minha primeira  
influência feminista, embora ela nunca tenha  
se identificado enquanto tal.*

## AGRADECIMENTOS

“Um galo sozinho não tece uma manhã”, já dizia João Cabral. Uma tese de doutorado é resultado de uma série de colaborações para quem a produz. Tenho muito a agradecer nesse processo:

Ao PPGS da UFSCar, pela oportunidade de cursar o doutorado e pelo aprendizado obtido durante esses anos, vendo de perto a contribuição de pesquisadores e pesquisadoras. Aos professores, professoras e colegas de pós-graduação. Às professoras Tânia Pellegrini e Rosemeire Scopinho, pelas contribuições na qualificação;

À minha orientadora, Maria da Glória Bonelli, por ter abraçado minha proposta de trabalho, me acompanhar durante esses anos e lidar habilidosamente com as dificuldades surgidas na pesquisa. Agradeço também pelos diálogos mais substanciais construídos ao longo dessa relação de trabalho e sua compreensão nos momentos mais difíceis;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudo que me permitiu maior disponibilidade de tempo para realização da pesquisa;

Aos familiares, que me apoiaram desde a decisão de cursar o doutorado em São Carlos e compreenderam todas as minhas ausências nos últimos anos. Agradeço especialmente a Renata, Lucas, Norma e família, pelos inúmeros galhos quebrados e por todo incentivo;

Ao valioso companheiro Felipe Albiero, que acompanhou todas as fases dessa pesquisa, contribuindo de várias maneiras, sempre atencioso para opinar, ouvir minhas impressões e ler os escritos da tese. Por todo o amor, incentivo e compreensão. Por se permitir, junto comigo, a questionar os lugares fixos de gênero e pela busca em aliar nossas concepções às nossas práticas. Agradeço também aos seus familiares, que apoiavam e acompanhavam cada fase concluída nessa pesquisa;

Aos amigos, parte essencial do meu ser. Primeiramente a Bárbara Rocha, Bárbara Zeferino e Natália Freitas, muito mais que amigas. Lúcio e Charles, meus conterrâneos e também alunos do PPGS. Ao casal Júlio e Bárbara Suellen, pelo companheirismo desses anos, em terras paulistas. Às pessoas queridas que me acolheram em São Carlos. Às queridas companheiras de república, Adriana, Viviane e nossa mascote Laila (pela inocente e alegre companhia). Lara Facioli, uma amiga que reúne inúmeras qualidades e que eu tanto admiro. Agradeço também pelo intenso, embora breve, período de convivência na república. Priscila Paladini, uma pessoa de coração gigante, que me dava injeções de ânimo, com seu espírito

“zovem” de ser. Certamente, o número de pessoas queridas é muito maior, mas agradeço especialmente a essas, pela atenção, compreensão, por todas as conversas e ouvirem minhas angústias, inúmeras vezes, nos últimos anos;

A todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para essa pesquisa. Agradeço, especialmente, a todas as leitoras que se dispuseram a participar das entrevistas e contribuir com seus depoimentos, que tiveram fundamental importância para as reflexões produzidas nesse trabalho e, inclusive, as minhas pessoalmente. Aprendi muito ouvindo vocês e sou inteiramente grata à disposição de cada uma em contribuir e falar sobre suas experiências, o que nos aproximou tantas vezes pelas similaridades da condição feminina.

*Charlotte*

*O que aconteceria se uma mulher despertasse uma manhã transformada em homem? E se a família não fosse o campo de treinamento onde o menino aprende a mandar e a menina a obedecer? E se houvesse creches? E se o marido participasse da limpeza e da cozinha? E se a inocência se fizesse dignidade? E se a razão e a emoção andassem de braços dados? E se os pregadores e os jornais dissessem a verdade? E se ninguém fosse propriedade de ninguém?*

*Charlotte Gilman delira. A imprensa norte-americana a ataca, chamando-a de mãe desnaturada; e mais ferozmente a atacam os fantasmas que moram em sua alma e a mordem por dentro. São eles, os temíveis inimigos que Charlotte contém, que às vezes conseguem derrubá-la. Mas ela cai e se levanta, e cai e novamente se levanta, e torna a se lançar pelo caminho. Esta tenaz caminhadora viaja sem descanso pelos Estados Unidos, e por escrito e por falado vai anunciando um mundo ao contrário.*

Eduardo Galeano, sobre a feminista Charlotte Gilman, em seu livro *Mulheres*.

## RESUMO

A tese discute a difusão dos manuais de aconselhamento afetivo no Brasil, a partir da análise dos livros, *best sellers*, *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, *O que toda mulher inteligente deve saber*, *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* e *Sedução: uma estrada de mão dupla*, bem como das experiências de 23 leitoras entrevistadas para a pesquisa, situando-as em faixa etária, escolaridade, profissão, origem regional, classe, raça, orientação sexual, estado civil, dentre outros aspectos. Considerando as experiências das leitoras em relação aos manuais, foram estabelecidos dois grupos de classificação: 1) as que leram, se identificaram com o conteúdo dos livros e adotaram os conselhos na vida cotidiana, modificando seu comportamento conforme as orientações oferecidas pelos manuais; 2) as que não se identificaram ou que mudaram de opinião a respeito dos livros em outra fase da vida. Em ambos os casos, a motivação principal da procura pelos manuais foi a necessidade de orientação afetiva na busca de relacionamentos duradouros. Entre os usos dos aconselhamentos identificados nos relatos das leitoras, verificou-se o gerenciamento emocional, através do qual as mulheres buscavam racionalizar os sentimentos, de modo a evitarem o sofrimento amoroso no processo de escolha do par afetivo. A pesquisa parte da dimensão emocional, representada pela análise dos manuais e das entrevistas com as leitoras, buscando observar as mediações presentes no fenômeno estudado, o qual se relaciona com discursos terapêuticos, noções de individualismos, influências do feminismo, cultura de massa, relações de mercado e consumo. Os manuais fornecem conselhos afetivos que prometem soluções para a vida amorosa e, ao observar as experiências das leitoras, identifica-se que a busca pelos livros também se explica devido ao gerenciamento de posições demandado às mulheres atualmente, quando essas tentam conciliar os âmbitos afetivo, familiar e profissional. Ao analisar o custo emocional vivenciado pelas mulheres e as soluções oferecidas pelos manuais de aconselhamento, a pesquisa discute implicações nos aspectos das relações de gênero no atual contexto.

Palavras-chave: Cultura terapêutica. Gênero. Emoções.

## ABSTRACT

The thesis discusses the dissemination of affective advice manuals in Brazil from the analysis of best seller books *Why men don't listen & women can't read maps*, *What smart women know*, *Why men love bitches* and *Seduction: a two-way road* as well as the experiences of 23 readers interviewed for the research, by locating them in age, education, profession, regional origin, class, race, sexual orientation, marital status, among other aspects. Considering the experiences of readers regarding the manuals, two classification groups were established: 1) those that read, identified themselves with the contents of the books and adopted the advices in everyday life, changing their behavior as oriented by the manuals; 2) those that did not identify themselves or that changed their opinion about the books in another stage of life. In both cases, the main reason for reading the manuals was the need for emotional guidance in the search for long-lasting relationships. Among the uses of the advices identified in the account of the readers, was observed the emotional management, through which women sought to rationalize feelings, to avoid loving suffering in the process of affective pair choosing. The research starts from the emotional dimension, represented by the analysis of manuals and interviews with readers, seeking to observe the existing mediations in the studied phenomenon, which relates to therapeutic discourse, notions of individualism, feminism influences, mass culture, market relations and consumption. The manuals provide emotional advice that promise solutions to love life and by observing the experiences of readers, it is identified that the search by the books is also explained due to position management required to women today when they try to conciliate the scopes of emotion, family and work. By analyzing the emotional cost experienced by women and the solutions offered by advice literature, this research discusses implications in gender relation aspects in the current context.

Key words: Therapeutic culture. Gender. Emotions.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Faixa etária das leitoras .....	20
Gráfico 2 - Localização das leitoras segundo região do país .....	20
Gráfico 3 - Origem regional das leitoras (por estados da federação) .....	20
Gráfico 4 - Escolaridade das leitoras .....	20
Gráfico 5 - Escolaridade dos pais (%) .....	20
Gráfico 6 - Escolaridade das mães (%) .....	20

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
<b>1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
1.1 AS EXPERIÊNCIAS COMPREENDIDAS ENQUANTO RELAÇÕES DE GÊNERO	201
1.1.1 O processo de “tornar-se” mulher em Simone de Beauvoir .....	24
1.1.2 Gênero enquanto crítica da matriz heterossexual: a contribuição de Judith Butler .....	27
1.1.3 O caráter multidimensional do gênero: a proposta teórica de Raewyn Connell.	30
1.2 OS CRITÉRIOS PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA.....	20
1.2.1 A seleção dos manuais de autoajuda .....	43
1.2.2 A seleção de leitoras entrevistadas.....	455
1.2.3 A elaboração das entrevistas .....	47
<b>2 DE SAMUEL SMILES AOS <i>BEST SELLERS</i> CONTEMPORÂNEOS: O FENÔMENO DA LITERATURA DE ACONSELHAMENTO .....</b>	<b>51</b>
2.1 GÊNERO, AUTOAJUDA E TRABALHO DAS EMOÇÕES.....	246
2.2 ACONSELHAMENTO AFETIVO E CULTURA DE MASSA.....	24
2.3 ACONSELHAMENTOS À BRASILEIRA .....	2487
<b>3 CONSELHOS PARA RACIONALIZAR AS EMOÇÕES: ANALISANDO OS MANUAIS DE AUTOAJUDA.....</b>	<b>100</b>
3.1 AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS ENTRE OS SEXOS NA NARRATIVA DE BARBARA PEASE & ALLAN PEASE .....	245
3.1.1 Origens míticas das diferenças sexuais .....	1066
3.1.2 O eixo antifeminista da narrativa.....	1099
3.1.3 A biologização da cultura e a culturalização da biologia .....	1122
3.1.4 Sexualidades e identidades sexuais.....	1144
3.1.5 A “moral” da história .....	1199
3.2 A MULHER INTELIGENTE DE STEVEN CARTER & JULIA SOKOL.....	2420
3.2.1 Receitas para um amor sem dor: a linguagem terapêutica como um guia sentimental .....	120
3.2.2 Imagens femininas através dos exemplos oferecidos .....	1244
3.2.3 Investimento e retorno: princípios racionais do amor .....	1277
3.2.4 Mulher moderna, mas não supermulher .....	128

3.3 AS MULHERES PODEROSAS DE SHERRY ARGOV .....	24
<b>3.3.1 Transformando uma boazinha em poderosa</b> .....	130
<b>3.3.2 Linguagem racional e trabalho das emoções</b> .....	1344
<b>3.3.3 Objetos de desejo e consumo: o negócio dos relacionamentos</b> .....	1366
<b>3.3.4 Boazinha, poderosa, mãe, amante, falsa ingênua: os modelos femininos de Sherry Argov</b> .....	139
<b>3.3.5 Novos rótulos, padrões bem conhecidos</b> .....	141
3.4 TÉCNICAS DE SEDUÇÃO SEGUNDO O OLHAR MASCULINO: OS CONSELHOS DE EDUARDO NUNES .....	243
<b>3.4.1 O dicionário da sedução</b> .....	1444
<b>3.4.2 Os caminhos da sedução</b> .....	1466
3.5 ACONSELHAMENTOS AFETIVOS, GERENCIAMENTO EMOCIONAL E IMPLICAÇÕES DE GÊNERO .....	24
<b>4 O OLHAR A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS LEITORAS DOS MANUAIS DE AUTOAJUDA</b> .....	1533
4.1 O PERFIL DAS ENTREVISTADAS .....	243
4.2 A BUSCA DOS MANUAIS PELAS LEITORAS .....	247
4.3 AS EXPERIÊNCIAS DAS LEITORAS DO GRUPO 1: ACONSELHAMENTO E GERENCIAMENTO EMOCIONAL.....	243
<b>4.3.1 A condução racional dos sentimentos</b> .....	1699
4.4 AS EXPERIÊNCIAS DAS LEITORAS DO GRUPO 2: ACONSELHAMENTOS RESSIGNIFICADOS .....	241
4.5 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E TRAJETÓRIAS DE GÊNERO .....	245
4.6 GÊNERO ANALISADO EM DIMENSÕES.....	244
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	2211
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	227
<b>ANEXOS</b> .....	2272

## INTRODUÇÃO

Uma capa rosa, uma mulher falando ao telefone, segurando uma fotografia de um rosto masculino. Enquanto a fila das pequenas compras do supermercado não avança, aquele livro despertou curiosidade: *O que toda mulher inteligente deve saber*, de Steven Carter & Julia Sokol. Um livro que informava ter como tema fundamental “a autoestima nos relacionamentos amorosos”.

Ao folhear o livro, houve uma inquietação com seus tópicos. Para quais mulheres esse livro se direciona? Com essa indagação, o que poderia ter se encerrado na fila do supermercado tornou-se motivo de mais curiosidade. Encontrado o arquivo disponível na *internet*, o livro foi lido por inteiro. Em seguida, fez-se uma busca por livros com títulos similares. Todos estavam classificados entre os livros mais vendidos. Naquele momento, havia mais do que curiosidade: nasceu o tema dessa pesquisa.

A mesma capa que despertou a atenção de inúmeras leitoras foi o marco inicial dessa pesquisa. Por ter bastante interesse em refletir sobre discursos direcionados às mulheres ao longo da história, os tópicos daquele livro alimentaram interesse em pesquisá-los. Foram coletadas informações sobre os manuais de autoajuda com tais características, busca de pesquisas sobre o assunto e explicações sociológicas sobre o tema, dando, assim, origem às primeiras questões de investigação.

Foram selecionados quatro manuais para estudo, todos eles classificados entre os livros mais vendidos, os chamados *best sellers*: *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, de Allan Pease & Barbara Pease; *O que toda mulher inteligente deve saber* e *Os segredos das mulheres inteligentes*, de Steven Carter & Julia Sokol<sup>1</sup>; e *Por que os homens amam as mulheres poderosas?*, de Sherry Argov.

Ao estudar a temática da autoajuda em sua articulação com a questão de gênero, a complexidade do tema foi se revelando, pois esse mesclava influências de discursos terapêuticos, do feminismo, do mercado, da cultura de massa e do individualismo, e requeria mediações para explicar a difusão desse tipo de literatura no recente contexto brasileiro, especialmente justificando a posição dos seus livros no topo das listas de vendas.

---

<sup>1</sup> Ao longo da pesquisa, houve a substituição de um dos manuais. Os motivos são detalhados no capítulo 1.

Algumas pesquisas desenvolvidas no Brasil que discutiram o tema da autoajuda em sua articulação com gênero auxiliaram nas reflexões desse trabalho, a exemplo de Alves (2005), Castro (2009), Mocci (2006) e Rudiger (2010). A partir delas, houve uma aproximação aos parâmetros de gênero sugeridos pelos manuais, ao contexto que explica sua difusão, bem como às implicações de gênero decorrentes das concepções femininas veiculadas pelos livros. Em comum, essas pesquisas tiveram como foco de análise o conteúdo dos manuais, mas nenhuma delas abordou o público de leitoras.

Como desdobramento das questões de pesquisa, surgiu a necessidade de incluir o público de leitoras no presente estudo. Era necessário identificar quem constituía o público dos manuais, quais motivos justificavam a leitura deles, quais usos faziam dos livros, se havia identificação com as dicas sugeridas pelos autores e autoras etc.

Essa pesquisa, de caráter qualitativo, reuniu, então, dados a partir de 23 entrevistas realizadas com leitoras de manuais de autoajuda residentes em diferentes estados do Brasil. Embora a seleção seja expressa por uma pequena quantidade de entrevistas, foi construído um perfil com dados das entrevistadas, indicando escolaridade, profissão, origem regional, raça, classe, faixa etária, estado civil, orientação sexual. Com esse perfil, ainda que não haja pretensão de generalizá-los ao conjunto de leitoras desse segmento, foi possível verificar características comuns às leitoras que provavelmente se manifestariam em maior escala, a exemplo da faixa etária prevaiente, ingresso no ensino superior e profissões de carreira, estado civil e classe social.

Por meio do roteiro de perguntas elaborado para as entrevistas, buscou-se identificar as motivações das leitoras ao procurarem o manual de aconselhamento, além de abordar questões sobre diferenças e estereótipos de gênero, afetos e comportamentos, com o intuito de pensar sobre as experiências de gênero em seu caráter multidimensional.

A escolha metodológica de incluir as leitoras na pesquisa teve importância fundamental para refletir acerca da difusão dessa literatura a partir das trajetórias de gênero. Os depoimentos forneceram elementos para analisar o contexto que justifica a grande busca por esse material literário, considerando os repertórios de gênero das entrevistadas e o contexto vivenciado pela maioria delas, caracterizado pelas conquistas de posições sociais em termos profissionais e de escolaridade.

Os manuais de autoajuda para mulheres constroem narrativas nas quais abordam as dificuldades de estabelecer relacionamentos afetivos duradouros, para isso partindo de

pressupostos que consideram diferenças entre homens e mulheres, demandando a essas a adoção de técnicas de racionalização emocional que, se seguidas adequadamente, resultam em sucessos amorosos. Embora haja algumas especificidades nas abordagens de cada um dos livros analisados na pesquisa, o pano de fundo são as receitas para evitar o sofrimento amoroso. Segundo as técnicas sugeridas, faltam às mulheres o uso racional dos sentimentos e análises mais ponderadas sobre o homem pretendido, antes de se deixarem tomar pelas emoções. Os aconselhamentos são constituídos por argumentos heteronormativos, de modo que há sempre uma mulher em busca de um relacionamento com um homem. Aquilo que se configura como um padrão hegemônico de relações de gênero aparece nos manuais como características inerentes aos comportamentos masculinos e femininos.

Ao estudar essa temática, flanando nos *boulevards* da cultura de massa, para usar uma expressão de Edgar Morin, foi necessário observar um conjunto de influências históricas e culturais que constitui o discurso de autoajuda em sua relação com gênero. Cultura terapêutica, noções de individualismo, feminismo, racionalização e mercado dos relacionamentos são elementos que, em conjunto e ressignificados, ajudam a explicar a difusão dessa literatura de aconselhamento afetivo para mulheres no Brasil, processo que se consolidou nas duas últimas décadas.

Em se tratando de livros que são, em sua maioria, de autoria estadunidense, traduzidos para o português, houve a necessidade de situar o contexto brasileiro nesse circuito de comercialização de produtos que tratam dos relacionamentos afetivos, sendo os manuais de autoajuda uma das opções oferecidas.

A pesquisa foi construída a partir de uma perspectiva teórica feminista. Nesse sentido, as concepções de gênero são compreendidas enquanto históricas e culturais, sujeitas portanto, a mudanças. Ao adotar um referencial teórico feminista como eixo central de análise, essa pesquisa também se situa como um posicionamento crítico diante dos fatos analisados e, ao mesmo tempo em que busca explicações sociológicas para o tema, pensa tais relações como dinâmicas e historicamente situadas (GROSSI, 2000; GROSSI et al., 2013). Ou, como aponta Scavone (2008) em seu texto sobre sociologia e feminismo, pesquisar gênero é trabalhar com uma categoria desprovida de neutralidade.

Enquanto pesquisadora que investiga um segmento literário direcionado para um público de mulheres, buscou-se também saber distinguir os sentidos produzidos pelos diferentes sujeitos constituintes desse contexto, a saber: pesquisadora, autores e autoras dos

manuais e leitoras entrevistadas na pesquisa. Distinguir, desse modo, significa pensar de onde cada um se expressa e quais sentidos acionam em suas concepções ou práticas. Aqui cabe a consideração de Sarti (2004, p. 47) a respeito dessa questão:

[o] contexto do pesquisador explica a sua interpretação, as referências epistemológicas com as quais constrói a sua análise, mas não necessariamente a do pesquisado, quando forem distintas as referências de sentido de uma e da outra. Assim acontece com o conhecimento sobre a mulher, como com qualquer objeto de estudo.

De acordo com os pressupostos da pesquisa, as classificações de gênero são construídas socialmente em cada contexto, por isso considerar sua historicidade torna-se fundamental no processo de questionamentos dos padrões que se hegemonomizam e conferem solidez às concepções estabelecidas. O percurso analítico desenvolvido ao longo do texto considera tal historicidade para interpretar os termos utilizados para classificações de gênero, seja nos manuais, seja nas falas das leitoras. Em função das concepções que prevalecem no campo pesquisado, são utilizados frequentemente os termos “homem”, “mulher”, “masculino”, “feminino”, pensados a partir do contexto analisado e dos sentidos nele existentes. Porém, não se desconsidera que há classificações de gênero que estão para além do binômio “homem e mulher”. A ênfase no padrão se justifica pelo conjunto de relações analisado na pesquisa.

Em todo o percurso da pesquisa, buscou-se considerar a relação entre agência e contexto social. Partindo do contexto analisado e chegando às experiências individuais das leitoras entrevistadas, o eixo teórico central é constituído pelas formulações de Raewyn Connell, Eva Illouz e Arlie Hochschild. Assim, estrutura da catexia, cultura terapêutica e trabalho das emoções – noções elaboradas pelas autoras, respectivamente – são pensadas em conjunto, para construir diferentes níveis de análises do tema pesquisado. Nesse sentido, é possível observar os pressupostos dos padrões de desejo estimulados pelos manuais de aconselhamento, o contexto no qual se dá sua difusão e os usos de incorporação dos conselhos por parte das leitoras. Por meio dessa estrutura teórica, constrói-se uma análise não somente dos manuais e do seu público de leitoras, mas também dos aspectos históricos e culturais que justificam o fenômeno analisado.

A tese está dividida em 4 capítulos. No capítulo 1, são expostos os pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa. Inicia com as teorias de gênero que norteiam as análises

do trabalho, passando pelas formulações de Simone de Beauvoir e Judith Butler, consideradas como marcos importantes para o pensamento feminista ao longo do século XX, e chegando à contribuição teórica de Connell, que aborda o gênero em seu caráter multidimensional. A socióloga sugere uma análise de gênero pensada, a princípio, a partir de quatro dimensões: a) estrutura das emoções (catexia); b) trabalho; c) política e d) simbologia. As dimensões servem como norte analítico, que são observadas no contexto empírico investigado, não sendo, portanto, definições apriorísticas referentes a gênero. Connell compreende gênero como uma estrutura social específica, que está presente em todas as dimensões da vida social. A análise da estrutura da catexia, central para essa pesquisa, considera que o desejo é socialmente construído por meio de mecanismos que, ao mesmo tempo, colaboram para induzir e rechaçar, segundo modelos hegemônicos. Os conselhos afetivos sugeridos nos manuais de autoajuda, nesse sentido, estão carregados de pressupostos que fundamentam a ideia de que toda mulher deve desenvolver meios para conquistar um homem. As frustrações amorosas são experimentadas individualmente através de processos sociais que estimulam um dado modelo de arranjos afetivos. Já que o gênero é pensado em sua relação com outras dimensões da vida social, a pesquisa parte da estrutura da catexia, mas considera as experiências das leitoras em outros âmbitos da vida social, em suas configurações de gênero. Com isso, se observa que a estrutura emocional se associa a outros lugares de gênero, de modo que se relacionar afetivamente com um homem pressupõe outras atribuições vinculadas à mulher, a exemplo do casamento ou da maternidade. A estrutura emocional pensada em seu contexto nos conduz a uma problemática vivenciada por inúmeras mulheres que buscam na literatura de aconselhamento respostas para seus dilemas.

Para pensar no contexto que oferece determinada margem de ação e nas escolhas construídas individualmente, Illouz oferece as noções de ecologia das escolhas e arquitetura das escolhas: a partir da primeira, consideramos o contexto no qual se dão as escolhas e, da segunda, os critérios utilizados individualmente para defini-las.

Na segunda parte do capítulo 1, são descritos os critérios utilizados na formulação da pesquisa qualitativa, compreendendo a seleção dos manuais, a seleção de leitoras entrevistadas e o processo de elaboração e realização das entrevistas.

O capítulo 2, subdividido em várias seções, inicia abordando a problemática da autoajuda, simbolizada pelo livro *Self Help*, de Samuel Smiles, popularizado no contexto inglês do século XIX. O livro contém raízes do discurso de autoajuda formulado a partir do

modo de vida urbano-industrial, que passa por reformulações ao longo dos séculos XX e XXI, mas em comum sugere o esforço individual como modo de enfrentar os dilemas civilizatórios. As problemáticas sociais convertem-se em demandas de transformações subjetivas dos indivíduos para que esses atinjam seus objetivos. Nesse sentido, os manuais de autoajuda se constituem como fornecedores de receitas para o bem viver. O capítulo reúne reflexões de autores que discutiram o tema da autoajuda e a identificam como um traço característico da modernidade tardia. Conforme os termos de Fonseca (2007, p. 132), a autoajuda é, simultaneamente, resposta e sintoma de uma sociedade narcisista.

Ainda no capítulo 2, discute-se a relação entre gênero e autoajuda, introduzida a partir de uma breve exposição de pesquisas desenvolvidas no Brasil. Em seguida, a contribuição histórica e sociológica de Illouz é mencionada mais detalhadamente e, dessa forma, é possível compreender como a cultura terapêutica surge e se populariza no contexto estadunidense do início do século XX, mesclando diferentes fontes de influência e se difundindo mundialmente, dada a posição hegemônica dos Estados Unidos na geopolítica do pós-Segunda Guerra Mundial. Illouz sugere que repertórios da psicologia e do feminismo foram apropriados e adaptados para os manuais de aconselhamento afetivo, transformando-se em técnicas de racionalização das emoções. A autora discute as transformações das escolhas amorosas vivenciadas a partir do século XX e suas implicações de gênero, considerando o modelo heteronormativo. Segundo Illouz, no capitalismo afetivo, a vida segue a lógica das relações econômicas e o processo de arquitetura das escolhas se complexifica, pois de um lado não possui as amarras do tradicionalismo patriarcal, de outro impõe uma série de critérios para a escolha de parceiros amorosos que tem como uma de suas decorrências a racionalização das emoções. No mercado dos relacionamentos, segundo Illouz, homens e mulheres escolhem em condições desiguais, o que explica os dilemas emocionais vivenciados nas experiências femininas.

Após discorrer sobre o contexto sócio-histórico da cultura terapêutica, abordamos o conceito de trabalho das emoções, conforme elaboração de Hochschild, que expressa o esforço individual de produzir determinados estados sentimentais e de ação, aqui problematizado em função da instrumentalização da ideia de amor. O conceito de Hochschild permite pensar na incorporação de demandas de racionalização emocional, transferidas às mulheres em contextos mais recentes e também verificado nas entrevistas realizadas com as leitoras nessa pesquisa.

A relação entre conselhos afetivos e cultura de massa também é abordada no capítulo 2. Ao longo do século XX, a cultura de massa passa a constituir fortemente o imaginário dos indivíduos das sociabilidades urbanas, lhes fornecendo modelos de felicidade. Considerando a força editorial dos manuais de autoajuda, que facilita sua chegada ao público leitor, essa parte do capítulo se destina a refletir sobre a produção de tal literatura, que segue uma lógica industrial massiva, visando chegar ao máximo de consumidores. Embora a análise não perca de vista a dinâmica entre livros e leitoras, considera que é importante situá-los em seu contexto de produção, pois tanto na forma quanto no conteúdo os livros apresentam características da cultura de massa. É importante destacar que o próprio tema do amor tem sido bastante explorado por meio dos inúmeros recursos da cultura de massa, sendo o manual um deles. Há que se considerar também o papel da cultura de massa na propagação de valores e produtos em uma sociedade na qual há uma forte associação entre consumo e autorrealização; não por acaso o universo da vida privada é o *locus* privilegiado dessas narrativas de felicidade.

O capítulo 2 é encerrado com o que se chama aqui de aconselhamentos à mulher brasileira, coletando fragmentos de conselhos para mulheres ao longo da história do país de modo a pensar em particularidades culturais constituídas por discursos nos quais o amor já foi associado a pecado, doença e, mais recentemente, torna-se uma questão psicológica. Diferentes instituições e moralidades construíram o imaginário amoroso brasileiro, havendo, porém, uma constante identificada: as tentativas de adequação das escolhas femininas às vontades masculinas. Dos discursos religiosos às recentes publicações direcionadas ao público feminino, há diferentes maneiras de abordar o âmbito emocional, segundo relações de gênero hegemônicas em cada período.

No capítulo 3 são analisados os quatro manuais de aconselhamento estudados na pesquisa. Os livros são abordados separadamente, de modo a se observarem as narrativas elaboradas pelos autores, os conselhos sugeridos e as implicações de gênero. Embora os livros tenham suas especificidades, em comum lidam com a problemática dos relacionamentos afetivos e constroem estereótipos que sugerem modelos de comportamento. A linguagem terapêutica caracteriza a maior parte das explicações fornecidas pelos manuais. Com base em relacionamentos heterossexuais, os livros responsabilizam o comportamento feminino pelos impasses dos atuais relacionamentos afetivos, prometendo ensinar às mulheres como devem agir para não contrariarem as vontades masculinas. Na medida em que constroem o ideal de

mulher moderna que deve racionalizar suas emoções, os manuais sustentam, com novas roupagens, posições desiguais de gênero, de modo que os privilégios masculinos não são questionados; ao contrário, esses livros apontam as conquistas de liberdades e independências femininas como causadoras de suas infelicidades. Em termos de gênero, os conselhos afetivos naturalizam diferenças de gênero e transferem às mulheres o custo emocional com o objetivo de sustentar um modelo de relacionamento afetivo apontado como ideal.

O capítulo 4 expõe os resultados das entrevistas com as leitoras, iniciando com o perfil construído a partir dos dados das entrevistadas e suas motivações para a busca pelo manual de aconselhamento. A problemática contemporânea dos relacionamentos afetivos fica notável nos relatos das leitoras, que em sua maioria buscou orientação nos livros para conduzir suas experiências afetivas com menos sofrimento. Com base na observação das experiências narradas pelas leitoras, foram criados dois grupos mediante características comuns em relação à recepção e aos usos dos manuais pelas leitoras: 1) o grupo constituído por mulheres que se identificaram com os aconselhamentos e puseram em prática as orientações dos livros, seja por meio de experiências individuais ou em grupos de amigas; 2) o grupo constituído por mulheres que leram os manuais e não se identificaram com os aconselhamentos ou tiveram indetificação, mas mudaram seu posicionamento posteriormente. Os relatos do grupo 1, no geral, narram situações que levaram as leitoras a racionalizarem as suas emoções em função do sofrimento amoroso causado por relacionamentos afetivos. Em várias situações, os usos das técnicas e incorporação dos conselhos ajudavam as leitoras a lidarem com os seus impasses amorosos, na medida em que seus sentimentos passaram a ser submetidos à análise e avaliação de custos e benefícios no processo de se envolverem afetivamente com os homens. As experiências das leitoras ajudam a explicar como a literatura de autoajuda encontra sentido a partir das problemáticas vivenciadas no plano afetivo. No grupo 2, há outros aspectos importantes para pensar na dinâmica de gênero. No caso das leitoras que não se identificaram com os aconselhamentos, ficava notável que as soluções pragmáticas fornecidas pelos manuais nem sempre são recebidas positivamente pelo público leitor, mesmo quando a problemática afetiva dialoga com o diagnóstico indicado nos livros. No caso das que se identificaram e, posteriormente, mudaram de concepção, as trajetórias narradas mostravam as possibilidades de questionamentos das concepções de gênero e seus impactos não somente em relação aos manuais, mas nas formas de conceber gênero de maneira mais ampla. Desse modo, o universo

complexo surgido a partir das entrevistas confirmava a necessidade de inserir a recepção do público de leitoras, evitando deduzi-las em decorrência das páginas dos manuais de aconselhamento.

A problemática dos relacionamentos afetivos acabou por conduzir as análises a outras questões de gênero, possibilitando que as experiências das leitoras fossem observadas em várias dimensões, seguindo, assim, a sugestão teórico-metodológica de Connell. Por conferir o tratamento multidimensional ao gênero, foi possível observar quais aspectos estavam para além dos manuais, mas reforçavam os modelos neles sugeridos e atuavam, direta ou indiretamente, de modo a sustentar o padrão de relacionamento heteronormativo que constitui a literatura de autoajuda.

Considerando que se trata de uma geração de mulheres levada a conciliar posições sociais que não foram vivenciadas em períodos anteriores, aparecem os dilemas de fazerem escolhas que nem sempre resultam em satisfação individual. Quando se observam as características dos dilemas apontados, se manifestam as desigualdades de gênero e o peso recaído mais fortemente sobre as mulheres, que se veem diante de expectativas socialmente construídas como sinônimo de realização pessoal feminina. A difícil conciliação entre profissão e maternidade era uma das questões mais mencionadas pelas entrevistadas, mesmo que a maioria ainda não tivesse filhos; no entanto, a necessidade de conciliar posições e equacioná-las no limite das condições reprodutivas das mulheres aparecia com frequência na fala das leitoras. No tocante a esse aspecto, os relatos das leitoras remetem às indicações de Scavone (2001) quando aborda transformações recentes referentes à maternidade, demandando às mulheres um processo de escolha mais reflexiva sobre o optar por ser mãe.

Ao analisar as experiências considerando diferentes dimensões de gênero, abordou-se também a questão da política, a partir das concepções das entrevistadas acerca do feminismo. Em sua maioria, as leitoras disseram não se identificar com o feminismo, que era mencionado como um “exagero”. As concepções sobre o feminismo chamaram a atenção da pesquisadora, especialmente porque os manuais de autoajuda se reportam a termos como mulher poderosa, independente, se utilizando, ainda que indiretamente, de legados culturais do feminismo. Ademais, na análise das experiências de gênero, ficava demonstrado que as leitoras vivenciam situações de desigualdade de gênero em vários momentos da vida. Ao observar que havia uma rejeição a modelos de mulheres tradicionais e, ao mesmo tempo, de mulheres feministas, foram construídas as fronteiras que marcam as características da mulher

considerada moderna nos termos dessa pesquisa, refletindo assim sobre as implicações de gênero como aquelas que reforçam estereótipos ou as que questionam lugares fixos de classificações.

No contexto da cultura terapêutica, os indivíduos têm recorrido a várias formas de orientação subjetiva, no intuito de superarem seus dilemas pessoais. A literatura analisada nessa pesquisa aponta saídas que são individualizantes, com as marcas das relações de gênero. Nesse sentido, as implicações observadas conduzem a reflexões sobre a própria condição feminina e as possibilidades de enfrentamento ou questionamento político de tal realidade, que absorve, por um lado, demandas de inserção feminina em diversas posições sociais, e, por outro, limitações relacionadas aos padrões de gênero hegemônicos. As respostas pragmáticas sugeridas nos manuais de aconselhamento são a face mais aparente do processo de cultura terapêutica que vem se consolidando no Brasil e ter estudado esse tema permitiu perceber mediações importantes que vão das narrativas da cultura de massa aos dilemas vivenciados por mulheres que enfrentam os desafios da condição feminina no atual contexto brasileiro.

## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*As feministas descobriram que, para viver neste mundo, teriam que renomear as coisas, como, por exemplo, as situações anteriores. Fomos aprendendo nesses últimos vinte anos a renomear as “coisas” para torná-las visíveis porque não o eram e definindo como inaceitável aquilo que estava posto como aceitável.*

Eleonora Menicucci de Oliveira

No presente capítulo, discorre-se sobre os pressupostos teóricos e metodológicos de construção da pesquisa empírica. Com caráter de pesquisa qualitativa, a análise utiliza-se de um referencial teórico feminista, sendo conduzida pela centralidade das relações de gênero.

Ao analisar a difusão da literatura de autoajuda para mulheres no Brasil e as experiências das leitoras, parte-se do pressuposto que as relações de gênero são construídas historicamente, reforçadas pelas instituições sociais, possuindo também um caráter dinâmico, ou seja, são passíveis de desconstrução ou reformulação. Ao estudar os aconselhamentos contidos nos manuais de autoajuda pesquisados e os contextos vivenciados pelas leitoras do segmento, buscou-se apreender quais configurações sociais explicavam a procura por esse tipo de literatura e quais sentidos práticos produziam-se nas vidas de cada leitora entrevistada.

Ao optar pela análise qualitativa, intenta-se apreender os sentidos produzidos pela literatura de aconselhamento, bem como por parte do público leitor, considerando que observar as particularidades das escolhas individuais não elimina a possibilidade de percebê-las em seu contexto social mais amplo. Nesse sentido, interessa sinalizar que a pesquisa atribuiu igual importância aos relatos individuais e ao contexto que explica os porquês dos livros de aconselhamento apresentarem altos índices de venda e leitura. Sem desconsiderar a agência presente em cada uma das falas das entrevistadas, a pesquisa procurou observar os cenários que ofereciam os repertórios culturais de suas escolhas. A noção de repertório é pensada segundo a sugestão de Noel (2014, p. 127), compreendida como “configurações socialmente disponíveis, mais ou menos abertas e mais ou menos mutáveis em recursos associados sobre a base das afinidades em suas formas socialmente habituais de aquisição, circulação, acumulação, acesso ou uso em determinado coletivo de referência”. Em

consonância com as perspectivas teóricas adotadas para discutir as relações de gênero, a noção de repertório pressupõe o caráter dinâmico das escolhas, através das quais os sujeitos mobilizam recursos em suas trajetórias.

Dentre as várias possibilidades de leituras de teorias feministas existentes, optou-se por iniciar a exposição privilegiando dois marcos teórico-filosóficos do século XX nesses temas, representados aqui pelas formulações de Simone de Beauvoir e Judith Butler e, posteriormente, sintetizar várias categorias a partir da teoria de Raewyn Connell, que desenvolve uma análise das relações de gênero ao articular várias dimensões a elas referentes. Nesse sentido, suas indicações pareceram bastante férteis para o tema de pesquisa estudado por conseguirem compreender, enquanto formulação teórica, tanto mecanismos que estruturam a reprodução das relações de gênero quanto suas tendências de crise. A abordagem de Connell, por conferir complexidade à questão de gênero, apresenta uma consistência teórica capaz de examinar desde contextos onde as relações são marcadas fortemente pelo patriarcado até outros nos quais os lugares de gênero fixados pelas dicotomias “homem e mulher” são fortemente questionados. Ao sugerir pressupostos teóricos como método para exame das relações de gênero, sua proposta confere a capacidade explicativa ao contexto empírico analisado, evitando afirmações universalistas a respeito de gênero. Complementando o aparato teórico formulado por Raewyn Connell, as análises sobre a dimensão sociocultural das emoções serão trabalhadas a partir dos estudos de Eva Illouz, que desenvolveu conceitos importantes para pensar a dimensão emotiva na contemporaneidade.

### 1.1 AS EXPERIÊNCIAS COMPREENDIDAS ENQUANTO RELAÇÕES DE GÊNERO

Esse tópico tem uma importância fundamental para a pesquisa, pois o feminismo é, de partida, um questionamento histórico das posições de gênero que perduraram em várias sociedades. Das primeiras intervenções no plano político ao aprofundamento enquanto campo de reflexão teórica, várias têm sido as formulações das teorias feministas e várias delas nos interessam para discutir a construção de concepções de gênero por parte tanto dos manuais de autoajuda quanto das leitoras. Nesse sentido, as experiências vivenciadas individualmente são pensadas a partir dos contextos que possibilitam estabelecimentos de referências simbólicas, inclusive as de gênero, que ocupam lugar central na análise.

O feminismo tem se estabelecido como voz dissonante da ideia de “homem universal” que caracteriza o ideário das revoluções políticas modernas. Nas últimas décadas, igualmente, a ideia de “mulher universal” também foi submetida à revisão crítica<sup>2</sup>. Se o primeiro termo ocultava relações de gênero e poder ao afirmar a universalidade de uma ideia de ser humano, o segundo incorreu em outra espécie de generalização ao universalizar a concepção da condição feminina. Ademais, se, por um lado, a ideia de “mulher universal” conferiu uma espécie de solidariedade internacional à questão das mulheres, por outro se baseou em noções que diziam respeito a determinadas realidades sociais, deixando de observar especificidades das relações de gênero em diferentes contextos.

Do “indivíduo” que ocupa as narrativas de autoajuda do século XIX até os modelos de mulheres dos manuais contemporâneos, várias são as mediações que precisam ser observadas, bem como o que tais termos querem representar em cada contexto. Além dessa dimensão, existe outra, não menos complexa, que é a construção das concepções por parte do público leitor. Compreende-se, aqui, que a categoria “público leitor” não é dotada de homogeneidade, inclusive nas suas experiências enquanto relações de gênero. A possibilidade de construir identificações sobre as falas e pontos comuns entre elas, por estar tratando de um determinado contexto e segmento de literatura, não implica, contudo, que tais experiências sejam entendidas como fixas, estáveis. Dado o campo fértil de produção teórica e de construção crítica que tem sido o feminismo ao longo do último século, foi necessário estreitar o diálogo com algumas fontes de análise, considerando principalmente as que discutem questões mais relacionadas ao tema dessa pesquisa. Por não serem fontes que partem dos mesmos pressupostos, se compreende que elas estimulam a análise da pesquisa sem, no entanto, produzirem afirmações teóricas similares. Considerando que as diferentes fontes de pensamento feministas têm produzido reflexões pertinentes e que merecem ser observadas, interessou-se mais por uma apropriação desses argumentos do que por dialogar com fontes que estivessem inscritas apenas em uma corrente de pensamento. Nos termos de Scavone (2008, p. 174), “falar em uma sociologia feminista é considerar que estamos tratando de uma sociologia que faz uso das teorias feministas ou de uma ciência que é capaz de dialogar com essas teorias e considerar suas diversas matrizes teóricas”.

Adelman (2009) menciona a década de 1960 como uma espécie de divisor histórico

---

<sup>2</sup> Scavone (2008) sintetiza importantes contribuições das teorias feministas, em artigo que reflete sobre gênero, feminismo e sociologia.

de amplo impacto social, ressaltado principalmente no seu caráter cultural. Esse divisor histórico pode ser mencionado para pensar na questão de gênero, que passa a ser enfrentada e reelaborada pelo(s) feminismo(s) constituído(s) a partir de então.

Esse aspecto é importante para o tema dessa pesquisa, pois a difusão dos manuais de autoajuda contemporâneos também dialoga com um conjunto de acontecimentos e transformações no plano cultural, inclusive na ideia de “mulher” enquanto termo em disputa, submetido à crítica, e também legatário de mudanças sociais mais amplas. Os significados do termo mulher, tanto nas menções utilizadas nos livros de aconselhamento quanto nas falas do universo de leitoras, são submetidos à investigação. Há que se considerar, inclusive, que nos manuais estudados na pesquisa existem autores homens e mulheres formulando tais estereótipos de gênero.

Transformações nos âmbitos da sexualidade, maternidade, métodos contraceptivos, profissões e sujeitos políticos provocaram mudanças concretas não só na vida de inúmeras mulheres, como também na forma de conceber esse sujeito chamado “mulher”. Assim, tais impactos culturais são pensados aqui em suas várias possibilidades: em como foram absorvidos, ressignificados, enfrentados. Os manuais de autoajuda para mulheres estão situados nesse processo de continuidade/descontinuidade histórica. Considerando que o feminismo produziu um impacto também na configuração da vida privada, as concepções de gênero dos manuais não escapariam dessa realidade. Porém, em que sentido eles se apropriam de tais transformações é algo analisado no capítulo 3.

Seguindo os apontamentos de Adelman (2009, p. 95), os eixos da crítica feminista das últimas décadas perpassaram:

1) a desconstrução do discurso masculinista sobre “a Mulher”; 2) a desconstrução do discurso sobre o “Homem” universal, demonstrando como ele foi elaborado a partir do referencial da experiência de uma categoria particular de homens; e 3) o ato de repensar a sociedade também a partir das experiências das mulheres (e, portanto, igualmente dos homens, mas não mais como “norma” universal) em toda sua historicidade e especificidade, isto é, a partir das relações de poder entre os gêneros e sua interseção com outras formas de relações sociais, particularmente as de classe, raça/etnicidade e orientação sexual.

Mais uma vez, segundo Adelman (2009, p. 96),

[p]ara a teoria feminista contemporânea, a posição do sujeito é sempre uma posição complexa, mas seu aspecto de gênero tem centralidade. [...] O espaço do feminino e das experiências femininas plurais podem e devem servir como um caminho de acesso às alteridades silenciadas ou marginalizadas, que são tão constitutivas da

nossa experiência social da modernidade quanto vozes do *mainstream*.

As duas afirmações de Adelman são importantes para formulações de gênero na contemporaneidade, pois tocam no questionamento da ideia que caracteriza a noção de indivíduo na modernidade – ao revesti-la de gênero, classe, raça, etc. – e abrem os caminhos analíticos para a percepção daquilo que não é o padrão, embora seja tão constituinte da realidade social quanto os modelos hegemônicos. Observar as experiências silenciadas e o que esse silêncio tenta encobrir ou desconsiderar também ajuda a compreender como se constituem as experiências legitimadas socialmente, com as quais outras dimensões da vida social se relacionam.

### **1.1.1 O processo de “tornar-se” mulher em Simone de Beauvoir**

Os escritos de Simone de Beauvoir são, independentemente da leitura que se tenha deles, um marco teórico na crítica feminista. É verdade que eles são antecédidos, historicamente, por várias vertentes de movimento de mulheres que questionavam a condição feminina, sobretudo a partir do estabelecimento das instituições políticas da modernidade e os princípios que as sustentavam. Porém, seu refinamento analítico ao procurar discutir a construção histórica da concepção de mulher como sendo um “outro” se situa como um marco na compreensão das relações de gênero e as estruturas de poder adjacentes.

O argumento central de Beauvoir – de que são as relações sociais que criam a ideia e condição de ser mulher – confere culturalidade à interpretação e confronta a concepção de que os lugares sociais vivenciados pelas mulheres estariam ligados à sua condição física/biológica. A condição física, afirma Beauvoir, não estabelece, em si, relações de poder. É preciso que elas estejam presentes na vida social para que sirvam como justificativas de associação entre poder e condição física. Nesse sentido, os lugares de gênero são compreendidos como construções sociais, não sendo resultado da condição corpórea individual.

Para compreender a construção histórica da condição da mulher como “outro”, a filósofa faz um exame crítico, refutando o argumento biologicista, bem como elabora uma discussão crítica sobre a psicanálise, além de apontar críticas ao materialismo histórico

dialético.

No que se refere à psicanálise, Beauvoir observa como Freud também elabora sua noção de mulher como “outro” e se exime de explicar as correlações sociais que justificassem a existência do poder do falo, o complexo da castração, o complexo de Édipo e todo o arcabouço conceitual da psicanálise que fala sobre determinadas formações psíquicas – elaboradas, no entanto, no interior de uma determinada cultura. Beauvoir não desconsidera a contribuição teórica de Freud no campo da subjetividade, porém a discute percebendo as implicações de gênero nela contidas. O olhar masculinista de Freud estaria implícito na sua estrutura conceitual. Nas palavras de Beauvoir (1970, p. 62):

[a]s duas críticas essenciais que podem ser feitas a essa descrição provêm do fato de Freud tê-la calcado sobre um modelo masculino. Ele supõe que a mulher se sente um homem mutilado. Porém, a ideia de mutilação implica uma comparação e uma valorização.

Mais adiante, afirma (1970, p. 69):

[a]ssim como não basta dizer que a mulher é uma fêmea, não se pode defini-la pela consciência que tem de sua feminilidade; toma consciência desta no seio da sociedade de que é membro. Interiorizando o inconsciente de toda vida psíquica, a própria linguagem da psicanálise sugere que o drama do indivíduo desenrola-se nele: as palavras “complexo”, “tendência”, etc implicam-no. Mas uma vida é uma relação com o mundo; é escolhendo-se através do mundo que o indivíduo se define; é para o mundo que nos devemos voltar a fim de responder às questões que nos preocupam. Em particular, a psicanálise malogra em explicar porque a mulher é o Outro, pois o próprio Freud admite que o prestígio do pênis explica-se pela soberania do pai e confessa que ignora a origem da supremacia do macho.

Em outra passagem, sustenta: “para nós, a mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer” (BEAUVOIR, 1970, p. 72).

Ao fazer um exame crítico da versão materialista histórica da opressão das mulheres, Beauvoir discute a obra de Engels, *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, em que a origem da opressão feminina é associada à passagem do regime comunitário ao de propriedade privada. Aquilo que deveria ser explicado enquanto configuração histórica, afirma a autora, aparece como fatos dados na exposição de Engels, que se limitou a associar o avanço material da técnica à decadência da condição feminina. Nesse sentido, a explicação de como a propriedade privada criou determinadas condições para as mulheres aparece como fatalidade histórica e não como desdobramento histórico.

Beauvoir faz um longo exame histórico sobre a condição feminina para compreender como, em diferentes sociedades, a mulher aparece enquanto esse “outro” construído pela visão e versão masculinas. Conclui que a história da constituição do patriarcado construiu a mulher como esse “outro”, posto como objeto aos olhos dos sujeitos.

Em formulações teóricas mais recentes, o pensamento de Simone de Beauvoir é confrontado por se inscrever em uma dualidade sexo/gênero, que impediria uma desconstrução mais profunda da concepção de gênero que lhe é subjacente. Ao destacar a posição da autora enquanto contribuição teórica feminista, Adelman (2009, p. 87) atenta:

[é] importante olhar um pouco mais de perto a contribuição brilhante de Simone de Beauvoir, lembrando quão perspicaz, inusitada e corajosa foi sua formulação, sua voz tão única no meio intelectual quase exclusivamente masculino da sua época e assim poder compreender como e por que demorou várias décadas para ela obter seu devido reconhecimento, com uma obra que introduz uma proposta teórica e epistemológica radicalmente nova. Antecipa discussões posteriores sobre relações de poder e saber, que ela já estende além da visão clássica dos marxistas – o poder da burguesia e a dominação ideológica de classe – para desvendar os mecanismos da dominação masculina, desde as formas mais diretas de controle até suas formas culturais e culturalmente “naturalizadas”.

A passagem acima se faz pertinente não só do ponto de vista de firmar o lugar de Beauvoir na tradição crítica feminista, mas também por situá-la historicamente. Formulações teóricas de desconstrução epistemológica mais recentes, que confrontam a matriz heterossexual do pensamento ocidental moderno, são decorrentes não somente do refinamento de suas autoras e autores, mas também do próprio contexto histórico no qual se dão novas expressões identitárias e sexuais e novas formas de conceber as relações de gênero, indo além do chamado binômio homem/mulher que caracteriza fortemente o arcabouço teórico de Simone de Beauvoir.

Vale lembrar também que Beauvoir identificou, no pensamento de Freud, um viés masculinista na formulação dos conceitos da psicanálise. Se as ideias de Freud são tão caras, atualmente, ao feminismo, são igualmente caras as formulações críticas de Beauvoir. O fato de conceber as relações de gênero a partir de um binômio homem/mulher a situa em um dado contexto, algo que, na perspectiva dessa pesquisa, não diminui sua importância na tradição crítica feminista.

Outro ponto importante nas reflexões de Beauvoir é seu recurso metodológico à análise histórica para compreensão das relações sociais. É justamente o caráter de relação social histórica das representações, simbologias e concepções que torna possível a discussão

sobre tais aspectos e de conferir-lhes sentidos. Se o exame histórico de Beauvoir está circunscrito a uma narrativa em que o poder masculino subjugou a condição feminina, não está eliminada a possibilidade de pensar, dada a complexidade das relações contemporâneas, do ponto de vista histórico, como as relações de gênero expressam diferentes relações de poder, incorporando nesse termo relações que vão além do chamado binômio homem/mulher, mas, ao mesmo tempo, não o desconsidere em contextos onde as diferenças são marcadas por essa lógica.

### **1.1.2 Gênero enquanto crítica da matriz heterossexual: a contribuição de Judith Butler**

Judith Butler, situada entre os chamados teóricos *queer*, elabora sua discussão a partir da desconstrução da noção de gênero centrada no binário homem/mulher e questiona o que considera como matriz heterossexual da teoria social. Inspirada na crítica genealógica foucaultiana, Butler (2010, p. 9) aponta como sua tarefa analítica “centrar-se – e descentrar-se – nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória”. Para a filósofa, o gênero, o desejo e as identidades sexuais são “efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos”.

Como parte da crítica aos chamados binômios constituintes do pensamento moderno – homem/mulher, sexo/gênero –, Butler formula a ideia de desconstrução da matriz heterossexual. A autora considera que os termos que constroem classificações de gênero não carregam sentidos fixos e, dessa maneira, gênero compreenderia não só a culturalização conferida aos corpos, como se esses fossem portadores de um significado dado; até mesmo a ideia de sexo é submetida a uma compreensão cultural. “A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (BUTLER, 2010, p. 24).

Ainda no entendimento de Butler (2010, p. 25),

[s]e o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.

Para Butler, as diferenças sexuais são marcadas por práticas discursivas. Em suas palavras:

[a] categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Neste sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática que produz os corpos que governa (BUTLER, 2010, p. 153).

Assim, termos como feminino, masculino, mulher, homem, não são compreendidos simplesmente a partir do seu par oposto, através de significados estáveis, mas como termos relacionais em determinados discursos constituídos. Da mesma forma, a chave da opressão não é compreendida simplesmente a partir da tensão constituída na relação de poder entre homens e mulheres. Segundo Butler (2010, p. 20), “resulta que se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”.

Ao questionar o binário que constituiu a base da teoria feminista, Butler (2010) põe em questão o fato de as mulheres serem o sujeito central do feminismo. Se, por um lado, reconhece que, do ponto de vista histórico, foi importante associar a linguagem do movimento a uma política de representação das mulheres, por outro, discute quão estável ou permanente se encontra o termo mulheres enquanto sujeito na contemporaneidade, inclusive problematizando a universalização de questões unificadas por esse termo.

A autora se apropria da afirmação de Simone de Beauvoir de que “não se nasce mulher; torna-se mulher” e amplia seu significado: em seu entendimento, quando Beauvoir se refere ao tornar-se mulher, não necessariamente está subentendido um corpo dito feminino. O tornar-se mulher, para Butler, é enfatizado pela construção cultural e não pela determinação sexual: “não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2010, p. 27).

A crítica da matriz binária heterossexual nos conduz à noção de performatividade do gênero, através da qual Butler discorre sobre sua concepção de materialidade dos corpos, entendida como efeito produtivo do poder. Afirmar a autora:

[n]ão se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um construto cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria – quer se entenda essa como o “corpo”, quer como suposto sexo. Ao invés disso, uma vez que o próprio “sexo” seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada

separadamente da materialização daquela norma regulatória. O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior de um domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2010, p. 154).

A noção de performatividade leva a perceber não só os mecanismos que produzem determinadas materialidades dos corpos segundo determinados sentidos, mas também o que fica deslegitimado e/ou silenciado pelos discursos constituintes de tais práticas. Se o corpo carregasse características dotadas de um significado intrínseco, como consequência ele só poderia ser compreendido culturalmente a partir dos seus elementos “naturais”. Butler chama atenção para o fato de que até mesmo a condição corpórea já está previamente culturalizada e uma associação direta entre sexo e gênero incorreria em inscrever os corpos sempre em identidades pré-estabelecidas.

Da pressuposição do discurso enquanto constituidor de práticas, Butler desenvolve a crítica da heterossexualidade compulsória, que estaria implícita nos discursos heteronormativos que regulam as sexualidades. Em seus termos,

[a] instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos opacionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um dos seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (BUTLER, 2010, pp. 45-46).

Se Beauvoir buscou desnaturalizar a ideia do “ser mulher”, Butler foi além e problematizou concepções de gênero e sexo. As duas matrizes teóricas possuem fontes filosóficas distintas, porém, a seu tempo e com seus pressupostos, causaram impactos nas formulações feministas, sejam teóricas ou políticas. O pensamento das duas filósofas se constitui como modalidades diferentes para compreender as classificações de gênero como construções culturais; ambas as modalidades são interessantes para pensar as noções de masculino e feminino conforme veiculadas nos manuais de autoajuda e em que sentido pertencem ao imaginário das leitoras que buscaram aconselhamento nos livros analisados na presente pesquisa.

### **1.1.3 O caráter multidimensional do gênero: a proposta teórica de Raewyn Connell**

A socióloga Raewyn Connell apresenta uma proposta teórica para pensar as relações de gênero que se mostra bastante consistente, visto que considera o caráter multidimensional do gênero, o que permite abordar várias questões articuladas ou interseccionadas dos mecanismos que criam padrões de gênero hegemônicos e ainda dos questionamentos ou transformações de tais padrões. Ao considerar a historicidade e heterogeneidade das relações de gênero, atentando para o caráter de construção cultural, Connell oferece pressupostos para analisar os contextos empíricos. Tais pressupostos servem como linhas gerais a serem observadas em dados contextos, não significando conceitos que definem e pré-estabelecem determinadas práticas ligadas ao gênero. Essa perspectiva consegue estabelecer conexões mais globais no que diz respeito às configurações de gênero, sem perder de vista as particularidades existentes em contextos específicos, que estabelecem classificações e práticas de gênero distintas umas das outras.

Ao considerar a dinâmica do gênero e sua diversidade enquanto construção cultural, Connell elabora uma proposta teórica que consegue dialogar e se apropriar de várias contribuições feministas contemporâneas, evitando reducionismos ou universalismos. Nesse sentido, sua contribuição para essa pesquisa é fundamental, pois permite que várias questões sejam articuladas simultaneamente, ainda que tomando o gênero como eixo central.

Connell (2009) compreende gênero como uma construção dinâmica e histórica que tem nos corpos um componente ativo e fundamental. Para a socióloga, as classificações culturais de gênero não são simplesmente expressões diretas daquilo que derivaria dos corpos. Os padrões de gênero são criados culturalmente; não derivam da condição biológica dos indivíduos. O gênero é compreendido como uma estrutura social que se relaciona com o corpo, mas esse não é concebido como dotado de significados fixos. Desse modo, o pensamento de Connell não parte de dicotomias entre homens e mulheres para analisar as relações sociais; ao contrário, busca compreender como as relações sociais criam classificações e práticas que se referem aos corpos no âmbito reprodutivo, mas também se situam para além dele. A ideia de âmbito reprodutivo é importante, considerando que toda sociedade lida com a reprodução sexual, com vistas à sua continuidade enquanto existência física; mas ao mesmo tempo em que o gênero se relaciona com essa dimensão, não é reduzido a ela. Para Connell (2003, p. 109), a arena reprodutiva implica em referir-se aos processos

históricos que envolvem o corpo, não um conjunto fixo de determinantes biológicos.

Uma definição de gênero baseada em dicotomias, segundo a autora (2009, p. 10), excluiria diferenças entre homens e mulheres. Essa observação é importante porque ela conduz para outra especificidade da sua abordagem, qual seja, de que tratar de relações de gênero não significa analisar, necessariamente, mulheres de um lado e homens de outro. Sair da visão dicotômica significa, inclusive, observar as especificidades das relações no interior das classificações (a exemplos de homens e homens, mulheres e mulheres). Nesse sentido, o pensamento de Connell se distingue de teorias que se baseiam em “papéis de gênero”, esses significando divisões sociais estabelecidas a partir de uma concepção de gênero como algo fixado, centrado no padrão “homem e mulher”.

É importante observar que nem todas as relações de gênero são interações diretas entre mulheres de um lado e homens do outro. As relações podem ser indiretas – mediadas, por exemplo, pelo mercado, ou por tecnologias, tais como TV ou Internet. Relações entre homens, ou entre mulheres, podem ainda ser relações de gênero – tais como hierarquias de masculinidade entre homens (CONNELL, 2009, p. 73, tradução livre).

Para Connell (2009), o gênero é um tipo de estrutura social específica, que se relaciona com todas as dimensões da vida social. Enquanto prática durável e padronizada de relações, o gênero se caracteriza como uma estrutura. Isso não significa dizer, porém, que a estrutura determina mecanicamente as ações dos indivíduos. Esse aspecto é relevante, porque compreende o caráter dinâmico e histórico das relações, através das quais os indivíduos têm uma margem de ação – ainda que, na maioria das vezes, limitada – que possibilita rupturas com os padrões ou transformações sociais. Nas palavras da autora:

[g]ênero é a estrutura das relações sociais que se centra na arena reprodutiva, e o conjunto de práticas que produzem distinções reprodutivas entre corpos nos processos sociais. [...] Gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional; não é apenas sobre identidade, ou apenas sobre trabalho, ou apenas sobre poder, ou apenas sobre sexualidade, mas todas essas coisas ao mesmo tempo. Padrões de gênero podem diferir fortemente de um contexto cultural para outro, mas ainda assim são “gênero”. Arranjos de gênero são reproduzidos socialmente (não biologicamente) pelo poder das estruturas de moldar a ação individual, desse modo frequentemente eles parecem imutáveis. Já que os arranjos de gênero estão, de fato, sempre mudando, como prática humana cria novas situações e como estrutura desenvolve tendências de crise (CONNELL, 2009, p. 11, tradução livre).

Observar o caráter multidimensional do gênero parece aqui importante por conectar as relações de gênero às demais dimensões da vida social e, ao mesmo tempo, não fragmentar,

analiticamente, o olhar sobre tais relações. Significa considerar que as classificações de gênero não dotam, simplesmente, os indivíduos de determinadas características; elas criam práticas sociais que atravessam o conjunto da vida social.

Por muitos propósitos, nós precisamos tratar o gênero como uma estrutura em si. Devemos evitar colapsá-lo em outras categorias, tratando-o como efeito de alguma outra realidade (como costuma ser feito com classe e, agora, às vezes, com discurso). Mas, para ter uma adequada compreensão da vida humana, nós também devemos lembrar que relações de gênero sempre funcionam em um contexto, sempre interagem com outras dinâmicas na vida social (CONNELL, 2009, p. 87, tradução livre).

Vale destacar que, ao conceber gênero como uma estrutura, Connell não coaduna com uma concepção estruturalista que compreenderia as ações sempre derivadas de uma dada engrenagem. Ao perceber o caráter dinâmico das relações, a autora observa que, enquanto estrutura, há um conjunto de práticas hegemônicas nas relações de gênero, o que não significa que sejam absolutas. Nas palavras da autora:

[a] estrutura das relações não decide mecanicamente como as pessoas ou grupos agem. Aquele é o erro do determinismo social, e ele não é mais justificável que o determinismo biológico. Mas uma estrutura de relações certamente define possibilidades e consequências para ação. [...] Nesse sentido, estrutura social condiciona prática (CONNELL, 2009, p. 74, tradução livre).

Se gênero, em sua perspectiva, não é simplesmente entendido como sendo derivado de alguma estrutura, também não significa, por outro lado, que seja apenas classificação no âmbito do discurso. As formações simbólicas e/ou discursivas no que referem ao gênero são compreendidas como uma das dimensões a serem analisadas, conforme será exposto mais adiante. A partir da proposta teórica de Connell, se considera que é possível equacionar várias modalidades de análise das relações de gênero, por concebê-las em constante relação. Dessa forma, é possível desnaturalizar as relações de gênero ao submetê-las ao exame sociológico e histórico e, ao mesmo tempo, perceber os mecanismos que colaboram para a manutenção de determinados padrões.

A semiótica social do gênero, com sua ênfase no interminável jogo de significado, da multiplicidade do discurso e a diversidade das posições do sujeito, tem sido muito importante para escapar da rigidez do determinismo biológico. Entretanto, não devemos ficar com a impressão de que o gênero é como uma folha no outono, que se move com qualquer ligeira brisa. As práticas que se refletem no corpo e derivam dele formam – e se formam por – estruturas que têm peso e solidez históricos. O social possui sua própria realidade (CONNELL, 2003, p. 99, tradução livre).

O corpo, para Connell, é um agente histórico marcado pelas relações de gênero em toda a sua experiência. Tais relações conferem significados a essa materialidade. Os corpos, nesse sentido, são influenciados pelos processos sociais e esses se reportam, a todo o tempo, às relações de gênero:

[é] claro que os corpos são influenciados pelos processos sociais. A maneira como nossos corpos crescem e funcionam é influenciada por distribuição de comida, costumes sexuais, guerra, trabalho, esporte, urbanização, educação e medicina, para nomear só as principais influências. E todas essas influências são estruturadas pelo gênero. Então nós não podemos pensar nos arranjos sociais de gênero como emanados de propriedades dos corpos. Eles também precedem os corpos, formam as condições nas quais os corpos se desenvolvem e vivem. Há, como Celia Roberts (2000) coloca, uma co-construção do biológico e do social (CONNELL, 2009, p. 54, tradução livre)

Em sua perspectiva, o corpo não produz significados a partir de suas características; ao contrário, são as relações que dotam os corpos de significados. Da mesma forma, as classificações de gênero não são simplesmente categorizações estabelecidas a partir de corpos com sentidos fixos, associados à sua condição biológica. Por outro lado, as classificações não prescindem da existência física dos corpos, não são apenas discursos; elas exploram as capacidades corporais, a partir do universo de significados e atribuições conferidas, ao mesmo tempo em que produzem uma naturalização de tais classificações no cotidiano das relações, permitindo que um olhar imediato conceba que as diferenças de gênero são derivações das condições naturais dos indivíduos, implicando na ideia de perpetuação de um dado modelo.

Em outra passagem, na qual a autora destaca a agência dos corpos, utiliza a noção de incorporação social (*social embodiment*) para se referir aos processos que conferem aos corpos os lugares de sujeitos e objetos de práticas sociais:

[c]orpos são ambos objetos e agentes na prática social. Os mesmos corpos, ao mesmo tempo, são os dois. As práticas em que os corpos estão envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, que, por sua vez, provêm as condições de novas práticas em que corpos são dirigidos e envolvidos. Existe um circuito ligando processos corporais e estruturas sociais. De fato, existe um tremendo número desses circuitos. Eles ocorrem em um tempo histórico e mudam ao longo do tempo. Eles somam ao processo histórico em que a sociedade está corporificada, e os corpos são atraídos para a história.

Chamo esse processo de incorporação social. Do ponto de vista do corpo, poderia ser chamado de “prática reflexiva-corporal” – isto é, conduta social humana onde o corpo é agente e objeto ao mesmo tempo.

Corpos têm uma realidade que não pode ser reduzida; eles são atraídos à história sem deixar de serem corpos. Eles não se transformam em signos ou posições de

discurso (apesar de discursos se referirem constantemente a eles). Eles continuam a ter importância materialmente. Nós nascemos, somos mortais. Se você nos alfinetar, nós não sangramos?

Incorporação social envolve uma conduta individual, mas pode envolver um grupo ou um complexo inteiro de instituições (CONNELL, 2009, p. 67, tradução livre).

Considerando que a presente pesquisa analisa os aconselhamentos afetivos direcionados para mulheres, que as estimulam a agirem a partir de um dado parâmetro de racionalização das emoções, fundamentado por concepções sobre “homens” e “mulheres” cujos sentidos são fixados, a noção de incorporação social é bastante relevante para observar a historicidade de tais categorizações e aconselhamentos. Assim, ao analisar criticamente os estereótipos veiculados nos manuais, essa pesquisa não poderia incorrer em outras formas de concepções universalizantes sobre homens ou mulheres. Esse também é um ponto importante para situar a proposta teórica de Connell em relação a outras formulações feministas ou de teorias de gênero. Nas palavras da autora:

[r]econhecer a incorporação social também possibilita uma nova visão sobre a relação entre corpos e mudança no gênero. Em sociobiologia, teoria dos papéis sexuais, feminismo liberal e ideologias populares de diferenças naturais, a diferença corporal é entendida como uma força conservadora. Retém mudança histórica, limita o que a ação social pode realizar. Mas agora podemos ver que corpos como agentes na prática social estão envolvidos na própria construção social do mundo, o vir-a-ser da realidade social. Necessidades corporais, desejo corporal e capacidade corporal estão em trabalho na história. O mundo social nunca é simplesmente reproduzido. Sempre é reconstituído pela prática.

Gênero como um sistema de relações é constituído pelo processo histórico e, conseqüentemente, não pode ser fixado, nem exatamente reproduzido. A questão estratégica não é “Pode gênero mudar?”, mas “Em que direção gênero está mudando?”. Qualquer situação permite uma gama de possíveis respostas (CONNELL, 2009, p. 71, tradução livre).

Conforme já indicado, para Connell as relações de gênero se articulam com as demais dimensões da vida social, mesmo quando tal interligação não se configura de forma coerente. Tal afirmação conduz a outras duas noções importantes para perceber as relações de gênero em diferentes gradações na sociedade: regime de gênero e ordem de gênero. A primeira refere-se às práticas de gênero no interior de uma dada instituição; a segunda significa os padrões de gênero que se hegemonomizam de maneira mais ampla na sociedade.

É importante assinalar a maneira como a noção de hegemonia é compreendida por Connell. A hegemonia, inspirada pela formulação gramsciana, se refere à dinâmica por meio da qual um grupo exige e sustenta uma posição de mando na vida social (CONNELL, 2003, pp. 116-117), o que não significa um controle absoluto. A partir dessa compreensão, Connell

(1987) constrói a ideia de masculinidade hegemônica e feminilidade enfatizada. Uma ordem de gênero tal como se processa na sociedade atual, por exemplo, privilegia um modelo de masculinidade hegemônica e estimula uma feminilidade enfatizada. Ao perceber tais relações enquanto hegemonia constituída, estão pressupostas as tensões entre masculinidades em disputa, bem como disputas sobre os sentidos do que seja feminino, etc., considerando, inclusive, que a construção do que seja masculino ou feminino não está circunscrita a determinadas bases biológicas.

Outro fundamento bastante importante da proposta teórica de Connell é a análise das relações de gênero baseadas em, pelo menos, quatro eixos principais. 1) Relações de produção: toda sociedade estabelece relações de produção em conjunto com determinadas relações de gênero. Na sociedade capitalista, segundo Connell (1987), ocorre uma lógica de acumulação baseada no gênero. A chamada divisão sexual do trabalho, nesses termos, é uma das expressões das relações de produção marcada pelo gênero. Nesse sentido, nas palavras de Connell (1987, p. 103), as divisões de gênero não são um adendo ao modo de produção estruturado em classes sociais; são antes um traço profundo dele. 2) Relações de poder: o exame das relações de poder permite que se observe como são construídas determinadas hierarquias, configurando concentração de poder, que se valem das classificações de gênero como modo de reforçá-las ou justificá-las. “A habilidade de impor uma definição da situação, definir os termos em que eventos são compreendidos e questões discutidas, formular ideais e definir moralidade, em suma, afirmar hegemonia, também é uma parte essencial do poder social” (CONNELL, 1987, p. 107). No caso das sociedades baseadas no modelo de organização política ocidental da modernidade, é possível também observar quando as relações de poder se expressam através de tensões, ou seja, transformações nas correlações de forças, estabelecendo novas configurações. Assim, torna-se possível afirmar, considerando a ordem de gênero em âmbito mais global, que a hegemonia masculina concentra poderes tanto econômico quanto políticos (CONNELL, 2009). 3) Relações emocionais (estrutura da catexia): noção baseada nas formulações freudianas, a estrutura da catexia permite observar como os arranjos emocionais se constituem em uma determinada sociedade e como eles podem direcionar os desejos a partir de determinados parâmetros ou, concomitantemente, estimular a rejeição de outros. O exame da catexia possibilita extrair o conteúdo social dos

arranjos emocionais, bem como suas transformações históricas. 4) Simbolismo e discurso<sup>3</sup>: compreende a análise dos significados de gênero como parte dos processos sociais. Termos como “mulher” e “homem” portam sentidos construídos socialmente e reforçados através dos discursos e relações nas instituições. Desse modo, importa perceber quais significados são invocados pela cultura ao projetar ideários de gênero. Dada a força da linguagem para constituir práticas, ela também é capaz de fornecer obstáculos para nomear práticas transgressoras. Quando a linguagem cria, por exemplo, formas de denominação de gênero que cabem apenas em tratamentos masculinos ou femininos, ela inviabiliza, no plano do significado, novas práticas identitárias.

Conforme a própria autora indica (CONNELL, 2009), tais eixos são ferramentas para pensar, articulando-os em conjunto, de acordo com o universo empírico analisado: “no contexto da vida real, as diferentes dimensões de gênero interagem e se condicionam” (CONNELL, 2009, p. 85, tradução livre). Para essa pesquisa, conforme será exposto nos capítulos posteriores, considerar tais eixos foi fundamental para perceber como os regimes de gênero se expressavam nas experiências das leitoras.

O eixo principal de análise será conduzido pela observação da estrutura da catexia conforme se expressa no fenômeno analisado. Ao discutir a difusão dos manuais de aconselhamentos afetivos para mulheres no Brasil, tem-se, a princípio, um conjunto de concepções de gênero estimuladas pelos livros e as experiências de mulheres que buscaram essa literatura como fonte de aconselhamento. Apontar explicações sociológicas para tal relação é uma das tarefas dessa pesquisa. Um passo fundamental, portanto, é compreender a dimensão social das questões afetivas; que aquilo que um indivíduo sente e os repertórios que utiliza para explicar seus sentimentos e/ou sofrimentos são construções socioculturais incorporadas individualmente em um dado contexto. Em se tratando de escolhas fortemente marcadas pelas relações de gênero, torna-se necessário explicar as particularidades das experiências analisadas.

Dessa forma, o cerne teórico central da pesquisa é constituído por três níveis analíticos, representados pelas propostas de Raewyn Connell, Eva Illouz e Arlie Hochschild<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Em Connell (2003, 1987) são sugeridos três eixos principais de análise. Em Connell (2009), o eixo do simbolismo foi incluído, razão pela qual se optou por mencionar todos eles.

<sup>4</sup> Nesse capítulo, são abordados alguns conceitos de Illouz de modo a introduzir a discussão. No próximo capítulo, serão abordadas as indicações teóricas de Illouz e Hochschild de maneira mais detalhada, em conjunto com a discussão sobre a autoajuda.

Os pressupostos de gênero que norteiam a concepção da pesquisa são baseados nas formulações de Connell. A análise do contexto da esfera afetiva contemporânea, no que diz respeito ao tema aqui estudado, é oferecida a partir das indicações de Illouz. O olhar mais aproximado da experiência individual em relação às questões afetivas e os impactos dos aconselhamentos nas vidas das leitoras é auxiliado pela noção de trabalho das emoções, elaborada por Hochschild. Ao relacionar as indicações teóricas das três autoras, é possível pensar o tema estudado tanto a partir das experiências individuais quanto no conjunto de relações sociais que contextualizam tais experiências, sobretudo nos aspectos de gênero que as caracterizam.

Em *Why love hurts*, Illouz (2012) oferece uma série de argumentos teóricos e históricos para a compreensão de aspectos que marcam os relacionamentos afetivos contemporâneos, especialmente os heterossexuais, como a questão do sofrimento amoroso. A autora aborda o caráter social dos arranjos emocionais e afirma que se, atualmente, as características psicológicas possuem bastante relevo no destino amoroso, isso é, em si, um fato sociológico. Ao longo do livro, ela analisa o contexto sociocultural do sofrimento amoroso contemporâneo, evidenciando suas particularidades e implicações de gênero. O sofrimento, nas palavras de Illouz (2012, p. 15), é mediado pelas definições culturais de individualidade.

A dimensão da escolha, na formulação de Illouz (2012), é situada enquanto uma das características da modernidade, passando por desdobramentos, ao longo do século XX, que conferem ao âmbito psicológico, progressivamente, as possibilidades e implicações do ato individual de escolher. Segundo a autora (2012, p. 19), a escolha é uma das marcas da modernidade não só por expressar o exercício da liberdade, mas por duas faculdades que justificam o exercício da liberdade: autonomia e racionalidade. Illouz acrescenta ainda que se a escolha é algo intrínseco à modernidade, explicar como e porque as pessoas escolhem entrar ou não em um relacionamento afetivo é crucial para compreender o amor como uma experiência da modernidade. Para compreender as configurações contemporâneas das escolhas afetivas a partir do ângulo da sociologia da cultura, Illouz (2012) desenvolve duas noções: ecologia das escolhas e arquitetura das escolhas. A primeira significa (p. 19) “o meio social que compele alguém a fazer escolhas em uma certa direção” e a segunda (p. 20) tem relação com mecanismos que são internos ao sujeito e, ao mesmo tempo, moldados pela cultura –processos cognitivos e emocionais que se referem ao modo como formas de

pensamento racionais e emocionais são avaliadas e monitoradas ao se tomar uma decisão.

De acordo com Illouz (2012, pp. 20-21), seis componentes culturais da arquitetura das escolhas são mais notáveis: 1) fazer escolhas inclui pensar sobre possíveis consequências da decisão; 2) quão formalizado é o processo de consulta utilizado para tomar uma decisão?; 3) quais as formas de auto-consulta utilizadas para tomar uma decisão?; 4) existem normas culturais e técnicas para manter nossos desejos e necessidades em suspeita?; 5) quais os motivos admitidos para a tomada de decisão? 6) a escolha é avaliada para seu próprio interesse?

Tomando como eixo da estrutura da catexia, ao observar como os manuais de aconselhamento estimulam determinados padrões que expressam modelos de masculino e feminino e ideais de relacionamento, discute-se a sua difusão como parte de um contexto sociocultural no qual os relacionamentos afetivos se estabelecem mediante um processo de escolhas que apresenta diferentes possibilidades para homens e mulheres; daí porque o gerenciamento emocional observado nos relatos das entrevistas recai, principalmente, sobre as mulheres. O manual de aconselhamento é parte de um aparato cultural que estimula um modelo de relacionamento afetivo que é legitimado, sobretudo, pelo padrão heterossexual. Esse modelo, por sua vez, carrega consigo uma série de desdobramentos que se refletem em concepções de maternidade, posições no mundo do trabalho, desigualdades de poder, além de nas demandas emocionais que são analisadas prioritariamente na pesquisa. A forma como esses elementos aparecem associados será abordada no capítulo de exposição da pesquisa empírica.

## 1.2 OS CRITÉRIOS PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA

Ao discutir as concepções de gênero a partir da literatura de autoajuda e dos depoimentos das leitoras, foi necessário considerar várias questões articuladas ao tema central da presente pesquisa: o contexto sócio-histórico no qual se desdobram os fatos analisados; as experiências individuais das leitoras e sua relação com uma dimensão mais ampla de relações sociais, incluindo os aspectos de gênero; a literatura enquanto propagadora de determinadas concepções de gênero; e a cultura de massa enquanto mediação importante no mundo contemporâneo. Ou seja, construir a compreensão do objeto de pesquisa demandou observar

as relações entre tais questões, percebendo os vínculos entre motivações individuais e padrões sociais.

Ao selecionar quais procedimentos metodológicos seriam adotados, buscou-se, por um lado, fazer escolhas que atendessem às questões postas no projeto de pesquisa e, por outro lado, adotar certa flexibilidade para efetivar mudanças, quando necessárias.

Desde as primeiras inquietações advindas ao folhear o livro *O que toda mulher inteligente deve saber* até o processo de análise dos dados obtidos a partir das entrevistas com as leitoras, várias percepções sobre o tema pesquisado foram se constituindo. Esse é um aspecto importante para a construção da pesquisa, porque ele expressa o caráter de descobertas provocado ao longo da confrontação dos dados com os referenciais teóricos, ou a relação entre os próprios dados das entrevistas entre si. É possível afirmar que houve, realmente, um amadurecimento analítico sobre o assunto estudado. Algumas linhas norteadoras da pesquisa, presentes no projeto de pesquisa, se mantiveram ao longo do seu desenvolvimento, mas várias constatações foram agregadas e conferiram mais mediações para a compreensão sobre a difusão da literatura de aconselhamento afetivo para mulheres no Brasil.

As concepções de feminino publicadas nos manuais de autoajuda foram as primeiras questões que interessaram para a discussão. Posteriormente, considerando a dimensão relacional intrínseca ao gênero, o termo “representações femininas” foi modificado para “representações de gênero”, termo que contemplava um espectro mais amplo de análise. Interessava, sobretudo, pensar na historicidade dessas concepções e quais relações sociais elas expressavam, tendo em vista que se trata de uma literatura com bastante circulação, que pode ser encontrada não somente em livrarias, mas inclusive em redes de supermercado – lugar onde se originou a inquietação que levou ao tema dessa pesquisa.

Após observar a caracterização dos aconselhamentos e os relatos das leitoras, considerando a proposta teórica de Connell (1987, 2003, 2009), ficava demonstrado que, entre os discursos dos manuais e as experiências das leitoras, se estabelecia uma relação e, para explicá-la, seria necessário observar quais aspectos de gênero reforçavam ou enfraqueciam a identificação do público leitor, bem como quais relações sociais em seus contextos poderiam sustentar ou não os discursos dos manuais. O que se verificou, ao final, é que a proposta de gerenciamento das emoções sugerida pelos manuais é amparada por um contexto social que estimula os critérios psicológicos como importantes para as escolhas no âmbito dos

relacionamentos afetivos. Por sua vez, as experiências das leitoras indicavam que as relações de gênero demandavam tal gerenciamento, tornando possível verificar, na maioria das vezes, que os manuais faziam sentido porque também dialogavam com outros aspectos de suas trajetórias individuais.

Discursos sobre mulheres – ou dirigido a elas – são vários ao longo da história. Nesse sentido, o conteúdo dos manuais de aconselhamento representa uma determinada maneira de conceber a ideia de feminino. Assim, a questão inicial da pesquisa – que se configurou, temporariamente, como uma pergunta-título –, foi “quem é essa mulher?”. Tal questionamento expressava a curiosidade inicial de compreender qual concepção de mulher era sugerida pelos livros. Tal mulher existiria na prática? Os livros elaboram uma construção hipotética de mulher? Seria possível encaixar todas as mulheres naquela definição? Essas e outras questões nortearam a delimitação inicial do objeto.

Um passo seguinte foi o de pesquisar livros para fins de seleção de material a ser analisado. Em comum, os livros selecionados para estudo estavam classificados entre os mais vendidos. Veio à tona, então, mais uma necessidade de pesquisa: compreender porque tal literatura tem sido bastante lida na contemporaneidade. Foram selecionados quatro livros para estudo na pesquisa, todos eles incluídos na lista dos *best sellers*.

Utilizando duas noções de Sodré (1985, p. 74), compreende-se *best seller* como “todo livro que obt m grande sucesso de público” e literatura *best seller* como “todo tipo de narrativa produzida a partir de uma inten o industrial de atingir um público muito amplo”.

Ao pesquisar sobre o tipo de literatura estudado, a questão de gênero foi pensada em sua rela o com o fenômeno da autoajuda, pois essa   outra característica do cont do dos manuais em geral. Segundo Rudiger (1995, p. 27),

[a] modernidade transformou a categoria do indivíduo em valor, permitiu que os homens se separassem das comunidades naturais e se diferenciassem entre si. A responsabilidade pela condu o do próprio destino e as contradi es que dilaceram a vida moderna, todavia, são uma carga que poucos conseguem suportar sem conflito consigo mesmo ou sem algum tipo de ajuda, que, segundo seus critérios, precisa provir de dentro do próprio indivíduo.

Os livros analisados produzem um discurso sobre relacionamentos, dirigido às mulheres, enfatizando a esfera psicológica/comportamental como fundamento das problemáticas afetivas. Considerando que os manuais de autoajuda são escritos para diferentes públicos e apresentam cont dos diversos, interessava observar qual a

particularidade do tipo de manual lido pelas entrevistadas.

Por trabalhar com um tema que envolve vários campos do conhecimento, estabelecendo como eixo central a análise sociológica do problema, foi necessário construir diálogos com teorias que não necessariamente convergiam, porém tratavam de questões pertinentes à pesquisa. Construir tal diálogo não se constitui tarefa fácil, pois se torna necessário perceber implicações teóricas quando da apropriação de conceitos de matrizes divergentes, sendo necessário estabelecer pontos de distanciamentos, buscando uma coerência teórica.

O objeto de pesquisa foi construído tendo como pressuposto a consideração de que experiência individual e relações sociais são dois elementos em constante articulação, e que, se é possível exprimir a complexidade da experiência subjetiva individual, ela faz tão mais sentido quando se compreende o contexto sócio-histórico no qual se dão as relações sociais. Há o entendimento de que essa inter-relação se constitui a partir de uma determinada estrutura social. Por “estrutura social” se considera uma lógica social na qual se configuram as relações que, embora sejam complexas e/ou contraditórias, se articulam a um contexto mais amplo, ou seja, tais relações em seu conjunto.

O fato de considerar que os fenômenos ocorrem em determinada estrutura social, no entanto, não significa que se manifestem de maneira mecânica, de modo a se deduzir ali um determinado fato submetido a uma engrenagem. Por ser histórica, compreende-se a estrutura social como dinâmica, assim como os fenômenos nela estudados. No caso específico da presente pesquisa, trata-se de compreender concepções de gênero como expressões culturais da sociedade capitalista contemporânea, captadas através do tema de pesquisa, no contexto brasileiro. Aqui vale destacar que a concepção de estrutura que norteia a pesquisa coaduna com a visão de Connell (1987, 2003, 2009) ao concebê-la como um padrão de condutas durável, porém dinâmico e histórico.

Abordando a construção das categorias de pensamento no âmbito da pesquisa qualitativa, Rey (2002, p. 60) afirma:

[a]s categorias são instrumentos do pensamento que expressam não só um momento do objeto estudado, mas o contexto histórico-cultural em que esse momento surge como significado e, com ele, a história do pesquisador, que é elemento relevante na explicação de sua sensibilidade criativa.

Em relação às escolhas teóricas, Rey concebe a teoria como uma ferramenta de

pensamento do pesquisador, que não limita a sua percepção a pressupostos estabelecidos, havendo certa margem para confrontos e novas percepções, que possam, inclusive, não se ajustarem à estrutura teórica adotada a princípio. A sensibilidade do pesquisador ao conduzir seus instrumentos de pesquisa é fundamental para que ocorram margens para incorporação do novo, pois aquele dado que, inicialmente, pode parecer secundário por destoar do padrão, pode ser a chave que explica outras dimensões complexas do problema analisado. Segundo Rey, há uma distinção entre momento teórico e momento empírico, sendo esse último um espaço que também pode compreender a contradição com o arcabouço teórico. É nesse sentido que o autor afirma a historicidade das categorias de pensamento, que se constroem a partir das constatações empíricas.

Em relação ao amadurecimento do olhar sobre o tema de pesquisa, uma das modificações se deu em relação aos padrões de gênero veiculados nos manuais. Ao longo da pesquisa teórica, ficava demonstrado que algo além das páginas dos manuais de autoajuda se processava e era necessário buscar tais explicações através das experiências das próprias leitoras. Ao ouvir os relatos das pessoas aconselhadas pelos manuais, apareciam os sentidos concretos que explicavam porque tal literatura continua sendo classificada entre as mais vendidas no Brasil.

Como consequência da opção anteriormente mencionada, foi possível perceber a demanda do público leitor por esse segmento da literatura. Embora em alguns casos expondo concepções diferentes, a aproximação da maioria das leitoras com os manuais se deu por motivos associados aos relacionamentos afetivos. Desse modo, vê-se que o conteúdo dos manuais está bastante presente na vida cotidiana de muitas leitoras. Elas buscam aconselhamentos e muitas seguem fielmente as dicas sugeridas pelos autores. Os relatos das leitoras têm confirmado indicações teóricas de Illouz (2008, 2011, 2012), a respeito da difusão de uma cultura terapêutica na atualidade, e de Hochschild (2003), sobre o chamado trabalho das emoções.

Um dos aspectos observados na difusão da literatura de aconselhamento foi a mediação da cultura de massa. Embora existam outros produtos associados ao imaginário dos relacionamentos afetivos contemporâneos, os manuais, por meio do seu aparato comercial, se apresentam como opção bastante acessível ao público leitor. Mais uma vez, nos termos de Rudiger (1995, p. 28),

[a] literatura de autoajuda constitui em certa medida uma mediação do chamado mercado da personalidade; visualizada em escala histórica mais ampla, porém, verifica-se que o fenômeno é resposta para um problema mais profundo, representa também [...] uma mediação através da qual pessoas de todas as classes, mas sobretudo as modernas massas urbanas, despreparadas para enfrentar o supracitado processo unicamente com a razão, encontram, recorrendo aos seus resíduos míticos, uma tentativa de solução do problema criado pela necessidade de terem de se tornar indivíduos.

No âmbito da pesquisa aqui desenvolvida, a grande busca por esse segmento literário está associada a um dilema concreto vivenciado por milhares de mulheres e a circulação internacional de tais publicações atesta que há um contexto mais amplo da problemática de gênero presente nos manuais. Pode-se afirmar, nesse sentido, que os manuais criam um diálogo com essa demanda concreta ao se apresentarem como mercadoria cultural. Ao tornar vendável a temática dos relacionamentos amorosos, os manuais criam, a partir de sua própria lógica de mercado literário, a necessidade de consumo de outros livros do gênero, ou demais publicações dos autores já lidos. Há, pois, uma relação entre gênero, mercado, autoajuda e afetos articulada no objeto de estudo e discutida na presente pesquisa.

### **1.2.1 A seleção dos manuais de autoajuda**

Foram selecionados para análise quatro manuais publicados para mulheres, que estavam classificados entre os livros mais vendidos: *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, *Por que os homens amam as mulheres poderosas?*, *Os segredos das mulheres inteligentes* e *O que toda mulher inteligente deve saber*, todos publicados pela Sextante, editora que se destaca no segmento da literatura de autoajuda no Brasil<sup>5</sup>.

Os manuais selecionados estavam classificados entre os mais vendidos pela própria editora e também mencionados por meios de comunicação que publicam listas dos *best sellers*. No ano em que esse tema de pesquisa foi proposto, os livros de autoajuda, junto com os de psicologia e sexualidade, foram os que mais tiveram destaque na bienal do livro de São Paulo<sup>6</sup>. Uma pesquisa sobre o faturamento do setor livreiro em 2009<sup>7</sup> também indicava que a

---

<sup>5</sup> No capítulo 3, se falará mais detidamente sobre a atuação da editora no segmento da autoajuda.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43246.shtml>>. Acesso em: 10 ago 2010.

autoajuda ocupava o sexto lugar em áreas que cresceram em vendas (à frente de áreas como direito, educação e psicologia). Nos anos seguintes, o setor de autoajuda vem se mantendo entre os segmentos mais vendidos, conforme o relatório Retratos da Leitura no Brasil (2011), que indicou um crescimento de leitores de autoajuda, cerca de 12,3 milhões, configurando um aumento em relação a 2007, que teve a marca de 11,9 milhões de leitores<sup>8</sup>. Na mesma pesquisa, a autoajuda é citada por 52% dos entrevistados como tipo de leitura habitual. Em outro relatório do setor livreiro, de 2012, divulgado pela Associação Nacional de Livrarias, *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* estava classificado entre os cinco livros mais vendidos do ano de 2011. A autoajuda aparece entre as cinco áreas que representaram maior faturamento e crescimento em vendas em 2011.

O conteúdo dos manuais selecionados foi analisado, considerando o perfil dos autores, o público ao qual se dirigiam e as concepções de gênero formuladas nos livros. Foram construídos eixos a partir das questões mais recorrentes ou enfatizadas nas narrativas dos manuais. Também foram observadas as estruturas das narrativas, bem como as maneiras dos autores abordarem o público de leitoras. Algumas questões mencionadas nos manuais foram incluídas nos questionários utilizados nas entrevistas com as leitoras, na forma de perguntas, de modo a verificar os pontos de encontro ou distanciamentos entre livros e público (ver anexos A e B).

Na fase de realização das entrevistas, um dos manuais foi substituído. *Os segredos das mulheres inteligentes* foi retirado e, em seu lugar, incluído *Sedução*: uma estrada de mão dupla. A substituição se deu pelos seguintes critérios: a) nenhuma leitora de *Os segredos das mulheres inteligentes* se dispôs a participar das entrevistas, havendo um claro contraste em relação aos demais livros; b) o livro *Sedução* foi mencionado por uma das entrevistadas. Embora tenha sido indicado por apenas uma leitora, o livro possui características que interessam à presente discussão. Esse livro é de autoria de um brasileiro, que atua na área de *marketing* e também exerce profissão de *coaching*, uma espécie de aconselhador profissional; nele, o autor promete às leitoras mostrar como funciona o pensamento dos homens brasileiros. Além disso, por ter autoria nacional, contrasta com os demais manuais selecionados, que são

---

<sup>7</sup> Levantamento feito pela Associação Nacional de Livrarias (ANL), referente ao ano de 2009 em comparação com o ano de 2008. Disponível em: <[http://anl.org.br/web/pdf/setor\\_livreiro\\_2009.pdf](http://anl.org.br/web/pdf/setor_livreiro_2009.pdf)>. Acesso em: 10 jun 2013.

<sup>8</sup> Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em: <[http://anl.org.br/web/pdf/retratos\\_da\\_leitura\\_no\\_brasil.pdf](http://anl.org.br/web/pdf/retratos_da_leitura_no_brasil.pdf)>. Acesso em 10 jun 2013.

publicações estrangeiras.

### **1.2.2 A seleção de leitoras entrevistadas**

Para a construção da pesquisa empírica foram feitas entrevistas com leitoras mulheres, pelo fato de os manuais se dirigirem principalmente para esse público e também por considerar que é possível abordar, em tal contexto, questões relacionadas a gênero, inclusive priorizando um grupo de mulheres. Além da afirmação de Connell (2009) de que gênero é uma relação não necessariamente ocorrida entre homens e mulheres, há uma passagem de Illouz (2012, p. 239) bastante pertinente para justificar a opção de trabalhar aqui com o público de mulheres: há um contexto em que as mulheres são alvo de toda uma indústria de aconselhamento, que concentra as causas do sofrimento amoroso em elementos da psique feminina e reforça um sentimento de culpa nas mulheres pelos insucessos afetivos. Interessa, nesse sentido, observar as experiências das mulheres em tal contexto. Não se desconsidera que também é relevante um olhar analítico sobre como se constituem as experiências masculinas, mas essa tarefa seria objeto de um outro estudo. É possível afirmar que as entrevistas proporcionaram não somente as informações necessárias para articular o conjunto de questões que dizem respeito ao tema, mas foi preciso priorizar alguns eixos de análise, considerando o volume de informações obtidos das entrevistas.

Para selecionar as entrevistadas, o primeiro critério foi de que tivessem lido pelo menos um dentre os quatro manuais analisados na pesquisa. A partir de então, foram utilizados os seguintes meios para se chegar ao público leitor: a) busca em redes sociais nas quais as leitoras partilhavam suas experiências de leitura (esse foi um meio que permitiu diversificar as regiões geográficas das entrevistadas); b) emissão de uma carta convite, que circulou via e-mail, descrevendo a pesquisa e convidando possíveis leitoras (a divulgação da carta foi auxiliada por uma rede de contatos da pesquisadora, de modo que algumas leitoras se propuseram a participar da pesquisa após terem acesso à carta); c) solicitação de indicações de outras leitoras para as entrevistadas. No total, foram realizadas 23 entrevistas.

Em todas as tentativas de convidar as entrevistadas, era feita uma breve exposição sobre a pesquisa, incluída de uma explanação de como seria a entrevista, bem como foi assumido o compromisso da utilização de codinomes, preservando as identidades delas. As

entrevistas foram realizadas pessoalmente ou via conferência de vídeo na *internet*. A princípio, era preferível que todas as entrevistas fossem presenciais. Porém, para equacionar a demanda do tempo, considerando que algumas entrevistadas tinham menos disponibilidade de horários, as interlocuções por videoconferência se tornaram uma opção viável.

Estabeleceu-se um limite de tentativas para efetivar as entrevistas, de modo que as leitoras não se sentissem pressionadas, mas, ao mesmo tempo, não ficasse muito aleatória a decisão sobre quando realizar a entrevista. A pesquisadora sugeria possíveis datas e enviava mensagens reforçando o convite, de modo a não perder a interlocução. Ao perceber certa indisposição ou dificuldade de conciliação de horários, optou-se por deixar a leitora à vontade para decidir sobre uma data para a entrevista. Entre as leitoras que se dispuseram a participar da pesquisa, a maioria se expressava com bastante facilidade, o que contribuiu bastante para a viabilidade das entrevistas. Houve situações em que o roteiro foi adaptado, de modo a acompanhar o relato espontâneo da entrevistada. Esse tipo de situação também proporcionou um aprendizado, em termos de utilização dos instrumentos de pesquisa, isso porque o processo de pesquisa, ao mesmo tempo em que é executado mediante a estruturação de uma metodologia, compreende a flexibilidade da pesquisadora para adaptar e modificar as perguntas, quando necessário, aproveitando, assim, informações que chegam na forma de um relato não previsto no roteiro de entrevista.

Um dos aspectos que chamou a atenção e superou as expectativas iniciais de execução da pesquisa foi a disponibilidade das leitoras em participarem das entrevistas. Quando se optou por incluir o público leitor na análise, havia dúvidas sobre a viabilidade e as dificuldades de conseguir os relatos. Surpreendentemente, várias leitoras se dispuseram a colaborar, mesmo quando tinham dificuldade de conciliar o tempo das entrevistas com suas demais tarefas cotidianas. Esse é um elemento importante não só enquanto cumprimento de uma etapa da pesquisa, mas também pela relação de colaboração que se estabeleceu entre leitoras e pesquisadora. Por se tratar de um público com hábito de leitura frequente, as leitoras se mostraram ativas não somente por contribuírem com seus relatos à pesquisa, mas inclusive ao revelarem interesse em ler o texto da tese, não raro fazendo questões sobre os objetivos da pesquisa. Ademais, a motivação das leitoras em contribuírem com seus relatos também pode ser um indicador da relevância do tema na atualidade.

Embora tenham sido realizadas 23 entrevistas, o contato foi estabelecido com um número maior de leitoras. Porém, foi necessário delimitar uma quantidade que permitisse o

caráter de pesquisa qualitativa e, simultaneamente, viabilizasse a relação com o tempo necessário para o cumprimento de prazos no programa de pós-graduação.

Em todos os casos, as entrevistadas demonstravam interesse em colaborar com a pesquisa, e esse foi um aspecto que permitiu reflexões interessantes no decorrer do desenvolvimento do trabalho. Ao longo das entrevistas, os depoimentos eram ouvidos, procurando conduzir o questionário sem induzir as respostas. Dispor de uma abertura para ouvir os relatos das entrevistadas, muitas vezes bastante distintos dos pressupostos que norteiam essa pesquisa, foi um exercício importante em termos de construção da interlocução. Avaliando esse processo, considera-se que a afinidade construída no processo das entrevistas decorreu em uma sensibilidade para compreender a dimensão da recepção do público leitor. Sem a execução dessa etapa da pesquisa, as análises poderiam caminhar para uma falsa dedução sobre as concepções e experiências do público leitor a respeito dos livros e de outros aspectos de gênero. Em alguns casos, houve depoimentos que destoavam das concepções dos manuais. No caso das entrevistadas que leram, mas hoje não mais se identificam com esse segmento literário, foi importante perceber o olhar processual delas em relação às suas próprias ideias: elas falavam sobre seu passado e o comparavam às suas concepções no presente. Eram depoimentos indicando fases diferentes de experiências de gênero, o que revela a processualidade que o indivíduo carrega e como ela se manifesta em termos de visões construídas/desconstruídas ao longo da vida.

### **1.2.3 A elaboração das entrevistas**

As entrevistas foram elaboradas a partir de dois questionários utilizados como roteiro de base. Os questionários foram divididos em cinco partes, sendo a primeira compreendendo dados sobre o perfil da entrevistada. Foram levantados dados sobre idade, escolaridade, profissão (das leitoras e dos pais), origem regional, estado civil, número de filhos, orientação sexual, classificação de renda e racial. Essa primeira parte era importante para situar concretamente a leitora e traçar um perfil mais geral do público entrevistado.

Além de identificar a escolaridade da entrevistada, foram incluídas profissões e escolaridades dos pais para trabalhar aspectos de origem social. Os critérios de verificação de renda utilizaram como base a soma total da renda familiar e quantidade total de pessoas no

domicílio, classificando posteriormente em A, B, C, D e E, segundo parâmetro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa escolha foi feita tendo em vista que o critério de renda, isoladamente, não é suficiente para construir uma noção de classe. A indicação da renda familiar permitiu ter um parâmetro concreto de posição social, complementado pelos demais dados.

No caso do critério de classificação racial, foram encontradas algumas reflexões a partir de Gimenes (2011), Wood & Carvalho (1994), além do relatório do IBGE sobre o histórico de investigação sobre cor e raça nas pesquisas domiciliares (2008). Foram utilizadas as categorias “branca, preta, amarela, parda, indígena” e foi incluída “nenhuma das categorias”. As categorias eram apresentadas e solicitava-se à entrevistada que expressasse sua identificação racial. Conduzir o levantamento de tal critério dessa maneira resultou em contemplar os seguintes aspectos: a) permitiu que as leitoras apontassem a classificação segundo sua percepção; b) a utilização de um parâmetro possibilitou que as definições não fossem muito variadas a ponto de dificultar uma classificação; c) deixar a escolha por conta da entrevistada evitou conduzir uma classificação oriunda apenas da percepção da pesquisadora; d) incluir a categoria “nenhuma das alternativas” permitiu deixar um espaço aberto para aquelas que quisessem se classificar de outra maneira ou não se classificar. Fazendo uma síntese dessas diferentes possibilidades foi definido, então, esse critério.

A segunda parte do questionário contém questões sobre as motivações da leitora ao buscar o manual de aconselhamento, sua identificação com o conteúdo, se ela indicou o livro para outras pessoas, quais os tipos de literatura costuma ler, etc. A partir das questões da segunda parte, buscou-se verificar a relação mais direta entre livro e leitora.

A terceira parte é constituída por questões sobre construção das diferenças e estereótipos de gênero, de modo a observar as concepções das leitoras a respeito de aspectos relacionais de gênero, concepções de feminino e masculino, ideias sobre maternidade, diferenças e desigualdades de gênero, etc. Diante dessas questões, as entrevistadas falavam sobre suas concepções e explicavam ou justificavam suas visões sobre as temáticas abordadas. Esse eixo do questionário foi importante também para verificar quando havia identificação ou não da leitora com o conteúdo do manual. As questões eram feitas de maneira abrangente, de modo a não se associarem diretamente com o conteúdo do livro e também não induzirem determinadas possibilidades de respostas.

A quarta parte é constituída por questões sobre gênero, afetos e subjetividade. Aqui

entram temas sobre a cultura terapêutica na vida cotidiana, ideias sobre amor e relacionamentos, ou noções relacionadas ao campo da psicologia, como autoestima, dependência emocional, etc. Esse momento da entrevista exprime dilemas e vocabulários relacionados ao tema da autoajuda, às narrativas terapêuticas contemporâneas, enfim, aos repertórios utilizados para falar sobre o “eu”. Tal momento também fornecia informações sobre como se dava o gerenciamento emocional no cotidiano das entrevistadas e quais repertórios culturais são acionados para construir esse imaginário no âmbito afetivo.

Na quinta parte, a última do questionário, articulou-se questões de gênero, família, trabalho, política, etc. Aqui aparecem experiências práticas vivenciadas na família, no trabalho, bem como representações sobre mulher, feminismo e participação política. Estabelecendo uma relação entre as informações obtidas em todos os eixos dos questionários, foi possível pensar gênero a partir da proposta de Connell (1987, 2003, 2009), baseada em quatro dimensões. Foi possível observar como os regimes de gênero aparecem nos relatos relacionados ao trabalho, família, etc.

Ao ter o contato com as entrevistadas durante a pesquisa de campo, várias foram as reflexões, inclusive para além do que seus relatos poderiam contribuir para o estudo do tema. Permitir que a pessoa se expressasse sem se sentir pressionada por uma valoração do pesquisador; ouvir o que elas falavam, mas também atentar para suas expressões corporais<sup>9</sup>; observar as contradições de suas falas e buscar compreendê-las sem simplificá-las; foram alguns dos aprendizados proporcionados pela pesquisa. Assim, desde que os pesquisadores estejam abertos a saberem ouvir e tentarem compreender a lógica do outro, a pesquisa se torna um aprendizado em vários aspectos. Aprende-se sobre o tema pesquisado, mas também sobre o próprio ato de pesquisar.

No caso desse estudo, que aborda o público entrevistado principalmente pela dimensão afetiva, construir um ambiente de entrevista confiável foi uma das demandas, pois nos relatos surgem lembranças de episódios de sofrimento que estavam ligados à estrutura familiar, ou a relacionamentos afetivos malsucedidos, dentre outros exemplos, exigindo da pesquisadora a necessidade de saber lidar não apenas com os termos de metodologia, mas também invocando a sua sensibilidade enquanto ser humano que ouve e vai relatar/analisar as

---

<sup>9</sup> A exemplo das reações recorrentes quando da pergunta “pra você, o que significa ser mulher?” – algo que não foi visualizado quando da formulação do questionário da pesquisa –, a maioria das entrevistadas respirava fundo, suspirava, o que indica que se tratava de uma pergunta que parecia ter acentuado impacto nos imaginários das entrevistadas.

experiências de vida de suas entrevistadas. Perceber como a dimensão afetiva aparece nos relatos das leitoras contribuía, por exemplo, para esclarecer que os manuais de autoajuda, em seus formatos de mercadoria cultural, não traduzem a complexidade das experiências de suas leitoras, bem como analisá-los isoladamente não conduziria aos aspectos da realidade das mulheres consumidoras desses manuais que foram obtidos a partir das entrevistas.

## 2 DE SAMUEL SMILES AOS *BEST SELLERS* CONTEMPORÂNEOS: O FENÔMENO DA LITERATURA DE ACONSELHAMENTO

Em 1859, Samuel Smiles, escocês conhecido como um “reformador político inglês”, escreve um livro que se torna um clássico no tema da autoajuda: *Self Help*. A partir da sua narrativa, é possível captar não somente a concepção de autoajuda elaborada por Smiles, como também pensar as posições de gênero naquele contexto.

No contexto inglês de consolidação do Estado Moderno e da revolução industrial, Smiles invoca o caráter e as forças interiores individuais como motores necessários à sociedade. Ao longo de centenas de páginas, narra exemplos de homens notáveis, que teriam contribuído para a sociedade com os resultados de seus esforços, disciplinas e trabalhos incansáveis. Físicos, cientistas, inventores, artistas, políticos, são vários os exemplos biográficos dos “homens de sucesso” descritos pelo autor. A exaltação da ascensão individual é descrita com deslumbramento por Smiles. Assim, pensar nas ideias que fundamentam o conceito de autoajuda em Smiles se faz importante não somente enquanto localização do contexto histórico que lhe dá origem, mas também pelo conjunto de valorações nele presentes, que expressam concepções de sua época e também ajudam a refletir sobre como essas ideias vão se ressignificando.

Para Samuel Smiles, *ajudar-se* significa utilizar todo esforço individual para se dedicar ao trabalho incansável de servir à nação. A ideia de nação associada ao progresso aparece com muita ênfase, inclusive ele redige um dos capítulos descrevendo como o “povo inglês e seu espírito esforçado” chegou ao “progresso” através do caráter diligente de seus membros. Há associação direta entre progresso individual e nacional.

Esse é um dos aspectos que distinguem o discurso de autoajuda do século XIX em relação ao que lhe sucede nos séculos XX e XXI. Conforme aponta Rudiger (1995, p. 44), a concepção de Smiles vincula o caráter ao dever moral, não existindo a ideia de “homem que deseja”, elemento presente no pensamento psicológico moderno. Fazendo a distinção entre as noções de autoajuda que caracterizam os diferentes contextos, afirma Rudiger (1995, p. 49):

[n]este contexto, o homem define-se como sujeito que pode transformar o dever em hábito, construindo praticamente o conceito de sua vida através do trabalho empregado em sua carreira durante toda a sua existência. O homem de valor, por conseguinte, não é o homem que deseja, que vence ou que crê, mas o homem que

labora e produz; que é cuidadoso com os pequenos detalhes de seu ofício; é o homem que procura a excelência em tudo o que faz, preocupado apenas com a autorrealização, desprovido de interesse externo ou vontade de tirar proveito, porque é nessa excelência que se encontra a medida de uma vida bem-sucedida.

São inúmeros os exemplos dos “grandes homens” inventivos e Smiles destaca principalmente os de origens sociais humildes, enfatizando que essa condição não era obstáculo aos grandes feitos; ao contrário, o esforço é visto com mais simpatia e como sinônimo do caráter individual. Rudiger (1995) observa que *Self Help* reúne o conteúdo de muitas conferências de Smiles proferidas a trabalhadores. Faz sentido pensar nesse aspecto, pois há uma recorrente invocação do trabalho “dos homens que glorificaram a sina da pobreza por meio de seu trabalho e gênio” (SMILES, 2012, p. 21). Na Inglaterra industrial, que já conhecia as contradições do modo de vida capitalista recém-consolidado, ideias como esforço individual, caráter e invocação do trabalho atribuíam ao indivíduo a responsabilidade pelo seu destino e recorriam ao seu caráter como explicação de seu sucesso ou fracasso.

A Inglaterra, potência política e industrial da época, na qual se deram sucessivas invenções, muitas saídas das mãos de homens de origem social mais pobre, é narrada em tom maravilhado pelas palavras de Smiles. A concepção de que o indivíduo não está preso às suas amarras sociais se remetia a um contexto em que o processo de criação não estava institucionalizado e grandes invenções foram elaboradas no interior de humildes casas, de maneira mais espontânea. As centenas de exemplos citados por Smiles aparecem na forma de um encantamento com a possibilidade de um mundo em que, bastasse o indivíduo se esforçar, seria recompensado socialmente. São os meninos de origem pobre que se tornam os homens de prestígio do futuro. Há também um fundo conservador no pensamento de Smiles, conforme bem observa Rudiger. Suas ideias expressavam um conservadorismo no contexto inglês, que via no industrialismo a possibilidade da decadência dos valores e costumes tradicionais, daí porque recorria a um passado em que a moral coletiva pesava sobre o dever individual:

[d]e *Self Help*, pode-se dizer, portanto, que foi uma noção criada, em última instância, com motivo conservador: constitui expressão de uma concepção moral do mundo, submetida à desagregação pelo processo de mudança social deflagrado pelas novas forças produtivas e representa positivamente uma tentativa de conciliar esse ponto de vista com o crescente individualismo. A comprovação disso se encontra no horror com que seu criador assistiu à destruição do sistema de produção mercantil simples, baseado na manufatura mecânica e no trabalho artesanal, que, na prática, fundamentava socialmente a antiga moralidade (RUDIGER, 1995, p. 46).

Há um conteúdo político que também embasa a noção de indivíduo do século XIX. É a fase em que o conceito de indivíduo se mescla com noções de progresso, nacionalismo, civilização, trabalho e industrialismo. Ideias como “o homem” e “o progresso da humanidade” são descritas por meio de exemplos de figuras masculinas que se empenharam em elevar seus povos ao triunfo geopolítico.

Cabe observar também que a narrativa de Smiles antecede historicamente a existência do Estado caracterizado pelo bem-estar social. Várias são as passagens em que ele afirma que a grande virtude do indivíduo é não recorrer às instituições, se ele próprio pode conduzir seu destino. Do contexto em que *Self Help* é publicado até o discurso de autoajuda contemporânea, o Estado já se caracterizou de diferentes maneiras, chegando à fase mais recente do chamado neoliberalismo em que o indivíduo (agora em várias facetas) é mais uma vez solicitado a conduzir seu destino por conta própria. No entanto, o atual discurso se dá após a existência histórica da proteção social do Estado e de seu declínio, e com um impacto muito mais profundo na subjetividade dos indivíduos. Porque agora não são “os grandes exemplos” que constituem as narrativas, é no esforço individual de conseguir conduzir – ao menos – a sua vida privada com êxito que são concentrados os debates. As personagens citadas nos manuais de autoajuda contemporâneos nem precisam existir concretamente, caso sirvam para auxiliar o indivíduo na sua conduta social e pessoal. O discurso de autoajuda contemporâneo também prescinde de nacionalidade: pode ser lido pelo “eu urbano” de várias nacionalidades, que precisa de um aconselhamento sobre a sua própria vida.

E as mulheres? Elas aparecem em algumas das páginas narradas pelo autor, na condição de esposas que se dedicavam a acompanhar e apoiar os grandes feitos de seus maridos; mulheres, pois, à sombra dos inventores. O amplo conhecimento histórico característico do texto de Smiles indica que não é por acaso que essas mulheres aparecem em tímidas poucas linhas nas suas narrativas. Em parte, expressa a ideia de progresso associada ao poder masculino. Em parte, fala sobre o lugar social vivenciado por muitas mulheres na época. Embora não fosse intuito inicial da pesquisa, foi inevitável perceber o recorte de gênero no livro de Samuel Smiles. Nesse caso, não se trata simplesmente de “reivindicar” que as mulheres fossem narradas no livro, mas de pensar em como as relações de gênero se expressam a partir de determinados aspectos sociais.

Algumas páginas mencionam as dedicadas esposas. Heathcoat inventou a máquina

de fazer renda. Smiles (2012, p. 63) conta sobre a trajetória do inventor, acompanhado da presença ansiosa da esposa:

Durante esse tempo, sua mulher ficava quase tão ansiosa quanto ele, pois conhecia bem suas tentativas e dificuldades enquanto tentava aperfeiçoar a invenção. Anos depois de sua autossuperação e de seu conseqüente sucesso, a conversa que ocorreu durante uma noite repleta de acontecimentos foi vivamente lembrada. “Bem”, disse a esposa ansiosa, “vai funcionar?”. “Não”, foi a resposta triste, “preciso desmontá-la novamente”. Embora ele ainda conseguisse falar com esperança e alegria, sua pobre esposa não conseguia mais reprimir seus sentimentos, sentando-se e chorando amargamente. Mas ela teve de amargar só mais algumas semanas, pois o sucesso ricamente merecido, à custa de muito trabalho, finalmente chegou, e John Heathcoat tornou-se um homem orgulhoso e feliz quando trouxe para casa o primeiro pedaço de filó feito por sua máquina e o colocou nas mãos de sua esposa.

No exemplo acima, a figura da esposa, à sombra do marido, nos moldes de uma madame Bovary, vive a esperar o êxito masculino. Sua descrição é construída pela dimensão emocional; ora está ansiosa, ora reprime os sentimentos, ora chora amargamente, enquanto Heathcoat pensa soluções racionais para seu processo de criação.

Há também o exemplo de Palissy, que criou um processo de esmaltar louça de cerâmica, e Smiles aponta que o maior obstáculo encontrado por ele foi a falta de apoio de sua esposa. Segundo Smiles, os anos de trabalho do inventor se tornaram mais difíceis pela resistência que encontrava na sua vida marital. Nas palavras de Palissy: “o pior de todos os sofrimentos que tive de aguentar foram as gozações e as perseguições dentro da minha própria casa” (SMILES, 2012, p. 90).

Outro exemplo, oposto ao anterior, é o do artista John Flaxman, que se casou com Ann Denman, “mulher alegre, de alma radiante e nobre ela era” e que sempre apoiou o marido. Ann Denman esteve, literalmente, ao lado de Flaxman durante toda a vida, mudando de domicílios sempre que o trabalho dele demandava. É um exemplo elucidativo porque, nos casos em que as mulheres aparecem elogiosamente no livro de Smiles, em meio às narrativas dos “homens brilhantes”, ocupam a posição social de esposas, cuja virtude está associada ao apoio devotado aos maridos, autores dos grandes feitos.

Ter observado esse aspecto possibilita também, mais adiante, ao serem estudados os manuais elencados por essa pesquisa, fazer algumas articulações sobre a presença marcante das figuras femininas nos livros de autoajuda contemporâneos, bem como compreender como elas são representadas nesses segmentos da literatura. Livros dirigidos às mulheres são, efetivamente, constituídos por discursos que as visualizam em outros lugares sociais? Tais

lugares sociais apresentam novas posições desiguais? Das esposas dedicadas narradas por Smiles às poderosas e inteligentes dos manuais contemporâneos, quais mudanças e permanências de posições sociais podem ser identificadas? São questões discutidas ao longo da presente tese.

Rudiger (1995, p. 11), em seu estudo sobre a autoajuda e o individualismo contemporâneo, define a literatura de autoajuda da seguinte maneira:

[a] literatura de autoajuda é expressão textual de um conjunto de práticas engendrado pela cultura popular anglo-saxã, que se transplantou para toda a parte onde a moderna indústria da cultura revolucionou o modo de vida, transformando-se com o tempo em uma verdadeira categoria cultural da baixa modernidade. Em síntese, o fenômeno refere-se ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intramundana.

Acrescenta o autor que a prática da autoajuda, enquanto fenômeno resultante de complexos processos históricos, não pode ser compreendida dissociadamente dos sentidos constituídos por tais processos. Ainda segundo Rudiger (1995), embora certas ideias de autocultivo possam ser identificadas em processos históricos anteriores à modernidade, a autoajuda que se configura a partir do século XIX apresenta particularidades acerca das maneiras de abordar a subjetividade, relacionadas ao modo de vida da sociedade capitalista, maneiras que vão se deslocando para a esfera individual, solicitando ao indivíduo que mobilize recursos subjetivos para administrar o seu “eu”. As referências à subjetividade individual adquirem tanto relevo que todo um repertório passa a ser constituído para abordá-la, sendo a autoajuda uma de suas possibilidades.

No século XX, formuladas no contexto estadunidense, as ideias de autoajuda se ressignificam, se constituindo por outras fontes de pensamento e, com a mediação da cultura de massa, se entrelaçam com a linguagem do mercado, se popularizando naquele contexto e se difundindo mundialmente. A reformulação do discurso de autoajuda no século XX acompanha a configuração cultural vivenciada pelos Estados Unidos, assim como incorpora as transformações ocorridas no capitalismo, dentre elas as noções de gerencialismo. Mais uma vez, nas palavras de Rudiger (1995, p. 16):

[a]s movimentos de autoajuda, surgidos em nosso século, representam uma vanguarda desse projeto e constituem fenômeno vinculado a verdadeiras empresas de engenharia da alma que, recorrendo às mais diversas mídias, terminaram transformando o desenvolvimento da personalidade e a procura por autorrealização

em motivo de prática popular, dependente do moderno mercado da cultura. Através dos mesmos, as técnicas de si realmente passaram a se difundir sob a forma de clichês sobre o sucesso: seu conteúdo foi facilitado para o consumo e seus conceitos se tornaram fórmulas de propaganda. As práticas de autocultura, noutros termos, ingressaram, assim, no esquema de planejamento mercadológico, da produção em série e da circulação em massa, conforme uma racionalidade que se, por um lado, retirou muito de sua autonomia anterior, ligando seu desenvolvimento a estruturas padronizadas de sentido, por outro contribuiu para transformar um gênero de cultura popular norte-americana em fenômeno de massa transnacional, parafraseando uma sugestão de R. Ortiz.

Outra particularidade da autoajuda difundida no século XX é que ela diversifica e segmenta seu público. Desse modo, é possível encontrar, no ramo dessa literatura, publicações que se dirigem à comunicação interpessoal, aos relacionamentos afetivos, à educação, à longevidade, às práticas de vendas, etc. A tarefa de ser indivíduo se torna mais complexa e a linguagem da autoajuda, a partir de seus vários segmentos, penetra cada vez mais no espaço da vida privada, uma vez que, na forma de aconselhamentos ou práticas de cultivo do “eu”, auxilia no preenchimento dos repertórios dos indivíduos, fazendo-os buscarem em si as respostas para seus dilemas pessoais. Assim, as expectativas de que o leitor é capaz de vender mais, de influenciar pessoas, de conseguir e manter seus relacionamentos afetivos, de encontrar o caminho da felicidade plena etc. reportam-se aos recursos subjetivos interiores, ao deslocarem toda a fonte explicativa para o âmbito individual. A construção do conteúdo de administração do “eu” acompanha as transformações ocorridas no próprio capitalismo, que cria formas de gerenciamentos, constituídas por um conteúdo administrativo que circula não somente no âmbito do trabalho, mas se torna parte das relações na vida privada. O indivíduo que deveria conduzir sua própria vida, nos termos de Smiles, torna-se, a partir do século XX, cada vez mais gerente, tendo de administrar seu tempo, suas relações pessoais, seu lazer, sua vida privada e tudo o mais que lhe cabe. A diversidade de segmentos do discurso de autoajuda guarda um pano de fundo comum, na visão de Rudiger (1995, p. 18): “[n]a maioria das vezes, o desenvolvimento dessas capacidades relaciona-se mais ou menos com um conjunto de técnicas que, em última instância, depende da crença no próprio eu e constitui um racionalismo que incide sobretudo na subjetividade”.

Entre o final do século XIX e início do século XX, a noção de autoajuda sofre mudança de significados e práticas. Do cultivo do dever moral, converte-se em “moderno culto do sucesso e do cuidado cosmético da personalidade” (RUDIGER, 2012, p. 35). Ademais, “o projeto popular de reeducar os sentidos e cultivar a vontade transformou-se na

prática cada vez mais difundida de, tecnicamente, desenvolver o potencial e resolver os problemas da personalidade”. Esse aspecto será abordado mais adiante, pois o discurso da autoajuda se popularizou no século XX associado ao repertório da psicologia, instituindo o credo terapêutico contemporâneo (ILLOUZ, 2011).

As ideias de autoajuda que se difundem a partir do século XX, constituídas principalmente no contexto dos Estados Unidos através do advento da nova psicologia, da concepção do poder da mente como meio de o indivíduo viver bem consigo e com os outros, do movimento do Novo Pensamento e da Nova Era – que não serão esmiuçadas nesse trabalho por se tratarem de várias correntes de pensamento<sup>10</sup>. Em síntese, é possível afirmar que o foco se voltou para objetivos de riqueza e sucesso em sociedade, ideias que se popularizaram nas primeiras décadas do século XX, a princípio nos Estados Unidos, posteriormente em outros contextos. Há uma redefinição da prática de autoajuda, cada vez mais centrada no plano da personalidade como base explicativa para as angústias e dilemas enfrentados pelos indivíduos. Nos termos de Rudiger (1995, p. 91), “o sucesso passara a ser motivo da cultura de massa”.

Estabelecendo uma comparação a respeito das distinções das noções de autoajuda, nas diferentes épocas, com base no argumento de Rudiger (1995), pode-se apontar: a) a valorização do caráter (dever moral) se deslocou para o âmbito da pessoa de sucesso, havendo uma crescente racionalização da vida interior, que se torna alvo das correntes psicológicas em seus variados significados; b) a ênfase no cumprimento de deveres dá lugar à satisfação dos próprios desejos; c) o fundamento da condução da vida social se centrou na justificativa da situação mental do indivíduo; d) o esforço moral coletivo converte-se na capacidade individual de saneamento dos problemas interiores.

Fonseca (2007) estudou o tema da autoajuda a partir da problemática do indivíduo ao longo da modernidade, pensando-o também enquanto desenvolvimento histórico da cultura ocidental. O autor observa que, desde as primeiras formulações, a autoajuda se expressa como uma proposta pragmática e individualista para solucionar problemas existenciais do modo de vida moderno. Há, no entanto, particularidades a serem observadas em relação aos contextos europeu e estadunidense. Segundo Fonseca (2007, p. 38),

[...] temos a diferença fundamental das Modernidades Europeia e Norte-americana.

---

<sup>10</sup> Uma exposição consistente sobre tais correntes de pensamento pode ser encontrada em Rudiger (1995).

Na primeira, o cultivo do homem foi um projeto estatal que agia de acordo com as aspirações da elite intelectual e política de melhorar a sociedade, primeiramente através da moralidade, e depois através da ideologia biologista. Na segunda, o cultivo de si estabeleceu-se a priori como um projeto individualista, a própria sociedade norte-americana se estabeleceu na ideia de liberdade, autogoverno e autodeterminação, sendo, estes três pontos, o baluarte moral dos EUA durante muito tempo. Com a decadência da Modernidade capitalista da Europa, após a Segunda-Guerra Mundial, o individualismo norte-americano se tornou padrão na Modernidade Ocidental, que se contrapõe à Modernidade Oriental representada pela União Soviética.

A distinção acima possui bastante relevância, pois a difusão, ao longo do século XX, dos manuais de autoajuda, dentre eles os focados em relacionamento afetivo, guarda relação com o contexto da cultura de massa dos Estados Unidos, que auxilia na difusão de tais produtos, ao passo em que também colabora com a consolidação da chamada sociedade de consumo. Caracterizando tal processo sócio-histórico, apoiando-se nos argumentos de Zygmunt Bauman, Fonseca (2007, p. 67) afirma:

Nessa nova realidade, o que realmente importa é manter-se sempre atualizado e necessitado das receitas para a boa vida. Hábitos e conselhos tornam-se mercadorias a serem consumidas, a serem compradas, reforçando a ideia de que a nossa felicidade depende somente de nós mesmos, mas como somos muito incompetentes nessa tarefa precisamos comprar conselhos, exemplos, habilidades, para que possamos alcançar a felicidade.

Cabe assinalar que mencionar tais particularidades significa pensar em diferentes momentos da constituição do indivíduo da era moderna e em quais dimensões culturais e ideológicas o constituem, não havendo a intenção de estabelecer comparações valorativas. Essas particularidades são pensadas, sobretudo, enquanto caracterização histórica e sociológica da questão.

Ao longo do século XX, a cultura de autoajuda se entrelaça com o repertório do *marketing* gerencial. Noções oriundas do mercado, pertencentes à esfera profissional de indivíduos dos centros urbanos são paulatinamente incorporadas ao cotidiano da vida privada. A linguagem da autoajuda diversifica seu público, de modo que se direciona para solucionar problemas específicos através de esforços de mudanças subjetivas individuais. As mulheres, que já tinham sido constituídas enquanto público leitor da literatura romântica de massa, serão alvo da literatura que lida com os problemas afetivos em um plano prático. Não se trata de uma heroína que sofre ao longo da narrativa até chegar ao seu final feliz. Trata-se de um problema prático para o qual o livro de autoajuda promete soluções, desde que o leitor adote

as devidas mudanças na sua personalidade. Mais uma vez, recorrendo às reflexões de Rudiger (1995, p. 141),

As psicotecnologias que se difundiram com a literatura de autoajuda não se tornaram um fenômeno de massa, portanto, apenas porque se enquadraram num novo projeto de dominação. Na verdade, constata-se que esse enquadramento ocorreu porque as suas técnicas e conceitos, certo ou não, permitiram aos sujeitos lidarem com problemas individuais postos pelo novo estágio da civilização. [...] A linguagem psicológica, tornada visão de mundo, coloca entre parênteses as dimensões política e social dos problemas que pesam sobre o homem e classifica em categorias subjetivas fenômenos que precisam ser explicados em relação à estrutura da sociedade.

Ao retomar as origens do discurso moderno de autoajuda e apontar as modificações ocorridas nos séculos XX e XXI, busca-se observar qual o sentido que cada uma dessas noções possui nos contextos em que se manifestam. Em todos os casos, há expressões do modo de vida urbano que se instaura a partir do capitalismo industrial, complexificadas ao longo do século XX, inclusive pelas transformações culturais ocorridas, não necessariamente no âmbito da ideologia capitalista, mas que a questionaram – a exemplo dos movimentos de contracultura, do feminismo, do movimento *hippie*, etc. Esse constante projeto em disputa, chamado “indivíduo”, é também reivindicado em suas dimensões de gênero, classe, etnia, etc., sendo questionada, cada vez mais, a noção liberal de indivíduo que funda a modernidade, inclusive do ponto de vista político, que sublimava as diferenças e desigualdades nela contida.

Fonseca (2007, p. 13) observa que o discurso de autoajuda se difunde justamente em contextos sociais nos quais a individualização encontra-se em estágio avançado, o que permite a ideia de cultivo de si como modo de vida. O ascenso das noções de autoajuda também estaria relacionado à decadência do projeto iluminista de indivíduo, expressando uma época de angústia social, onde se procuram soluções constantes para o mal-estar. “A tendência à centralização no *self* é tanto uma resposta como um sintoma da sociedade narcisista” (FONSECA, 2007, p. 132).

Referindo-se à apropriação brasileira da cultura de autoajuda, Fonseca (2007, pp. 133-134) avalia que

[n]o caso brasileiro, a independência não significou o alinhamento com o pensamento iluminista. Levou muito mais tempo para o desenvolvimento deste ideário, e mesmo assim, ele sempre teve forte oposição dos conservadores dentro do país, aqueles que queriam manter o país preso a sua herança colonial. A luta contra esses conservadores foi parte das dores de crescimento do país, pois para a sua modernização foi necessário derrubar antigas formas sociais de poder para estabelecer o monopólio do poder do Estado sobre o território nacional e estabelecer,

também, o indivíduo biológico como foco da ideologia da sociedade. A literatura de autoajuda está ligada à cultura anglo-saxã, logo é uma expressão de tal cultura em nosso país. Assim, a procura da felicidade se tornou parte do ideário de muita gente influenciada pelos livros de autoajuda. A entrada destes livros resulta na ampliação da indústria cultural dos países centrais capitalistas, nos países capitalistas periféricos, exportando uma nova ideologia de vida que favorece uma nova visão de sociedade cada vez mais individualista.

Bosco (2001), que produziu um estudo sobre a difusão da literatura de autoajuda, traduzida pelo grande número de vendas de exemplares, menciona que a prática de manuais (*how-to-do books*) se populariza nos Estados Unidos durante a década de 1930, se desenvolvendo ao lado de um modelo de individualismo configurado pelo parâmetro organizacional daquele país, com impactos nas emoções privadas.

A valorização da interioridade dos indivíduos, ou, dito de outra forma, a fuga para o espaço privado, confirma uma sociedade marcada pelo *ethos* terapêutico. A literatura de autoajuda do século XX incorpora essa visão. Neste sentido, vale a pena resgatar a exposição realizada por Bellah (1985) acerca do individualismo americano. Conforme o autor, o século XX testemunha uma progressiva divisão da vida em esferas funcionais que correspondem às necessidades do modelo organizacional da sociedade americana. Assim, ao lado de um individualismo utilitário, mais relacionado às atividades da esfera econômica e ocupacional, aparece um individualismo expressivo, voltado para as emoções privadas.

Seguindo o raciocínio do autor, na condução da racionalidade do mundo econômico, a figura típica é o manager, enquanto que a emoção privada é o campo onde atua o terapeuta (BOSCO, 2001, p. 19).

Giddens (1991, 2002) sugeriu que a cultura terapêutica estaria relacionada ao caráter reflexivo da modernidade. Para o sociólogo, a modernidade se configura a partir de um modelo societário marcado pela dissolução de laços comunitários que vinculavam fortemente o indivíduo ao seu contexto social, bem como suas trajetórias pessoais. A modernidade seria marcada pela incerteza e pelo risco, daí porque os indivíduos são mediados pelas instituições, na busca de orientações de conduta que confirmem algum grau de segurança. A modernidade também conecta o indivíduo a uma dimensão global de existência, para além dos seus vínculos sociais mais diretos, o que amplia a sensação de incerteza. Em síntese, seguindo o raciocínio do autor (GIDDENS, 2002, p. 79), pode-se afirmar que

[n]um universo social pós-tradicional, organizado reflexivamente, permeado por sistemas abstratos, e no qual o re-ordenamento do tempo e do espaço re-alinha o local com o global, o eu sofre mudança maciça. A terapia, inclusive a autoterapia, tanto exprime a mudança como fornece programas de efetivá-la em termos de autorrealização. No nível do eu, um componente fundamental da atividade do dia-a-dia é simplesmente o da escolha. [...] A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre

as opções que devem ser selecionadas.

Os sistemas abstratos aparecem como suportes de confiança, numa sociedade permeada pelo risco constante: eles “criam grandes áreas de segurança relativa para a continuidade da vida cotidiana” (GIDDENS, 2002, p. 126). Em contraste com modos de vida anteriores, a modernidade cria situações de escolha, sendo o indivíduo constantemente responsabilizado por elas e pelos riscos ou consequências delas resultantes. Daí porque os recursos institucionais ao “eu” são enfáticos e variados.

No que se refere aos impactos na intimidade, Giddens (1993, p. 41) também utiliza a chave interpretativa da reflexividade institucional, em que o “eu” é entendido como “um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e autoajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revista”. O autor também inclui a psicanálise nesse rol de recursos reflexivos, pois “proporciona um ambiente e uma base rica de recursos teóricos e conceituais para a criação de uma narrativa reflexivamente ordenada do eu”.

Bauman (2001, 2004, 2008, 2010) conduz seu argumento a partir da análise das relações sociais, que denomina como “líquidas”, mediadas pelo consumo. Segundo ele (2008, p. 18), as regras estabelecidas no mercado se transpuseram à vida pessoal. Na sociedade de consumo, os indivíduos-mercadorias buscam tornarem-se desejáveis, à espera de serem escolhidos por consumidores. Nas palavras do autor (2008, p. 22): “numa sociedade de consumidores, tornar-se mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas”. Em sua interpretação, as escolhas subjetivas individuais assumiram um caráter de lista de compras, incluindo a maneira como se escolhem parceiros afetivos na atualidade. O que vale na esfera das escolhas de objetos de consumo acaba por se materializar também nas relações interpessoais: é preciso avaliar o produto, de modo a conferir se ele se adequa às necessidades e se o indivíduo está fazendo uma boa escolha em adquiri-lo, buscando evitar “a mercadoria mal escolhida”.

A presença dos especialistas ou conselheiros, nos termos de Bauman (2004), reforça a lógica da chamada liquidez, por sugerir não somente que o foco/ênfase se encontre no indivíduo, mas porque o repertório do aconselhamento sinaliza que o indivíduo deve se desfazer mais frequentemente de suas velhas rotinas, daquilo que não seja “útil”, não devendo esperar das pessoas relações de caráter duradouro. Segundo Bauman, os aconselhamentos

priorizam ensinar o indivíduo a lidar com o término das relações afetivas.

Os especialistas podem recomendar mais apreço, vigília e cuidado por si mesmo, maior atenção à capacidade interior para o prazer e satisfação – assim como “depende” menos dos outros e dar menos consideração às demandas destes por atenção e cuidado; maior distanciamento e sobriedade ao fazer o balanço das expectativas razoáveis de ganhos e das perspectivas realistas de perdas. Os clientes que aprenderam diligentemente as lições e seguiram fielmente os conselhos de agora em diante devem se perguntar com maior frequência “o que eu ganho com isso?” e exigir resolutamente dos parceiros, e de todos os demais, que lhes deem “mais espaço” – ou seja, manter-se distanciados e não esperar, tolamente, que os compromissos assumidos durem para sempre (BAUMAN, 2004, p. 77).

As explicações fornecidas pelos autores citados contêm elementos para a compreensão da difusão da literatura de aconselhamento afetivo para mulheres na atualidade, pois é possível encontrar aspectos relativos ao individualismo oriundos da cultura estadunidense, à popularização da cultura terapêutica como um elemento fundamental da subjetividade moderna ao longo do século XX, à influência da sociedade de consumo e mecanismos de gerenciamento no âmbito da vida privada e à mediação da cultura de massa como constituinte da subjetividade dos indivíduos dos centros urbanos. Pode-se afirmar que o fenômeno analisado é constituído por todos esses traços apontados pelos autores – o que varia é a maneira como os contextos, dada suas particularidades, incorporam e difundem tal cultura. As explicações fornecidas pelos autores permitem introduzir a análise do tema, porém o tipo de aconselhamento estudado na pesquisa apresenta uma especificidade, que demanda ser compreendida observando sua dimensão de gênero. Nesse sentido, para retomar a noção de estrutura da catexia, a análise dos manuais de aconselhamento passa por observar o contexto no qual se situa tal difusão, de modo a compreender como eles se constituem como mecanismos de incentivos a determinadas práticas e a padrões de relacionamento. O repertório utilizado sugere determinados meios para a formação de casais acionando todo um conteúdo que mescla noções da psicologia, de gerenciamento, de autonomia feminina e de individualismo, formando, assim, um novo padrão, que por sua vez é enfatizado como sendo ideal. Todos esses aspectos, em seu conjunto, constituem o contexto analisado na pesquisa. Destarte, foi necessário considerar quais as fontes de influências em conjunto para compreender porque tais publicações encontram tanto sentido no cotidiano das leitoras entrevistadas.

Algumas pesquisas feitas no Brasil examinam a relação entre gênero e autoajuda. As análises de Alves (2005), Castro (2009), Mocci (2006) e Rudiger (2010), que estudam o tema

a partir dos manuais, apontam para o padrão de ideal feminino propagado por essa literatura, assim como o perfil de relacionamento afetivo estimulado pelos manuais de aconselhamento. Os livros se reportam majoritariamente ao público feminino, conduzindo a narrativa segundo um modelo heterossexual de relacionamentos, que invoca determinadas características consideradas “modernas”, mas reafirma, por outro lado, posições desiguais em termos de gênero. Retomando a afirmação de Connell (2009, p. 71), não caberia perguntar se as relações de gênero estão em mudança, mas em que sentido essas mudanças caminham. Podemos afirmar que há mudanças em relações a padrões de gênero anteriores, mas há, simultaneamente, novas formas de desigualdades de gênero no modelo estimulado pelos manuais de aconselhamento, que encontra lugar nas relações sociais concretamente.

Alves (2005) analisou as “receitas para a conjugalidade” sugeridas pelos manuais de autoajuda direcionados ao público feminino. A autora observa a marca de gênero na individualidade sugerida pelos manuais e o caráter prescritivo dos aconselhamentos afetivos. Em sua avaliação:

[t]odas as receitas para a conjugalidade e para o autocuidado explicitam direta ou sutilmente modelos adequados de masculinidades e feminilidades construídos com base nos significados dados às diferenças corporais. Deste modo, os autores traçam todo um panorama de estilos de feminilidades e masculinidades, permeando as ações dos indivíduos (ALVES, 2005, p. 176).

Como uma de suas reflexões a respeito da temática, Alves faz a seguinte afirmação:

[c]onsidero, no entanto, necessário refletir a respeito desta prescrição do casamento como norma de desenvolvimento emocional. De início, o mais relevante está no fato de ser norma, obrigatoriedade. Ela não é debatida, refletida, questionada; ela é prescrita. A conjugalidade, historicamente, continua sendo apresentada como norma para os indivíduos; mudam-se apenas os motivos para justificá-la. [...] portanto, uma vez inserida numa cultura que tem na individualidade seu grande foco, a literatura de autoajuda encontra e fabrica um bom campo para “vender” a conjugalidade e acaba por contribuir para sua “história”, com mais um motivo para sua realização (ALVES, 2005, p. 189).

Mocci (2006) analisou as imagens de mulher propostas pela literatura de autoajuda. Apoiando-se no referencial teórico de Guatarri, Mocci observa que os modelos fornecidos para as “subjetividades em crise” se fundam em valores vinculados aos modos de subjetivação capitalística. Mocci (2006, p. 32) também identifica um traço característico a esses tipos de livros: “todos remetem o sujeito a uma outra forma de determinação, não mais histórica, econômica ou social, mas biológica e psíquica”.

Mocci (2006, p. 45) também observa que, a partir da reconfiguração da inserção das mulheres no espaço público, os manuais de autoajuda expressam uma forma de posicioná-las diante do novo espaço e redefinir suas posições no âmbito do espaço privado. Considerando os impactos na auto-identidade feminina ao longo do século XX, provenientes da progressiva inserção das mulheres no mercado de trabalho, Mocci (2006, p. 34) afirma que

a imersão no mercado de trabalho constituiu, para o sujeito feminino, sua mais nova condição de existência, fazendo com que o problema da auto-identidade, peculiar ao indivíduo do século XX, fosse experimentado com maior relevo e intensidade nas questões femininas.

Esse aspecto sinalizado pela autora tem bastante pertinência para a presente pesquisa, pois, conforme será verificado nas entrevistas realizadas com as leitoras dos manuais, as questões de âmbito profissional revelam-se, na maior parte dos casos, como uma mudança de padrão em relação às experiências das mães dessas leitoras, e como a constituição de um novo dilema de conciliar vários setores da vida, ao lado das conquistas relacionadas ao trabalho.

Ao sintetizar seus achados analíticos a respeito das imagens femininas propostas pelos manuais de autoajuda, conferindo as características identificadas pelo modelo sugerido, Mocci (2006, p. 209) constata:

[q]ue perfil feminino é encontrado na literatura de autoajuda? [...] A mulher encontrada remonta imagens que temos das mulheres no passado, as que tinham como foco e principal objetivo de vida a estabilidade de uma relação matrimonial. Modelos de comportamento para o gênero e distinções de papéis sexuais seculares são atualizados e traduzidos em jargões científicos que podem dissuadir um desejo de mudança efetiva e abrangente. A mulher é tratada nesses livros a partir de uma boa dose de clichês e estereótipos que no final dificultam a elaboração de uma feminilidade atual e límpida. Percebemos também que as imagens e exemplos referidos da condição feminina, bem como o público-alvo manifesto, por exemplo, nos apelos aos leitores, circunscrevem-se à esfera de atividade de uma mulher de classe média ou alta, escolarizada, com condições financeiras de usufruir de vários bens que propiciam o conforto e interessada em revisar seus relacionamentos amorosos, enquanto a rotina das mulheres da classe baixa, com suas circunstâncias peculiares de vida e necessidades básicas, são excluídas do *hall* de signos que aparecem nos livros.

Castro (2009) analisou um segmento específico da literatura de autoajuda: o direcionado para o público de meia idade. Discutindo os sentidos dos termos “lobo” e “loba”, como são usualmente denominadas, nesses manuais, as pessoas que estão vivenciando a meia idade, a autora também identifica uma predominância de livros direcionados ao público feminino nessa temática. Sua pesquisa mostra uma intersecção entre marcadores de gênero e

idade e revela como a questão da crise da meia idade é abordada pelos manuais. Em uma sociedade que exalta valores associados à juventude, os manuais de autoajuda produzem uma imagem de uma mulher poderosa, que continua a seduzir, a despeito das marcas corporais da idade.

Rudiger (2010), que se tornou uma importante referência no tema da autoajuda entre pesquisadores brasileiros, discute, em um artigo, o contexto de difusão da literatura de aconselhamento afetivo em sua relação com as experiências vivenciadas pelo público leitor, majoritariamente feminino. Seus argumentos antecipam alguns aspectos que serão destrinchados na próxima seção, quando abordada a contribuição de Illouz.

Em seu artigo, Rudiger (2010) explica como a literatura de aconselhamento se torna uma mediação nos relacionamentos afetivos, acompanhando a difusão da cultura terapêutica, situada, no princípio, nos Estados Unidos. De uma estrutura de matrimônio patriarcal, os relacionamentos mudam suas configurações, tornando-se progressivamente baseados em processos de escolhas mais reflexivas e submetidas a critérios de avaliação mais pragmáticos. Nas palavras de Rudiger (2010, p. 130):

[v]erificou-se o avanço dos defensores da reforma do casamento tradicional e, com isso, a conversão das ideias terapêuticas em princípio de estruturação pragmática da subjetividade das camadas emergentes, no mundo capitalista. Embora o foco não tenha deixado de ser o matrimônio, o centro do mesmo passou a ser a valorização da sexualidade e do companheirismo. O romantismo não parou de se propagar, mediado e promovido pelo espírito mercantil, mas não escapou da condição de prática suspeita à consciência reflexiva dos contemporâneos, transferindo-se seu registro do patriarcalismo burguês para o novo *ethos* terapêutico.

Como um dos desdobramentos da cultura terapêutica nas escolhas individuais referentes aos relacionamentos, mediadas cada vez mais pelos repertórios psíquicos, Rudiger (2010, p. 134) aponta: “o reconhecimento do subjetivismo levou a consciência reflexiva mais imediata a concluir que, num relacionamento, a paixão irracional é secundária ou não preferível em relação ao cultivo racional dos afetos e à decisão de se comprometer eticamente com o outro”. Esse é um dos motivos pelos quais um argumento bastante presente nessa literatura é a associação entre o término dos relacionamentos e as personalidades dos envolvidos. Comentando a tônica das narrativas dos manuais, Rudiger (2010, pp. 136-137) diz que, “segundo os autores, a principal razão para o fracasso relacional e afetivo é a expansão de certas personalidades e condutas que nos afastam das pessoas e que precisam ser revistas, se o objetivo for construir laços firmes e promissores”.

O autor também identifica que a entrada massiva de mulheres no mercado de trabalho profissional, associada a impactos culturais de concepções feministas nos relacionamentos, colaborou para a constituição do cenário social ao qual os manuais se reportam e dirigem seus conselhos: um contexto que apresenta dificuldades não só para a manutenção dos relacionamentos, mas também para o seu próprio estabelecimento. A ênfase no público feminino demonstra que há uma experiência particular vivenciada pelas mulheres, que propicia a adoção de uma conduta de gerenciamento da vida, incluindo os aspectos emocionais.

O progresso do individualismo mais e mais separa os seres humanos, e, por isso, cresce entre eles a atração pelo encontro com o outro e, eventualmente, em viver o amor, por mais que, em virtude desse mesmo processo, do aprofundamento das condições para a racionalização da conduta, ele se vá tornando mais improvável e, assim, recomende aos seus eventuais sujeitos, senão o pragmatismo bem-calculado, ao menos a adoção de uma atitude terapêutica (RUDIGER, 2010, p. 140).

As referências citadas, que tratam da relação entre gênero e autoajuda, oferecem explicações para o tema estudado, abordando o perfil sugerido pelos manuais e discutindo implicações oriundas da construção de feminino conforme propagada pela literatura, além de também apontarem elementos do contexto sociocultural que situa a difusão desse segmento literário. Com objetivos de análise específicos, os estudos têm em comum o fato de terem se centrado nos manuais, não abordando o público leitor. Embora não haja prejuízo analítico proveniente da escolha metodológica por parte de seus autores, a ausência do público leitor não permite que se observe como essa literatura é incorporada em suas experiências e quais os sentidos concretos que o conteúdo dos manuais exerce na vida das pessoas que os consultam. Nesse sentido, a abordagem aqui desenvolvida apresenta um novo prisma a ser considerado na temática da difusão da literatura de aconselhamento contemporânea. Ela acrescenta não só ao incluir a dimensão da recepção na análise, mas por toda a problemática decorrente dessa opção metodológica.

## 2.1 GÊNERO, AUTOAJUDA E TRABALHO DAS EMOÇÕES

Para retomar o eixo analítico de estrutura da catexia, essa seção tem uma acentuada importância, pois aqui são fornecidas explicações sobre o contexto de gerenciamento

emocional, que tem nos manuais de aconselhamento uma de suas mediações. A partir das indicações de Illouz, será descrito o conjunto de influências – não necessariamente coerentes entre si – que constitui a difusão da literatura de aconselhamento contemporânea. A noção de trabalho das emoções, elaborada por Hochschild, permite construir uma observação mais aproximada da experiência das leitoras entrevistadas ao analisar como os aconselhamentos são incorporados e quais repertórios culturais sustentam tais concepções. Nesse bojo, é possível compreender como os manuais atuam para direcionar determinados modelos e quais sentidos concretos podem ser verificados no conteúdo veiculado pelos livros analisados. Essa concretude é identificada ao se considerar os elementos históricos e sociológicos fornecidos pelas autoras.

Por que determinadas ideias conseguem se projetar e fazer sentido de modo a estimularem comportamentos e direcionarem ações? Quais as condições históricas para que os manuais de aconselhamento sejam bastante vendidos e lidos e, sobretudo, façam sentido na cultura ocidental contemporânea? Essas e outras questões vêm sendo problematizadas pelas investigações de Illouz no campo da subjetividade no capitalismo contemporâneo. Assim, para o tema da literatura de aconselhamento, as indicações de Illouz são assaz pertinentes, pois a autora desenvolve uma contextualização histórica e sociológica capaz de explicar como se deu a fusão cultural, a partir do contexto estadunidense, de elementos da autoajuda elaborados no século XIX, com ideias da psicologia, premissas do feminismo dos anos 1960 e concepções do mercado.

A análise da difusão cultural no contexto dos Estados Unidos é fundamental, pois é a cultura desse país que se hegemoniza mundialmente após a Segunda Guerra Mundial, mediada pela cultura de massa, e é nessa cultura que se encontra a matriz da articulação entre gênero e autoajuda que se expande no contexto brasileiro nos últimos anos.

A chave histórica para a compreensão desse fenômeno situa-se nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos. Illouz (2011, 2008) menciona a capacidade de articulação institucional de Freud como um dos fatores que permitiu a circulação internacional das ideias daquele recente campo de conhecimento, além de conferir legitimidade do ponto de vista da aceitação dos pressupostos por ele desenvolvidos, o que foi fundamental para sua aceitação e difusão no contexto daquele país. A rápida institucionalização da psicanálise também foi acompanhada da criação de vários institutos de estudo pelos seguidores de Freud. Já na primeira década do século XX, se dá o encontro entre a psicologia estadunidense e o

pensamento de Freud, nas conferências da Universidade Clark (ILLOUZ, 2008).

O impacto imediato do pensamento de Freud, segundo a autora, é paradoxal, pois se de um lado contribuiu com uma nova maneira de compreender a subjetividade humana, em confronto com noções hegemônicas na época, por outro lado desenvolveu uma nova narrativa sobre a psique humana que foi rapidamente absorvida e adaptada à cultura capitalista no século XX. A ênfase na família, na trajetória individual, a dimensão da sexualidade, todos esses elementos vão se articular à nova forma de decifrar o “*self*” perdido em si mesmo. Em um contexto marcado pelo crescente grau de individualização, a narrativa psicológica forneceu noções para criar, do ponto de vista da reconstituição subjetiva do indivíduo, sua trajetória histórica baseada nas experiências próprias, sobretudo as dos primeiros anos de vida.

A apropriação estadunidense das noções freudianas ajudou a difundir uma cultura terapêutica, tornando a psicologia um campo popularizado e legitimado para abordar a subjetividade dos indivíduos. A posição do campo profissional da psicologia naquele contexto dos Estados Unidos também teve relevância para conferir o caráter dessa apropriação, tendo em vista que já nas primeiras décadas do século XX a psicologia do país assume várias frentes de atuação, desenvolvendo argumentos terapêuticos em áreas educacionais, empresariais, militares, etc.

Narrativas centradas na psique individual foram difundidas em diversas esferas da sociedade dos Estados Unidos, e Illouz (2008) menciona três delas que foram bastante expressivas: o cinema, a literatura de aconselhamento e a publicidade. Os psicólogos tiveram atuação direta na indústria cultural, não raro auxiliando na incorporação de noções psicanalíticas em roteiros de cinema, colaborando com a escrita de manuais de aconselhamento e atuando junto à publicidade, sempre no intuito de atingir as profundezas da subjetividade individual.

Como resultado de uma síntese histórica e cultural que envolve tais elementos, Illouz (2011) menciona o entrelaçamento dos repertórios do mercado com a linguagem da psicologia. As concepções da psicologia difundiram-se rapidamente no contexto estadunidense, dadas à configuração da vida urbana que se manifestava à época, ao formato da família típica da classe média e às posições de gênero desenvolvidas em seu interior. Esses elementos eram capazes de conferir sentido à elaboração de conceitos que buscavam explicar neuroses e distúrbios a partir de uma narrativa centrada em um passado histórico familiar.

Nesse sentido, Illouz (2011, p. 11) afirma que o “capitalismo caminhou de mãos dadas com a criação de uma cultura afetiva intensamente especializada”. Criou-se, segundo a autora, um estilo afetivo terapêutico, a partir do qual se desenvolveram técnicas, linguagem, conhecimento e narrativas, as quais se estabeleceram como formas de se abordar o “*self*” e sua relação com o outro.

O principal impacto de Freud na formulação de uma imaginação interpessoal, para Illouz (2011), pode ser mencionado segundo três eixos. O primeiro deles refere-se à posição da família no imaginário psicanalítico. Ela é o *locus* originário da narrativa do sujeito, visto que passa a constituir sua biografia e expressar sua individualidade de modo singular. Nas palavras da autora (2011, p. 16): “ao mesmo tempo em que os alicerces tradicionais do casamento começavam a desmoronar, a família retornou com plena força para assombrar o eu, só que, dessa vez, como uma ‘história’ e um modo de contextualizá-lo, de situá-lo numa trama”. O segundo eixo diz respeito ao fato de que a narrativa psicanalítica toma a vida cotidiana como enredo terapêutico. Ao considerar fundamentais elementos tidos como banais (a exemplo dos sonhos ou lapsos da linguagem), “conferiu ao eu comum um novo glamour, na medida em que ele aguardava ser descoberto e moldado” (2011, p. 16). Ademais, segundo a autora, Freud amplia o conceito de normalidade ao nele integrar as patologias identificadas de seu tempo, produzindo uma nova noção de normalidade, acompanhada de novas figuras patológicas. Há um redesenho das referências do normal e do patológico. O terceiro eixo aponta para o relevo que Freud deu à dimensão da sexualidade ao associá-la a causas inconscientes de patologias, demandando todo um arcabouço conceitual para abordá-la e compreendê-la no interior da lógica culturalizada de uma subjetividade contingente.

É interessante observar que a família é deslocada na construção das identidades individuais, mas não é eliminada. Se o formato patriarcal tradicional era responsável por determinar escolhas no âmbito dos relacionamentos conjugais, a família, na mencionada cultura terapêutica, integra os repertórios das escolhas ao constituir a trajetória biográfica dos indivíduos. Seu peso não consiste mais em predeterminar as escolhas conjugais de seus membros, mas na carga cultural conferida aos indivíduos a partir de suas experiências familiares.

Nos Estados Unidos, a psicanálise permitiu, na compreensão de Illouz (2011), o estabelecimento de uma ponte entre áreas especializadas do conhecimento (psicologia, neurologia, psiquiatria e medicina) e a cultura institucionalizada e popular, se difundindo

através da mediação da indústria cultural. Nas palavras da autora (ILLOUZ, 2011, p. 20):

[g]rande parte do material cultural contemporâneo nos chega sob a forma de conselhos, advertências e receitas do que fazer, e, considerando-se que em muitos *loci* sociais o eu se faz sozinho – recorrendo a diversos repertórios culturais para decidir seu curso de ação –, é provável que a literatura de aconselhamento tenha desempenhado um papel importante na configuração dos vocabulários pelos quais o eu compreende a si mesmo.

O encontro do estilo terapêutico com a dimensão de gênero efetiva-se, segundo a autora, mediante duas fontes de influências: a intervenção dos psicólogos no casamento e o feminismo da chamada “segunda onda”. De acordo com Illouz (2011), nos dois casos a família foi utilizada como metáfora para a compreensão das patologias do “eu”. Nos anos de 1960, a psicologia estadunidense estava totalmente institucionalizada e popularizada, sobretudo entre as famílias da classe média, ao passo que o feminismo da segunda onda (situado entre as décadas 1960-1970) privilegiava várias questões associadas ao campo da sexualidade e às experiências femininas. Tanto a psicologia quanto o feminismo tomaram as experiências cotidianas como fonte de reflexão e produção de um discurso. Se a narrativa da subjetividade individual ganha relevo em várias esferas da vida social (educação, trabalho, família, política, etc), o feminismo conferiu contornos políticos à vida privada (dado o conhecido emblema “o pessoal é político”) e, nesse sentido, os dois campos penetraram no interior da vida familiar e construíram elaborações sobre o universo da vida privada. A subjetividade feminina, nesse sentido, é ressignificada mediante várias fontes de influência.

Um autêntico substrato dessa fusão é o livro de aconselhamento para mulheres. Nele coexistem elementos de uma narrativa terapêutica e de autodeterminação feminina, porém ressignificando suas fontes originais. Mais uma vez, nos termos de Illouz (2011, p. 47):

[h]oje afirmo que o entrelaçamento da terapia com o feminismo produziu um vasto processo de racionalização das relações íntimas. Por terem o feminismo e a psicoterapia instruído um vasto número de estratégias psicológicas, físicas e afetivas de transformação do eu, sua recodificação do psiquismo implicou uma “racionalização” da conduta das mulheres na esfera privada.

Além de discutir a difusão da cultura terapêutica baseando-se no processo histórico ocorrido a partir dos Estados Unidos, a análise de Illouz também se mostra pertinente ao submeter a psicanálise a um exame histórico. Considerando o impacto das ideias de Freud na compreensão contemporânea da subjetividade, é comum encontrar referência às ideias dele

nas abordagens feministas. Porém, Illouz constrói uma abordagem analítica que, ao mesmo tempo em que considera a relevância e os impactos desse campo do conhecimento em nosso tempo, lança um olhar que permite certa desnaturalização do discurso psicológico, atitude analítica importante para considerá-lo como uma possibilidade construída socialmente. A elaboração da narrativa sobre o indivíduo, formulada pelo campo da psicanálise, também é submetida à análise e entendida enquanto compreensão histórico-cultural da subjetividade. Ao acompanhar a lógica do argumento da autora, foi possível apreender o chamado *ethos* terapêutico como um traço cultural de nossa época e identificá-lo enquanto tendência, seja nos conteúdos dos manuais, seja nos depoimentos das leitoras entrevistadas.

Conforme mencionado no capítulo 1, Illouz (2012) desenvolve as noções de ecologia das escolhas e arquitetura das escolhas. Segundo a autora, ao longo do século XX houve grandes transformações no processo de seleção dos parceiros amorosos. Ao oferecer vários exemplos através de comparações históricas – e também extraídas de roteiros da literatura de romance – com épocas anteriores, Illouz consegue demonstrar quais são as particularidades presentes na ecologia e arquitetura das escolhas contemporâneas. O sofrimento amoroso, um dos principais elementos dos relacionamentos atuais, é explicado pela sua especificidade sócio-histórica. Que o amor possa ter decorrido em sofrimento em outras épocas históricas é algo que não escapa à abordagem de Illouz. O que a autora desenvolve é uma explicação de como o sofrimento contemporâneo é constituído e como ele é resultante de um conjunto de situações sociais, tendo em vista que “[a]través dos afetos nós pomos em prática as definições culturais da individualidade” (ILLOUZ, 2011, p. 10).

Longe de serem pré-sociais ou pré-culturais, os afetos são significados culturais e relações sociais inseparavelmente comprimidos, e é essa compressão que lhes confere sua capacidade de energizar a ação. O que faz o afeto transportar essa “energia” é o fato de ele sempre dizer respeito ao eu e à relação do eu com outros culturalmente situados (ILLOUZ, 2011, p. 9).

Se, em momentos históricos anteriores, a estrutura social patriarcal delimitava mais objetivamente os critérios para a constituição de casais, geralmente situados do interior das mesmas classes sociais e obedecendo a um quadro cultural razoavelmente previsível, a reconfiguração dos critérios para seleção de parceiros, desenvolvida ao longo do século XX – que não elimina a hegemonia masculina, mas a confronta significativamente –, baseia-se cada vez mais nas escolhas individuais e motivações subjetivas. Nas palavras de Illouz (2012, p.

41, tradução livre):

[a] "grande" transformação do amor é caracterizada por certos fatores: (1) a desregulação normativa do modo como se avalia um potencial parceiro – isto é, seu desenredamento de um grupo e enquadramento comunitários e o papel da mídia de massa para definir os critérios de atratividade e valor; (2) uma crescente tendência de ver o parceiro sexual e romântico de alguém simultaneamente em termos psicológicos e sexuais (com o primeiro sendo subjugado em última instância pelo último); (3) e, por fim, o surgimento de campos sexuais, o fato de que a sexualidade, como tal, desempenha um papel cada vez mais importante na competição entre os atores no mercado de casamento.

Segundo Illouz (2012), ocorre uma sexualização e psicologização das escolhas românticas, podendo se observar, pelo menos, dois critérios para avaliar possíveis parceiros: 1) a intimidade emocional e compatibilidade psicológica, ao buscar vincular indivíduos com determinadas personalidades; 2) a dimensão da sensualidade, representada pelo relevo atribuído ao atrativo físico nas escolhas amorosas contemporâneas. Nos termos de Illouz (2012, p. 42): “essa transformação surge como resultado da conjunção do consumismo e do aumento da legitimação normativa da sexualidade pela visão de mundo cultural da psicologia e do feminismo”.

O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca (ILLOUZ, 2011, p. 12).

Ao expor a proposta teórica de Connell, afirmou-se que gênero se relaciona com as demais dimensões da vida social, ainda que não necessariamente de maneira coerente. O tema aqui estudado confirma essa afirmação. O padrão sugerido nos manuais de aconselhamento analisados na pesquisa é resultante de um conjunto de diferentes influências, ressignificadas, que carrega em si elementos de contestação política e cultural, ao lado de concepções que reforçam valores caros à ordem social capitalista e hegemonicamente masculina.

Como parte do cenário que compõe a ecologia das escolhas, há um entrelaçamento entre padrões difundidos pelas vias da indústria cultural, da dimensão da sexualidade conforme a narrativa produzida no campo da psicologia e da dimensão política da sexualidade promovida pelo feminismo da segunda onda. Um conjunto contraditório que, ao ser esmiuçado, ajuda a explicar como os manuais de aconselhamento se valem de termos que fazem referência ao moderno e à mulher poderosa, ainda que para reforçar posições de gênero

com traços conservadores. Esse nó contraditório é uma chave importante para compreender como se constitui a arquitetura das escolhas das leitoras analisadas, quais critérios avaliam para escolher um parceiro ou verificar se esse é considerado apto para um relacionamento. A observação dos elementos contraditórios também permite demonstrar processos de perdas e ganhos em termos de experiências. Posições sociais conquistadas recentemente por mulheres são vivenciadas ao lado de desconfortos emocionais.

A questão da escolha é um elemento importante a ser observado, pois os critérios para a seleção de parceiros amorosos foram deslocados, ao longo do século XX, cada vez mais para o âmbito individual e menos para os regimes de gênero pré-estabelecidos, a exemplo da família. As pessoas realizam escolhas amorosas individuais com mais frequência, o que não significa que esse processo não se dê de forma complexa e permeado por dificuldades. Illouz (2012, pp. 52-53) caracteriza tal processo a partir das seguintes explicações. Primeiramente, é possível destacar que as formas de seleção pré-modernas de parceiros eram relativamente horizontais, ou seja, se processavam geralmente no interior de grupos. Na modernidade, em contraste, as escolhas se dão de modo horizontal e vertical, ao mesmo tempo; elas ocorrem no interior de grupos, mas também fora deles, o que amplia em quantidade o número de possíveis parceiros e cria, nos termos da autora, uma disputa maior entre pessoas no mercado dos relacionamentos. Em segundo lugar, ganha relevância a percepção de que encontrar um possível parceiro se torna questão de gosto pessoal, um processo cada vez mais subjetivado, o que possibilita uma “negociação” de acordo com a dinâmica privada das preferências individuais. Em terceiro lugar, pelo fato de não existirem mecanismos formais de escolhas amorosas, os indivíduos internalizam disposições econômicas que também os ajudam a fazer as escolhas e essas, por sua vez, devem ser, ao mesmo tempo, econômicas e emocionais, racionais e irracionais. A autora denomina essa prática de *habitus* romântico, afirmando que essa disposição é capaz de promover uma conciliação entre cálculo econômico e emoções. Por fim, verifica-se que o fato de a seleção de parceiros ser mais subjetiva significa que ela também se baseia em qualidades que seriam supostamente inerentes ao indivíduo e refletiriam sua essência.

O contexto analisado pela autora é marcado pelo que Illouz denomina de estilo afetivo terapêutico:

[a]s correntes da psicologia clínica criaram um novo estilo afetivo, o estilo afetivo terapêutico, que prevaleceu no cenário norte-americano no século XX. Um estilo

afetivo terapêutico seria “as maneiras pelas quais a cultura do século XX ficou “preocupada” com a vida afetiva, com sua etiologia e morfologia, e concebeu “técnicas” específicas – linguísticas, científicas, interativas – para apreender e gerir esses sentimentos” (ILLOUZ, 2011, p. 14).

Outro aspecto relativo às escolhas diz respeito à questão da liberdade. Illouz (2012, p. 61) parte do pressuposto de que o exercício de liberdade é algo eminentemente social. Para ela, as liberdades sexuais e românticas têm se expressado em um contexto que as institucionaliza, embora esse contexto não seja marcado por características fortemente patriarcais, o que produz desigualdades nas experiências amorosas masculinas e femininas, contribuindo para gerar as formas de sofrimento que conhecemos na atualidade. Em sua avaliação, tal como o campo do mercado, a liberdade sexual tem ocasionado uma recodificação cultural de desigualdades de gênero.

Nos termos de Illouz (2012, p. 91), “escolha do consumidor é uma categoria de escolha culturalmente específica, exercida pela combinação de deliberação racional, refinamento de gosto e o desejo de maximizar utilidades e bem-estar”. “A linguagem da afetividade e a da eficiência produtiva foram se entrelaçando cada vez mais, uma moldando a outra” (ILLOUZ, 2011, p. 25).

Esse aspecto é importante para desmistificar a ideia de que os homens teriam menos interesse em se relacionar, ao contrário das mulheres, as quais, segundo afirmação recorrente nos manuais de aconselhamento, teriam como principal objetivo no plano pessoal encontrar um par amoroso. Ao conferir historicidade e explicar o “medo do compromisso” em termos culturais, Illouz sugere que as diferentes posições e implicações nas experiências masculinas e femininas têm a ver com a forma como a liberdade sexual é institucionalizada. A desigualdade de posição acaba por privilegiar os homens e associar o “medo do compromisso” a uma prerrogativa masculina.

Essas características de estratégias sexuais de homens e mulheres criam condições para o que chamo desigualdade emocional: sexualidade casual fornece aos homens uma vantagem estrutural de resguardar suas emoções, sendo mais relutantes que as mulheres para se comprometerem a um relacionamento porque eles têm uma amostra maior para poderem escolher (em termos de intervalo de tempo e características demográficas) (ILLOUZ, 2012, p. 103, tradução livre).

A liberdade sexual, conforme a experiência histórica analisada, também é mediada pelo âmbito da reprodução sexual. Para as trajetórias femininas, a sexualidade, em grande medida, é associada também ao aspecto reprodutivo, acrescentando-se o fato de que as

mulheres têm um limite biológico reprodutivo, que se expressa como um fator de tensão. Se for considerado que o contexto estimula a formação de casais com vistas à constituição de família e reprodução sexual, majoritariamente fundamentado, pois, em um padrão heterossexual e monogâmico, a “corrida contra o tempo” torna-se, de fato, um dilema para as mulheres. Como lembra Illouz, na atual configuração do mercado dos relacionamentos, os homens possuem mais liberdade de escolhas e sendo as mulheres levadas a lidar com escolhas amorosas que lhes satisfaçam, além do fator tempo biológico de reprodução, são os principais alvos dos aconselhamentos.

Eu argumentaria que mulheres heterossexuais que seguem uma estratégia sexual exclusivista estão, na verdade, mais motivadas por uma orientação reprodutiva do que uma orientação natural em relação aos homens. Isto é, sexualidade exclusivista é mais facilmente encontrada nas mulheres que desejam a maternidade dentro do quadro institucional da domesticidade monogâmica. Essas mulheres atualmente subsumem sua busca por um parceiro sob a construção e percepção de seus papéis reprodutivos [...] Em sociedades de contestação patriarcal (como a nossa), homens são bem menos compelidos normativamente à reprodução biológica porque a família não mais é um lugar de controle e dominação. O principal imperativo cultural que molda a masculinidade é a de autonomia psicológica, ascensão social e sucesso econômico em organizações econômicas. [...] Em particular, o tempo biológico agora desempenha um papel significativo em moldar a percepção cultural das mulheres para com seus corpos e estratégias de conjugalidade. Mulheres que escolhem ter filhos e casamento (ou domesticidade heterossexual) e educar essas crianças dentro desse quadro são pressionadas pela percepção de seus corpos como uma unidade biológica organizada no e pelo tempo (ILLOUZ, 2012, pp. 74-75, tradução livre).

Illouz (2012, p. 75) acrescenta ainda que dois fatores principais constituem essa percepção feminina: 1) a entrada no mercado de trabalho e o aumento no grau de escolaridade fazem com que as mulheres adiem o casamento e a gravidez e estejam sujeitas, portanto, a mais pressões quando comparadas a mulheres das décadas anteriores do século XX; 2) a indústria de cosméticos constrói um referencial de beleza baseado nas faixas etárias das mulheres, considerando o corpo “como uma unidade definida pela cronologia”, o que faz com que elas desenvolvam uma consciência em torno do parâmetro da idade, uma percepção feminina associada à categoria cultural do tempo.

O argumento acima possui bastante pertinência para a compreensão das experiências das leitoras entrevistadas na pesquisa. Conforme será exposto, parte das preocupações das mulheres entrevistadas condizia com a necessidade de conciliar vários setores da vida com a possibilidade da maternidade. Entre as leitoras com idade acima dos 30 anos, tal dilema aparecia com bastante ênfase nos seus relatos.

Em outra passagem, na qual Illouz comenta a questão da pressão do tempo biológico para as mulheres, afirma:

[a] situação contemporânea coloca as mulheres em uma desvantagem estrutural: quando as mulheres operam sob uma pressão normativa de maternidade (majoritariamente dentro do âmbito da parceria heterossexual) e da percepção de que o biológico as limita, elas enxergam a escolha de um parceiro organizada dentro de um quadro de tempo limitado. Essa percepção do tempo, especialmente nos seus trinta e quarenta, tende a reproduzir uma percepção de diminuição de opções, que, por sua vez, pode gerar uma vontade maior de se comprometer com um homem antes e mais rápido (ILLOUZ, 2012, p. 76, tradução livre).

A ideia de compromisso amoroso, nesse sentido, configura-se de forma distinta para homens e mulheres, demandando distintas estratégias para estabelecer um relacionamento afetivo. Como lembra Illouz (2012, p. 106), o medo de assumir compromisso é a expressão de uma arquitetura da escolha culturalmente específica. O mote central dos aconselhamentos afetivos sugeridos pelos manuais baseia-se nesse cenário sociocultural e daí extrai os sentidos que dialogam com a realidade de muitas leitoras que buscam esse tipo de literatura. Mais uma vez, seguindo as indicações de Illouz (2012, pp. 107-108, tradução livre):

[a]s principais condições da institucionalização da liberdade – na transformação da ecologia e da arquitetura das escolhas – têm afetado e transformado a vontade, como a noção principal da individualidade em que esses ideais são baseados. Poderia ser sugerido também que muito da terapia, autoajuda e cultura de aconselhamento pode ser reduzida a técnicas culturais para monitorar escolhas e tomar decisões em um mercado de possibilidades cada vez mais volátil. Nesse processo, portanto, a liberdade se torna aporética, pois, em sua forma realizada, leva à incapacidade ou falta de desejo para exercer escolha. Se existe uma história da liberdade, então podemos dizer que passamos da luta por liberdade para a dificuldade de escolher, e até pelo direito de não escolher.

A ecologia das escolhas, em seu formato contemporâneo, tem gerado novas formas de reconhecimento. De acordo com o argumento de Illouz (2012, p. 243), na medida em que a modernidade é fortemente marcada pela constituição da esfera privada, auxiliando na formação da identidade das mulheres e desconectando da dimensão pública, o amor se torna central para o senso de autoestima. Acrescenta ainda Illouz (2012, p. 244, tradução livre):

[e]m condições de livre mercado, portanto, mulheres precisam de mais amor para autovalidação e querem se comprometer mais cedo e intensamente, ao mesmo tempo. A transformação da ecologia e arquitetura das escolhas, e a conexão do amor e do valor social, sugere que a desigualdade de gênero é agora promulgada em torno da desigualdade emocional, em vez da social. A literatura difundida de Marte e Vênus não é nada mais do que uma tentativa de entender em termos psicológicos o que de fato é um processo sociológico, nomeadamente a reorganização das

diferenças de gênero em torno do amor como uma fonte de valor para mulheres ou capital sexual para homens.

O medo de assumir compromissos afetivos faz parte do que Illouz (2012, p. 244) chama de desestruturação do desejo. A forma como as escolhas são configuradas, governada “pela economia da abundância”, para usar novamente um termo da autora, levando em consideração a desigualdade emocional que situa as experiências e possibilidades de escolhas masculinas e femininas, faz com que o amor seja vivenciado como um negócio a ser gerenciado; o sentimento se reveste de cálculo sentimental e o sujeito toma precauções para se envolver emocionalmente, evitando o sofrimento. “A cultura terapêutica da autoajuda é um aspecto informal e quase rudimentar da nossa experiência social, mas é também um esquema cultural profundamente internalizado, que organiza a percepção do eu e dos outros, a autobiografia e a interação interpessoal” (ILLOUZ, 2011, p. 74).

A tarefa de se constituir como indivíduo já era sinalizada por Freud (1996, p. 83), na década de 1920, em *O mal-estar na civilização*, como potencial causadora de sofrimento: “a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas”. A propósito da questão do sofrimento como um sintoma de nossa época, afirma Illouz (2011, p. 83):

[a] prevalência do sofrimento nas definições populares ou eruditas da identidade vem apontando, sem sombra de dúvida, um dos fenômenos mais paradoxais da era pós-1980, a saber: ao mesmo tempo em que o discurso do individualismo triunfal e autoconfiante nunca foi tão disseminado e hegemônico, a demanda de expressar e praticar o próprio sofrimento, seja em grupos de apoio, seja em programas de entrevistas, na terapia, nos tribunais ou nos relacionamentos íntimos, nunca foi tão estrídula.

A problemática dos manuais de aconselhamento, nesse sentido, não só promove o estímulo a um determinado padrão; ela lida concretamente com a realidade dos relacionamentos heterossexuais contemporâneos, canalizando os dilemas para o âmbito psíquico, sobretudo das mulheres, para quem os conselhos se dirigem principalmente. Um dos desdobramentos desse contexto na experiência prática das mulheres tem sido o gerenciamento das emoções, processo mediado pelos manuais de aconselhamento. A aceitação das sugestões de um comportamento mais racional, ou uma frieza emocional, tem a ver com o fato de que a cultura terapêutica coexiste para além dos manuais. Se neles há uma face mais superficial, ou

popular, como é muitas vezes chamada, o vocabulário utilizado para abordar os relacionamentos se vale de termos que se situam na cultura contemporânea, embora direcionando para determinadas concepções que não traduziriam o conjunto heterogêneo e complexo que constitui o campo da psicologia.

Hochschild (2003), no campo da sociologia das emoções, analisa os códigos culturais veiculados nos manuais de autoajuda, no contexto dos Estados Unidos, entre as décadas de 1970 e 1990, e também identifica elementos de um discurso feminista presente nessas publicações, ainda que enfraquecidos ou distanciados de suas fontes originais.

A autora faz uma analogia tomando de empréstimo o sentido de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Weber, afirmando que o feminismo está para o espírito comercial da vida íntima assim como o protestantismo estava para o espírito do capitalismo. Se o chamado espírito comercial da vida íntima toma de empréstimo significados do feminismo, o faz na condição de ressignificá-los, ou, nos termos da autora, abduzir o feminismo. Como afirma Castro (2009, p. 110), comentando Hochschild, “o espírito do feminismo teria sido abduzido e isolado de movimentos sociais que lutaram por liberdade para se travestir comercialmente como reivindicação pelo direito ao desligamento emocional”.

Em outra analogia, Hochschild (2003) compara a disciplina ascética protestante que marca a acumulação primitiva do capital ao esforço despendido por mulheres em função do “espírito comercial da vida íntima”, sendo o livro de aconselhamento uma fonte de conteúdo da disciplina seguida por elas, a exemplo de aspectos como o estímulo à frieza nas relações afetivas, a capacidade de lidar com o isolamento emocional, a política de investimento no corpo, sentimentos e os métodos para evitar que o “*self*” se machuque emocionalmente.

O esforço do indivíduo de produzir em si estados de ação e sentimentos Hochschild (2003, p. 24) denomina de trabalho das emoções. Por emoção, a autora (2003, p. 75) compreende “a consciência de cooperação corporal com uma ideia, pensamento ou atitude e o rótulo ligado a essa consciência”. No entendimento de Hochschild, por serem sociais, as emoções devem ser compreendidas em seus contextos; os vocabulários que as expressam falam não somente sobre o que se sente, mas o sentido socialmente produzido em cada contexto. Como poderá ser observado nos capítulos reservados à exposição da pesquisa empírica, a questão das emoções assume relevo e se relaciona à compreensão apresentada por Hochschild tanto no conteúdo social que carrega quanto pela presença do chamado trabalho das emoções.

No caso dos manuais de autoajuda analisados por Hochschild, o trabalho das emoções aparece sob necessidade de instrumentalização e controle dos sentimentos de medo e vulnerabilidade, além do estímulo à capacidade de se desligar emocionalmente. Nas palavras de Castro (2009, p. 110), comentando o pensamento de Hochschild, “relações sociais problemáticas – e suas consequências existenciais para quem as vivencia – são, portanto, pensadas nos termos de atitudes pessoais, cada vez mais subjetivas, e a solução acaba passando pela adoção de determinados comportamentos egoístas”.

A noção de “*self*” elaborada por Hochschild considera influências de Goffman e de Freud, chegando à denominação de “*self sentient*”, termo que expressa não apenas os que as pessoas sentem, mas aquilo que elas conscientemente tentam sentir. Nesse sentido, aparece a influência de Goffman no aspecto da interação, porém há um distanciamento na ênfase desse último sobre as “pessoas tentarem aparentar sentir”. Para Hochschild, o que caracteriza o trabalho das emoções não é a aparência das ações que as pessoas estariam tentando conferir (*surface acting*), mas o fato de que elas realmente estariam se esforçando para criar determinados estados emocionais em si mesmas (*deep acting*). A partir de Freud, ela utiliza a ideia do “*self*” que sente, mas não apenas inconscientemente. O trabalho das emoções se apresenta pelo aspecto consciente do indivíduo que produz, ou busca produzir, tais estados emocionais. A autora enfatiza que o relevante a se observar no trabalho ou administração das emoções não é o resultado que a pessoa obteria (podendo haver o êxito desejado ou não), mas o sentido produzido no ato de tentar. O trabalho das emoções está relacionado ao fato de evocar determinados sentimentos desejados, ou suprimir sentimentos indesejados. Enquanto técnica de administração do *self*, o trabalho das emoções demanda um esforço cognitivo, corporal e expressivo por parte do indivíduo.

As culturas projetam e sentem, de diferentes maneiras, o que vem a ser o “amor perfeito”, segundo a autora. Mais uma vez, utilizando a metáfora da reforma protestante, Hochschild (2003, p. 123) afirma que, o que a reforma protestante fez com a hegemonia católica, a revolução sexual e emocional dos últimos 30 anos fez com a ideia do amor romântico. A ideia do amor romântico heterossexual foi confrontada por inúmeras expressões afetivas e formas de relacionamento. Nesse sentido, em meio a uma crise da ideia de amor romântico, os manuais de autoajuda canalizam seu discurso para um padrão heteronormativo de relacionamentos, como se inexistissem outras possibilidades de expressão amorosa.

Hochschild (2003) observa que o declínio do patriarcalismo, no contexto do século

XX, foi acompanhado de uma instrumentalização da ideia de amor e da reciclagem de padrões morais masculinos da década de 1950, que reapareceram adaptados aos valores da chamada mulher moderna. Mais uma vez, os comentários de Castro (2009, p. 113) sobre as ideias de Hochschild:

[o]s *best sellers* atuais convocam as mulheres a uma frieza que era tipicamente esperada da masculinidade há algumas décadas. A saída para os problemas emocionais das mulheres proposta por essa literatura não toca profundamente em desigualdades de gênero e passa mais pela tradução de um código masculino de meados do século XX para mulheres à beira do século XXI.

Aqui é interessante observar o conteúdo de gênero que está subjacente à ideia de mulher moderna que se difunde nos manuais de aconselhamento estadunidenses nos anos de 1970, modelo que caracteriza bastante os manuais que vão se popularizar no Brasil no final do século XX. A ideia de mulher moderna, que se vale de termos centrais do feminismo – tais como “progresso”, “esforço”, “independência”, “igualdade” –, porém abduzindo sua conotação política, se reveste também da retomada de valores masculinos do contexto dos Estados Unidos da década de 1950 (HOCHSCHILD, 2003, p. 26). Nesse sentido, ao analisar o caso brasileiro, é preciso questionar “o que há de novo?” e se esse novo acaba por reforçar os lugares de gênero já existentes.

As indicações de Hochschild interessam tanto no sentido de compreender os valores de gênero que se expressam nos manuais de autoajuda quanto na dimensão concreta que se manifesta no trabalho das emoções e no desenvolvimento de técnicas sobre o “*self*” com vistas a desenvolver determinadas formas de comportamentos ou sentimentos. A adoção da frieza sentimental que Hochschild encontra nos manuais por ela investigados – quando se sugere às leitoras que desenvolvam um comportamento autônomo, pensando prioritariamente em si mesmas, que ponham em prática o desapego sentimental – dialoga, assim, com os manuais publicados no Brasil, apontando para um contexto recente vivenciado por mulheres brasileiras em termos de esfera sentimental, vida profissional, crescente escolarização, etc. Desse modo, a racionalidade na esfera do trabalho, que muitas mulheres já haviam experimentado, aparece agora como demanda na esfera sentimental.

Ao estreitar a análise entre autoajuda e literatura, Illouz e Hochschild se aproximam mais das questões que vêm sendo pesquisadas e identificadas na pesquisa empírica. Deve-se ressaltar, no entanto, que há particularidades nas experiências das leitoras brasileiras

entrevistadas, que merecem ser observadas em diálogo com a literatura que auxilia na introdução teórica das questões aqui discutidas.

## 2.2 ACONSELHAMENTO AFETIVO E CULTURA DE MASSA

Discutir a literatura de aconselhamento em sua relação com a cultura de massa se faz importante para pensar na dimensão que essa última passou a ocupar na construção das identidades individuais ao longo dos séculos XX e XXI, sobretudo nas sociabilidades urbanas. Não interessa, portanto, discutir a difusão dessa literatura a partir de critérios que atestem maior ou menor qualidade enquanto mercadoria produzida; a questão a se discutir são os sentidos históricos existentes na procura dos aconselhamentos sugeridos pelos manuais analisados, bem como os impactos no âmbito da subjetividade que possam ser por eles promovidos. Há aqui o intuito de compreender como a produção de distinções no plano da cultura expressa relações sociais históricas e valores que se formam e buscam consolidar um determinado padrão, tendo a cultura um papel importante de localizar os indivíduos que dela fazem parte.

Conforme Morin (2011, p. 81), a cultura de massa se desenvolveu no contexto estadunidense a partir de 1930, expandindo-se para outras regiões do mundo. O advento da cultura produzida em série, adotando um padrão industrial, expressa um contexto de crescente vida urbanizada, das novas expressões de lazer das massas de trabalhadores dos centros urbanos, da consolidação de uma sociedade de consumo e de novas expressões de individualidade.

Para Adorno e Horkheimer (2006), a produção cultural de massa expressa o ritmo de vida da população situada nos centros urbanos, para a qual tal produção se destina e reflete a maneira como se configura o lazer no modo de vida contemporâneo e os elementos simbólicos que alimentam sonhos e amortecem as rotinas de trabalho, além das projeções de felicidade, por meio dos roteiros de cinema, nos emblemas da publicidade, etc. A presença marcante da indústria cultural no tempo livre das massas urbanas manifesta que há um sistema coerente, capaz de assemelhar a vida laboral à lógica do lazer, seja porque a cultura se industrializa, massifica e se padroniza, seja porque ela retroalimenta as expectativas construídas na vida cotidiana.

Quando a lógica da produção industrial se transportou para o plano da cultura, deu-se origem à cultura de massa, que, por sua vez, é caracteristicamente expansionista, tal como a própria lógica do capitalismo. Assim, é um tipo de cultura que visa a criação de produtos em larga escala, daí seu aspecto popularizado, o que pode ser associado, comumente, a uma democratização em termos de acesso. Ao caracterizar a cultura de massa, afirma Paes (1990, p. 26) que nessa

a originalidade de representação tem importância muito menor. A fim de satisfazer ao maior número possível de seus consumidores, as obras dessa cultura se abstêm de usar recursos de expressão que, por demasiado originais ou pessoais, se afastem do gosto médio, frustrando-lhe as expectativas. Daí que ela se limite, na maioria dos casos, ao uso de recursos de efeito já consagrados, mesmo arriscando-se a banalizá-los pela repetição.

A partir do século XX, pode-se afirmar que a cultura de massa constitui muito fortemente o imaginário dos indivíduos, fornecendo-lhes modelos, padrões, sendo importante considerá-la enquanto mediação na construção de subjetividades e no que Illouz denomina de arquitetura das escolhas.

A cultura de massa se constitui em função das necessidades individuais que emergem. Ela vai fornecer à vida privada as imagens e os modelos que dão forma a suas aspirações. Algumas dessas aspirações não podem se satisfazer nas grandes cidades civilizadas, burocratizadas; nesse caso, a cultura resgata uma evasão por procuração em direção a um universo onde reinam a aventura, o movimento, a ação sem freio, a liberdade, não a liberdade no sentido político do termo, mas a liberdade no sentido individual, afetivo, íntimo, da realização das necessidades ou instintos inibidos ou proibidos. Mas sobre um outro plano as imagens se aproximam do real, os ideais tornam-se modelos, que incitam a uma certa práxis... Um gigantesco impulso do imaginário em direção ao real tende a propor mitos de autorrealização, heróis modelos, uma ideologia e receitas práticas para a vida privada. [...] E é porque a cultura de massa se torna o grande fornecedor dos mitos condutores do lazer, da felicidade, do amor, que nós podemos compreender o movimento que a impulsiona, não só do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real. Ela não é só evasão, ela é ao mesmo tempo, e contraditoriamente, integração (MORIN, 2011, p. 82).

A criação de um público feminino foi constituída desde as primeiras formas de texto impresso em grande escala. Os romances de folhetins criaram um público periódico, embalado pelas narrativas seriadas, interrompidas a cada edição de jornal, alimentando a expectativa dos leitores. Embora possam ser observadas mudanças nos valores e padrões propagados pelos meios da cultura de massa, permanecem elementos da ideia de feminino, geralmente associados a romance, sentimentalismo.

Os romances de folhetim atuaram na formação de um público leitor feminino constituído por uma certa camada de mulheres com acesso à instrução, a princípio no contexto europeu, mas também em menor escala no Brasil, já no século XIX, quando do cenário cultural do romantismo literário que aqui se manifestara.

Conforme Paes (1990), a literatura de entretenimento que, a princípio, foi representada pela imprensa, reuniu um progressivo público composto pelas camadas urbanas e pelos novos leitores que adquiriam acesso à instrução (proletários, camponeses) ao longo do século XIX. No mesmo período histórico, o Brasil também conheceu os romances de folhetim, com a chegada da família real portuguesa, embora com público mais restrito, se comparado ao contexto europeu de então. O contexto político aqui vivenciado dotava o romance de outras conotações, por vezes favorecendo a construção de uma simbologia nacionalista em um território ainda estranho à independência política. Mais uma vez, segundo Paes (1990), dada a configuração cultural existente no Brasil da época, a literatura de entretenimento se insere sem haver, por parte do leitor comum, a necessidade de distinção entre caráter de entretenimento ou erudito. É interessante observar que o romantismo produzido no contexto cria suas representações da mulher brasileira, expressando padrões de gênero, seja pela construção mítica da mulher indígena idealizada – já que os centros urbanos brasileiros da época estavam povoados principalmente por descendentes de europeus ou africanos –, seja pelos amores narrados que retratavam o padrão das camadas da elite brasileira.

O folhetim, conforme Sodré (1985, p. 10), institui o romance publicado no rodapé dos jornais, vendidos a preço baixo e com grande tiragem. No entendimento do autor, aí está o germen da moderna indústria cultural: “uma literatura não legitimada pela escola ou por instituições acadêmicas, mas pelo próprio jogo de mercado” (SODRÉ, 1985, p. 11).

A produção brasileira de folhetins apresentava particularidades relacionadas à dependência internacional para se produzir livros. De acordo com Sodré (1985, p. 12), vários romances brasileiros foram publicados em jornais, não porque tivessem um caráter folhetinesco, mas por conta dos altos custos de impressão dos livros, geralmente produzidos em Lisboa, Porto ou Paris. Nesse sentido, afirma o autor, o jornal era uma solução viável.

A lacuna da existência de um mercado editorial brasileiro vai se perpetuar até o final do século XX, pois é na década de 1970, segundo Borelli (1996), que o ramo adquire solidez e expressão no país. Tal quadro seria decorrente da ausência de uma literatura nacional capaz

de se massificar e se firmar como mercado cultural, da fragilidade da constituição de um público leitor brasileiro, e pela presença hegemônica do livro estrangeiro, na ausência do seu “concorrente” nacional, o que Zilberman (1984, p. 20) vai denominar de imperialismo cultural.

A respeito da caracterização da literatura de massa, Sodré (1985) aponta que essa apresenta uma poderosa capacidade de estímulo à leitura, pois alimenta a curiosidade do leitor; se vale da verossimilhança, ao dotar seus enredos de critérios que objetivam a projeção do leitor nas personagens narradas. Nas palavras de Sodré (1985, p. 24): “hoje, como no passado, o leitor projeta-se nas aventuras heroicas, dando vazão ao seu desejo de potência, de aproximar-se dos deuses, e de poder, como o herói, escapar às leis do cotidiano”. Esse ponto parece importante para estabelecer uma relação com a literatura de autoajuda direcionada às mulheres. Seus enredos tomam a vida cotidiana como foco da narrativa. E é justamente na busca de desvendar “quais erros cometem” as leitoras que o livro ganha legitimidade. A linguagem em tom de diálogo com a leitora e os exemplos utilizados pelos autores privilegiam a narrativa do “eu” que lê. O aspecto romântico, nesse sentido, não é sublimado através do êxito da personagem que tem um final feliz; ele deve ser equacionado após a leitora seguir os passos recomendados pelos autores dos manuais.

Embora falar sobre a cultura de massa signifique se reportar a um universo bem mais amplo de meios, aqui a ênfase é dada à literatura de aconselhamento, por se tratar do foco da pesquisa. Conforme já mencionado, a junção de diferentes influências originou o manual de aconselhamento no formato contemporâneo, que reúne sugestões referentes ao âmbito afetivo, porém em um contexto de maior grau de individualização, incluindo o aspecto das escolhas. Através de diferentes meios de divulgar suas mensagens, a cultura de massa vai se constituindo como uma fonte de aconselhamento em vários setores da vida, sendo o manual de aconselhamento afetivo uma de suas variantes.

Nessa oceânica e multiforme simpatia, o novo curso persegue seu ímpeto, além do imaginário, além da informação, propondo conselhos de saber viver.

Através dos conselhos de amor e de vida privada (correio amoroso), dos conselhos de higiene (em que se misturam a preocupação estética e a preocupação da saúde, a vitamina e a juventude do corpo, as defesas contra o câncer e as defesas contra a velhice), destaca-se sobretudo um tipo ideal de homem e de mulher, sempre são, jovens, belos, sedutores. [...]

A cultura de massa [...] desenvolve no imaginário e na informação romanceada os temas da felicidade pessoal, do amor, da sedução. A publicidade propõe os produtos que asseguram bem-estar, conforto, libertação pessoal, *standing*, prestígio, e também sedução (MORIN, 2011, pp. 96-97).

O amor é o tema mais virulento da cultura de massa, afirma Morin (2011, p. 124). Em seus diversos formatos, o tema do amor aparece como emblema da felicidade em uma sociedade de consumo, alimentando o entretenimento nas horas de lazer dos indivíduos das camadas urbanas, mas também fornecendo modelos nos quais possam se espelhar. Desde os romances de folhetins, o amor converte-se em tema feminilizado, e as diversas narrativas da cultura de massa concorrem para sinalizar um final feliz simbolizado pela união afetiva de um homem e uma mulher. A cultura de massa assume uma posição de relevo na construção de um ideal de felicidade, considerando principalmente que no século XX as promessas civilizatórias da sociedade capitalista dão sinais de fracasso e o âmbito do consumo ocupa progressivamente o lugar da autorrealização.

*O happy end é uma eternização de um momento de ventura em que se encontram enaltecidos um amplexo, um casamento, uma vitória, uma libertação. Ele não se abre na continuidade temporal do “eles foram felizes e tiveram muitos filhos”, mas, sim, dissolve passado e futuro no presente da intensidade feliz. Esse tema projetivo corresponde idealmente ao hedonismo do presente desenvolvido pela civilização contemporânea. [...]*

*A felicidade moderna é partilhada pela alternativa entre a prioridade dos valores afetivos e a prioridade dos valores materiais, a prioridade do ser e a prioridade do ter, e ao mesmo tempo faz força para superá-la, para conciliar o ser e o ter. A concepção da felicidade, que é a da cultura de massa, não pode ser reduzida ao hedonismo do bem-estar, pois, pelo contrário, leva alimentos para as grandes fomes da alma, mas pode ser considerada consumidora, no sentido mais amplo do termo, isto é, que incita não só a consumir os produtos, mas a consumir a própria vida (MORIN, 2011, pp. 120-122).*

Para compreender os elementos pertencentes à chamada estrutura da catexia, no contexto aqui estudado, foi necessário observar como a construção social do amor se relaciona com várias fontes de influência. Os argumentos de Illouz apontam para a fusão cultural que origina e sustenta a difusão da literatura de aconselhamento. Considerando tais questões como repertórios culturais de uma época, é possível apreender a força que possuem os manuais enquanto fonte de decisão das escolhas. Os vários fatores observados em conjunto formam um padrão de vínculo afetivo. Não por acaso, a temática dos relacionamentos amorosos – e seus dilemas – é um tema recorrente da cultura de massa. Seria improvável pensar, na contemporaneidade, que indivíduos pertencentes ao universo urbano não tenham, em alguma medida, influências dos produtos da cultura de massa como constituintes da sua subjetividade. Com o tema do amor ocorre algo semelhante. Através do cinema, televisão,

revistas, *internet*, aplicativos digitais, se proliferam os modelos que indicam parâmetros de felicidade amorosa. Nas palavras de Morin (2011, p. 130): “o amor da cultura de massa busca seus conteúdos na vida e nas necessidades reais (individualismo privado moderno) e lhes fornece seus modelos”.

Embora seja possível afirmar que as concepções sobre uniões afetivas sejam bem mais heterogêneas na atualidade, há um padrão hegemônico heterossexual, que figura na cultura de massa, mas sobrevive para além dela; é reforçado pelo conjunto das instituições. É o que Connell denomina de ordem de gênero. O modelo afetivo sugerido nos manuais, nesse sentido, encontra reforço nos padrões de gênero hegemônicos, que buscam se reforçar no plano do discurso do aconselhamento, à revelia de – e na maioria das vezes silenciando – outras possibilidades de relacionamentos afetivos. Trata-se de um padrão de relações de gênero que se associa a determinadas relações políticas e econômicas, reforçando-se reciprocamente.

Considerando o argumento acima, vale mencionar, uma vez mais, algumas afirmações de Morin (2011) sobre a relação entre cultura de massa e a difusão de padrões que estimulam um modo de ser feminino. Os temas que a cultura de massa adota como femininos conduzem a determinadas posições sociais, construindo um imaginário que é constituinte das narrativas culturais veiculadas, bem como das relações de gênero a elas relacionadas.

Os dois grandes temas da imprensa feminina, de um lado, a casa, o bem-estar, e de outro, a sedução, o amor, são, de fato, os dois grandes temas identificadores da cultura de massa, mas é na imprensa feminina que esses temas se comunicam estreitamente com a vida prática: conselhos, receitas, figurinos-modelos, bons endereços, correio sentimental orientam e guiam o saber-viver cotidiano (MORIN, 2011, p. 136).

Morin (2011, p. 140) também observa que a concepção de mulher moderna propagada pela cultura de massa opera uma síntese entre imperativos: “seduzir, amar e viver confortavelmente”. A imagem de mulher emancipada, segundo o autor, se constrói sem abandonar as funções de sedutora e doméstica; no lugar de feminismo, a feminilidade como marca associada às mulheres.

Até aqui, há uma caracterização mais geral de como a cultura de massa auxilia na constituição das subjetividades femininas, fornecendo modelos que contribuem para aquilo que Butler denomina de performatividade do gênero. No caso dos manuais estudados na pesquisa, tal performatividade pode ser verificada nos aconselhamentos que sugerem que

“uma mulher deve agir assim”. Ao traçar um exame histórico no interior do próprio desenvolvimento da cultura de massa direcionada ao público feminino, é possível observar que vários padrões se estabelecem ao longo do tempo e todos eles buscam naturalizar tais imagens de masculino ou feminino.

Por fim, é interessante observar que as imagens construídas e difundidas pela cultura de massa comumente produzem ideais situados no âmbito privado, em que a autorrealização se constitui a partir do êxito dos objetivos individuais. Num universo no qual o consumo tem lugar privilegiado nas mediações sociais, a constituição de identidades cria imaginários de autorrealização associados ao sucesso individual (inclusive no âmbito afetivo) – algo diferente de um processo mediado pelos processos políticos, que requerem identificações coletivas no plano dos direitos. Nesse sentido, poder-se-ia retomar a afirmação de Morin quando diz que a cultura de massa sugere a feminilidade, em contraponto do feminismo. Conforme será observado no capítulo de análise dos manuais, os livros apresentam imagens de mulheres consideradas modernas, porém estabelecendo um limite, que as diferencia das feministas, visto que o feminismo, de acordo com essas narrativas, excederia supostas disposições naturais femininas.

### 2.3 ACONSELHAMENTOS À BRASILEIRA

Para pensar a historicidade da produção cultural de aconselhamentos no contexto brasileiro, recorreu-se a algumas fontes de pesquisas que estudaram discursos direcionados a mulheres, no plano afetivo ou conjugal com o intuito de observar particularidades históricas que caracterizam as suas experiências cotidianas. Não se trata de refazer todo o histórico relativo à prática de aconselhamento afetivo no Brasil, mas observar determinadas tendências culturais que prevaleceram em diferentes épocas. Esse aspecto é importante para destacar o caráter histórico e dinâmico das relações de gênero e seu vínculo com os aconselhamentos afetivos sugeridos às mulheres.

Observando diferentes períodos históricos brasileiros, pode-se notar que o universo da vida privada é um elemento constante nas narrativas. Mudam-se as instituições que formulam o conteúdo dos aconselhamentos, bem como os valores estimulados, mas permanece uma associação entre a imagem da mulher e a vida privada. Seja num contexto

colonial, em que a instituição da igreja atua fortemente na elaboração de códigos morais para as mulheres, seja em um contexto urbano contemporâneo, em que atuam os especialistas nos relacionamentos afetivos, se encontra facilmente a sugestão de um ideal feminino que, mesmo ocupando espaços na vida pública, responde pelos assuntos referentes à vida privada. A associação das características emotivas como traço feminino estende-se às tarefas domésticas, pois os deveres de cuidado no âmbito privado são considerados parte das obrigações “da boa mãe/esposa/mulher”.

O sentimento amoroso transita entre diferentes discursos, sendo associado à doença, conforme formulação da medicina a partir do século XIX, passando posteriormente para os especialistas *psi*, que o transformam em questão de ordem psicológica.

A dinâmica histórica também permite observar mudanças de valores e padrões, e os discursos de aconselhamentos ajudam a expressar tais processos de transformações socioculturais. A maneira como as mudanças são assimiladas e veiculadas também é um aspecto importante a se considerar na análise dos padrões sugeridos.

Del Priore (2006), em estudo sobre o desenvolvimento histórico do sentimento amoroso no Brasil desde os tempos de colonização, observa as particularidades decorrentes das influências culturais e relações de poder constituintes de tais processos. A instituição da igreja católica atuou fortemente na construção do imaginário amoroso dos primeiros séculos de colonização, buscando disciplinar corpos e subjetividades segundo seu padrão moral.

O que sabemos é que, apesar do analfabetismo, uma crescente maré de catecismos, diretórios confessionais e prontuários morais vindos da metrópole tentavam regular cuidadosamente a vida conjugal por meio da obediência, da paciência e da fidelidade: “O marido é a cabeça da mulher, e os membros devem acomodar o mal da cabeça se o há”, insiste um desses manuais. Entensão orgânica da vontade masculina, da razão do esposo, cabia à mulher obediente acudir-lhe os males, os desmandos e desvarios. É óbvio que entre os “membros” e a “cabeça”, os sentimentos que homem e mulher se dedicavam eram desiguais. “A mulher deve amar seu marido com respeito, e o marido deve amá-la com ternura”. Por quê? “Porque o sexo pede”.

A mulher seria, portanto, provedora e recebedora de um amor que não inspirasse senão a ordem familiar. [...] (DEL PRIORE, 2006, p. 28).

Entre os documentos históricos mencionados por Del Priore (2006), há uma *Carta de guia de casados*, datada do século XVII, escrita por D. Francisco Manoel, “soldado, diplomata, viajante e cortesão”, que apresentava padrões baseados na moral cristã. Dentre os conselhos dados aos casais, encontramos:

[p]rovemos a ver se será possível dar alguma regra ao amor; ao amor, que soe ser a principal causa de fazer os casados malcasados, umas vezes porque falta, e outras porque sobeja. [...] Ame-se a mulher, mas de tal sorte que se não perca por ela seu marido. Aquele amor cego fique para as damas; e para as mulheres o amor com vista. Ou cure os olhos que tem ou os peça emprestado ao entendimento desses que lhe sobejam. [...] Donde infiro que o amor se produz do trato, familiaridade e fé dos casados, para ser seguro e excelente, em nada depende de outro amor que se produziu no desejo do apetite e desordem dos que se amarão antes desconsertadamente (apud DEL PRIORE, 2006, p. 35).

Baseado em justificativas culturais da época, o amor considerado desmedido não é requerido como fundamental para a constituição da conjugalidade. O “amor com vista”, sugerido aos maridos, confere o lugar de autoridade masculina nas relações afetivas dos tempos coloniais, sendo reservado à mulher, como lembra Del Priore (2006, p. 36), o lugar do erro e da culpa pelos danos no casamento. Segundo a autora, a construção das identidades amorosas no Brasil foi fortemente influenciada por normas enunciadas pela igreja e, posteriormente, pelo nascente discurso da ciência médica moderna. De pecado a doença física, o imaginário amoroso é construído pelos discursos das instituições, expressando relações de poder e tentativas de controles dos corpos e sentimentos.

Apesar da educação, da fé religiosa, de medo de castigos, a razão não conseguia, muitas vezes, controlar o calor proveniente do coração. E as pessoas, carentes da necessária racionalidade, sofriam por não colocar as decisões do tal coração nos limites adequados. Todos os excessos, portanto, deviam ser evitados, contornados, amestrados. Sem o controle de suas paixões, homens e mulheres estariam perdidos. É, pois, o sentimento fora de controle, resultando em erotismo desenfreado, que consolida a ideia do amor como enfermidade (DEL PRIORE, 2006, p. 96).

O amor, interpretado pelas ciências médicas, vai se localizando pelo corpo e seus excessos compreendidos como patologias. Diferentes discursos estabelecem a medida do amor, através de uma crescente racionalização ao abordar a esfera dos sentimentos. O amor entendido como causador de doenças está presente no passado histórico brasileiro, antecedendo as explicações psicológicas, configurando a arquitetura das escolhas dos tempos coloniais. De acordo com as afirmações de Del Priore (2006, p. 99),

[a] patologia do amor se refinará no século XIX quando uma longa série de doenças lhe é atribuída. “Há poucos médicos” — explicava o doutor Mello Moraes — “que não tenham tido a ocasião de patentear um amor oculto que roa o coração de um de seus doentes”. E após louvar o “amor feliz” do matrimônio que não é movido pelo desejo carnal, passa a relacionar o conjunto de males provocado pelo sexo, relatando o que chama de “febre ardente dos esfalfados”: “uma doença que sobrevém de repente aqueles que cometem excessos venéreos; a pele fica seca e ardente, o pulso, umas vezes cheia outros pequeno, urinas vermelhas, há congestão e palidez na face,

náusea, vômito e delírio. Esta doença pode causar morte rápida”.

É também no século XIX que a imprensa feminina se estabelece no Brasil e, segundo Del Priore (2006, p. 78), é quando o amor escrito invade as casas. Uma escrita que estimula e reforça modelos considerados femininos, bem como modos de agir esperados socialmente. Ao longo do século XX, a chamada imprensa feminina se consolida como um produto cultural consumido por milhares de mulheres, sobretudo nas sociabilidades urbanas, nas quais os ritmos de vida requerem escolhas individuais nem sempre mediadas por mecanismos tradicionais de decisões.

Analisando a presença da literatura no imaginário amoroso brasileiro a partir do século XIX, Del Priore afirma:

[a]s coisas só começam a mudar e, mesmo assim, de forma muito arrastada, no século XIX. Pouco a pouco, a diferença entre amor fora e dentro do casamento diluiu-se, pelo menos no imaginário das pessoas letradas. Um ideal de casamento se impõe, em ritmos diferentes, para os diversos grupos da sociedade. Por meio desse ideal, importado da Europa via literatura, o erotismo extraconjugal deveria entrar no casamento afugentando a reserva tradicional. Nesse ideal, passa a existir um único amor, o amor-paixão, enquanto as características que retardavam o triunfo do amor, feito de sentimento e sexualidade, começam a ser postas em xeque. A sociedade começava, daí em diante, a aproximar as duas formas de amor tradicionalmente opostas. Mas não há dúvidas de que o cristianismo e seu monopólio espiritual influenciaram ainda por muito tempo o princípio de que o amor carnal deveria ser sublimado. Sublimado, anulado e substituído, de preferência, pelo amor a Deus. Ou, melhor ainda, pelos negócios (DEL PRIORE, 2006, p. 108).

O romantismo na literatura contribuiu, no contexto brasileiro, para a construção da ideia de escolha amorosa. Observando a presença da literatura romântica na formação de um ideal amoroso no Brasil, ao longo do século XIX, D’Incao (2002, p. 234) faz as seguintes considerações:

[o] período romântico da literatura brasileira, especialmente a literatura urbana, apresenta o amor como um estado da alma; toda a produção de Joaquim Manoel de Macedo e parte da de José de Alencar comprovam isso. No romantismo são propostos sentimentos novos, em que a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. A escolha, porém, é feita dentro do quadro de proibições da época, à distância e sem os beliscões. Ama-se, porque todo o período romântico ama. Ama-se o amor e não propriamente as pessoas. Apaixona-se, por exemplo, por uma moça que seria a dona de um pezinho que, por sua vez, é o dono de um sapato encontrado. O amor parece ser uma epidemia. Uma vez contaminadas, as pessoas passam a suspirar e a sofrer ao desempenhar o papel de apaixonados. Tudo em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ama-se, então, um conjunto de ideias sobre o amor.

No romance realista, mais ao final do século XIX, Machado de Assis antecipa em mais de cem anos a problemática das escolhas amorosas mediadas pelos dilemas concretos vivenciados pelas personagens. Em um trecho do romance *Iaiá Garcia*, de 1892, um diálogo entre Jorge e Iaiá apresenta uma concepção do amor mediada pela racionalidade das escolhas, em contraste com o ideal do “amor que tudo supera” constitutivo do romantismo brasileiro. As personagens caracterizadas pelos traços da personalidade, aspecto constante das narrativas de Machado de Assis, também antecipam a cultura terapêutica que se consolidará no contexto brasileiro tempos depois. No diálogo entre Jorge e Iaiá, há a sugestão do “amor de olhos abertos”, aquele que não cria expectativas românticas ou ilusões:

— Não tente a minha vaidade, interrompeu Iaiá; prefiro que me dê um bom conselho.

— Dou-lhe um, disse Jorge depois de curta pausa; resista um pouco a essas sensações, cujo excesso pode perturbar-lhe a existência. Não é só o coração que lhe fala, é também a imaginação, e a imaginação, se é boa amiga, tem seus dias de infidelidade. Dê um pouco de poesia à vida, mas não caia no romanesco; o romanesco é pérfido. Eu, que lhe falo, lastimo não ter já essa ordem de sentimentos em flor, e contudo não sei se ganharia com eles.

— Quê! Não seria capaz de amar?

— Meu coração não envelheceu ainda.

— Entendo; amaria hoje de outro modo...

— De outro modo, e tão sinceramente como dantes; um amor de olhos abertos.

— Penso que o amor verdadeiro, ou ao menos o melhor, é o que não vê nada em volta de si, e caminha direito, resoluto e feliz aonde o leva o coração. Para que servem os olhos abertos?

— A senhora quer saber muita coisa, disse Jorge sorrindo. Não basta que o coração lhe diga: ame a este; é preciso que os olhos aprovelem a escolha do coração. Admirase? Ouça-me até o fim; eu desejo preservá-la de alguma escolha má. Eleja um marido digno, um espírito que a entenda, que a admire, um homem que a possa honrar; não se deixe levar dos primeiros olhos que pareçam responder aos seus...

Iaiá abaixou a cabeça.

— Não acharei nenhum, disse ela; eu creio que este amor morrerá comigo...

Essa mesma sugestão para que a personagem Iaiá não ame com o coração e sim com a cabeça, ou com os olhos, se tornará o imperativo dos manuais de aconselhamento difundidos no final do século XX no Brasil. O amor é concebido como objeto de escolha, mas não uma escolha guiada simplesmente pelos sentimentos, é preciso “ser preservada da má escolha”. O olhar analítico minucioso sobre o ser amoroso que se escolhe se refinará ao longo do século XX, quando se sugere que o amor é assunto da esfera racional. Com isso, o gerenciamento emocional entra para as narrativas de aconselhamento como uma demanda prática feminina.

Buitoni (2009), que analisou os padrões veiculados pela imprensa feminina ao longo

de um século, caracteriza o perfil de interlocução utilizado por esses veículos para se dirigir ao público de leitoras. A autora observa algumas continuidades presentes na imprensa feminina, que se relacionam com as imagens sobre a mulher construídas socialmente.

Vós, tu, você: o texto na imprensa feminina sempre vai procurar dirigir-se à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as ideias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há defesa. A razão não se arma para uma conversa de amiga. Nem é preciso raciocinar argumentos complicados: as coisas parecem que sempre foram assim (BUITONI, 2009, p. 191).

As análises e exemplos oferecidos pelas pesquisadoras nos ajudam a pensar a estrutura da catexia através de um processo histórico. As relações sociais, estruturadas por concepções de gênero, direcionam desejos e modelos de conjugalidade, configurando, ao longo do tempo, ideais de emoções. Os manuais de aconselhamento estudados nessa pesquisa, difundidos em um contexto de *ethos* terapêutico, constituem-se como formas particulares de um processo histórico mais amplo do imaginário amoroso brasileiro. As imagens femininas e masculinas, bem como os meios de expressar ou inibir os sentimentos, nos conduzem à construção das particularidades brasileiras, estabelecidas a partir de um processo de colonização que comumente revela suas marcas culturais, mesmo em contextos mais recentes.

Um aspecto identificado nos manuais de autoajuda que também é recorrente na imprensa feminina é seu caráter normativo. As “receitas” para amar, viver feliz, escolher um parceiro conjugal, são temas recorrentes nessas publicações, reforçando uma associação entre feminino e âmbito emocional, concepção bastante atual quando analisamos os manuais selecionados na pesquisa e o público de leitoras entrevistadas. Nas palavras de Buitoni (2009, p. 192),

[à] semelhança das receitas de culinária, que mandam misturar ovos e farinha, sempre no imperativo, as matérias de moda, beleza, decoração etc. não passam de receituário que usam o mesmo modo verbal, dando as diretrizes para ser bonita, bem-vestida e morar bem. Tudo vira receita de como se deve fazer para ser o modelo de mulher apresentado.

As revistas femininas constituem-se como guias de consulta, ao longo do século XX, fornecendo modelos de condutas para várias gerações de mulheres. Em um estudo que analisa cerca de cinco décadas de publicações de uma das revistas femininas de maior expressão no Brasil, a Revista Capricho, Miguel (2005) identifica padrões sugeridos às mulheres, indo dos

modelos das mulheres casadas nos anos 1950 até as adolescentes dos anos 2000. A partir da exposição de Miguel (2005), é possível observar como a revista vai se reportando, progressivamente, a faixas etárias mais novas do público feminino, em parte acompanhando mudanças culturais ocorridas nos centros urbanos brasileiros, em parte fornecendo estereótipos sobre como deve agir uma mulher em diversas situações, sobretudo as amorosas. Outro aspecto que se consolida no século XX é o discurso de aconselhamento com caráter terapêutico. As revistas femininas criam seções, protagonizadas por especialistas em relacionamentos afetivos, destinadas a aconselhar suas leitoras.

Uma característica marcante da imprensa feminina é seu cunho de imprensa sentimental. Esta mídia desenvolve uma função psicoterápica buscando, através de seções como correio sentimental, fotonovelas, contos e artigos psicológicos; aliviar e confortar suas leitoras. As revistas femininas passam a ser companheiras, amigas das mulheres, dialogando com elas sobre problemas cotidianos (MIGUEL, 2005, p. 49).

Para fins de visualização dos aconselhamentos e seus modelos sugeridos pela revista *Capricho*, conforme os achados de pesquisa de Miguel (2005), sintetizamos alguns trechos, situados de acordo com as décadas em que foram publicados:

a) Anos 50: “[o modelo da] Moreninha sem esperança \* [descrito como:] Procure esclarecer o mistério escrevendo-lhe. Estamos no século vinte, minha filha! Agora ninguém fica se mortificando fazendo suposições; é ‘pão pão, queijo queijo’ (...) Nada de paixão recolhida. Você é muito boazinha, conscienciosa, tem personalidade atrativa, a vida vai lhe sorrir deliciosamente” (p. 96); “Rosita: casada há 12 anos, 3 filhos, marido chega tarde, às vezes de madrugada. ‘Estou farta dessa vida!’\* Falar com o marido sobre o assunto, mas com calma, dizendo que o ama. ‘Não faça cenas. Peça-lhe que pelo menos uma vez por semana fique com você. Cuide para que a casa esteja sempre bem arrumada, os filhos sempre limpinhos e você, arrume-se também para ficar mais bonita”” (p. 98);

b) Anos 60: “Olhos verdes tristes: era viúva, casou-se de novo com separação de bens, trabalha e ganha razoavelmente. \* ‘Se seu marido não quer que você trabalhe, seria melhor satisfazê-lo, minha amiga. O amor de seu marido e a paz do seu lar, são mais importantes que seu ordenado, não acha? Entre num entendimento com ele, sobre uma mesada para você, para suas despesas particulares. Foi uma sorte ter arranjado tão bom esposo, Olhos verdes, trate de conservá-lo. (...) Sobre a separação de bens, seria interessante se seu marido comprasse uma casa em seu nome, para que você não fique ao desamparo e

sem seu emprego, caso venha a acontecer qualquer coisa a ele’.” (p. 101);

c) Anos 70: “À procura de um novo amor” – Evange (BA) Terminaram há seis anos, mas não o esquece. Ele está de casamento marcado e ela desesperada com medo de ficar para titia. \* “Isso de medo de ficar para titia não se usa mais, Evange! As moças de hoje em dia podem ter independência, vida própria, e o casamento só se justifica quando aparece alguém que a gente ame e que nos retribua esse amor”;

d) Anos 80: “Ando preocupada com meu namorado porque, ao invés do seu pênis ficar ereto com minhas carícias, ele tem diminuído. O que será? Como possa ajudá-lo? – Ludmila (RJ) \* Ele pode estar tendo um problema psicológico. Há casos de traumas devido a um insucesso ou problemas de criação. A melhor maneira de ajudá-lo é aconselhando-o a procurar um psicólogo” (pp. 111-112). “Minha mãe diz que eu vou aprender a amá-lo. Estou grilada. Será que sou normal? \* A questão que você traz é muito comum, Guta. Sua preocupação demonstra uma vontade de mudar a situação, o que é muito positivo. (...) Não conseguir se excitar sexualmente e não saber amar são dois aspectos do mesmo problema. (...) Será que aí dentro de você não existe um medo inconsciente de se entregar e de sofrer uma decepção? (...) Lembre-se que a pessoa que está ao seu lado deve merecer sua confiança, saber ouvir seus problemas. Seja sincera” (p. 113);

e) Anos 90: “Vestindo a camisinha. – C.A.N. 14 anos (MG) Como a camisinha deve ser usada? [O médico fornece todas as informações a respeito do uso da camisinha: como abrir a embalagem, como colocá-la no pênis, validade...] (p. 115)”; “Vibração segura” – A.L. 14 anos (RS) Posso perder a virgindade se eu me masturbar com um vibrador? \* Sim, mas só se o vibrador for introduzido dentro da vagina. Mesmo assim nem sempre a menina perde a virgindade, porque ela pode ter o hímen elástico ou o aparelho pode ser pequeno. (“Sem dúvida – sexo”)” (p. 118); “Sem lamentações – Marina Teófilo de Souza 15 anos (SP) Namorei dois anos e meio, dos 12 aos 15 anos, e só não transei com o menino porque a gente ficava sempre naquele vai-e-volta. Como as pessoas encaram isso? \* Minha opinião é que o momento certo é quando se atinge um relacionamento estável, com um menino que você sabe que não vai abrir tudo para a turma, em quem você confie. E não com aquele cara lindo e experiente. (...) Quanto mais romântico for o menino e a situação, melhor. Afinal, sexo acontece de qualquer forma, mas a primeira vez é a primeira vez. (...) O que não dá é para depois se lamentar. “Caramba, terminou meu namoro e minha virgindade foi embora.” (“Conversa sem vergonha”)” (p. 118);

f) Anos 2000: “Opinião das meninas (entre 15 e 20 anos): “Algumas meninas confundem atitude com vulgaridade”. “As meninas estão atiradas, agarram mesmo. Muito vulgar. Não tenho nada contra chegar e conversar, mas costumo ser mais difícil”. “Não sou contra quem corre atrás do que quer. O problema é que às vezes há um excesso de vulgaridade. Agora, tem cara que gosta de menina vulgar” (p. 129);

Embora se considere que o discurso da revista é uma das possibilidades da imprensa feminina, os exemplos identificados por Miguel (2005) ajudam a problematizar algumas questões dessa pesquisa e observar as transformações de padrões ao longo das décadas. Esse aspecto é importante também para considerar as experiências femininas vivenciadas pelas mães das leitoras entrevistadas nessa pesquisa, geralmente mencionadas como portadoras de valores considerados mais tradicionais. Por meio dos exemplos mencionados acima, é possível observar indicadores de mudanças culturais. Nos anos 1950, a dimensão da vida doméstica é fortemente abordada pela revista, se dirigindo a um perfil de mulher dona de casa. A defesa da conjugalidade, forte marca dos aconselhamentos, só é contrabalançada na década de 1970, quando um perfil de mulher com mais autonomia amorosa começa a aparecer nos exemplos. Os anos 1980 são bastante emblemáticos por sinalizarem a presença do discurso psicológico no âmbito amoroso e a sexualidade como uma questão presente nos relacionamentos, além de ser a década pós-ditadura militar, em que o Brasil estava vivenciando várias formas de expressão de liberdades, dentre elas as afetivas. A década de 90 evidencia o discurso da sexualidade associado aos conceitos das ciências sexuais contemporâneas, prevalecendo uma lógica das experiências sexuais relacionadas à prevenção de doenças. Uma das seções destinadas a responder dúvidas de leitores recebia o nome de “O dr. Responde” para falar de sexualidade. Do excesso de amor que causa enfermidades, chega-se, então, à sexualidade que causa doenças. A moralidade também vai se constituindo nas práticas sexuais. À leitora adolescente sugere-se que pense bem antes de perder a virgindade, “para evitar arrependimentos”. A partir dos anos 2000, os discursos da revista, abordando um público feminino adolescente, tratam dos dilemas das novas liberdades vivenciadas, ficando notável a carga de moralidade no que diz respeito à sexualidade feminina, estabelecendo limites para uma vida sexual aceitável. Com o mesmo tom de diálogo amigável, a revista participa da constituição de identidades femininas ao longo de décadas, acompanhando mudanças culturais, mas também resguardando lugares e modelos que se padronizam a cada época.

No estudo sobre a imprensa feminina, Buitoni (2009, pp. 200-201) faz uma síntese do imaginário construído ao longo das décadas no século XX sobre as mulheres:

1900 – a mulher é o oásis no deserto (e várias comparações semelhantes);  
1910 – a mulher é a mãe que sofreu com a guerra;  
1920 – a nova mulher é sacerdotisa da beleza;  
1940 – a mulher é um dos tipos psicológicos personificados por artistas de cinema;  
1950 – a mulher é esperta o bastante para não ofuscar ou cansar o namorado;  
1960 – a mulher é a dona de casa que começa a descobrir sua insatisfação;  
1970 – a mulher é a garota livre que passa um dia de chuva com o amado;  
1980 – a mulher é a adolescente que escreve sobre o seu dia a dia/ a mulher tem de seguir modelos de beleza;  
1990 – a menina tem de se proteger na transa/ a mulher sexy sabe sugerir o uso de camisinha.

Os últimos 30 anos de padrões ou aconselhamentos veiculados não só pela imprensa feminina, mas por toda ordem de produtos culturais desenvolvidos para esse público (programas de televisão, cinema, *internet*, etc.), são os que mais interessam para pensar nas experiências do público de leitoras entrevistadas na presente pesquisa. Com faixa etária variando entre 18 a 41 anos, todas elas vivenciaram a abertura e ocupação de espaços sociais para mulheres, a experimentação de liberdades sexuais, impactos do legado feminista na vida cotidiana e demais aspectos incorporados a partir de suas trajetórias, muitas vezes em contraste com os parâmetros recebidos na formação familiar.

É sob a batuta do casamento por amor que se assiste, na segunda metade do século XX, a uma série de transformações. Transformações estas que afetaram principalmente as mulheres. Os anos 1960 marcam o início de significativas mudanças que se refletiram na situação social e familiar das mulheres. Muitas destas mudanças estão associadas aos movimentos feministas que proporcionaram, dentre outras conquistas, a politização da sexualidade e a possibilidade de perceber os seres humanos em seus diversos matizes e singularidades. No rol das mudanças, é possível citar o aumento de escolaridade entre as mulheres e o crescimento da participação destas no mercado de trabalho (MIGUEL, 2005, p. 40).

Da figura da mulher com destino certo para o casamento, passando pela esposa e dona de casa que povoa o imaginário de décadas passadas, também pelas mulheres vivenciando liberdades sexuais negadas às gerações anteriores, chega-se à construção da figura da mulher solteira, imagem contemporânea das temáticas ditas femininas e amorosas, que prioriza sua formação educacional e carreira profissional, mas que cultiva – ou é estimulada a cultivar – o horizonte de um casamento e constituição de uma família. “Disso decorre que as positivities de estar solteira (sem par) são acentuadas como marcas de

diferenciação típicas de uma condição ou estatuto social provisório – ‘enquanto o príncipe encantado não chega’” (GONÇALVES, 2011, p. 167).

Essa imagem, que será apresentada como a figura da mulher moderna, convive entre o passado das mulheres “Amélias” e os “excessos” do padrão feminista. A figura da mulher moderna mescla referências tradicionais e feministas, negando das primeiras as privações vivenciadas pelas mulheres, sobretudo no âmbito profissional, e negando das segundas os questionamentos mais profundos sobre os lugares de gênero. A figura da mulher moderna “está” solteira, porque teria priorizado outros aspectos da sua vida, ou porque ainda não encontrou “o homem certo”, ou porque precisa mudar o seu comportamento para ser aceita por ele. Permanecer solteira não se coloca como opção nesse imaginário. O relacionamento afetivo como destino final é sugerido como um aspecto de autorrealização feminina. Dessa forma, a mulher é narrada como “bonita, independente, inteligente, mas...” falta o triunfo amoroso. Se o relacionamento não é apresentado como única alternativa a ser buscada pelas mulheres, sua falta é concebida como problemática. A liberdade feminina seria experimentada “até que” apareça um homem pelo qual ela se interesse, preencha seus requisitos e estabeleça uma relação duradoura.

A noção tradicional de família tem sofrido profundas alterações nas chamadas sociedades ocidentais da contemporaneidade. O casamento, conseqüentemente, não possui as mesmas consignas que o tornaram a aliança material e simbólica capaz de reunir a um só tempo amor, fidelidade, atração sexual e amizade entre um homem e uma mulher, culminando no cuidado bem-sucedido dos filhos. O feminismo, entre outros movimentos sociais que deitaram raízes e marcaram profundamente os modos de ser e estar no mundo, produziu alternativas afetivas para as mulheres e também inspirou modos de vida não centrados no casamento e na maternidade. Sair da casa dos pais e morar sozinha passou a figurar entre essas alternativas (GONÇALVES, 2011, p. 164).

Para efeito de comparação, observemos discursos direcionados a mulheres solteiras, separados por cerca de meio século. Bassanezi (2002) analisa discursos da imprensa feminina dos anos 1950, enquanto Gonçalves (2011) analisa os discursos mais recentes que abordam o tema da mulher solteira, em várias fontes de mídia impressa. Em revistas como *O Cruzeiro*, ou *Jornal das Moças*, publicados nos anos de 1950, se encontrava conselhos sobre como uma mulher deveria se comportar para não ser confundida com “moças levianas”, a fim de conseguir um pretendente que a respeitasse. O casamento, sugerido como destino quase inevitável para as mulheres, exigia um código moral, de modo que as mulheres deveriam evitar as posições de “solteironas” ou “levianas”, afinal de contas, a moça de família era

aquela “ideal para casar”.

Na edição da revista *O Cruzeiro*, de 1957, se afirmava: “muitas moças precisam compreender que o que se oferece não tem valor” (apud BASSANEZI, 2002, p. 614). Em outra edição da revista, de 1958, tem-se: “[n]em sempre a popularidade é uma boa recomendação para a moça [...] nem sempre o rapaz se diverte com a moça de maneira recomendável para ela” (apud BASSANEZI, 2002, p. 612). Na edição de 1953, encontra-se o seguinte: “[h]á vantagem em casar-se cedo? Sim [...] A mulher jovem tem mais energia para a criação dos filhos [...] marido e mulher quando são jovens adaptam-se melhor” (apud BASSANEZI, 2002, p. 619). Vê-se, então, que a mulher mencionada pela imprensa dos anos de 1950 está começando a conviver, ainda em pequena escala, com a possibilidade de ocupação feminina em carreiras profissionais. No cenário doméstico que pauta os temas discutidos pelas revistas, prevalece um ideal de dona de casa e esposa dedicada. Estar solteira significa não cumprir uma obrigação considerada fundamental para uma mulher à época.

A figura da solteira, com novas roupagens, está presente no contexto contemporâneo, porém, impactada por várias transformações socioculturais das últimas décadas, é aconselhada por argumentos mais paradoxais. Ao mesmo tempo em que se reconhece a importância da autonomia feminina conquistada, até mesmo estimulando-a; ao mesmo tempo em que a imagem da mulher solteira é apresentada como aquela dotada de independência, que estaria aproveitando sua liberdade da melhor forma, aparece a velha vocação conjugal atribuída às mulheres. Um dos argumentos para estimular a conjugalidade aparece atrelado a uma concepção de bem-estar e cuidados na maturidade. O temor da solidão também aparece como estímulo aos relacionamentos afetivos. Para lidar com o estereótipo da mulher solteira – considerando que se trata de um contexto em que várias identidades de gênero e sexuais se manifestam – parece haver ainda mais tensão nessa condição quando comparada aos modelos fornecidos nos anos de 1950. Na contemporaneidade, há quem opte pela condição de solteira, mas os discursos sobre o tema, veiculados na imprensa, apontam, de alguma maneira, para a sombra da infelicidade, enquanto que, por conseguinte, a conjugalidade é associada à condição de felicidade. Como afirma Gonçalves (2011, p. 170): “aparentemente invertendo as regras, nessas matérias, as novas solteiras desarrumam noções de feminilidade tradicionais e, ao mesmo tempo, atualizam sonhos românticos, agora em contextos mais igualitários”.

Ainda segundo Gonçalves (2011, p. 182), a respeito da mulher solteira: “sem lugar no imaginário social, ela é descrita em termos que ora a comparam aos homens, ora às

solteironas do passado e, ao lhe atribuir adjetivos que a infantilizam ou demonizam, ela é, ao mesmo tempo, vítima e culpada pela sua condição”.

Considerando a quantidade de produtos culturais contemporâneos que possuem como tema os relacionamentos afetivos (a partir de um modelo monogâmico e heterossexual) e que se dirigem ao chamado público feminino, poder-se-ia afirmar que os manuais de aconselhamento são parte desse universo e, embora possuam sua narrativa específica, dialogam com elementos culturais que também aparecem em séries de TV, filmes, publicações de *internet*, revistas, etc. Sua lógica mais geral, nesse sentido, está para além do conteúdo dos livros, o que confere popularidade a esse segmento literário. Há uma rede de aconselhamentos que sugerem, de várias formas, quais deveriam ser os destinos amorosos das mulheres.

Ao observar o histórico brasileiro no que se refere à prática do aconselhamento afetivo, nota-se que ela sempre foi parte das relações sociais estabelecidas. A figura que aconselha, revestida de legitimidade moral a cada época, muda ao longo do tempo. Um aspecto, no entanto, persiste de alguma maneira: o âmbito emocional associado às mulheres, bem como sua responsabilidade por edificar o relacionamento. Mesmo vivenciando um contexto de novas liberdades experimentadas, uma concepção de família tradicional se pauta com bastante naturalidade em várias instituições – e os manuais de aconselhamento expressam, de certa maneira, essa visão de mundo.

“A proliferação de produtos culturais sobre as ‘solteiras’ sugere uma preocupação internacional com o tema”, afirma Gonçalves (2011, p. 164). A difusão da literatura de aconselhamento afetivo no Brasil é uma expressão desse fenômeno. Ao analisar o conteúdo dos livros – assunto do próximo capítulo –, é possível observar os aspectos que dizem respeito à cultura terapêutica teorizada por Illouz e as implicações de gênero que essa literatura apresenta. Mesclando modelos tradicionais e contemporâneos, um modelo feminino é sugerido pelos manuais. Os relatos das experiências das leitoras permitem pensar em como esse processo é vivenciado na prática, bem como a processualidade histórica das relações de gênero no contexto brasileiro.

### 3 CONSELHOS PARA RACIONALIZAR AS EMOÇÕES: ANALISANDO OS MANUAIS DE AUTOAJUDA

Nesse capítulo são expostos e analisados os quatro manuais selecionados para estudo na pesquisa. A partir da exposição, é possível observar as concepções de gênero sugeridas pelos livros, identificando os traços que marcam o perfil de aconselhamento neles presente. Todos os manuais partem de concepções naturalizadas ao abordar as relações de gênero, construindo referenciais que seriam supostamente comuns a todos os homens e mulheres (e se limitariam, como consequência, às duas respectivas classificações).

*Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, um dos manuais mais lidos no Brasil, escrito pelo casal australiano Allan & Barbara Pease, teve sua primeira publicação brasileira em 2000, atingindo vendas superiores a 800.000 mil cópias. O livro é um dos produtos da empresa do casal, *Pease Training Internacional*<sup>11</sup>, que possui outras publicações do ramo, além de prestar consultorias e dar palestras sobre motivação, liderança, vendas, linguagem corporal, entre outros assuntos requeridos no mundo relações humanas empresariais.

Allan Pease é conhecido como um mestre da linguagem corporal e Barbara Pease é a diretora-executiva da empresa do casal. Seus livros estão classificados entre os mais vendidos em vários países do mundo, conforme informa a página virtual da empresa. Os autores venderam mundialmente mais de 25 milhões de cópias dos seus livros. Em *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (no original *Why men don't listen & women can't read maps*), os autores têm como público-alvo os casais, se propondo a explicar as diferenças biológicas entre homens e mulheres, com o intuito de viabilizar relacionamentos harmônicos.

*O que toda mulher inteligente deve saber* (no original *What smart women know*) foi escrito por Steven Carter & Julia Sokol. A página virtual dos autores<sup>12</sup> informa que eles têm publicado juntos desde meados dos anos de 1980, tendo como um dos temas principais os relacionamentos afetivos, especialmente o medo das pessoas de assumirem compromissos amorosos. A primeira publicação nos Estados Unidos, que tratava de homens que não conseguiam amar, logo se tornou um *best seller*, vendeu mais de 3 milhões de cópias no

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.peaseinternational.com>>. Acesso em: 15 jul 2013.

<sup>12</sup> Disponível em: <[http://commitmentphobia.com/index\\_gettingto.htm](http://commitmentphobia.com/index_gettingto.htm)>. Acesso em: 15 jul 2013.

mundo e popularizou no vocabulário da língua inglesa o termo “*commitmentphobia*”, ou seja, o medo de assumir compromisso. No Brasil, é interessante perceber que os livros de Carter & Sokol que tiveram mais procura foram os direcionados ao público feminino<sup>13</sup>. Esse dado foi percebido pelo próprio autor que, em entrevista concedida no Brasil em 2011<sup>14</sup>, falava sobre o segmento da literatura voltado ao público feminino. Quando perguntado sobre a preferência em escrever para mulheres, respondeu:

[e]screvi meu primeiro livro em 1984. Era um livro para homens. Seis mil exemplares foram vendidos a eles. Em 1987 escrevi meu primeiro livro para as mulheres. Dois milhões de cópias foram compradas por elas. Aprendi de forma dura que os homens não parecem gostar de comprar livros sobre relacionamentos. Eles compram livros sobre negócios ou esportes. Isso é lamentável. Editores americanos também têm pouco interesse em adquirir livros de relacionamento para homens. O que também é lamentável.

A afirmação do autor expressa uma especificidade cultural e questões de gênero a serem observadas. Embora as publicações dirigidas ao público masculino estadunidense tenham obtido maior procura nos anos de 1980, é o segmento direcionado às mulheres que encontra maior circulação e interesse editorial. Um pressuposto de produção editorial que parte de concepções de gênero vigentes – homens se interessariam por esportes e negócios e mulheres por temas afetivos – e as reforça segundo os mecanismos desse ramo do mercado.

*O que toda mulher inteligente deve saber* é um livro direcionado a mulheres solteiras e se propõe a ensinar como lidar com os homens e conquistar o amor almejado, ensinando, sobretudo, como identificar traços desse homem considerado ideal.

*Por que os homens amam as mulheres poderosas?*<sup>15</sup>, da escritora estadunidense Sherry Argov, foi traduzido em mais de 30 línguas, vendido em mais de 50 países e vendeu milhões de cópias. É direcionado às mulheres solteiras, buscando incentivá-las a deixarem de ser “boazinhas” e se tornarem “poderosas”. Sua aceitação mundial, além de sua notável preferência entre o grupo de entrevistadas na pesquisa, revela uma tendência de transformações nos comportamentos femininos e nos relacionamentos afetivos. A autora

---

<sup>13</sup> Também foram publicados os livros dirigidos ao público masculino, mas esses tiveram menor vendagem, não chegando a figurarem na lista dos livros mais vendidos.

<sup>14</sup> MORATELLI, Valmir. *Steven Carter: “Casamento é a expressão máxima do amor”*. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/steven-carter-casamento-e-a-expressao-maxima-doamor/n1597177863430.html>>. Acesso em: 20 ago 2013.

<sup>15</sup> Em português, “poderosas”; nas versões em inglês e espanhol, os homens preferem, respectivamente, “*the bitches*” e “*las cabronas*”. A distinção dos termos já expressa um diálogo cultural na inserção internacional dos livros.

também possui uma página virtual<sup>16</sup>, onde divulga seu trabalho e comercializa produtos, dentre eles uma produção teatral mexicana, baseada em seu livro, chamada *Por qué los hombres aman a las cabronas*.

*Sedução* é um manual de aconselhamento escrito pelo brasileiro Eduardo Nunes, profissional de *marketing* e *coaching*. É um livro que se propõe a revelar para as mulheres o que pensam os homens sobre os assuntos afetivos. Além desse livro, o autor possui outras publicações da mesma temática, ministra palestras sobre sedução direcionadas ao público feminino e realiza atendimento de aconselhamento profissional, oferecendo pacotes que vão desde duas horas de orientação, até dez sessões, o chamado *coaching* completo. Em sua página na internet<sup>17</sup>, divulga seus livros, serviços profissionais de aconselhamento e expõe as suas várias aparições na mídia brasileira, onde frequentemente é convidado para falar sobre relacionamentos afetivos, do ponto de vista dito masculino. Conforme indicações no site do autor e em entrevistas concedidas a canais de televisão, o serviço de *coaching*, que é diferente de uma sessão de terapia, é aconselhar o cliente mediante suas metas estabelecidas. Grande parte da clientela feminina que o procura tem como objetivo o de casar. Seu trabalho, então, seria direcionar suas clientes a conseguirem êxito nesse objetivo.

Além da difusão das publicações, um aspecto comum aos autores mencionados é que todos possuem alguma participação em veículos de comunicação de massa, sejam programas de TV ou rádio, revistas e jornais de grande circulação.

No Brasil, três manuais foram publicados pela mesma editora, a Sextante, que é uma referência no segmento da autoajuda para públicos variados. Além de se destacar pelo perfil de publicações, a editora é considerada no mercado editorial como um “fenômeno” no ramo<sup>18</sup>, em função da sua liderança em vendas<sup>19</sup>, tornando-se uma das maiores no país ao lançar dois livros que se tornaram *best sellers*: *Um dia de fúria* e *O código da Vinci*.

Caracterizados como produto de massa, os manuais de autoajuda apresentam em vários aspectos a contradição entre padronização e individualização. Seus títulos apresentam afirmações generalistas, buscando atingir um número grande de público, mas, ao longo das páginas, prezam pela variedade de exemplos, de modo a conquistarem diversos leitores. Os

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.sherryargov.com>>. Acesso em: 20 ago 2013.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.seduzir.com.br/index.php>>. Acesso em: 10 ago 2013.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.literal.com.br/acervodoportal/a-auto-ajuda-de-resultados-1459/>>. Acesso em: 10 jul 2013.

<sup>19</sup> Disponível em: <[http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/9153\\_O+CODIGO+DA+SEXTANTE](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/9153_O+CODIGO+DA+SEXTANTE)>. Acesso em: 10 jul 2013.

próprios títulos procuram se adaptar aos contextos locais (embora produzam outras padronizações): “Por que os homens não escutam e as mulheres não conseguem ler mapas?” se torna, no Brasil, *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*. Nos dois casos, os títulos apresentam generalizações, mas dialogam com padrões culturais que prevalecem nos contextos correspondentes. Ao mesmo tempo em que tratam da personalidade individual como fonte da problemática afetiva, apresentam um formato mais universal, que pretende atingir o máximo de leitores.

Os textos dos manuais utilizam uma linguagem que se aproxima do leitor, assumindo a função de conselheiros, mas também mantêm certo distanciamento, conferindo a autores e autoras um lugar de especialista no assunto. Aconselha-se como especialista, que indica aquele conjunto de procedimentos, mas sugere-se igualmente que, caso a leitora ignore tais sugestões, “vai continuar errando” e, conseqüentemente, permanecerá infeliz nas suas relações amorosas. A linguagem se apresenta, por sua vez, com um caráter prescritivo, conforme também identificaram em suas pesquisas Castro (2009), Rudiger (1995) e Alves (2005)<sup>20</sup>. Geralmente, a exposição é redigida em parágrafos curtos, sintetizando ideias-chave ao final. Também é possível encontrar aconselhamentos na forma de mandamentos, como é o caso dos “11 mandamentos da mulher inteligente” que constam em *O que toda mulher inteligente deve saber*. O formato de mandamento remete a uma concepção religiosa de dever moral. Pensar nesse formato é importante, em termos de recepção do público leitor, pois o Brasil possui fortes traços de religiosidade, não somente em seu passado histórico, mas também atualmente, com discursos religiosos de várias matrizes, principalmente as de viés cristão ocidental.

Os textos dos manuais são compostos por aconselhamentos e exemplos apresentados pelos autores, em alguns casos utilizando-se de argumentos que seriam baseados em fontes de estudo (pesquisas, entrevistas, etc.), com o intuito de conferir legitimidade ao discurso publicado.

A problemática dos relacionamentos afetivos é o carro-chefe dos manuais de autoajuda. Pertencem ao seu universo narrativo os dilemas dos relacionamentos, necessariamente os heterossexuais. São os equívocos das mulheres em confronto com as

---

<sup>20</sup> Na página virtual de Julia Sokol & Steven Carter, se afirma que o que torna os livros desses autores mais procurados é que os livros falam sobre solução dos problemas dos leitores. Se as primeiras publicações da dupla falavam sobre medo, o foco agora seria nas possibilidades.

preferências dos homens, roteiros que reafirmam o padrão heterossexual dos relacionamentos e, mais que isso, silenciam outras possibilidades de expressões amorosas existentes no mundo contemporâneo.

A dimensão de gênero aparece não somente na criação de um discurso que constrói um imaginário feminino e dirige-se para esse suposto público, mas em todo o conteúdo que reforça um modelo de relações sociais que ele carrega. Há, pelo menos, duas figuras femininas recorrentes nas publicações: a solteira, que deve modificar seu comportamento para se estabelecer em um relacionamento, e a que está em um relacionamento, que deve ser mais compreensiva com o parceiro a fim de não criar desarmonia na relação. O dilema, como observou Hochschild (2003), é dirigido às mulheres. A elas é requerida uma mudança no comportamento – demanda que não aparece na mesma proporção para os homens. O fato de o tema dos relacionamentos estar mais associado ao público feminino, inclusive do ponto de vista editorial, expressa o custo emocional direcionado às mulheres.

A base do enredo, embora com contornos contemporâneos, é uma base já conhecida pelos padrões de gênero ocidentais. Para fins de comparação histórica, a *Nova Heloísa*, de Rousseau, teve ampla aceitação na França na passagem do século XVIII ao XIX, havendo repercussão também no Brasil. O enredo: a personagem Julie, apaixonada por um pobre professor, aceita se casar com um aristocrata, para não contrariar as vontades do pai. A menção ao romance de Rousseau foi extraída de Del Priore (2006, p. 121), que lembra o viés moral presente na obra: “o autor estava aí para lembrar que a paixão não era tudo. Mais importante eram os compromissos sociais. E a bela Julie nunca seria feliz fazendo seu pai infeliz”. Lembra ainda a autora que a aceitação do romance, em pleno fervor do período revolucionário francês, refletia a situação vivenciada por muitas pessoas naquele período. Ainda segundo Del Priore (2006, p. 122): “com o livro circulavam também ideias sobre as relações entre os sexos: homens e mulheres, por exemplo, não tinham a mesma vocação e essa diferença é que fazia a felicidade de cada um”.

Nos anos 2000, o casal Pease entra para a lista dos livros mais vendidos com um texto que afirma que homens e mulheres são diferentes em função de suas condições biológicas e, portanto, aceitá-las seria o caminho para a harmonia dos relacionamentos. Assim, percebe-se que, ao longo dos séculos, desapareceu a figura do pai determinando o destino amoroso da filha, mas, em seu lugar, surgiu uma gama de aconselhamentos que, de outras formas, buscam direcionar as escolhas amorosas das pessoas, em especial das

mulheres.

### 3.1 AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS ENTRE OS SEXOS NA NARRATIVA DE BARBARA PEASE & ALLAN PEASE

*Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* é um livro direcionado a casais, embora se reporte mais às mulheres, se propondo a apontar caminhos para a harmonia no relacionamento afetivo a partir da explicação das diferenças biológicas dos sexos que, segundo os autores, são os aspectos fundamentais a serem considerados para criar uma boa convivência conjugal. Os argumentos baseiam-se em noções da sociobiologia, considerando as relações culturais como decorrência das condições biológicas dos indivíduos, de onde os autores tiram o fundamento para a defesa de posições fixas de gênero.

A questão fundamental aqui é simples: homens e mulheres são diferentes. Nem melhores, nem piores – apenas diferentes. Cientistas, antropólogos e sociobiólogos sabem disso há anos, mas têm também a dolorosa certeza de que afirmar publicamente suas conclusões em um mundo politicamente correto como o nosso poderia transformá-los em verdadeiros párias de uma sociedade determinada a acreditar que homens e mulheres têm as mesmas habilidades, aptidões e potenciais – justamente quando a ciência começa a provar o contrário (PEASE & PEASE, 2000, p. 8).

Ao longo dos capítulos, a narrativa se apoia no que considera como argumento científico, ou seja, estudos realizados no campo das ciências biológicas que dariam os indícios necessários para a compreensão de que homens e mulheres são diferentes, não porque a cultura os tenha produzido assim, mas porque suas inerentes condições biológicas fixam seus lugares sociais. Nesse sentido, segundo a lógica proposta no manual, tentar modificar posições sociais que se estabelecem por conta da natureza sexual só teria ocasionado desarmonia nos relacionamentos. “Aonde isso nos leva? Individualmente, a relacionamentos difíceis, penosos, infelizes”, afirmam os autores (PEASE & PEASE, 2000, p. 8). Esse é o eixo central da argumentação e, como uma de suas consequências, desenvolve o que aqui se denomina como uma linha de raciocínio antifeminista, como será percebido ao longo das passagens do livro.

### 3.1.1 Origens míticas das diferenças sexuais

Se, em meados do século XX, Simone de Beauvoir empreendeu esforços no sentido de demonstrar que a condição biológica, em si, não cria correlações necessárias que justifiquem relações desiguais de poder – analisando a lógica do mundo natural que reproduz as espécies apenas enquanto existência natural, portanto, ausentes de valoração –, o argumento de Pease & Pease caminha em sentido oposto: busca explicar que tanto o comportamento contemporâneo quanto o mais longínquo da existência humana, denominado “época das cavernas”, são fundados pelas mesmas bases biológicas. Se o comportamento humano atualmente encontra-se em desarmonia é porque “a ordem natural das coisas” vem sendo modificada indevidamente.

Aqui, se denomina a concepção dos autores como sendo equivalente às origens míticas das diferenças, uma vez que a justificativa à qual eles se referem, em diversas passagens, remete a um passado que conteria o protótipo do comportamento contemporâneo, se valendo do pressuposto das diferenças biológicas como fonte de explicação para o fundamento das diferenças; na medida em que as fontes históricas não são utilizadas pelos autores, o mito acaba por ocupar o lugar da narração histórica que explica as relações entre homens e mulheres.

Ao descrever o passado onde essas diferenças estavam presentes e preservadas, declaram:

[h]omens e mulheres evoluíram de modos diferentes porque tinha de ser assim. Os homens caçavam, as mulheres ficavam com o grupo. Os homens protegiam, as mulheres cuidavam. Como resultado, seus corpos e cérebros tomaram rumos diversos no processo de evolução e se transformaram para se adaptarem melhor às suas funções específicas. Os homens se tornaram mais altos e mais fortes que a maioria das mulheres, e seus cérebros se desenvolveram para cumprir as tarefas que lhes cabiam. As mulheres ficavam satisfeitas de ver seus homens saírem para trabalhar enquanto elas mantinham o fogo aceso na caverna. Seus cérebros, então, evoluíram para atender às funções que precisavam desempenhar. Assim, por milhões de anos, as estruturas dos cérebros de homens e mulheres foram se formando de maneiras diferentes. Hoje em dia, sabemos que homens e mulheres processam a informação de modos distintos. Pensam diferente. Têm crenças, percepções, prioridades e comportamentos diversos. Desconhecer este fato é uma receita certa de confusão, sofrimento e desilusão para toda a vida (PEASE & PEASE, 2000, p. 12).

O que os autores apontam como referencial das diferenças produz alguns tipos de generalizações: a) todos os homens e todas as mulheres “são assim” porque a biologia é

agente determinante; b) embora esses dois segmentos fixos sejam considerados diferentes entre si, suas diferenças “evoluem” para reforçar os mesmos lugares sociais; c) há um pressuposto implícito, que sustenta as relações de gênero ilustradas, que é o modelo de família nuclear urbana. O olhar que se lança ao presente ou ao passado localiza esse mesmo modelo, com atribuições claramente definidas e fixadas. Um dado modelo de estrutura familiar é universalizado como se pertencesse a todos os tipos de sociedade, independente de contexto histórico. Para efeito de comparação, pode-se associar tais aspectos às criações de desenho animado da empresa Hanna-Barbera, na década de 1960, os *Flintstones* e os *Jetsons*, em que o mesmo modelo de família nuclear é encontrado, mudando apenas a época em que se encontram: os primeiros na época “pré-histórica” e os segundos “no futuro”.

Em outra passagem, os autores reafirmam a condição biológica enquanto instância supra-histórica que determina comportamentos humanos:

[a]té recentemente, acreditava-se que quando uma criança nasce sua mente é uma página em branco, onde os educadores imprimem suas escolhas e preferências. Recentes estudos de biologia mostram, porém, um panorama completamente novo e apontam os hormônios e o cérebro como os principais responsáveis por nossas atitudes, preferências e comportamento. Isso quer dizer que, ainda que criados em uma ilha deserta, sem uma sociedade organizada ou pais que os influenciassem, meninos competiriam física e mentalmente entre eles, formando grupos com uma nítida hierarquia, e meninas trocariam toques e carinhos, se tornariam amigas e brincariam com bonecas. *Os circuitos cerebrais e os hormônios determinam nosso comportamento e modo de pensar* (PEASE & PEASE, 2000, p. 13, grifos no original).

Considerando os argumentos de Woodward (2008) a respeito da essencialização, ou seja, a tentativa de naturalizar determinadas concepções a partir de justificativas que podem ser biológicas ou mesmo culturais, podem ser observadas aqui várias formas de essencialização, seja pelo argumento que justifica as diferenças a partir da biologia, seja pela naturalização de diferenças construídas historicamente que marcam as relações de gênero (bonecas, uso da força física, estabelecimento masculino de hierarquias, esfera sentimental feminina). Determinadas configurações de gênero são associadas a concepções de masculino ou feminino, entendidas como conteúdos com sentidos fixos. As indicações de Connell também podem ser pensadas ao se visualizar como os corpos se inscrevem socialmente em uma ordem de gênero, que cria sentidos não somente no plano da vida pessoal e cultural, mas se articulam também com as dimensões institucionais de maneira sistemática.

Em outro trecho do livro, verifica-se mais diretamente que a narração dos autores

pode ser associada a posições de gênero que aqui caracterizam o que se denomina de passado mítico. Por ocuparem algumas páginas do livro, serão selecionados alguns fragmentos para fins de demonstração:

[e]ra uma vez, há muito, muito tempo, homens e mulheres vivendo juntos, felizes e trabalhando em harmonia. O homem, cada dia arriscava sua vida em um mundo perigoso e hostil, caçando para levar o alimento à sua mulher e filhos e enfrentando inimigos e animais selvagens. [...] A mulher, por seu lado, se sentia valorizada ao ver o homem expor sua vida pela família. Homem de sucesso era aquele que conseguia bastante comida, e sua autoestima dependia do reconhecimento da mulher aos seus esforços. [...] Não era preciso “repensar o relacionamento” e ninguém lhe pedia para levar o lixo para fora nem trocar as fraldas do bebê. [...] O papel da mulher era também muito claro. A necessidade de ser uma perpetuadora da espécie apontou a direção em que devia evoluir e as habilidades a desenvolver para cumprir suas funções. [...] A mulher passava o dia cuidando das crianças, colhendo frutos e sementes e se relacionando com as outras mulheres do grupo. [...] A sobrevivência era difícil, mas o relacionamento era fácil. Assim foi por centenas de milhares de anos. [...] Cada um apreciava o que o outro fazia – eles não eram considerados preguiçosos nem elas se sentiam como criadas oprimidas. [...] Mas, para quem vive nos modernos países civilizados, essas regras antigas foram abandonadas. O caos, a confusão e a infelicidade tomaram seu lugar (PEASE & PEASE, 2000, pp. 15-17).

Há vários aspectos a serem observados. O mito, enquanto tentativa de justificar origens, remete-se a um passado tão longínquo (“muito, muito tempo”), que quase se confunde com a própria história da humanidade da maneira como é narrada pelos autores. A noção de tempo aparece com um peso valorativo, porque reconstruir a “época” na narrativa significa trazer à tona os valores constituintes daquele modelo de sociabilidade. Fixam-se lugares que guardam, na verdade, muita relação com concepções de gênero bastante fortes em décadas passadas. A figura do homem aparece não somente enquanto provedor do lar, mas como aquele que circula nos lugares públicos, diferentemente da mulher: ele sai, ela cuida do espaço doméstico. A “harmonia” das funções distribuídas entre homens e mulheres resulta de uma associação entre o que é compreendido enquanto tarefa masculina ou feminina: ninguém pedia para o homem levar lixo para fora (tarefa doméstica feminina), nem para trocar fraldas (cuidado dos filhos é responsabilidade da mãe); a mulher não se sentia uma criada oprimida (correspondia satisfatoriamente às funções que lhe eram esperadas). “Cada um se orgulhava pelo outro”, de modo que a construção relacional das diferenças se expressa no que cada um representa ao outro: eu admiro o outro porque ele cumpre exatamente suas funções. A fixação de lugares sociais se coloca de maneira tão enfática na narrativa que a “ausência de conflitos” é a exata medida do êxito social do modelo de relações. Sua contraface contemporânea seria o abandono desses valores. Verifica-se que a divisão de tarefas carrega sentidos que falam sobre

posições de gênero. A sociedade contemporânea se desestruturaria em função do abandono desses valores.

Do ponto de vista da construção relacional de gênero, há pelo menos dois referenciais visualizados: a) o que cria parâmetros de distinção entre homens e mulheres; b) o que se coloca como o oposto do modelo considerado harmônico (e, portanto, ideal enquanto forma de sociabilidade). Após sucessivas observações da narrativa de Pease & Pease, notou-se que o conteúdo do manual aborda um interlocutor indireto ao longo do livro. O modelo sugerido pelos autores apontava um responsável pela “desordem” nas posições de gênero fundadas na biologia. Uma vez identificado que havia nesse livro uma contraposição aos questionamentos oriundos do feminismo, denominou-se essa de eixo antifeminista da narrativa.

### **3.1.2 O eixo antifeminista da narrativa**

Segundo a lógica desenvolvida pelos autores, durante milênios da existência humana, homens e mulheres se comportaram, respectivamente, exatamente da mesma maneira. Qual foi o elemento perturbador dessa relação e onde ele estava localizado, já que as referências utilizadas pelos autores se constituem, em sua maioria, de metáforas? Observando mais detidamente, foi possível identificar que o feminismo era o interlocutor, o produtor de ruídos nos relacionamentos afetivos.

“Mas as coisas mudaram”, afirmam Pease & Pease. Logo, a organização social se tornou confusa, bem como seus supostos papéis:

[p]ela primeira vez na história da espécie humana, a maior parte dos homens e mulheres se confunde na hora de definir suas atividades. Você faz parte da primeira geração a ter de encarar situações que seus antepassados nunca conheceram. [...] Se você nasceu antes de 1960, é bem possível que tenha crescido vendo seus pais se relacionarem segundo os antigos princípios de sobrevivência entre homem e mulher. Eles repetiam o comportamento que aprenderam com os pais deles, que, por sua vez, imitaram os pais deles, que copiaram os pais deles, e assim por diante, até chegar ao povo das cavernas com seus papéis claramente definidos. Agora as regras mudaram completamente e seus pais não sabem como ajudar. O índice de divórcios entre casamentos recentes está em torno de 50 por cento e, se levarmos em conta as uniões não oficializadas e os relacionamentos entre gays, a verdadeira taxa sobre para 70 por cento (PEASE & PEASE, 2000, pp. 17-18).

O marco divisor dos “anos 1960” aparece em várias partes do livro, definindo a fronteira entre os valores tradicionais perpetuados e a subversão deles no presente. Se retomarmos os apontamentos de Adelman (2009) a respeito do impacto dos movimentos de contracultura dos anos 1960, além da intervenção feminista nos anos de 1970, é possível identificar que o ponto de tensão se dá em função do impacto cultural desses movimentos na vida privada e no questionamento dos valores tradicionais por eles proporcionados. Até porque o ponto central apresentado pelos autores é o abandono dos valores considerados adequados; não se questiona que a estrutura social tenha posicionado homens e mulheres em novos lugares.

Algo que também pode se observar é o silenciamento acerca dos valores patriarcais em toda a narrativa desenvolvida – assunto caro a uma parte da tradição feminista. Menciona-se que os valores foram questionados mais recentemente, mas em nenhuma hipótese afirma-se que tais valores exprimiam relações de poder, opressões ou desigualdade de gênero. Ao tomar um padrão tradicional como sendo um modelo socialmente adequado, apresenta-se como se esse fosse neutro, onde as partes que o constituíam estavam em pleno acordo. A concepção que é defendida em todo o livro não apenas caminha para a afirmação de um modelo heterossexual como se alinha a um padrão de família que, embora seja hegemônico, está sujeito a questionamentos e crises. Esse aspecto atesta uma das razões que explica a difusão dos manuais de autoajuda que tratam dos relacionamentos afetivos. Ela também se configura como uma das respostas à crise do modelo de família nuclear tradicional, confrontado em vários aspectos nos últimos anos, e reflete uma tentativa de restabelecer lugares de gênero tradicionais, ainda que ignorando inúmeras mediações decorrentes da complexidade contemporânea no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade. Daí porque a defesa dos valores encontra tanto relevo no conteúdo desse manual.

No último capítulo do livro, “Rumo a um futuro diferente”, são várias as passagens em que o interlocutor é o feminismo. Os autores iniciam a exposição apontando dados sobre uma pesquisa que indicaria um perfil das aspirações de homens e mulheres no presente.

Até chegar ao homem moderno, pouco mudou no correr dos séculos. Ainda hoje, 87 por cento deles dizem que o que mais importa na vida é seu trabalho e 99 por cento dizem que querem ter uma ótima vida sexual. Mas, para a mulher moderna, houve bastante mudança. Muitas de suas prioridades são bem diferentes daquelas de suas mães e avós.

As mulheres optaram por seguir uma carreira porque, além da realização de potencial ou necessidade de contribuir para o orçamento doméstico, querem algumas

coisas que os homens têm: dinheiro, prestígio e poder. Estudos apontam que algumas profissionais de sucesso conseguiram também alguns efeitos colaterais: problemas cardíacos, úlcera, estresse e morte prematura. E passaram a beber e fumar como nunca.

[...]

Mulheres de todas as idades apontaram maciçamente – 80 por cento – criar seus filhos em uma família de modelo tradicional como número um em sua lista de prioridades. Daí se conclui que nem a badalação da mídia nem os movimentos feministas tiveram o impacto que se pensava sobre suas atitudes. Os valores e prioridades da mulher moderna são os mesmos que há séculos fazem parte do mundo feminino, ainda que vividos de forma diferente. A grande diferença é que 93 por cento das mulheres de hoje afirmam que a independência financeira é fundamental e 62 por cento delas querem mais poder político. Em outras palavras: não querem depender dos homens.

[...]

Moral da história: a maternidade ainda é o que mais satisfaz as mulheres (PEASE & PEASE, 2000, pp. 174-175).

Comparativamente, ao longo de cerca de três gerações (as leitoras, suas mães e suas avós), os lugares e objetivos dos homens não teriam se modificado. Quem se deslocou do seu lugar “de origem”? O que chama atenção na lógica dos autores é a maneira como localizam o lugar das mulheres na divisão social do trabalho. Que ao longo da segunda metade do século XX, para além de reivindicações por mais igualdade de oportunidades para as mulheres, várias transformações na esfera do trabalho tenham ocorrido mediante fatores políticos e econômicos e que o próprio capitalismo tenha passado a absorver a mão de obra feminina em larga escala nos últimos anos é outro elemento invisível na narrativa do casal Pease. Os chamados efeitos colaterais do ingresso em profissões soam quase como punição às mulheres que quiseram subverter a lógica “natural” da divisão de tarefas. Ao apontarem que as mulheres “nunca beberam e fumaram tanto” como agora, vem à tona não apenas a possibilidade de uma associação com a ideia de vício, mas também a personalização de um quadro que poderia ter explicações sociais. Os “vícios” e as patologias são apontados como trágicas consequências da realidade da chamada mulher moderna.

A “moral da história”, que realmente revela um fundo moral, dá a impressão de tratar-se de arranjos simbólicos que visam resguardar o lugar do que Connell chama de arena reprodutiva. E vale destacar que não se fala em arena produtiva simplesmente porque os autores estão associando a maternidade “à prioridade número um das mulheres”. É possível até que muitas mulheres, se tiverem opção de escolha, o façam nesse sentido. O que se discute é como a maternidade e demais posições de gênero são representadas nessa perspectiva, que se opõe claramente a transformações vivenciadas em várias dimensões, inclusive não se

restringindo às “mulheres” no sentido adotado pelos autores.

### **3.1.3 A biologização da cultura e a culturalização da biologia**

Dois aspectos se relacionam e naturalizam relações socialmente estabelecidas: as diferenças culturais são compreendidas como desdobramento biológico e os exemplos retirados do vocabulário da biologia são interpretados a partir de elementos culturais. Em ambos os casos, o resultado é a essencialização de relações historicamente produzidas. Um dos exemplos mais expressivos da associação entre biologia e cultura é a comparação feita entre os cérebros masculinos e femininos (ver anexos C e D). O cérebro feminino, que tem como ponto central a emotividade (hemisfério da necessidade de compromisso, em forma de coração), é expresso por emoções (“centro nervoso do ciúme”), algumas compulsões (“núcleo de roupas e sapatos”, “centro de chocolate”, “célula do consumismo desenfreado”) e pontos menores que indicariam as dimensões mais “racionais” (“partícula de leitura de mapas”, “neurônio de estacionamento paralelo”, “célula de sentido de direção”). É notável que a proporção entre os âmbitos mais emotivos e os mais racionalizados são claramente distintas. Ao localizar no cérebro tais disposições, toma-se como decorrência biológica padrões de comportamento socialmente construídos, sejam eles direcionados ou não às mulheres.

O cérebro masculino, que tem como ponto central a sexualidade (em forma de círculo), reserva campos maiores às atividades que requerem habilidade física (“esportes”, “atividades perigosas”), facilidade de se esquivar “das pressões inconvenientes” (“impulso de mentir e exagerar”, “segmento de fuga a perguntas de cunho pessoal”, “glândula das desculpas esfarrapadas”) e campos menores para atividades relacionadas aos cuidados domésticos e em relação aos filhos (“neurônio para ouvir choro de criança no meio da noite”, “habilidades domésticas”, “sinapse de roupa bem passada”). Mesmo apresentando características que, na prática, podem se associar a uma figura do “machão” (tem força física, habilidade para mentir, não é protagonista nas tarefas domésticas), ainda assim não se atribui uma conotação negativa a esse modelo de comportamento; ele é apenas justificado.

Pode-se argumentar que a proposta do livro é mostrar uma “visão científica e bem-humorada” das diferenças entre homens e mulheres. Não se perde de vista que o cérebro é utilizado como metáfora que fala sobre as diferenças de comportamento, porém o recurso

simultâneo ao dito discurso científico e ao riso acaba por provocar duas formas de aceitação das diferenças conforme são justificadas: pela autoridade da ciência usada como fonte de explicação e pelo riso que confirma determinados lugares sociais, reforçando sua concepção.

Ao justificar as diferenças cerebrais, os autores se remontam novamente ao suposto passado ancestral de homens e mulheres (PEASE & PEASE, 2000, p. 38):

[c]omo já dissemos, os cérebros masculinos e femininos evoluíram com potência, capacidades e talentos diversos. O homem, responsável pela caça, precisava de áreas no cérebro que comandassem a travessia de longas distâncias, com o desenvolvimento de táticas para localizar e atingir o alvo. Não tinha de ser bom de conversa nem se ligar nas emoções alheias. Por isso, não produziu em seu cérebro regiões importantes dedicadas ao relacionamento interpessoal.

A mulher, ao contrário, precisava da aptidão para percorrer pequenas distâncias, visão periférica mais ampla para monitorar o ambiente em volta, habilidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo e boa capacidade de comunicação. Como resultado dessas necessidades diferentes, os cérebros masculino e feminino desenvolveram áreas específicas para comandar cada tarefa.

A narrativa, ao mencionar que o cérebro se adaptou a determinadas tarefas, separadas por gênero, o faz ao tratar tal adaptação como única oportunidade na história. Na remota “época das cavernas”, cenário ao qual os autores se reportam para falar do passado, os cérebros teriam se adaptado para determinadas funções, de uma vez por todas. Ao atrelar essa adaptação a uma dada concepção de gênero, constroem uma exposição em que lugares fixados de gênero são requeridos a todo o tempo.

É útil lembrar aqui as ideias de Connell sobre a construção social de masculinidades e feminilidades como resultantes de processos sociais e não como derivações da condição biológica. Para construir uma ideia de masculinidade associada ao caráter mais frio/agressivo e belicoso<sup>21</sup>, ao lado de uma feminilidade mais emotiva, Allan & Barbara Pease invertem a ordem dos acontecimentos. Ao invés das tarefas surgirem como resultado de divisão social de tarefas, “resultam das necessidades” dos cérebros em se adaptarem às funções que lhe fossem adequadas: os homens, adaptados para enxergar “longas distâncias” e as mulheres atentas a aquilo que estivessem “em sua volta” (com o detalhe que estão aptas para várias atividades ao mesmo tempo<sup>22</sup>). Por esse raciocínio, a organização social é

---

<sup>21</sup> “O homem evoluiu com três responsabilidades: guerrear, proteger e resolver problemas” (PEASE & PEASE, 2000, p. 64).

<sup>22</sup> Uma das consequências é a atribuição “feminina” a determinadas profissões (PEASE & PEASE, 2000, p. 71): “Veja a carreira de secretariado. Nesse trabalho, cumprir várias tarefas ao mesmo tempo é uma necessidade. Não é de admirar que, em 1998, das 716.148 pessoas que seguiam essa profissão no Reino Unido, 99,1 por cento

concebida como decorrente da composição cerebral de seus membros. Significa, em última instância, que as diferenças são pensadas não somente em termos de simbologias, mas também enquanto estruturantes das posições sociais em seu sentido mais amplo.

O livro também se utiliza do teste psicológico do perfil cerebral, um recurso criado por algumas correntes da psicologia que utilizam questionários como forma de classificação de determinadas personalidades, ao mesmo tempo em que as quantificam. O teste é feito através de 30 perguntas e apresenta como resultado uma escala que varia do cérebro supermasculino ao cérebro superfeminino.

Como a tendência da essencialização é generalizar uma determinada concepção, indiretamente a cultura urbana do modo de viver ocidental é o pano de fundo dos exemplos apresentados pelos autores: “as mulheres usam o banheiro como espaço para reuniões sociais e sala de terapia”, “sob pressão, os homens bebem e começam guerras. As mulheres comem chocolate e vão fazer compras”, “o homem moderno consegue facilmente encontrar o caminho de um bar muito afastado, mas não é capaz de achar qualquer coisa na geladeira”, dentre outros exemplos que provavelmente se relacionam com o cotidiano de um determinado segmento de pessoas, não das camadas sociais como um todo.

### **3.1.4 Sexualidades e identidades sexuais**

Esse tópico, além de se relacionar com a versão do título do manual em português, já que no inglês a distinção é feita através de “homens não ouvirem e as mulheres não conseguirem ler mapas”, apresenta os argumentos utilizados pelos autores para explicar as diferenças no campo da sexualidade entre homens e mulheres. Que no Brasil o título tenha destacado a relação entre amor e sexo, associando esse último à masculinidade, já é um dado cultural relevante.

Aqui, as formulações de Butler & Connell são bastante pertinentes, pois ajudam a pensar tanto nos aspectos heteronormativos quanto na canalização do desejo homossexual. A biologia, nesse caso, é utilizada para explicar como se formam as identidades sexuais e como elas assumem maior ou menor relevo nas características masculinas ou femininas.

---

fossem mulheres – havia apenas 5.913 homens”. As diferenças são apresentadas como se não expressassem também hierarquias e maior ou menor valorização social de determinadas áreas profissionais.

A primeira explicação apresentada para a associação predominantemente masculina ao sexo está fundada na sua condição de “macho reprodutor”. Nas palavras de Allan & Barbara Pease (2000, p. 126):

[a] entusiástica e impulsiva disposição do homem para o sexo tem uma finalidade clara: assegurar a continuidade da espécie humana. Para isso, como a maioria dos mamíferos, ele teve de evoluir com certas características. Primeiro, com o impulso sexual bem direcionado e concentrado. Assim, poderia fazer sexo praticamente em qualquer situação, mesmo sob a ameaça de possíveis inimigos, e sempre que houvesse oportunidade. O homem precisava ser capaz de ter o máximo possível de orgasmos no mais curto espaço de tempo, antes que fosse atacado por predadores ou inimigos.

Observe-se que o comportamento tendente ao “sexo impulsivo” encontrado no homem é reforçado enquanto necessidade de sobrevivência da espécie, enfatizando sua fatal incumbência; nas mulheres a baixa tendência ao interesse sexual já se associa a noções morais de fidelidade:

[n]a mulher, o hipotálamo é muito menor que no homem. Além disso, ela tem pouca quantidade de testosterona. É por isso que as mulheres, em geral, têm menos impulso sexual e são menos agressivas. E por que a natureza não fez da mulher uma ninfomaníaca insaciável para garantir a continuação da espécie? Por causa do longo período necessário para conceber e criar um filho até que fique autossuficiente. [...] O cérebro feminino é programado para encontrar um homem que se comprometa a dar assistência até que os filhos estejam criados. Isso se reflete nas qualidades que a mulher busca em um companheiro para um relacionamento estável (PEASE & PEASE, 2000, p. 127).

Encontramos aqui um entrelaçamento de noções sobre sentimentos, maternidade e sexualidade, que remete, mais uma vez, à ideia de como as relações de gênero organizam a chamada arena reprodutiva, nos termos de Connell. As noções que justificam um suposto impulso sexual masculino logo são canalizadas para uma dimensão maternal nas mulheres (por isso elas teriam tendência a serem fieis e não ninfomaníacas<sup>23</sup>).

Um olhar sobre o histórico de aconselhamentos para mulheres, exercício analítico feito no capítulo 2, permite uma desconstrução da afirmação dos autores, pois se o desejo sexual derivasse simplesmente das condições biológicas individuais, os discursos e as práticas de contenção sexual das mulheres seriam desnecessários em vários modelos de sociedade. O que se nota, ao contrário, e por isso a historicidade é um elemento fundamental para a compreensão das relações de gênero, é que as instituições atuaram e atuam, de várias formas,

---

<sup>23</sup> O título da seção é “Por que as mulheres são mais fieis?”.

para controlar a vida sexual das mulheres.

Como desdobramento das diferenças anteriormente mencionadas, a narrativa justifica a pouca afinidade dos homens com a monogamia. Aqui, noções como macho, homem, fêmea e espécie se associam para fundamentar o comportamento sexual. A biologia aparece como a determinação implacável, contra a qual o homem teria a dura tarefa de lidar:

[o] macho da espécie humana tem as características físicas das espécies poligâmicas. Não há dúvida: o homem tem que travar uma batalha constante consigo mesmo para ficar com uma só mulher. [...] Na realidade, o homem, como a maioria dos primatas e muitos mamíferos, não é biologicamente inclinado à monogamia (PEASE & PEASE, 2000, pp. 134-135).

Aqui é possível retomar a análise de Illouz (2012) quando a autora se refere às formas de liberdades sexuais vivenciadas mediante diferentes posições de gênero, que permitem aos homens mais liberdade. Na ecologia das escolhas, baseada nesse modelo heteronormativo, os homens ocupam lugar privilegiado nas experiências sexuais, e daí porque a explicação apresentada pelo casal Pease pode fazer sentido para um possível leitor, ao ter contato com tal informação.

Na medida em que as construções das diferenças estão permeadas de concepções morais, os autores advertem, mais adiante, que não estão fazendo apologia à promiscuidade. As determinações biológicas são flexibilizadas para assegurarem a heteronormatividade que permeia todo o pensamento:

[m]as é preciso ficar claro que, ao mencionar a inclinação do homem para a poligamia, estamos falando de tendências biológicas. Não estamos incentivando a promiscuidade nem fornecendo uma desculpa para a infidelidade. O mundo de hoje é completamente diferente daquele do passado e a biologia não raro contraria nossas necessidades e expectativas. O fato de uma coisa ser instintiva ou natural não quer dizer que seja boa (PEASE & PEASE, 2000, p. 135).

O homem “luta contra seu destino de macho reprodutor” e a “mulher moderna” tenta assumir uma tendência sexual que não corresponderia ao seu destino biológico. Ao abordar a pornografia e explicar porque os homens teriam mais interesse por esse tipo de estímulo sexual, dizem os autores (2000, pp. 150-152):

[h]omem gosta de pornografia. Mulher, não. [...] Na pornografia, mulheres e homens são apresentados como precisando dos mesmos estímulos físicos e visuais para ficarem excitados, e elas tendo um apetite sexual igual ou maior que o deles. Isso pode ter um impacto negativo sobre as mulheres também. Sua autoestima sofre prejuízo quando elas veem outras mulheres sendo tratadas como objetos sexuais e

com uma fome de sexo completamente fora da realidade. [...] Se alienígenas vindos de outras galáxias chegassem à Terra e fizessem uma pesquisa em filmes, livros e revistas femininas e masculinas, certamente chegariam à conclusão de que as fêmeas da espécie humana têm um apetite sexual insaciável, pulam em cima de qualquer homem que apareça e conseguem orgasmos múltiplos. Essa é a imagem da mulher moderna passada pela mídia. Na verdade, a devoradora de homens maníaca por sexo é uma criação do imaginário masculino e não corresponde a um por cento da população feminina. [...]

A mulher de hoje tem a mesma necessidade de sexo de suas mães e avós, só que estas reprimiam e não falavam sobre o assunto. Antes da pílula anticoncepcional, a frustração devia ser bem maior. Mas, certamente, menor do que a que sentimos com o que nos chega pela mídia.

Essa passagem é bastante expressiva, porque ela produz generalizações em vários aspectos: a) estímulo sexual é coisa de homem; b) todas as culturas são idênticas e por isso o olhar estranho do “alienígena” se depararia apenas com um padrão de relações humanas; c) a mídia cria uma imagem de mulher que poderia servir até para alimentar a indústria pornográfica, mas não para representar a autêntica “fêmea da espécie humana”. Ademais, o uso dos termos “pílula anticoncepcional” e “mídia” carregam sentidos sobre liberdade sexual feminina: as mães e avós eram reprimidas antes da pílula anticoncepcional, mas são muito mais pela representação midiática da mulher moderna, que tenderia a associar a sexualidade feminina a um padrão que seria, essencialmente, masculino. Na medida em que se trata de um homem e uma mulher redigindo o texto e falando em um “nós”, há trechos em que é possível questionar: quem é esse “nós”? As questões expostas pelos autores os tocam da mesma maneira? Onde ficam as diferenças biológicas deles próprios para conceber as questões? Um exame detido do conteúdo do livro deixa claro que prevalece o argumento do olhar masculino, de teor misógino pelo menos em relação ao feminismo e, embora se proponha a falar para os casais, apresenta muito mais situações em que é a mulher quem tem que adequar o comportamento com a finalidade de perpetuar seu relacionamento afetivo.

De todos os manuais estudados na pesquisa, esse é o único que reserva um capítulo para falar sobre *gays*, lésbicas e transexuais. Mais uma vez pensando nas contribuições de Butler (2010), cabe observar como se opera a representação dessas identidades sexuais e como elas são associadas ao padrão heterossexual que constitui a base de todo o argumento dos autores.

Para explicar os fundamentos das sexualidades para além da heterossexual, os autores iniciam explicando que homossexualidade é parte da história humana (e é uma das poucas vezes em que fazem menção a fatos históricos propriamente ditos, a exemplo da

Grécia antiga, proibições cristãs, era vitoriana). Nesse caso específico, os autores não mencionam a existência da homossexualidade na “época das cavernas”. Após a rápida menção a períodos históricos em que a homossexualidade teria existido, surge a questão: mas é uma questão de genética ou de escolha? A biologia novamente fornece as explicações.

A “tendência homossexual” é explicada a partir da carga hormonal presente no cérebro dos indivíduos. A determinação, nesse sentido, prescindiria de escolhas e estabeleceria determinados tipos de comportamento. Mais uma vez, fusões entre noções de “sexo” e “gênero” constituem as concepções sobre o comportamento sexual:

Para cada lésbica (corpo de mulher e cérebro masculino) existem de oito a dez homens gays (p. 117).

[...]

Pesquisadores acreditam que a orientação sexual é quase completamente determinada ainda na vida intrauterina (p. 118).

[...]

Como produzir um rato gay (p. 119).

[...]

Essa alteração do comportamento sexual só pode ser conseguida enquanto o cérebro ainda está no estágio embrionário (p. 119).

[...]

Estudos feitos na Alemanha nos anos 1970 demonstram que mães que passam por situações de estresse durante o início da gravidez têm possibilidades seis vezes maiores de gerar um filho gay (p. 120).

[...]

A mulher que planeja uma gravidez deve tirar longas férias em um lugar tranquilo e evitar contato com pessoas doentes ou negativas (p. 121).

[...]

Um estudo sobre mulheres diabéticas que estavam grávidas nos anos 1950 e 1960 apontou um grande aumento na incidência de meninas, suas filhas, que se revelaram lésbicas depois da adolescência (p. 121).

[...]

As mães que receberam hormônio feminino tiveram filhas mais “femininas” e filhos mais gentis, afetuosos e dependentes que seus colegas, além de pouco inclinados a atividades físicas (p. 122).

[...]

Se o centro do comportamento, no cérebro, não receber hormônio suficiente para dar ao homem atitudes, modo de falar e linguagem corporal tipicamente masculinos, essas funções vão ter características femininas (p. 123).

As sexualidades não hegemônicas são tratadas a partir do mesmo viés biologizante que caracteriza as demais concepções em toda a exposição dos autores. A performatividade do gênero e a sexualidade são reduzidas a uma explicação hormonal. Enquanto situada no “reino biológico”, a heterossexualidade é afirmada como um padrão. As sexualidades tidas como excepcionais, que teriam variação mediante a dose hormonal, mesmo que biologicamente também concebidas, aparecem como uma espécie de desvio da regra padrão. Maior ou menor

dose de hormônio faria um “corpo de mulher” ter uma cabeça masculina e assim por diante. Os termos carregam sentidos fixos, sejam quando querem se referir ao que entendem como biológico, seja quando exprimem comportamentos sociais que, em última instância, seriam igualmente determinados pela biologia. Até a linguagem, algo eminentemente social e heterogêneo na existência humana, é apresentada como decorrente da carga hormonal.

Ao sugerirem também que a mulher deve ter cuidados durante a gravidez, evitando o que denominam de variação hormonal, responsabilizam indiretamente as mães pela possível homossexualidade de filhos ou filhas, já que a gravidez é, para eles, um tema diretamente relacionado às mulheres.

### **3.1.5 A “moral” da história**

*Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, livro que se propõe a apresentar caminhos para um relacionamento afetivo harmonioso, que no último capítulo reforça o papel da mulher na execução desse objetivo, constrói um referencial de diferenças de gênero baseado na biologia, conforme foi apresentado. Seus aconselhamentos se configuram principalmente a partir das justificativas das diferenças entre homens e mulheres. Segundo os autores, reconhecê-las e aceitá-las seria o caminho para a felicidade amorosa.

Quais implicações práticas podem ser observadas? Enquanto discurso de autoajuda voltado para os relacionamentos, ele fixa posições de gênero que só admitem diferenças na medida em que elas são concebidas como imutáveis; desigualdades oriundas das relações de gênero são desconsideradas e se demanda um esforço por parte das mulheres para que não busquem ocupar determinadas posições que seriam “naturalmente” lugares dos homens.

No plano das relações afetivas, sugere-se uma compreensão “das diferenças” como caminho para o entendimento, que não passa por um diálogo crítico a respeito da construção da convivência, eliminando qualquer possibilidade de leitura política da vida privada, o que, aliás, é tido como algo indesejado, “que só trouxe infelicidade para os casais”. Contrariando a conhecida máxima do feminismo, “o pessoal é político”, reforça-se a ideia de que o político destrói o pessoal. Desde que se respeitem “o lugar de cada um”, as relações funcionariam bem.

Ademais, fica é bastante perceptível em toda a narrativa que há sempre uma mulher

em função do homem e vice-versa. Da construção do desejo pelo outro até a organização social, tudo passa pela mediação dessa intrínseca relação “homem-mulher”. No caso das menções às sexualidades não hegemônicas, essas aparecem como se os indivíduos se afirmassem apenas pelo plano da identidade sexual, não se abordando as demais dimensões da sua vida; são “o outro” em relação ao padrão hetero que prevalece em todo o texto.

A narrativa do casal Pease reforça a associação da racionalidade como condição natural masculina e a emotividade como um traço feminino. De todos os manuais analisados, é o único que não incentiva diretamente as mulheres a desenvolverem um comportamento racional de modo a se ajustarem às atuais demandas afetivas. Porém, os autores utilizam noções da biologia e tomam o cérebro como determinante dos comportamentos masculinos e femininos. A reflexividade aqui é direcionada para utilizar os recursos racionais de modo a reforçar as condições naturais de diferenças ditas sexuais.

### 3.2 A MULHER INTELIGENTE DE STEVEN CARTER & JULIA SOKOL

*O que toda mulher inteligente deve saber* é um livro direcionado às mulheres solteiras que se propõe a ensiná-las como lidar com os homens e conseguir um bom relacionamento afetivo. Toda a narrativa se baseia em como as mulheres devem se comportar mediante o parâmetro do comportamento masculino. O homem aparece como aquilo que “é”, enquanto a mulher é um constante “dever ser”.

No manual, é possível identificar várias expressões de trabalho das emoções e cultura terapêutica. Ele estabelece um diálogo mais próximo com transformações culturais recentes, de modo que a mulher moderna apareça de forma menos problemática do que ocorre na narrativa de Pease & Pease.

#### **3.2.1 Receitas para um amor sem dor: a linguagem terapêutica como um guia sentimental**

A capacidade individual de *lidar com* ou *evitar* a dor decorrente dos relacionamentos é um tema sobre o qual se debruçaram os autores Steven Carter & Julia Sokol em várias de

suas publicações. O sofrimento proveniente dos relacionamentos é explicado a partir das escolhas ou personalidades individuais, daí porque a ideia de mulher inteligente é central no conteúdo do livro. Dotada de personalidade inteligente, ela reúne não apenas a autonomia emocional requerida, mas também a racionalização da sua esfera emotiva, que estabelece critérios de proveito, utilidade, entre outros, para “investir” ou não em um relacionamento. Os autores falam, então, sobre os caminhos mais fáceis para adquirir “sabedoria sem sofrimento”.

O trabalho das emoções aparece em várias passagens do livro sob a forma de aconselhamentos sobre mudanças no modo de ser ou se comportar, com vistas a determinadas finalidades emocionais. Fica notável que os autores dialogam com a tendência social de relacionamentos afetivos desfeitos ou com as dificuldades contemporâneas em estabelecer alguma forma de compromisso.

A narrativa é predominantemente voltada para o aconselhamento, com uma linguagem prescritiva. A base dos aconselhamentos segue a lógica da adoção de uma conduta racional como necessária aos relacionamentos afetivos. Ao longo dos capítulos do livro, é possível identificar a linguagem dos relacionamentos que mixa termos da psicologia, da racionalidade e do ideal de amor, construindo, assim, a ideia do ser “emocionalmente inteligente”.

Um aspecto comum em toda a sequência do texto é que o apelo discursivo que projeta a ideia de mulher inteligente se baseia na apresentação daquilo que “ela sabe o que é”: “uma mulher inteligente sabe que...”. Alguns conselhos, que aparecem na forma de mandamentos – “os 11 mandamentos da mulher inteligente” – expressam as valorações morais e normativas das ideias expostas. Um dos trechos que elenca as certezas que mulheres inteligentes devem ter consta a seguir.

Manter-se racional.  
Deixar sua inteligência controlar suas emoções, e não o inverso.  
Confiar mais em seus valores do que em seus hormônios.  
Escolher relacionamentos que a façam feliz e permitam que ela cresça.  
Procurar e acolher pessoas otimistas e encorajadoras.  
Manter distância de relacionamentos que significam p-r-o-b-l-e-m-a.  
Afastar-se de pessoas que tentam controlá-la ou a façam sofrer. (CARTER & SOKOL, 2006, p. 7).

Na citação, verifica-se que a ideia de mulher racional carrega conotações do credo terapêutico contemporâneo. A concepção do amor como algo que deve evitar o sofrimento, a busca pela autonomia emocional, estão presentes no discurso do manual, mas também em

outras fontes terapêuticas contemporâneas. Deve-se observar, igualmente, que se cria uma associação da mulher com a esfera emocional: ela “é” emocional, mas deve prezar pelo predomínio da razão, inclusive no âmbito dos sentimentos.

Termos como “medo primitivo do abandono”, “destruir o ego”, “sabotar”, além de sugestões para analisar a autobiografia são utilizados no livro para denominar características psicológicas presentes nas possíveis situações vivenciadas pelas leitoras.

Em outro trecho, aparece a obsessão como causa da insistência em relacionamentos inviáveis:

[a]s obsessões podem ser – e serão – a causa de dores de cabeça, distúrbios gastrintestinais, palpitações, crises de ansiedade, cabelo branco e rugas. Quase sempre o amor obsessivo é viciante e por isso precisa ser tratado como qualquer outro vício – com a firme determinação de obter a cura. A cura para o vício de relacionamentos amorosos obsessivos requer muita força de vontade, ajuda profissional e grupos de apoio (CARTER & SOKOL, 2000, p. 16).

Aqui, o discurso de autoajuda está em direta associação com o repertório da psicologia, caracterizando a obsessão amorosa como um vício. Observe-se que, ao mesmo tempo em que há uma popularização de termos da psicologia para construir a reflexividade ou narrativas do “eu”, o débito emocional é creditado como problema da personalidade individual. Se várias leitoras que tenham acesso e tomem como parâmetro as explicações do livro para sua vida vierem a utilizar os termos para falar sobre a sua situação ou de outras pessoas, o farão na condição de enxergar o problema como uma questão individual, passível de cura, ou seja, como um problema localizado e não como tendência social que se expressa coletivamente.

É comum também o uso de exemplos que visam mostrar “os erros” cometidos pelas mulheres. Junto da ideia de erro, vem o sentimento de culpa e fracasso. A mulher, que deveria saber exatamente como agir, insiste “em cometer erros”. As noções de certo e errado apresentadas pelos autores também ajudam a perceber seu conjunto de valores morais.

Além das noções acima referidas, outras formas de abordagem da personalidade centram-se nos aspectos individuais, não se evidenciando até que ponto, em termos de relações de gênero, há relações assimétricas de poder culturalmente construídas. Aqui aparece uma forma de essencialização por via da cultura, ao se atribuir à personalidade aspectos que também dizem respeito aos valores construídos socialmente. As pessoas, segundo essa lógica, apresentam personalidades atrativas ou não. E esse é um dos aspectos que pode ser

identificado como uma diferença em relação a uma abordagem feminista (considerando que essa se constitui como uma das fontes indiretas dos discursos dos manuais). Até certo ponto, existe o pressuposto de uma imagem da mulher moderna. No entanto, para se firmar emocionalmente, essa mulher precisa acionar seus recursos internos e modificar sua personalidade em função de um relacionamento afetivo bem-sucedido. Não há problematização sobre o lugar dos homens nas relações sociais, nem sobre seus valores, etc. Seu lugar está assegurado moralmente e, quando é posto em questão, centra-se no plano da subjetividade individual: existem homens certos e homens errados; tudo se resume ao caráter. Um exemplo disso se dá quando os autores discorrem sobre o “homem cronicamente infiel”. As características desse são descritas, mas são associadas aos traços da sua personalidade, e a mulher nada poderia fazer por ele. Estão subentendidas aqui concepções sociais sobre modelos de relacionamentos, monogamia, valores patriarcais ressignificados, entre outros. Por comparação, se o casal Pease associava a tendência poligâmica masculina à sua condição biológica, aqui vê-se que ela é fixada na ideia de personalidade. Observa-se que a mulher pode modificar sua personalidade em função do homem; o contrário, porém, não é sugerido.

As estratégias de comportamento são indicadas e, mais uma vez, vale lembrar a noção de trabalho das emoções no sentido de provocar determinados estados emocionais em si. Ao aconselharem as leitoras sobre comportamento, os autores sugerem que elas adotem mudanças efetivas em si mesmas, ao invés de mudanças aparentes com o objetivo de impressionarem o outro:

[a]s mulheres inteligentes sabem que a adoção de certas estratégias pode ajudar a mudar um relacionamento, mas sabem também que essa mudança será apenas temporária. Barbara Jean precisa começar a fazer algumas mudanças efetivas na maneira de manifestar seus sentimentos. Isso, sim, irá mudar o relacionamento. Ou seja, ela precisa parar de se preocupar em mudar o comportamento de Sam. [...] Veja bem: ser cautelosa e cuidar de si mesma não é uma estratégia, mas uma atitude de autoafirmação que produzirá resultados concretos (CARTER & SOKOL, 2006, p. 125).

Pode-se acrescentar que a ênfase na mudança no comportamento é direcionada à mulher, o que não deixa de ser uma forma de apontá-la como responsável pelo fracasso dos relacionamentos. Os autores advertem, no entanto, que uma mulher inteligente não finge ser inferior ao homem com o objetivo de agradá-lo:

[o] que as mulheres inteligentes pensam sobre conselhos que recomendam que uma mulher se cale, se mostre inferior – ou diferente – do que realmente é? As mulheres

inteligentes sabem que a maioria das crenças sobre o que faz um relacionamento funcionar se concentra nas necessidades dele, e não nas dela. Esses conselhos nem sempre são inteligentes (CARTER & SOKOL, 2006, p. 141).

Esse ponto é importante porque vai ser um dos itens divergentes em relação ao próximo livro analisado, e também porque mostra que o discurso de Carter & Sokol cria um diálogo mais aberto com as transformações culturais no que diz respeito às relações de gênero, embora em outros aspectos reivindique posições mais tradicionais. No entanto, na construção de mulher inteligente cabem sentidos de autoafirmação e autodeterminação femininas, bem como concepções de autonomia emocional, assuntos caros tanto à psicologia quanto ao próprio feminismo, resguardadas as devidas especificidades e implicações práticas das diferenças de objetivos.

### **3.2.2 Imagens femininas através dos exemplos oferecidos**

Os exemplos oferecidos pelos autores para reforçar seus aconselhamentos revelam quais são as figuras femininas enfatizadas. É possível também localizar em quais lugares sociais estão as mulheres descritas na narrativa, em termos de profissão, condição econômica, escolaridade. Um dos exemplos de mulher que, segundo os autores, não soube utilizar sua inteligência é o que segue.

Isso é interessante porque, embora possa dar a impressão de ser uma pessoa frívola, Vitória é, na realidade, uma pessoa muito séria. Ela tem um emprego sólido. Tem amizades sólidas. Tem um conjunto de princípios sólidos. E o que ela quer da vida é poder fazer biscoitos em um lar sólido com uma família sólida. Então, o que acontece? Assim que se sente atraída pela aparência de um desses caras charmosos, ela veste seu avental e começa a tentar transformar o Homem Sedutor no Homem do Lar. Uma mulher inteligente lhe diria que são ínfimas as chances de ela ser bem-sucedida nesse tipo de magia (CARTER & SOKOL, 2006, p. 10).

O contraste entre a mulher “emocional” e a inteligente revela alguns pontos que marcam identidades entre as duas figuras. Nesse sentido, se a mulher independente sonha, no fundo, em constituir uma vida familiar sólida, a mulher inteligente lhe adverte que o caminho escolhido está equivocado, mas não está em questão se a necessária associação mulher-família apresenta problemáticas. Os autores complementam a ideia, afirmando que uma mulher inteligente sabe que “serão necessários mais do que alguns truques de magia para

transformar um homem sedutor no seu homem”. A rigor, ambas têm os mesmos anseios, porém constroem caminhos diferentes.

Na parte em que os autores dão dicas sobre o que uma mulher inteligente não deve deixar de observar na hora de se interessar por um homem aparecem vários indicadores como parâmetros de escolha: a atitude dele em relação a dinheiro; atitude em relação à carreira dele e à dela; a atitude dele em relação ao próprio carro; as convicções políticas e religiosas dele; os valores e neuroses dele.

Da mesma forma, complementam os autores mais adiante, a mulher inteligente “pensa duas vezes sobre homens que”: não dividem nada, comem tudo com a mão, não se oferecem para pagar a refeição, não têm dinheiro para pagar a conta ou fazem cara feia quando examinam a conta, dentre vários outros conselhos, dispostos em uma longa lista. Nos exemplos contidos em dois parágrafos, é possível identificar um discurso que se dirige a determinadas classes sociais, segmentos profissionais e hábitos provenientes do contexto cultural do qual fazem parte e que criam valorações sobre o que é um homem interessante ou não, elementos que, na prática, espelham cotidianos vivenciados por algumas pessoas dos centros urbanos, embora sejam oferecidos a “toda mulher”. Além do mais, a partir do cenário desenhado pelos autores, esses hábitos expressam um determinado modo de vida social, não cabendo, portanto, a generalização para rotinas sociais de culturas ou sociedades que não tenham tais modelos como parâmetro. Vale destacar que, uma vez que o livro foi traduzido em vários países, dialoga com vários contextos que, de alguma forma, estão vivenciando questões semelhantes às apontadas no livro, caso contrário não teriam tanta aceitação por parte do público leitor.

Do ponto de vista da sexualidade, além do modelo unicamente heterossexual narrado pelos autores, constrói-se uma ideia de mulher que está aberta a experiências sexuais, desde que “na hora certa” e com o pano de fundo não só de um futuro compromisso, mas também da possibilidade da maternidade. Em comparação ao modelo biológico do casal Pease, aqui a condição física não estabelece *a priori* o baixo desejo sexual feminino. Nas palavras de Carter & Sokol, aparecem os argumentos da moral e da saúde física como justificativa para o recolhimento sexual.

As mulheres inteligentes sabem que...

Não é inteligente ter medo de pedir a seu candidato a parceiro informações sobre seu histórico sexual.

Não é inteligente ter medo de insistir em um relacionamento sexual monogâmico.

A sua principal responsabilidade é proteger-se e proteger o filho que você possa vir a ter no futuro (CARTER & SOKOL, 2006, p. 94).

A menção ao discurso da mídia é feita, porém numa perspectiva de considerá-la como uma reprodução de valores tradicionais. Esse é outro elemento que pode ser comparado ao discurso de Allan & Barbara Pease, que tomam a mídia como um modelo que estaria muito à frente da realidade das mulheres, o que denota o caráter conservador que caracteriza tais ideias. A rigor, Carter & Sokol não rejeitam por inteiro o discurso da mídia, porém a localizam como reprodutora de padrões femininos do passado e, segundo esses autores, não seria de bom tom desfilas essa imagem de mulher tradicional nos primeiros contatos com o homem pretendido:

[q]uerendo ou não, nós ainda continuamos condicionadas pelos estereótipos dos anos 1950. Como poderia ser diferente? Em qualquer banca de jornal podemos ver revistas que se dedicam exclusivamente a habilidades domésticas como cozinhar, receber bem, controlar gastos e decorar a casa. Desde que estejam no lugar certo e no momento certo, não há nada de errado com essas coisas. No entanto, o início de um relacionamento não é o lugar certo nem o momento certo (CARTER & SOKOL, 2006, p. 109).

A maior parte dos exemplos está direcionada a mulheres jovens e solteiras. Porém, também é possível identificar um diálogo com uma faixa etária mais elevada, apresentando alguns dos aspectos identificados na pesquisa de Castro (2009). A personagem Mary Beth é assim descrita pelos autores:

[e]la quase se casou há quatro anos, mas terminou o noivado porque “não estava se sentindo muito segura”. Agora, ela começa a se perguntar se aquilo foi um erro. Quando ainda tinha vinte e poucos anos, o fato de não estar casada não a perturbava. No entanto, ultimamente, ela tem se sentido deprimida por estar solteira. Ela tem certeza de que seria uma mulher feliz – se estivesse casada (CARTER & SOKOL, 2006, p. 150).

A questão geracional aparece como mais um fardo a ser enfrentado pelas mulheres e isso se apresenta como um dilema para equacionar “enquanto é tempo”. A figura da mulher solitária e deprimida aparece como uma imagem trágica, que pode ser evitada se as mulheres agem “de maneira inteligente” quando jovens. Até porque a representação da mulher jovem solteira é colocada como aquela que tem liberdade, gasta seu próprio dinheiro, não dá satisfação ao outro e aproveita a vida sem lamentos.

### 3.2.3 Investimento e retorno: princípios racionais do amor

Como parte do repertório racionalizante das emoções, várias são as indicações de que é preciso observar a relação entre investimento despendido e retorno alcançado. A mulher inteligente, conforme projetada no manual, não investe mais do que o necessário para conseguir o retorno pretendido. A linguagem racional, nesse caso, parece estar associada ao que Bauman chamou de sociedade dos consumidores, em que a lógica das trocas comerciais se entrelaça com os valores da vida privada. Aqui se pode igualmente mencionar as noções de mercado dos casamentos discutidas por Illouz. Alguns exemplos de como essa linguagem aparece no manual são dados a seguir (CARTER & SOKOL, 2006).

Homens bonitos e charmosos parecem plantas delicadas e exóticas – precisam de atenção constante. Se você se esforçar muito, talvez receba flores uma vez por ano (p. 11).

[...]

As mulheres inteligentes sabem que... Deus inventou o flerte para que a mulher possa descobrir os defeitos de um homem antes de se envolver com ele, e não depois (p. 17).

[...]

Uma mulher inteligente tem o bom senso de gostar de um homem que: não tem problemas complicados, sente-se bem consigo mesmo, sente-se bem com sua posição na vida, não a envolve em seu psicodrama, aparece quando diz que vai aparecer, não parece um animal ferido (p. 53).

[...]

Antes de decidir se o seu ciúme é ou não justificado, você precisa determinar o tipo de relacionamento. A fidelidade faz parte do relacionamento de vocês dois? (p. 81).

[...]

O seu parceiro está efetivamente destruindo o contrato que vocês estabeleceram? (p. 82).

[...]

Ela é, sem dúvida, eficiente, mas será que está sendo inteligente? Será que seu esforço produzirá o efeito desejado? (p. 111).

[...]

Jantares caprichados no início de um relacionamento muitas vezes dão a impressão de que você está “se esforçando demais” (p. 112).

Em todos os exemplos, cabe à mulher observar o seu próprio comportamento e avaliar se está agindo de maneira racional. A presença do utilitarismo também se manifesta quando é sugerido a ela que se afaste prontamente de pessoas que apresentem problemas na vida. O imperativo de ser feliz, nessa lógica, demanda não somente que se evite a própria dor, mas também a dor do outro, que é vista como fonte de problemas para o relacionamento. Uma característica que fica evidente, em se tratando de um discurso de autoajuda, é que ele não apenas centra na personalidade da leitora a fonte originária dos problemas nos

relacionamentos como também coloca sua autonomia emocional como preocupação prioritária, descartando a possibilidade da solidariedade com o sofrimento do outro. Ela deve priorizar o seu bem-estar e evitar qualquer fonte interna ou externa de sofrimento.

Em outro trecho, os autores reúnem, ao mesmo tempo, conselhos que envolvem aspectos psicológicos, utilitários e racionais, atentando para a idealização romântica por parte da mulher (CARTER & SOKOL, 2006, p. 29):

[e]le não está precisando ser salvo.  
Ele não precisa de ajuda pra saber quem é.  
Ele não é incrivelmente bonito.  
Ele não é imensamente rico.  
Ele não é totalmente motivado ou obcecado pela ambição.  
Ele não é o supermacho.

Sugere-se às mulheres um exame prévio atento a características que o seu pretendente possa apontar, o que remete, mais uma vez, às indicações de Bauman sobre o processo de escolher parceiros ter se assemelhado a uma escolha de objetos expostos em uma vitrine. Se, por um lado, não está dado um arranjo social prévio dos parceiros, por outro se escolhe mediante critérios de uma subjetividade que se baseia na racionalização emocional e na lógica das trocas comerciais, como também notou Illouz em suas pesquisas.

### **3.2.4 Mulher moderna, mas não supermulher**

A construção de mulher de Steven Carter & Julia Sokol opera com múltiplos referenciais, indo desde posições mais tradicionais de gênero até elementos mais contemporâneos presentes nas vidas de muitas mulheres das camadas médias urbanas. As concepções dos autores baseiam-se em essencialismos, criando um modelo generalista de mulher inteligente, mas, ao mesmo tempo, dialogam com a difusão da cultura terapêutica contemporânea e, nesse sentido, aparecem como um suporte emocional para as leitoras.

Em uma sociedade na qual os relacionamentos afetivos têm como horizonte mais próximo o sofrimento e não a felicidade idealizada, os manuais de aconselhamento se assemelham às experiências de muitas leitoras justamente ao oferecerem ferramentas para a superação do dilema emocional. No caso das mulheres, os dilemas emocionais se dão em várias dimensões, inclusive na demanda de terem que escolher entre possibilidades, porque

elas não podem “ter tudo ao mesmo tempo”. Ao final do livro, os autores tratam dessas questões e afirmam (CARTER & SOKOL, 2006, p. 145):

[m]ulheres profissionais sem filhos sonham com sapatinhos adoráveis e bebês cheirosos vestindo roupinhas lindas.

Mães de tempo integral que não trabalham fora sonham com refeições nutritivas e roupas práticas.

Mulheres com filhos e empregos sonham encontrar uma blusa limpa para vestir, ter um momento para si mesmas e uma boa noite de sono.

As mulheres inteligentes sabem que...

Se você tentar fazer tudo ao mesmo tempo, alguma coisa vai sair prejudicada – muito provavelmente as suas necessidades.

A supermulher está supercansada.

Essa parte é interessante porque aborda realidades que provavelmente são comuns a muitas leitoras, mas geram – as realidades – uma implicação prática em termos de percepção das experiências. As mulheres estão sozinhas, em todas as situações descritas. Se forem mães e profissionais, têm de escolher entre uma ou outra coisa, e se optaram por tudo, estão “supercansadas”. Vem o peso do fardo individual, nesse caso com o recorte de gênero, porque os homens – que estão apresentados como “objetivo” em toda a narrativa em termos de consolidação de um relacionamento homem-mulher – desaparecem durante a descrição dessas posições, posições que, na prática, exprimem lugares de gênero.

Na medida em que o “ser moderna” é apresentado como projeto individual, desaparecendo a dimensão do social como fonte de dilemas ou como meios de lidar com os problemas apresentados, resta à mulher a alternativa de encontrar formas de lidar sozinha com seus projetos de autorrealização. Talvez não por acaso uma das últimas frases afirmadas no livro para as leitoras é: “ser inteligente pressupõe viver no presente e usufruir tudo o que ele oferece”. No processo de consulta para a tomada de decisões afetivas, os manuais parecem não oferecer segurança a longo prazo ou meios de “colonização do futuro”, para usar um termo de Giddens. Seus efeitos parecem ser tão instantâneos quanto o perfil de aconselhamento sugerido.

### 3.3 AS MULHERES PODEROSAS DE SHERRY ARGOV

*Por que os homens amam as mulheres poderosas?* é o livro mais lido entre as leitoras entrevistadas. A imagem de uma enorme bota de cano longo e salto alto diante de um pequeno

homem (cena ilustrada na capa do livro) é apontada por algumas leitoras como o primeiro aspecto que chamou atenção e despertou a curiosidade para a leitura desse manual. A ideia de um guia que promete mostrar à mulher como deixar de “ser boazinha” e se tornar “uma poderosa” atraiu o interesse de diversas leitoras.

Assim como *O que toda mulher inteligente deve saber*, é um livro com o conteúdo estruturado por aconselhamentos, divididos em 100 “princípios da atração”. O referencial construído por Argov se baseia no contraste entre as duas figuras de mulher: a boazinha, modelo de mulher mais tradicional, que atende às vontades do homem, e a poderosa, que realiza suas vontades, sem ser “um capacho”. O capacho, que é pisado, e o salto alto, que pisa, são imagens que ficam marcadas por várias leitoras que se identificaram com o livro.

As dicas apresentadas pela autora, que apresentam semelhanças com as ideias de Carter & Sokol (2006), invocam um modelo de autodeterminação feminina e, entre exemplos vivenciados por personagens e conselhos oferecidos, apresentam caminhos para a mulher usar seu poder e atrair o homem, sem submissão. A linguagem, a princípio, lida com um imaginário de mulher independente e, nesse ponto, cria um diálogo mais próximo com o contexto cultural contemporâneo. No entanto, o horizonte dos relacionamentos continua sendo o aspecto-chave da realização da mulher; todos os esforços se dão no sentido de conquistar o homem desejado, ainda que sob os termos de poder atribuídos à mulher.

A transformação da mulher boazinha em poderosa passa pela adoção de mudanças no comportamento e personalidade, o que conduz, na presente pesquisa, à ideia de trabalho das emoções. Cabe observar que há uma ênfase muito maior na mudança de comportamento da mulher do que na possibilidade de haver ou não êxito posterior. Assim, é o próprio processo de mudança de comportamento que parecer mais relevante. A racionalização surge com ênfase na estratégia de conquistar o homem pretendido. A ideia do amor regido como a lógica de um negócio comercial surge com mais frequência ao longo do texto.

### **3.3.1 Transformando uma boazinha em poderosa**

Na introdução do livro é informado que ele se direciona às mulheres boazinhas, e que se elas não perceberem que o fato de “se desdobrar pra agradar os homens” inviabiliza as relações, podem estar perdendo a chance de construir uma relação saudável. O discurso

responsabiliza, desde o início da narrativa, a mulher pelo fracasso nos relacionamentos.

Argov utiliza um recurso na linguagem que a aproxima da leitora: é uma mulher falando para outra. Ela tanto fala sobre “toda mulher”, para exemplificar situações, quanto se coloca na condição de que “sabe o que está falando”, pela sua experiência também enquanto mulher.

Antes de descrever o que está considerando como mulher poderosa, Argov (2009) fala sobre três situações que toda mulher já teria vivenciado, fosse solteira ou casada, mas nem sempre teria coragem de assumir para si: se sentir carente por insistir em procurar um homem, perder um homem no momento em que cedera às vontades dele e/ou se sentir desvalorizada.

Ao traçar um diagnóstico do que provavelmente teria levado sua leitora até o livro, Argov define o que vem a ser uma mulher poderosa:

[n]ão se trata daquela figura tirânica, dominadora, arrogante e dona da verdade que todos detestam.

A mulher que descrevo é amável porém decidida. Ela sabe quem é, conhece seus pontos fortes e fracos e gosta da própria companhia. Ela não abre mão da sua vida e se recusa a correr atrás de um homem, por mais que se sinta atraída por ele. Ela não permite que ninguém tenha controle total sobre ela e sabe se defender quando os outros passam dos limites (ARGOV, 2009, p. 7).

A noção de “poderosa” condensa várias influências ao sugerir postura de autonomia e do espírito decidido ao mesmo tempo em que preza pela personalidade “amável” e se distinguindo da “arrogante, que todos detestam”. Mais uma vez, lembrando as ideias de Hochschild quando afirma que o espírito comercial da vida íntima absorveu significados do feminismo, porém abduzindo seu espírito crítico, a imagem da mulher poderosa de Argov é constituída pelo repertório da autoafirmação feminina (ideias da popularização da psicologia) e aspiração de independência (concepções do feminismo), mas “sem exageros” que caracterizariam uma mulher com mais autonomia, ou seja, uma mulher que se assemelha à imagem da feminista. A poderosa “usa a feminilidade a seu favor”, afirma Argov. Em outras palavras, a feminilidade continua naturalmente associada à figura de mulher: a mulher poderosa apenas confere um tom mais autodeterminado a essa “característica”.

Sherry Argov informa às suas leitoras que seu livro se baseou em uma pesquisa, através da qual entrevistou homens para investigar o que eles pensavam sobre as mulheres e sobre os relacionamentos com elas. Então, a autora se propõe a relatar a lógica do pensar e

agir dos homens. O modo de agir e pensar dos homens, mais uma vez, aparece como um dado. Ele é o parâmetro a partir do qual o comportamento feminino deve se modificar. Um modelo tradicional, requerido às mulheres no passado, agora é apresentado como ultrapassado, porque atualmente os homens preferem mulheres mais determinadas. Ficam fora dessa relação todas as mediações sociais existentes nos padrões apresentados e, amparando-se nos termos da psicologia, cria-se imagens de personalidades de mulher que, adequadas ou não, possuem em si as causas e consequências de seus envolvimento afetivos. Igualmente fica descartada a hipótese de que a mulher poderosa da qual fala Argov tenha alguma relação com os questionamentos feministas das décadas de 1960 e 1970. Ela parece ter brotado simplesmente das novas atitudes esperadas para uma mulher.

A ideia de desejo, como notou Rudiger (1995), passa a fundamentar a conduta individual, e é a ela que Argov (2009, p. 9) vai recorrer para falar sobre o pano de fundo das ações da poderosa:

[a] mulher poderosa se destaca porque pensa com a própria cabeça em um mundo que ainda ensina as mulheres a olhar ao redor para descobrir qual é a opinião dos outros. É uma mulher que busca o próprio desejo em vez de responder sempre às expectativas externas.

A mulher poderosa é aquela que estabelece as próprias regras, que se sente confiante, livre e satisfeita com ela mesma.

A autora também apresenta uma crítica sobre o que considera o discurso da mídia, que pressionaria as mulheres de todas as faixas etárias a adotarem certos padrões:

[n]os capítulos seguintes, você vai encontrar uma mensagem bastante clara: sucesso no amor não tem nada a ver com aparência, e sim com atitude. A mídia nos transmite a ideia oposta. Uma adolescente pega uma revista e lê: “Atraia seu gato” com esta roupa ou com determinado estilo. “Enlouqueça o homem da sua vida” com essa cor de esmalte ou de batom, garante a matéria. E o que é que essas mensagens ensinam? A tornar-se obcecada pela aprovação do outro.

E ainda há a maneira pela qual o envelhecimento é retratado. Mal a adolescente se transforma em uma atraente mulher de 30 anos, a mídia começa a bombardeá-la com imagens ameaçadoras de velhice. Duas rugas e uma marca de expressão já a colocam no balcão das “promoções”, como se ela fosse mercadoria da coleção passada e só pudesse ser vendida pela metade do preço. E o que a mulher aprende? A tornar-se obcecada pelo medo da reprovação do outro (ARGOV, 2009, p. 9).

A crítica ao padrão midiático certamente alinha o discurso da autora a perspectivas críticas contemporâneas. Todavia, no mercado cultural oferecido às mulheres atualmente, do qual os manuais de autoajuda também fazem parte, cada um tenta vender a imagem que considera mais adequada ou que encontra maior público consumidor. Argov se distingue do

discurso que associa a realização feminina a partir do uso de determinados produtos, fazendo a crítica ao apelo publicitário, mas invoca o trabalho de modificação da personalidade como meio de aprovação do outro, ainda que defenda que a mulher não deve ter uma postura submissa. Seus conselhos sobre como se tornar uma mulher poderosa baseiam-se, afinal de contas, na opinião dos homens que ela entrevistou para redigir o livro. A mulher que Argov define como poderosa pode não estar obcecada pela aprovação do outro, porque “aprendeu a manejar suas vontades”<sup>24</sup>, porém aprendeu do mesmo modo a administrar seus afetos e desejos com o objetivo de lidar com os relacionamentos.

A “mulher boazinha” é assim descrita no livro (ARGOV, 2009, p. 11):

[é] aquela que se entrega por completo a um homem que mal conhece, sem que ele tenha que investir muito. É a mulher que se dá cegamente porque anseia receber de volta a mesma atenção. É a mulher que age de acordo com o que ela acha que o homem gosta ou deseja porque quer manter o relacionamento a qualquer custo.

Em seguida, mais uma comparação com o discurso da mídia, que estaria evocando um lugar submisso para as mulheres:

[e] verdade que as revistas femininas, em geral, estimulam esse comportamento: “Comece bancando a difícil. Mas no segundo encontro prepare uma refeição dos deuses para ele, crie um ambiente romântico com música suave, champanhe e copos de cristal e luz de velas... Não se esqueça dos guardanapos bordados e dos morangos orgânicos daquela loja maravilhosa a duas horas da sua casa. Depois, sirva tudo usando uma camisola de renda preta.” Essa é uma receita perfeita para quê? Para um desastre (ARGOV, 2009, p. 11).

Por que a autora considera que esse caminho não é adequado? Porque demanda um investimento alto, sem a certeza do retorno. Assim como um negócio comercial, em que é preciso avaliar os riscos antes de investir, a poderosa utiliza sua lógica racional ao lidar com um relacionamento. Acrescenta Argov, contrapondo os “investimentos” que mulheres e homens fazem em um relacionamento – ou começo de relacionamento –: “[c]omo não recebeu tudo de graça, ele [o homem] valorizou muito mais o que conquistou. [...] Isso faz parte da natureza humana. E quanto mais você cedesse, mais ele exigiria” (ARGOV, 2009, pp. 12-13).

Os homens precisam de estímulo mental, afirma Sherry Argov. Mas, logo adverte que o estímulo mental não seria a capacidade da mulher de “defender suas ideias em uma

---

<sup>24</sup> “A diferença é que elas descobrem suas vulnerabilidades e aprendem a administrá-las. Espero que este livro ajude nesse aprendizado” (ARGOV, 2009, p. 10).

discussão sobre política internacional ou se entenderem de investimentos”. A mulher que demonstra não temer ficar sem o parceiro provocaria mais desafio mental no homem. Reforça-se uma lógica do homem-caçador, que precisaria estar na eterna dúvida sobre o domínio que teria sob sua caça: “uma mulher poderosa dá ao homem bastante espaço para que não se sinta preso numa jaula. Então ele vai atrás dela para tentar prendê-la”.

### 3.3.2 Linguagem racional e trabalho das emoções

A lógica racionalizante dos conselhos de Argov carrega vários pressupostos. Ao defender a ideia de que a mulher poderosa é aquela que se valoriza, a autora expressa indiretamente o padrão que define o que é mais digno de valor ou não. Quando utiliza termos como “esforço não é apreciado” e “sutilmente se desvaloriza”, toma como referência o que o padrão masculino ao qual ela se refere está considerando adequado ou não. Se a mulher age de modo a convencê-lo de que tem valor, está automaticamente se valorizando. Nesse sentido, observa-se que a divergência da autora em relação ao discurso da mídia se deve muito mais ao caminho percorrido para conquistar um homem – embora seu livro tenha ampla aceitação na mídia impressa, como pode ser identificado em sua página virtual – e não no fato de que é a mulher quem deve traçar o caminho da conquista. Em ambos os casos, o que define como a mulher deve agir é um padrão masculino tido como legítimo. A ênfase na ideia da valorização lembra também as indicações de Illouz sobre o entrelaçamento das narrativas do “eu” com os repertórios do mercado. A linguagem da valorização, ao mesmo tempo em que opera com aspectos da autoafirmação, usa critérios de utilidade para definir se os comportamentos são adequados ou não.

Algumas passagens demonstram a relação entre valorização/desvalorização com o sentido anteriormente referido:

[q]uando a mulher recebe o telefonema de um homem no meio da noite, pega o carro e sai correndo para encontrá-lo, a única coisa que está faltando é uma placa luminosa no teto do carro com a inscrição: ENTREGA EM DOMICÍLIO (p. 14).

[...]

A mulher que se desdobra em mil cuidados passa a seguinte mensagem: “O que tenho a oferecer não é suficiente”. Por outro lado, a mulher poderosa transmite a mensagem oposta: “Eu tenho valor” (p. 15).

[...]

Mais uma vez, não se trata de um jogo. Trata-se de compreender a natureza humana

e de se comportar de acordo com ela. Um homem sempre vai desejar o que não pode ter. Quando uma mulher se mostra desinteressada, conquistar o amor dela passa a ser um desafio (p. 18).

[...]

O que as mulheres precisam entender é que, quando um homem considera uma mulher um prêmio, a aparência tem muito pouca importância (p. 19).

[...]

Aja como se fosse um prêmio e ele acreditará (p. 20).

[...]

As mulheres precisam entender que os homens amam a “excitação da conquista” e são altamente competitivos. Eles gostam de carros de corrida, de esportes e de caça. Gostam de consertar coisas, descobrir coisas, conquistar (p. 28).

A relação entre “agir” e “aparentar ser” aparece de maneira muito tênue no aconselhamento de Argov. Embora a autora reforce a ideia de que não se deve agir como um jogador, não escapa das estratégias que lidam com a maneira de o outro pensar e agir, e inclusive muitas vezes essa última é decisiva para embasar o caminho adotado. Se o homem telefona no meio da noite, não há problema; o problema é ela ir correndo atrás dele. O homem deseja o que não pode ter, logo a mulher deve demonstrar que ela “é” esse algo que ele não tem. Em outras partes do livro, algumas passagens indicam a sugestão de agir com conotação de “aparentar ser algo”:

[t]ente não dizer coisas do tipo: “Por que você não me ligou?” ou “Por que você desapareceu durante uma semana?”. Se você agir como se isso não tivesse tanta importância (porque você tem vida própria e outras formas de diversão), ele irá procurá-la se estiver de fato interessado. Por quê? Porque não vai achar que tem total controle sobre você (p. 17).

[...]

Se você começar o relacionamento se mostrando dependente, ele vai se afastar (p. 18).

[...]

Muito do processo de construção de um relacionamento sólido depende do seu autocontrole. Dedique-se, seja companheira, mas não exagere. Não telefone demais, não passe horas na cozinha fazendo um banquete para ele nem se vista de maneira excessivamente provocante. Lembre-se: se você vender a alma para manter um relacionamento, vai ter que pagar a conta depois (p. 21).

[...]

Ela vai devagar, principalmente quando ele tem pressa. Ela se move no próprio ritmo, e não no dele, evitando que ele assuma o controle sobre ela (p. 26).

[...]

Os homens estão condicionados a conhecer mulheres que desejam compromisso. Ao mostrar que não é uma delas, você evita o acionamento do sistema de alarme (p. 44).

[...]

Se uma mulher não expõe seus sentimentos, ela parece menos emocional e mais atraente (p. 127).

Mas a poderosa deve ou não fazer o que tem vontade? Aparentar que tem interesse não seria uma forma de exprimir sua vontade? Por que “revelar” seus sentimentos é encarado

como problema? É notável a desproporção entre a margem de liberdade esperada para um comportamento masculino em relação ao feminino. Da maneira como são narrados os comportamentos, os homens parecem espontaneamente agir com liberdade, inclusive porque contam com a vantagem de observar até que ponto a outra pessoa está sob controle. As mulheres têm que se utilizar do autocontrole para não parecerem emocionalmente dependentes. Ao comportamento tido como dominador, por parte dos homens, a autora confere o adjetivo de caçador. Se as mulheres apresentam comportamento similar a esse, isso é encarado como obsessão. Se o objetivo é dominar a mulher, não há questionamento. Embora Argov afirme no início que a mulher poderosa não se deixa ser controlada, ao longo do texto a figura dominadora masculina é apresentada como uma qualidade inerente aos homens; no final das contas, as mulheres devem compreender esse aspecto intrínseco à personalidade masculina, inclusive porque “o espírito caçador” surge, para elas, segundo a autora, como autêntica prova de amor: “homens são caçadores, e por isso ficam mais interessados em conquistar uma presa quando ela resiste a eles. A maioria dos homens sente atração pela mulher poderosa porque é emocionante a tentativa de dominá-la” (ARGOV, 2009, p. 44).

A narrativa de Argov é uma demonstração prática do que Illouz chamou de relações de desigualdade na arquitetura das escolhas. A margem de liberdade conferida aos homens tem relação com sua vantagem no mercado dos relacionamentos. Na medida em que podem escolher em uma margem maior de tempo, atribui-se aos homens uma justificativa supostamente associada à sua personalidade caçadora. Às mulheres, reserva-se não somente a condição de caça, mas o esforço para ser caça desejável. Retirando a metáfora, ocorrem, na prática, relações de poder desiguais.

### **3.3.3 Objetos de desejo e consumo: o negócio dos relacionamentos**

Embora o viés mercadológico esteja presente em exemplos já mencionados, associado a outros aspectos do texto, vale destacá-lo especificamente, pois várias são as passagens ao longo do livro de Argov em que são utilizados termos diretamente associados ao mercado, ou comparações com objetos de desejo para referir-se ao maior ou menor interesse despertado nos relacionamentos.

Nesse bojo, a linguagem da psicologia também é acionada para associar desejo, consumo e afetividade:

[t]udo começou quando ele era criança. Quando recebeu de presente de Natal algo que não pediu e com o qual brincou por cinco minutos. O brinquedo que ele amava era aquele que ficava lá na última prateleira da loja e com o qual ele sonhava. Foi preciso juntar meses de mesada para comprá-lo. E é desse que ele sempre se lembrará, porque teve que fazer por merecê-lo (p. 22).

[...]

As pessoas não costumam valorizar plenamente o que é gratuito. Quando uma mulher vai para a cama com um homem imediatamente, isso não o atrai. Os homens com quem conversei admitiram que o sexo muito fácil, em geral, não era tão bom (p. 29).

[...]

Vamos usar como exemplo uma caçada. O homem sai para caçar com os amigos. Fica acampado a semana inteira, dorme nas piores condições, é devorado por mosquitos e ainda tem que comer uma gororoba sofrível. No entanto, ele se submete a tudo isso para conseguir abater um alce. E, quando consegue, fica mais vaidoso do que um pavão e quer exibir a cabeça do pobre animal, colocando-a na parede do escritório.

Mas se você resolvesse deixar uma cabeça de alce de presente na porta da casa dele, o sujeito não ia nem ligar. Poderia ser o mesmo alce que ele caçou, mas o efeito seria totalmente diferente. O mesmo acontece na relação com a mulher (p. 29).

[...]

Se você tratar a si mesma como um bem de grande valor, ele vai, naturalmente, investir mais em você. Por exemplo, ele telefona e pergunta: “Quando podemos nos ver?” Não responda: “Quando você quiser!” (p. 36).

[...]

É como se houvesse uma negociação silenciosa, na qual um escambo é pactuado: “veja bem, estou disposto a gastar o equivalente a dois jantares, um buquê de flores e um cineminha com pipoca – perfazendo um total de R\$ 496,32, e nem um centavo a mais” (p. 56).

[...]

Para que um homem fique motivado a dar, ele precisa sentir-se bem quando o faz. Ele quer ser apreciado e reconhecido. É o ego que leva os homens à guerra, que os faz construir grandes empresas, malhar exaustivamente nas academias e até roubar. E é o ego que os faz se apaixonarem (p. 66).

[...]

Não é diferente de uma negociação comercial bem-sucedida (p. 80).

[...]

Vamos fazer uma comparação financeira. Ele teve comida, sexo e ainda assistiu ao jogo por 80 reais (nada mal). A conta dela ultrapassou os 800 reais (p. 100).

[...]

Bem, chega de mendigar, minha amiga. Estamos sob nova direção (p. 106).

[...]

Mantendo seu certificado de propriedade. Porque ter controle de suas finanças lhe dá poder (p. 145).

[...]

Necessidades financeiras não são diferentes de necessidades emocionais (p. 152).

Em tais trechos, se percebe que chama a atenção as associações dos termos emocionais com os termos das trocas comerciais não somente porque elas dão a conotação de que um relacionamnetno se trata de um negócio, mas também porque as comparações são

utilizadas para estabelecer relações de valor. A moral econômica que norteia outros aspectos da vida parece ser a linguagem mais apropriada para explicar como funcionaria a lógica de pensar dos homens. Em termos de comparação histórica, também é possível argumentar que, durante muito tempo, o matrimônio era concebido como forma de viabilizar ou manter determinadas estruturas econômicas, sendo uma decisão que independia da vontade das partes, compondo os chamados casamentos arranjados. Na lógica contemporânea descrita pelo livro, desaparece a figura da família, ou do pai, como o elemento decisivo para o início de um relacionamento, especialmente porque antigamente, em tais situações, praticamente não havia relação marital no sentido de construção afetiva. Hoje, a possibilidade da escolha está presente, porém, como se depreende do texto de Argov, não em condição mais simplificada. A mulher hodierna carrega o peso do erro pelos fracassos dos seus relacionamentos e ainda tem de desenvolver um esforço interno para saber lidar com as expectativas do homem desejado.

A cada início de capítulo, são apresentadas frases curtas que exprimem a necessidade de pensar o relacionamento como um negócio: “sexo é como um pequeno negócio. Nunca se deve descuidar dele”; “A loja de doces – como tirar o máximo proveito de seus poderes femininos e sexuais”; “não vamos negociar levados pelo medo”; “não aprenda os truques do negócio. Aprenda o negócio”; etc. O exemplo da “teoria da loja de doces” é bastante lembrado pelas leitoras. A autora aconselha que não se deve entregar toda a loja de doces de uma vez, ou seja, se resguardar sexualmente para a hora certa, oferecendo “uma jujuba por vez”.

A sexualidade é encarada como algo que pode valorizar ou desvalorizar uma mulher, de acordo com a lógica dos homens. Ela compara o que seria a mulher “só para passar o tempo” com a mulher “que vale a pena”. A primeira vai para a cama no segundo encontro e deixa o parceiro com a sensação que recebeu a loja de doces inteira. A segunda controla os próprios desejos e se despede dele com um beijo apaixonado, o que faz a chama crepitar. Insiste Argov (2009, p. 52): “quanto tempo você deve esperar antes de transar? O máximo que puder. Mantenha a relação platônica pelo menos no primeiro mês”.

Além de dominadores, os homens são apresentados como possessivos, embora isso não lhe custe o débito do fracasso dos relacionamentos: “[o]s homens são possessivos. Eles gostam de saber que os outros não conseguem facilmente aonde ele deseja se estabelecer. Ele quer explorar novas terras onde poucos estiveram”. Se a mulher, no entanto, ao desconsiderar essa “qualidade inata”, se deixa levar pelos seus próprios desejos, o resultado seria: “se você

se entregar de primeiro a um homem, ele dirá a si mesmo: ‘Ela simplesmente não resistiu aos meus encantos!’ Mas logo depois vai imaginar quantos outros também foram irresistíveis”. Na margem de ação que caberia à mulher poderosa, a liberdade sexual aparece como um dilema. Resguardar-se para a hora certa, como provavelmente foram aconselhadas suas gerações anteriores, continua sendo sinônimo de valor.

### **3.3.4 Boazinha, poderosa, mãe, amante, falsa ingênua: os modelos femininos de Sherry Argov**

Há pressupostos de concepções de gênero em todo o conteúdo do livro. Eles estão presentes no contraste entre a boazinha e a poderosa, no que se apresenta como o modo de ser dos homens, no que se considera valorizado ou não em uma relação, etc. Mudam-se os termos, que aparecem em linguagem mais contemporânea, porém os lugares esperados para as mulheres continuam, em vários aspectos, problemáticos, inclusive pelo custo emocional a elas repassado, seja no esforço para conseguir um relacionamento afetivo bem-sucedido, seja na culpa carregada se as tentativas não derem certo.

A poderosa demonstra sua esperteza, segundo Argov, quando faz o homem sentir que tem razão. Então, ela simula a falsa ingênua, com o intuito de massagear o ego masculino (2009, p. 67): “deixe-o pensar que tem o controle. Automaticamente, ele fará o que você deseja”. Afirmar ainda a autora (2009, p. 68, grifos no original): “para todo macho, a sensação de ser *o homem* é essencial”. O que se requisita à poderosa é que ela saiba identificar quando massageia o ego dele para enaltecê-lo e quando faz isso demonstrando carência, sendo a primeira conduta aceitável e a segunda reprovável. “A falsa ingênua é uma negociadora inteligente”.

Em outro trecho, falando ainda sobre a falsa ingênua, Argov sugere que quando a mulher se mostra mais suave e feminina desperta no homem o instinto protetor; mas quando age mais agressivamente, desperta nele o espírito de competição. A mulher não deve tentar competir com o espírito caçador masculino, pois, segundo a autora, ele interpretaria como se ela pretendesse “vestir as calças”. Outras dicas sugeridas para a mulher “fazer amizade com o ego dele” e fazê-lo se sentir importante na relação são como as seguintes:

[s]empre que ele fizer algo que exija habilidade, como instalar uma prateleira, elogie-o. Não importa se ficar com um ângulo de 45° e tudo o que você colocar em cima dela escorregar para um dos lados. Bata palmas alegremente, como uma foca, e depois, quando ele não estiver por perto, chame alguém para consertá-la (p. 70).

[...]

Peça para ele abrir o vidro de palmito (mesmo que você consiga fazê-lo sozinha) (p. 71).

[...]

Deixe que ele estacione seu carro ou o tire de uma vaga apertada (p. 71).

Algumas situações que põem a mulher em posição de desvantagem são revertidas, nos termos da autora, com compensações materiais, conforme o exemplo abaixo, em que Argov (2009, p. 73) justifica porque o homem deveria pagar a conta num restaurante em um possível primeiro encontro:

[m]as também não é justo que nós, mulheres, ganhemos menos no trabalho, tenhamos que usar sutiãs apertados para levantar bem os seios e nos equilibrar em saltos altos, carreguemos bebês na barriga e soframos as dores do parto. Assim, deixe que ele seja o homem. Um gentil cavalheiro. [...] A mulher poderosa sabe que, quanto menos ela criticar, melhor será. E é por isso que ela não reclama. Em vez disso, age com habilidade.

Sugere-se, também, que nas contas de casa a mulher participe com uma parte, mas a divisão de despesas não precisa ser igualitária: “o homem fica feliz em pagar por todo o resto. Ele não precisa sentir que tudo é igual, somente recíproco”. A mulher poderosa também deve deixar os méritos para o homem, com o intuito de massagear o ego dele:

[a]lém de precisar sentir que “está com a razão”, um homem tem a necessidade de ser “dono da ideia”. Então, lembre-se, a ideia é sempre dele, mesmo que não seja. Não tente competir com ele, não vale a pena. Quando estiverem com um grupo de amigos e ele receber o crédito por alguma ideia sua, não crie um deus-nos-acuda. Ele precisa mostrar que é o chefe (ARGOV, 2009, p. 75).

A poderosa também se opõe à ideia de “supermulher clássica”, denominação de Argov para se referir às mulheres modernas que aspiram mais autonomia e igualdade nos relacionamentos. Segundo a autora:

[a]gora que as mulheres estão bem estabelecidas no trabalho, os homens não se sentem mais tão necessários aos olhos delas [...] As mulheres bem-sucedidas profissionalmente são, com frequência, as que se pegam dizendo: “Eu não deveria ter que me desculpar por ser forte”. Elas não entendem por que não conseguem “achar um bom homem”.

É porque um bom homem deseja uma boa m-u-l-h-e-r. Ser poderosa não significa perder a feminilidade nem tentar abertamente vestir as calças dentro de casa. [...] A supermulher clássica deseja um relacionamento em que o homem e a mulher sejam “iguais”. Essa é uma boa teoria, mas, na prática, acaba gerando uma relação desigual

(ARGOV, 2009, p. 78).

Argov generaliza ao associar mulher bem-sucedida e mulher heterossexual, além de indiretamente supor como descabidas as mulheres que querem estabelecer relações mais igualitárias. Ao caracterizá-las jocosamente pelo ato de “vestir as calças”, tanto sugere que se adote um comportamento feminino considerado legítimo quanto busca deslegitimar posturas que se aproximem de modelos considerados como masculinos. Do mesmo modo, o termo “supermulher” aparece como forma de se distanciar de um sentido feminista, como o fazem os demais autores dos livros analisados.

A autora adverte que é preciso separar os papéis de mãe e amante. E, ao advertir sobre a mulher estar agindo como mãe dele (implicitamente seria a condição da leitora no futuro, enquanto mãe), declara:

[a] maioria dos homens não se importa muito se o chão não está brilhando ou se a casa está uma bagunça. Eles ficam felizes em mergulhar no sofá manchado de tanto uso, com as almofadas marcadas pelo peso das nádegas deles. Não se importam se a pia está cheia de pratos sujos do dia anterior ou se seus sapatos deixaram pegadas de lama por todo o carpete (ARGOV, 2009, p. 110).

Para que a leitora evite agir como uma mãe, Argov aconselha que ela não deve tentar proteger o parceiro. Vê-se que as noções de proteção ganham conotações diferentes a depender de quem age: se é o parceiro, é visto como a virilidade de macho protetor; na mulher, como sinal de apelo maternal, o que também sugere que, na condição de mãe, a proteção ganha sentido positivo (“ele não precisa conquistar a própria mãe”, diz a autora).

### **3.3.5 Novos rótulos, padrões bem conhecidos**

Ao redigir o manual, Sherry Argov elaborou seus aconselhamentos a partir da opinião dos homens que entrevistou. No entanto, mais do que utilizar como dados as informações que ouviu deles, ela constrói seu modelo de poderosa baseado nos valores masculinos, que aparecem tão generalizados quanto os modelos femininos, sejam os evocados ou os criticados. A autora não problematiza a respeito das posições dos homens, apenas as toma como base para suas afirmações, o que implica, mesmo que indiretamente, em sua aceitação.

Argov elabora a figura de uma mulher poderosa, que se distingue do modelo da boazinha. No entanto, o custo emocional é tão alto e a adoção de estratégias sugeridas para que a mulher se encaixe no padrão representado como adequado recai tão fortemente sobre as mulheres que é de se questionar até que ponto esse modelo rompe com padrões tradicionais anteriores. Em várias passagens do livro, os conselhos, no que se refere às relações de gênero, chegam a se assemelhar com a moral da década de 1950. Em pleno século XXI, Argov sugere que a mulher poderosa deve conceder o lugar de “dominador” ao homem, evitando estabelecer relações igualitárias.

Sob o rótulo de mulher moderna, portadora de novos valores, são acionados todos os padrões socialmente já conhecidos: heterossexualidade, monogamia, controle sexual pelas mulheres, feminilidade, etc. A mulher poderosa sobe no salto e não se deixa ser pisada, mas o faz na condição de administrar cada ato e emoção que pretende expressar. Mas aí é preciso questionar: até que ponto essa mulher realmente tem poder? Aos homens, confere-se o lugar do controle; às mulheres, a necessidade de autocontrole.

Embora com termos diferentes e dialogando com demandas emocionais do presente, a mulher poderosa traz à tona valores semelhantes aos demais autores analisados, variando apenas a proporção com que defendem suas ideias. Nesse aspecto, ressalta-se que o casal Pease assume a liderança em relação aos valores tradicionais reiterados.

O livro de Argov, o mais lido entre as entrevistadas e também o que mais encontrou identificação por parte delas, apresenta um discurso constituído por tantos referenciais que em vários aspectos poderia ser diluído e associado a um teor feminista. No entanto, a confortável posição que ocupa a vontade masculina na narrativa demonstra que há um limite estabelecido que define até onde vai o questionamento da figura da boazinha. A poderosa parece ser a exata medida da figura de mulher que não é a autêntica representação da mulher tradicional do passado nem é a exagerada feminista que tenta se igualar ao homem. Constrói-se, dessa maneira, uma figura que está emocionalmente preparada para os dilemas contemporâneos, que porta (sem saber) valores defendidos pelo movimento feminista de décadas passadas, mas concilia suas transformações comportamentais de acordo com o padrão masculino considerado legítimo. Constrói-se, igualmente, uma figura do masculino onde velhos padrões não são submetidos à revisão; encontram-se, aliás, em pleno vigor. “O macho caçador” não parece estar desaparecido do imaginário social contemporâneo.

Pode-se observar, por fim, que se trata de uma mulher escrevendo para outras

mulheres. A análise das imagens construídas, em sua concretude, mostra o quão complexas são as visões de mundo constituídas a partir das experiências individuais. Durante muito tempo, as mulheres só entravam nas narrativas históricas mediante a autoria do olhar masculino. Hoje, esse olhar masculino não se expressa somente através “dos homens”. É possível, pois, encontrar um olhar masculinista de autoria das próprias mulheres.

### 3.4 TÉCNICAS DE SEDUÇÃO SEGUNDO O OLHAR MASCULINO: OS CONSELHOS DE EDUARDO NUNES

O autor de *Sedução: uma estrada de mão dupla*, Eduardo Nunes, é mais conhecido pelas suas aparições em programas da mídia e pelos serviços de aconselhamento do que propriamente pelos seus manuais publicados, embora seja autor de *best sellers*. Comparado aos manuais estrangeiros publicados no Brasil e analisados na pesquisa, *Sedução* tem menor circulação editorial. Sua proposta de aconselhamento, no entanto, além do fato de ser de um autor brasileiro, possui aspectos importantes a serem observados considerando a consolidação de uma cultura de aconselhamento no Brasil atual.

Eduardo Nunes atua como *coach* profissional, orientando suas clientes a respeito dos mecanismos da sedução de um parceiro, apresentando dicas para “conquistar um homem” segundo um ponto de vista masculino. O autor enfatiza que seu foco é o processo de sedução e não o cotidiano dos relacionamentos afetivos.

Se Sherry Argov ouve as opiniões masculinas e se reporta às leitoras pela sua experiência como mulher, Eduardo Nunes indica ter consultado as opiniões de homens e as apresenta enquanto um deles. Em uma entrevista concedida na televisão<sup>25</sup>, ele explica a sua trajetória enquanto aconselhador afetivo profissional e traça um quadro do mercado dos relacionamentos, explicitando as regras do jogo e indicando como orienta suas clientes a seguir tais regras, caso queiram “arrumar um marido”. Assim, aquilo que Illouz (2012) analisa enquanto tendência histórica e cultural dos relacionamentos afetivos dos cenários urbanos é possível ser encontrado na fala de Eduardo Nunes como uma demonstração prática do fenômeno analisado.

---

<sup>25</sup> Entrevista conduzida pela jornalista Marília Gabriela no programa “De Frente com Gabi”, na rede SBT. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5EQg0MKLPwg>> Acesso em: 20 mar 2014.

Nunes inicia o livro apontando o perfil de público para quem escreve: mulheres entre 25 e 40 anos de idade e homens entre 28 e 40 anos, “economicamente estáveis ou bem encaminhados, que também estão querendo sossegar e encontrar uma boa companheira para a cama e para a vida” (NUNES, 2000, p. 5). O autor descreve ainda o contexto no qual se situam seus leitores: “o ambiente urbano de uma grande cidade, no qual as pessoas desconhecem o passado umas das outras e não têm tempo para se conhecerem aos poucos” (NUNES, 2000, p. 6). Com tais aspectos, verifica-se que Nunes, ao demarcar sobre quem está falando, generaliza menos dos que os demais autores analisados, o que não significa que suas concepções ao longo da narrativa não produzam vários estereótipos de gênero, como será descrito a seguir.

Situado profissionalmente em um contexto de mercado dos relacionamentos, Eduardo Nunes possui um discurso que seria uma espécie de “liberalismo amoroso”, para fazer uma associação com a ideologia de liberalismo de mercado. Sua forma de conduzir o aconselhamento situa as personagens em um mercado e, enquanto tal, um lugar de competições, vencedores e perdedores, de artimanhas e barganhas e, sobretudo, um lugar onde todos buscam “se darem bem”.

### **3.4.1 O dicionário da sedução**

Nunes reserva algumas páginas para expor termos que compõem sua narrativa de aconselhamento. Os termos adotados e suas definições carregam vários pressupostos de gênero.

a) Mulher Cadastro: “é aquela mulher que o homem só quer para transar, para matar o tesão. [...] Segundo minhas pesquisas, cada homem hoje conta com pelo menos três Cadastros ativos. Traduzindo: um homem mantém pelo menos três mulheres Cadastro na manga para quando deseje apenas satisfazer-se sexualmente” (p. 12);

b) Homem Cafajeste: “é aquele tipo que, apesar de tê-la como Cadastro, consegue levar em conta que você tem sentimentos e, por isso, tenta livrar-se do envolvimento, deixando bem claro que não está interessado em qualquer relação mais séria. [...] Ele se apaixona quando encontra uma mulher realmente autêntica” (p. 13);

c) Homem Canalha: “Também conhecido como Filho da Puta, este tipo é

recriminado e malvisto até pelos homens. Sua principal característica é seduzir a Mulher Cadastro ao máximo e só transar quando ela estiver apaixonada. Ele trata a mulher muito bem, mas seu único interesse é tê-la na sua cama. [...] Além de não respeitar os sentimentos de uma mulher, sua atitude costuma causar traumas. E, o que é pior, dificulta muito a atuação do próximo” (p. 14).

d) Sacanagem: “Sempre que um homem diz que está querendo uma sacanagem, na verdade está com vontade de liberar suas fantasias, explorar seus próprios limites sexuais e os de sua parceira. Nessa situação, um homem sente-se como se fosse o próprio Imperador numa orgia da Roma Antiga. Tudo pode acontecer, sem nenhum sentimento, muito menos remorso. Caso você encontre pela frente um sujeito com esse discurso, fique ligada para ser verdadeira com você mesma: saia do caminho ou pague pra ver!” (p. 15);

e) Mulher Safada ou Safa: “É aquela que sabe exatamente o que faz. Usa sua inteligência muito bem e sabe separar perfeitamente o amor (sentimento) do sexo (sensação). A Mulher Safada é uma puta, mas preste atenção: só com o seu homem. [...] Guarde bem este detalhe: desde que seja com aquele que ela escolheu e ele lhe ofereça a reciprocidade que ela deseja nos planos sexual, social e econômico” (p. 16);

f) Mulher Vagabunda: “Deixa-se seduzir por qualquer um, pelo primeiro que aparece. Ela pode até fazer tudo o que a Safada faz, mas desconhece o que é mais importante: o amor-próprio. Não se envolve – não elege um escolhido – e não tem respeito por si mesma. [...] Por exemplo, se você adia uma primeira saída, por qualquer motivo, com um cara legal que também gostou de você pode correr o risco de ele ligar para uma Vagabunda pra quebrar o galho. Ele, que pretendia juntar o útil (sexo) ao agradável (uma mulher com papo legal e bastante amor-próprio), acaba quebrando o galho com uma mulher fácil e inconsequente” (p. 17).

Nunes, na medida em que toma o partido da visão masculina e é essa visão que pauta toda sua narrativa, descreve um cenário em que os homens têm mais poder de escolha e são classificados entre aqueles mais aceitáveis moralmente – o “cafajeste” – e os mais repudiáveis – o “canalha”. Os dois modelos se diferem no fato de que o cafajeste deixa claro que não pretende estabelecer compromisso afetivo, ao passo que o canalha, como uma espécie de propaganda enganosa, apenas se diverte com as mulheres, sem perspectiva de estabelecer vínculos amorosos. Os modelos de mulher descritos orbitam entre essas duas figuras masculinas. E mesmo a que, segundo sua definição, seria mais a livre, “a mulher safada”, o é

na condição de satisfazer as perspectivas do seu homem, pois o aspecto da exclusividade sexual, que cabe aos homens, é destacado pelo autor.

Algo a se observar também são os termos utilizados pelo autor para construir sua narrativa. Com o propósito de deixar a linguagem mais informal e traduzir aquilo que ele divulga como mentalidade dos homens, aparecem termos que, do ponto de vista das relações de gênero, são considerados pejorativos, recaindo o peso moral, sobretudo, nas mulheres. Pode-se argumentar que a linguagem cria a possibilidade de reapropriação dos termos e que é possível ressignificá-los. A apropriação crítica do termo “vadia”, em edições recentes do movimento feminista brasileiro, é um dos exemplos. No entanto, considerando que o autor não está interessado em transformar as relações de gênero – ao contrário, afirma que essa é a realidade e é a partir dela que são lançadas as estratégias de sedução –, é possível afirmar que o sentido dos termos utilizados reforça estereótipos de gênero. Em sua matemática do mercado amoroso, são três modelos de mulheres para dois modelos de homens, uma equação que pode ser compreendida, em termos sociológicos, pelas especificidades de gênero presentes na forma como as liberdades sexuais são vivenciadas e compreendidas nesse padrão heterossexual pressuposto em toda a narrativa de Nunes.

### **3.4.2 Os caminhos da sedução**

Tal como Allan & Barbara Pease, Eduardo Nunes recorre a um passado mítico para justificar os mecanismos de sedução desde os tempos mais remotos. No caso de Nunes, o marco cronológico empregado é o de “Adão e Eva”, pois, segundo o autor, praticamente nada mudou na História. Afirma mais adiante:

[a]ntigamente, a fim de atingir o seu objetivo, o sexo, o homem precisava oferecer um compromisso em troca: o casamento.  
Porém, a vida moderna, nas grandes metrópoles do mundo todo, contempla a liberação sexual da mulher e as relações cada vez mais impessoais que acontecem em meio a milhões de pessoas, apressadas e incógnitas (NUNES, 2000, p. 33).

Ao mesmo tempo em que recorre a um passado mítico, se reporta às transformações culturais contemporâneas, em seus impactos na esfera da sexualidade. A dimensão da sexualidade, inclusive, é um elemento importante na construção das figuras de mulher que o

autor propõe. Nunes se apropria das liberdades sexuais vivenciadas atualmente, canalizando-as para uma moral masculina, que organiza seu conjunto de aconselhamentos.

Comparando com os modelos de “boazinha” e “poderosa”, de Argov, que são personificações de transformações culturais e de gênero mais amplas, os modelos de Nunes também constróem uma mudança de padrões femininos, com isso enfatizando a dimensão da sexualidade nos relacionamentos afetivos contemporâneos, desde a chamada fase da sedução. Em um trecho do livro, sugere às leitoras:

Agora, pense um pouco mais nestas questões:

1. De onde vieram suas informações sobre como agir diante de um homem?
2. Elas são confiáveis?
3. Vieram de alguém que vive no mesmo mundo e época que você?

É provável que você tenha acabado de descobrir que suas respostas a estas perguntas simples não lhe agradaram nem um pouco e que tenha acabado de perceber que muros foram erguidos em torno da sua liberdade individual (NUNES, 2000, p. 44).

Em outro trecho, no qual o autor evoca a importância do tesão sexual nas relações, constrói uma ponte que vai das sensações orgânicas à defesa de lugares desiguais de gênero, indicando, mais uma vez, que resguarda a prioridade das escolhas e experiências masculinas:

Nunca se esqueça: o tesão é contagiante.

Aprender a lidar com ele com naturalidade e desprendimento é um trunfo de que a mulher já não pode mais abrir mão.

[...]

Para nós, a melhor mulher é aquela que nos faz sentir mais homens (mais competentes, mais potentes), sexual e socialmente falando.

Entretanto, hoje as mulheres têm condições de ser tão “homens” quanto nós, conseguem ter bons salários, *status* invejável, independência etc.

É aí que mora o perigo.

Sexualmente as mulheres ainda fazem muita confusão entre competência e independência.

A mulher adquiriu o direito de conquista perante a sociedade, mas pagou um preço alto, pois acabou esquecendo a grande arma que é a sua capacidade de sedução.

[...]

Então, você pode ter o seu carro, ganhar muito bem e coisas assim, mas mostre sempre ao seu homem que você o deseja e o quanto precisa dele, isso é importante (NUNES, 2000, pp. 53-54).

Eduardo Nunes prepara sua leitora “para uma guerra”, que requer estratégias e uso de armas secretas. No capítulo “Acorda mulher, é guerra!”, adverte: “[p]ense comigo. Mesmo nos dias de hoje, as convenções sociais determinam que a mulher tem que se casar; se não formalmente, que deve ter um companheiro” (NUNES, 2000, p. 19). A partir dessa advertência, traça um panorama, baseado em divisão de sexo e faixa etária, para situar a

leitora sobre a concorrência que irá encontrar, sobretudo entre mulheres mais novas, considerando as que já estão em uma idade mais avançada. Segundo Eduardo Nunes, uma das particularidades das mulheres mais novas, além dos seus atrativos físicos, é que teriam um comportamento sexual mais ativo, devido ao que chama “evolução do comportamento das mulheres”, e seriam incentivadas à masturbação e à busca do orgasmo.

De todos os manuais analisados na pesquisa, esse é o único que aborda o comportamento sexual de forma mais aberta, até certo ponto com conotação positiva em se tratando de sexualidade feminina, porém norteador por uma visão masculinista que define, em última instância, até onde essa liberdade sexual vivenciada é aceitável. Em relação à sexualidade, o autor dá os seguintes conselhos.

1. Conhecer a si mesma e os seus próprios limites sexuais, limites estes que poderá descobrir e testar consultando a lista de fantasias máximas na última parte deste livro.
2. Treinar sua afinidade com o orgasmo e o tesão, a fim de estar preparada para sentir e dar prazer sem “neuras”.
3. Procurar ter bases de comparação, saber tudo sobre as amigas (tudo mesmo!), quais são os limites delas. Principalmente daquelas que já “roubaram” um homem de outra mulher alguma vez (NUNES, 2000, p. 23).

Quando se refere ao ambiente de caça urbana de parceiros sexuais, Nunes aponta dois aspectos que caracterizariam o contexto atual.

1. Fazemos parte da primeira geração que assume a prática do sexo antes do casamento. Isso significa, para os homens, que a mulher perdeu o seu poder de barganha.
  2. As cidades são tão grandes que não temos como conhecer a procedência das pessoas (portanto, das mulheres, o que exige mais eficiência no processo de seleção das fêmeas).
- Assim, o homem que vive nessas grandes cidades aprende, numa tradição passada de pai para filho, que precisa testar cada mulher que conhece.  
E costuma fazer isso com muito prazer... (NUNES, 2000, p. 34).

Como o autor expõe seus pressupostos sem reservas, não apresenta dificuldades para que se apreenda sua defesa não só de um ponto de vista, mas de privilégios masculinos. “Conscientize-se de que todo homem, sem exceção, é machista de pai e mãe e que, provavelmente, você também é” (NUNES, 2000, p. 55). As figuras femininas são narradas como objeto, e são avaliadas, segundo as informações do autor, como uma espécie de mercadoria: a virgindade seria, em tempos passados, um trunfo das mulheres. Logo, dada a liberdade sexual contemporânea, as mulheres perdem valor nessa relação de comércio

amoroso; as “fêmeas” selecionadas precisam atestar sua procedência, o que dificultaria a seleção masculina delas. O ambiente é urbano, mas os valores tradicionais são assegurados pelo autor; o homem aprende, através da tradição, como testar cada mulher. O uso do termo tradição traz a ideia de manutenção de padrões, porque pressupõe que os critérios de escolhas masculinas seriam os mesmos ao longo de gerações.

Em diferentes passagens ao longo do livro, Nunes constrói suas orientações a partir de estereótipos de gênero.

Falando claramente, o que nós homens desejamos encontrar, a surpresa que queremos ter, é descobrir uma mulher bem depilada, pronta pra sacanagem, linda como nas revistas. Aquela marca do fio dental ínfimo numa bunda bem queimada de sol (a marca de um biquíni tem de ser de fio dental), muito cavado, uma coisa agressiva. Esta é prova de que uma mulher se ama e se cuida muito bem. Não existe experiência mais excitante para um homem do que levantar uma discreta saia comprida e encontrar o sexo de uma safada. Ele pensa que achou o mapa da mina do tesouro: a união perfeita da sacanagem com a fidelidade. Aquela mulher que está pronta para qualquer experiência sexual, mas só com o homem dela. E isso, o homem adora (p. 64).

[...]

Na minha opinião, as mulheres nunca conseguiram interpretar corretamente o ditado “a mulher ideal é aquela que é uma puta na cama e uma senhora na sociedade”. A confusão está no fato de que a mulher não sabe o que é ser puta. [...] Vamos entender, de uma vez por todas; para o homem, a puta é aquela que está disposta a tudo para satisfazê-lo e que sabe exatamente o que e porque está fazendo (p. 69).

[...]

Essa mulher especial é aquela que realiza nossas fantasias pelo prazer de ser mulher e de ser dominada pelo seu homem. [...] Pode ter certeza, é com esta que vamos casar! (p. 106).

[...]

Não posso negar que a maioria de nós não resiste a uma Mulher Vagabunda, afinal, é uma conquista fácil. Contudo, já vimos que, na maioria das vezes, essa mulher não sabe o que está fazendo. Na verdade, em geral, ela não passa de uma inconsequente (p. 109).

[...]

O maior problema das mulheres é misturar sexo com amor (p. 111).

[...]

Costumamos ir a boates de prostitutas e depois é comum vê-las fazendo tipo de boa moça num bar qualquer. Esteja atenta aos lugares onde você entra, informe-se, se necessário. Ainda mais, lembre-se de não copiar o modo de agir e de vestir de uma puta. Já falamos sobre isso (p. 132).

Nos exemplos citados acima, as escolhas são sempre balizadas pela vontade masculina. As vontades femininas não são consideradas, a não ser o pano de fundo de desejar seduzir e se relacionar afetivamente com um homem, pressuposto que se mantém em todo o livro. A partir de um discurso aparentemente menos conservador, o autor aconselha e advoga por um neoconservadorismo moral, que se apropria de liberdades sexuais decorrentes de

movimentos feministas que questionavam a moral sexual conservadora, submetendo tudo ao que chama de vontade do homem. Em sua exposição, a opinião se mescla com a fala dos homens que teria consultado para formular os conselhos oferecidos no livro, não restando dúvidas sobre sua visão de masculinidade hegemônica. No mercado dos relacionamentos narrado pelo aconselhador profissional, a mulher que sente prazer em ser dominada pelo homem levaria como trunfo um casamento.

Ademais, seus referenciais ao mencionar as figuras de puta e prostituta reforçam lugares conservadores, que tanto as situam sob o domínio da hegemonia masculina quanto criam um maniqueísmo moral entre as duas figuras, em que os valores masculinos definem até onde vai a imagem da “boa moça”. Ao mesmo tempo em que afirma que os homens frequentam lugares onde atuam as profissionais do sexo, adverte às demais mulheres para não frequentarem tais ambientes e julga moralmente a pessoa que lá trabalha. Ao mesmo tempo em que aconselha suas leitoras de que o erro da mulher é misturar sexo e amor, não admite que uma profissional do sexo, que se envolve sexualmente em função do serviço que presta (desvinculado de sentimento), possa em outras horas buscar um parceiro afetivo.

Entre os escritos do final do livro, Nunes escreve uma seção com o título “Vencedora” e, em consonância com os demais manuais, responsabiliza a mulher pelo insucesso nos relacionamentos. Após abordar, de várias formas, quais são as vontades, necessidades e prioridades dos homens, cabe à mulher modificar seu comportamento e, mais que isso, observar os atributos de sua suposta rival, para verificar “o que ela tem que me falta”. Para as mulheres que não conseguem buscar em si mesmas as causas das infelicidades amorosas, restaria a condição de perdedora. Para além dos rótulos oferecidos pelo autor, os lugares de gênero que sua narrativa de aconselhamento sugere são bastante problemáticos e reforçam, de maneira muito contundente, a condição de fracassada para as mulheres.

[...] Quando a mulher perde um relacionamento com um homem, é o momento de parar e pensar: - “A culpa foi minha”, “Eu tenho a minha parcela de culpa”, “Eu não devia ter sido tão descuidada”.

Se conseguir fazer isso, a mulher estará mudando de atitude e deixando de ser uma perdedora.

Não importa o que tenha acontecido, a mulher precisa entender e procurar onde foi que errou, aí ela cresce e, seja lá o que for, não vai mais se repetir.

Ao invés de chorar e fugir, você deve encarar o problema de frente: “Por que ele me deixou?” “Eu preciso conhecer essa fulana para saber o que ela tem de diferente”. Trate de descobrir que vantagem ela teve sobre você (NUNES, 2000, p. 149).

### 3.5 ACONSELHAMENTOS AFETIVOS, GERENCIAMENTO EMOCIONAL E IMPLICAÇÕES DE GÊNERO

Como se pode observar, os manuais analisados têm especificidades em termos de seus conteúdos e públicos. Constroem maneiras de abordar as diferenças de gênero, assim como as figuras que protagonizam suas narrativas. No entanto, todos estão lidando com a problemática dos relacionamentos afetivos contemporâneos e, em última instância, seus discursos reafirmam concepções de gênero que naturalizam posições, seja através da essencialização biológica, da essencialização cultural, ou do cruzamento entre as duas.

Conforme vem sendo apontado em várias passagens da presente pesquisa, as fontes que constituem o discurso de autoajuda são diversas e, ao serem adaptadas e absorvidas pela cultura de aconselhamento, dão origem a algo novo, que não se associa mais diretamente a nenhuma das fontes “originais”. Noções de individualismo, psicológicas, feministas, biológicas e de gerenciamento estão simultaneamente presentes no imaginário das diferenças de gênero conforme expostas nos manuais.

Se a literatura de autoajuda é um fenômeno que se articula com a demanda da procura de aconselhamentos no plano afetivo, ela não só traça seu diagnóstico sobre essa realidade como ainda aponta o “caminho da cura”: a mudança no comportamento das mulheres e a sua habilidade e compreensão para lidar com o comportamento masculino. Além da ênfase na explicação individual para falar de um problema que acomete a milhares de pessoas, como já foi mencionado anteriormente, naturalizam-se posições de gênero no momento em que não são discutidas ou problematizadas, pelos manuais, situações que envolvam machismo, relações desiguais de poder, desigualdades em outros níveis, etc. A linguagem da psicologia, em seu formato mais popularizado, é adaptada para explicar as causas de situações sociais de maior complexidade. Ao apontar as causas como sendo de origem estritamente psicológica e as saídas para os dilemas situadas na mesma esfera, reforça-se também uma percepção do mundo fragmentada e localizada apenas na reprodução da vida cotidiana. Pela lógica desenvolvida, a mulher olha apenas ao seu redor, vigilante ao seu comportamento, procurando meios de viabilizar seus relacionamentos afetivos, sempre lidando com os parâmetros dele (já que o discurso pressupõe um homem).

O imaginário que explica diferenças por vias do argumento biologizante não está distante das concepções contemporâneas. Ao contrário, a difusão dos manuais, que reflete

uma procura por esse tipo de material e a popularidade de tais ideias expressa que as concepções de diferenças pautadas em noções sexuais ainda possuem bastante força.

Para o dilema emocional vivenciado por muitas leitoras que buscam respostas ao consultar a literatura de autoajuda, o gerenciamento das emoções é a saída apontada pelos autores, cada um com suas especificidades. Pensar as experiências das leitoras a partir do que indicam seus depoimentos é fundamental para analisar não somente como esse discurso chega até elas, mas também quais elementos culturais o sustentam e que estão presentes nas suas vivências cotidianas. Os manuais propõem uma espécie de saída terapêutica para o dilema afetivo, mas se valem de conteúdos de gênero que acabam por reforçar relações sociais que se situam para além dele. No próximo capítulo, tais questões são analisadas.

## 4 O OLHAR A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS LEITORAS DOS MANUAIS DE AUTOAJUDA

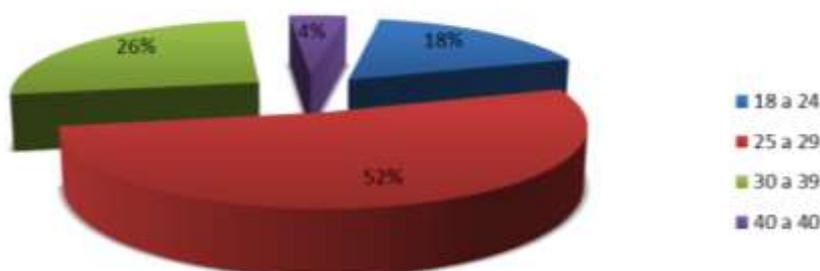
Nesse capítulo, foram construídos eixos de análise a partir das entrevistas realizadas com as 23 leitoras dos manuais. A primeira parte descreve um perfil com dados mais gerais das leitoras, situando região do país, faixa etária, escolaridade, renda, raça, etc. Em seguida, são analisados os dados qualitativos da pesquisa empírica, colhidos com base nas respostas obtidas nas entrevistas.

### 4.1 O PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Conforme já mencionado, o perfil aqui descrito diz respeito ao conjunto de leitoras que foram entrevistadas na pesquisa. Não se pretende, porém, generalizar e traduzir todo o público a partir dos dados sintetizados. Uma vez examinada a relação entre os dados, foi possível construir algumas variáveis que permitem dar concretude ao público participante.

Com respeito à faixa etária, que variou entre 18 a 41 anos, prevaleceu o grupo composto por mulheres de 25 a 29 anos (12 leitoras), em seguida do grupo de 30 a 39 (6 leitoras).

Gráfico 1 - Faixa etária das leitoras



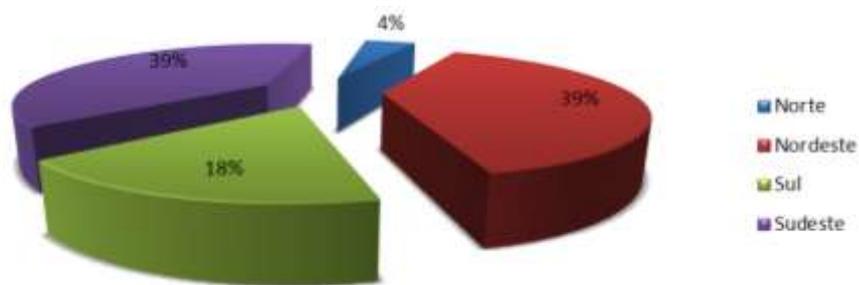
Fonte: dados da pesquisa de campo.

A quantidade das leitoras entre 25 a 39 anos coincide com dados do relatório das Estatísticas do Registro Civil de 2012, que indicou uma concentração de maternidade nessa

faixa etária, principalmente entre mulheres dos centros urbanos. Entre as leitoras entrevistadas na pesquisa, a maioria não tinha filhos, mas a faixa etária do grupo que prevalece indica que é a partir dessa fase que as preocupações com a conjugalidade surgem mais frequentemente. A partir dos 30 anos, a questão da maternidade aparece de maneira mais acentuada nas falas das entrevistadas.

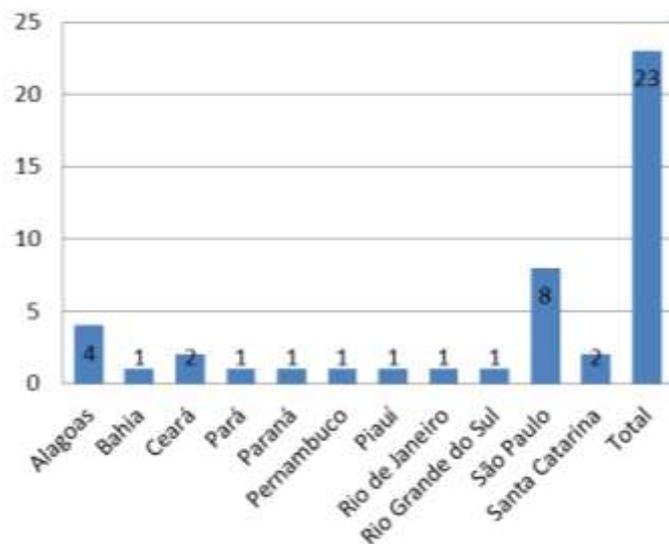
Com relação à origem regional, foram entrevistadas leitoras de 4 regiões do Brasil, abrangendo 11 estados da federação. As regiões Nordeste e Sudeste se equiparam na proporção, porém, na relação por estados, São Paulo lidera o número de entrevistas. Abaixo, os gráficos apresentam as duas exposições, por regiões e por estados.

Gráfico 2 - Localização das leitoras segundo região do país



Fonte: dados da pesquisa de campo.

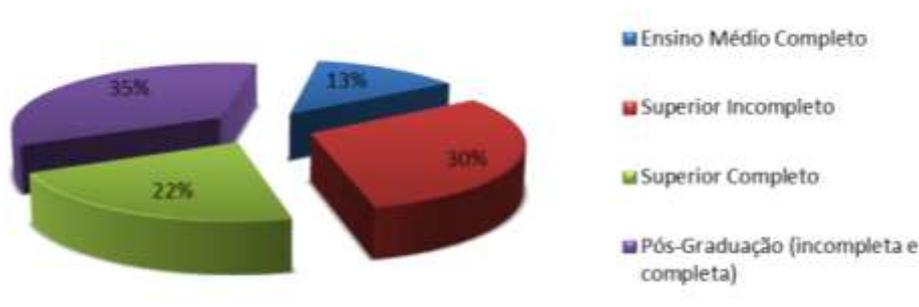
Gráfico 3 - Origem regional das leitoras (por estados da federação)



Fonte: dados da pesquisa de campo.

Com relação à escolaridade, observou-se que havia um número considerável de leitoras no ensino superior, compreendendo os graus incompleto e completo, além de um número notável de pós-graduandas (curso concluído ou não). Apenas três concluíram seus estudos até o ensino médio. No gráfico abaixo, a classificação compreende as faixas de escolarização especificando os níveis completos ou incompletos, de acordo com os dados apresentados pelas leitoras.

Gráfico 4 - Escolaridade das leitoras



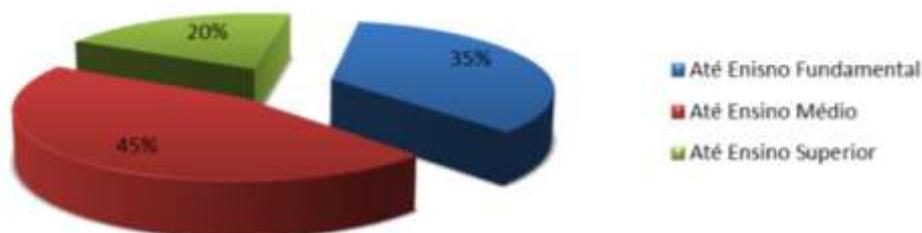
Fonte: dados da pesquisa de campo.

Entre as profissões das leitoras, foi possível observar ingressos em carreiras profissionais, algumas no campo da psicologia, entre estudantes e psicólogas em atuação. A categoria “estudante” foi incluída para os casos em que a leitora estivesse se dedicando exclusivamente aos estudos. Entre as profissões indicadas pelas leitoras, 7 estavam apenas estudando (graduação e pós-graduação), 6 atuando em ocupações que não demandavam formação superior (auxiliares administrativas, 1 assistente de produção – edição –, 1 *sommelier*, 1 operadora de telemarketing, 1 serviços de limpeza), 9 em profissões que exigem formação superior (psicologia, jornalismo, professoras, turismóloga, gestora de alimentos, enfermagem) e apenas uma que estava sem trabalhar e havia trancado a faculdade, em função da maternidade. Entre as 6 que estavam em ocupações que não demandam formação superior, 2 cursavam faculdade. Prevalece, nesse sentido, o grupo de mulheres associado a profissões de formação superior, constituído por 16 entrevistadas.

Foram verificados dados sobre escolaridade e profissão dos pais com o intuito de configurar origem social para além do critério da situação de renda. No quadro das profissões e escolaridade dos pais, foi possível estabelecer um breve recorte de gênero, em dois aspectos: a) as profissões dos pais eram mais diversificadas em relação às mães, que se constituem, em

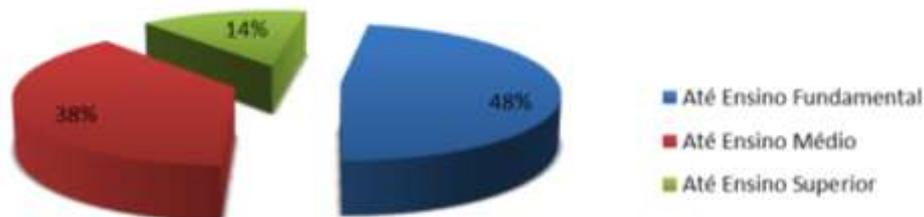
sua maioria, de trabalhadoras do lar; b) as mães estão mais concentradas no nível fundamental de escolarização em relação aos pais. Entre os pais, foram mencionados 14 tipos de profissões, enquanto para as mães apareceram 6 profissões, prevalecendo o grupo de trabalhadoras do lar.

Gráfico 5 - Escolaridade dos pais (%)



Fonte: dados da pesquisa de campo.

Gráfico 6 - Escolaridade das mães (%)



Fonte: dados da pesquisa de campo.

Contrastando a escolaridade das leitoras em relação aos pais, verifica-se que houve uma notável progressão, o que se reflete também na diversificação das profissões das leitoras e mais ingresso em carreiras profissionais. Comparando a escolaridade das leitoras com suas mães, observa-se que há uma inversão, pois entre as leitoras a maior concentração se dá no ensino superior (87% somando ensino superior incompleto, completo e pós-graduação) e a menor entre aquelas que concluíram até o ensino médio (apenas 13%). Esse é um aspecto importante para se observar porque, em várias entrevistas, a figura da mãe dedicada aos trabalhos domésticos aparece como aquela de quem as leitoras buscam se diferenciar, mencionando exemplos de posições de gênero em suas próprias experiências cotidianas. Os números indicam também a progressão de escolaridade entre as gerações de mulheres, ficando

notável que entre as mães delas prevalecem a menor escolaridade e o maior número de trabalhadoras do lar; enquanto que entre as leitoras há maior escolaridade, maior diversidade de profissões e apenas uma leitora dedicada somente à maternidade (em caráter temporário).

Em relação aos demais itens: a) a maioria se declarou heterossexual (apenas uma afirmou ser bissexual); b) do ponto de vista do critério racial, 10 se classificaram como brancas, 10 entre pardas/pretas, 1 indígena e duas sem classificação; c) estado civil: 14 afirmaram estar solteiras, 7 em relacionamento afetivo, 2 em situação casada/união estável; d) do critério de classe segundo situação de renda, prevaleceu a classe C e apenas duas pertencentes à classe B; e) apenas duas possuíam filhos.

Os dados mencionados acima também dialogam com os números das Estatísticas do Registro Civil de 2012 no que se refere às faixas etárias médias de nupcialidade e maternidade, que indicam mudanças no comportamento reprodutivo, com o aumento de maternidade nas faixas etárias de 30 anos a 34 anos e a redução da fecundidade no país. Segundo dados do mesmo documento, cresceu o adiamento da maternidade, sobretudo entre mulheres com maior escolaridade, geralmente residentes dos centros urbanos. O fato de a maioria das entrevistadas seguir em um padrão de relacionamento heterossexual as situa na problemática das emoções desenvolvida por Illouz, que analisa as diferenças de gênero presentes nas experiências afetivas contemporâneas que se enquadram nesse modelo.

#### 4.2 A BUSCA DOS MANUAIS PELAS LEITORAS

O segundo bloco de perguntas das entrevistas compreendia questões sobre as motivações das leitoras para buscarem o livro, se o fato de serem *best sellers* influenciava na escolha, se sugeriam a leitura para outras pessoas, se seguiam dicas adotadas no livro, se havia trechos com os quais não se identificavam ou se sentiam falta de algum assunto a ser tratado no livro, quais tipos de leituras lhes interessavam, etc.

Ao serem perguntadas sobre como conheceram o livro, surgiram quatro possibilidades: indicação de pessoas conhecidas, livraria, *internet* e divulgação em revista. A primeira categoria foi a mais citada e era possível observar, a partir dos relatos, que a divulgação informal era mais eficaz, porque geralmente se tratava de alguém com proximidade pessoal, como amigos ou parentes. O fato de ser um *best seller* era desconhecido

por algumas ou foi apontado como não sendo o fator principal na decisão de ler o manual. O conteúdo foi apontado como sendo maior fator de interesse. Algumas leitoras afirmaram que a categoria “*best seller*” gera, de alguma maneira, um certo preconceito e que não escolheriam ler o livro por esse motivo. Outras afirmaram que o fato de ser um *best seller* criava mais curiosidade em ler o que tantas pessoas estavam lendo.

Uma questão feita às entrevistadas tratava do tipo de literatura que costumavam ler com frequência, já que elas demonstravam interesse em ler não apenas os manuais de autoajuda, mas livros sobre outras temáticas. Vale observar que parte das entrevistadas foi encontrada através de uma rede social virtual que abrange leitores de diversos gêneros, que compartilham suas leituras com os demais usuários, de modo que, através de comentários deixados por leitoras a respeito dos manuais analisados na pesquisa, foi possível chegar a elas. Na rede social, é comum os usuários escreverem resenhas sobre os livros que leram e o conteúdo ficar disponível para qualquer pessoa que acesse a rede. Entre os gêneros de leitura mencionados pelas leitoras, estavam a autoajuda, biografias, romances, temas psicológicos, além de livros relacionados ao campo profissional. Os gêneros mais citados pelas entrevistadas indicam interesses relacionados à cultura terapêutica contemporânea, manifestada pela presença das biografias e manuais de autoajuda enfocando outros temas além do afetivo, e o romance como tema que atravessa a cultura de massa, de maneira mais geral, estando presente também no universo literário.

Entre as leitoras entrevistadas, 4 leram *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, 4 leram *O que toda mulher inteligente deve saber*, 12 leram *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* e 3 leram *Sedução*. Os convites foram enviados em número proporcional para equilibrar a relação entre livros e leitoras. Porém, entre as pessoas que se dispuseram a participar das entrevistas, a maioria lera o manual de Sherry Argov. A configuração não deixa de ser relevante, pois mostra que há uma preferência por tal autora entre o público leitor participante. O fato de o título e a capa do livro construírem a ideia de mulher poderosa também foi um atrativo para algumas delas. No Brasil, o termo “poderosa” indicou atrair atenção a um público que o associa a características ditas femininas, dentro de um determinado quadro moral mais legitimado.

Questionadas sobre os aspectos que despertaram o interesse delas pela leitura, as entrevistadas apontaram respostas variadas entre si, como a curiosidade despertada pelo título, o atrativo da capa do livro, a vontade de entender a lógica de pensar dos homens, o interesse

em compreender as diferenças existentes entre homens e mulheres, e, principalmente, a procura por respostas ou soluções para os problemas vivenciados nos seus relacionamentos afetivos. Considerando as maneiras como as leitoras buscaram e incorporaram os manuais em suas experiências, foram classificados dois grupos que expressam as principais similaridades: 1) o grupo de leitoras que leu, se identificou com o conteúdo do manual e aplicou, de alguma forma, os aconselhamentos na condução de sua vida afetiva, seja individualmente ou compartilhando experiências com pessoas próximas; 2) o grupo composto de leitoras que não se identificou com o conteúdo dos manuais ou que já teve identificação, mas mudou sua forma de conceber os aconselhamentos atualmente.

Embora não sejam desconsideradas as particularidades das experiências das leitoras, a análise foi conduzida pelas regularidades identificadas em suas práticas, o que permitiu a criação dos dois grupos em questão. O primeiro grupo comporta a maior parte das leitoras e a partir dele são observadas as maneiras como os manuais são incorporados na vida prática, identificando quais sentidos os manuais produzem nas vidas das leitoras que adotam os aconselhamentos como guias afetivos e gerenciamento emocional. O segundo grupo é composto por leitoras que, em comum, não aderem aos aconselhamentos sugeridos, mas isso não significa que o imaginário amoroso seja totalmente distante do que propõe os manuais. Conforme será demonstrado, há leitoras que discordam da abordagem dos aconselhamentos, porém reforçam, de outras maneiras, as concepções de gênero que eles carregam.

A maior parte das leitoras é composta pelas que se identificam com o segmento editorial analisado, havendo também um número de leitoras que sugerem outras possibilidades de apropriação do material – um aspecto importante para pensar na dinâmica produzida entre a elaboração e a difusão desses manuais e seus usos no plano prático. Em quase todos os casos, porém, aparece uma visão pessimista sobre os relacionamentos afetivos contemporâneos, descritos, em sua maioria, como problemáticos, constituindo, assim, um forte indicador para a grande difusão dos manuais como fonte de aconselhamento e gerenciamento emocional contemporâneo.

Ao traçar um panorama dos relacionamentos afetivos atualmente, considerando um público que se declara majoritariamente heterossexual, a visão mais pessimista indica como se elabora, no plano individual, uma concepção sobre a afetividade, em um contexto que desfavorece, em escala mais ampla, relações afetivas mais duradouras, conforme discutido no capítulo 2. Ao observar o conjunto das falas, notou-se que a maioria era pessimista quando

descrevia os relacionamentos afetivos hodiernos, havendo uma exceção, expressa pelo diagnóstico da entrevistada que se declarava bissexual, pois foi a única que apontou aspectos positivos e projeção otimista para os relacionamentos afetivos. Embora sua identificação sexual não seja requisito para vivenciar um relacionamento sem dilemas afetivos, ou mais felizes que os demais, ficou notável a diferença do depoimento dessa leitora em relação às demais entrevistadas. As falas seguintes expressam tais distinções:

*Atualmente é complicado, porque com essa cultura da liberdade, todo mundo pode fazer o que quiser, quando quer, independente de quem for; as pessoas acabam não se apegando. Eu não diria não se apegar, mas acabam não se envolvendo tanto quanto elas se envolviam antes. Então, gera uma dificuldade muito maior você entrar num relacionamento afetivo mais sério. Ainda mais quando você olha pra juventude, pras pessoas da minha idade, até. Se você vê um namoro durando dois meses, é quase um milagre. Porque as pessoas não fazem mais isso (Raisa, 18 anos, estudante de jornalismo, solteira, região sudeste, grupo 2).*

*Então, eu acho que hoje as pessoas estão um pouco diferentes, por exemplo, com relação às paqueras, tem muito o “ficar”, né? Então, é uma coisa muito “o prazer pelo prazer”, e não o afetivo, de carinho, de gostar, de conviver; hoje as pessoas estão um pouco [...] eu acho que a gente perdeu um pouco o jeito de se relacionar. Hoje, entre a molecada, tá muito a coisa do prazer; fica numa noite e vai embora. Antigamente, não. Antigamente, você procurava conhecer a outra pessoa, ter algum laço, algum vínculo (Raquel, 36 anos, doutoranda, em relacionamento afetivo, região sudeste, grupo 1).*

*O amor está sendo deixado meio de lado. Todo mundo quer amor, mas ao mesmo tempo vive na superficialidade, vamos falar assim. [...] Algo momentâneo, do que algo a longo prazo. Hoje está tudo muito separado. Hoje em dia as pessoas não estão mais acreditando, né? [...] A independência da mulher é uma arma perigosa. [...] Se não tá feliz, arruma as malas e vai embora. E as pessoas estão sempre em busca de alguém, em busca de alguém, depois são elas que não têm mais ninguém [...] antigamente era tudo muito reprimido, né? As mulheres eram muito submissas, mas as boas coisas de antigamente eu acho que deveriam continuar, elas acabaram se perdendo [...] essa coisa da independência, eu acho legal, mas está atrapalhando essa parte da vida delas (Luiza, 37 anos, psicóloga, solteira, região Sul, grupo 1).*

*Eu acho que está um pouco deturpado. Antigamente, o homem era o provedor e a mulher ficava em casa cuidando dos filhos e do marido. E hoje você vê que não: a mulher já tem um espaço na sociedade, ela já é dona do seu próprio nariz, por assim dizer. E alguns homens não conseguem, ainda não sabem conviver com isso – até as próprias mulheres. Algumas acham que só porque tem uma carreira profissional, bem-sucedida, não precisam de um homem, não precisam de um companheiro. Na verdade, uma coisa não pode interferir na outra. Nessa hora, a gente tem que usar a razão. E eu acho que as pessoas ainda não sabem viver com isso. Não só nessa questão profissional, mas quando entram num relacionamento, as pessoas não têm paciência de esperar, de ceder, de esperar o momento da pessoa... não! Se três meses de casamento não deu certo, acabam logo, vão se divorciar. As pessoas não cultivam mais essa relação a longo prazo. É como sempre aparece no facebook: antigamente, as pessoas consertavam as coisas que quebravam e hoje em dia elas jogam fora. Então, a relação afetiva também está assim. Se não tá dando certo morar com meus pais, então vou alugar um apartamento. Não tá dando certo meu casamento, então eu divorcio. Então, eu acho que tá muito banalizado.*

*Entrevistadora: Como você concebe o que seja o amor?*

*O amor, pra mim, é um compromisso. Não é um sentimento, porque sentimento ele muda, ele acaba, passa por uma transformação. E o amor, não. Eu assumo o compromisso de te amar: então, esse compromisso é por um longo período. Podem acontecer várias coisas, mas se eu assumi esse compromisso diante de você, eu tenho que honrá-lo. É um elo, realmente, que une as pessoas. Alguns casais, às vezes eu observo, que a esposa ou o marido sofre um acidente, fica com seqüela irreversível e alguns divorciam depois disso, mas é porque não entendeu o compromisso. Casamento é um compromisso, o amor é um compromisso. Quando a gente cuida dos pais na velhice, não é uma obrigação, é um compromisso (Paula, 26 anos, auxiliar administrativa, solteira, região Nordeste, grupo 1).*

*Não vou dizer no geral, vou dizer na maior parte. Eu falar como uma empresa: falida. Eu vejo a maioria falida. Eu vejo que as mulheres, a maioria, vou falar pelas pessoas que eu conheço. É muito mais cômodo ficar num relacionamento falido, do que ficar sozinho (Cristal, 29 anos, somellier, solteira, regiões Sudeste, grupo 2).*

*Eu tinha percebido, tanto por esse livro, quanto pelo que a gente sabe do que a gente convive, que os relacionamentos estão cada vez mais difíceis. Primeiro, pelo fato das pessoas quererem formar família mais tarde, ou se preocupar mais [...] o relacionamento físico ter ficado tão banalizado, que às vezes a pessoa não confia tanto no outro, pra se relacionar. Ou, por muitos relacionamentos terem acabado em divórcio, se tornou até uma contradição, porque antigamente não se escolhia com quem ia se casar. E hoje se escolhe e tem muito mais divórcio, as pessoas erram muito mais do que erravam antigamente. As pessoas perderam a ideia, a vontade de lutar por um relacionamento. As pessoas agora se “ah, não deu certo, separa”. As pessoas até esquecem porque ficaram juntas, em primeiro lugar. E talvez se elas trabalhassem num relacionamento, muitos casamentos poderiam ter sido salvos. Hoje, além de tudo, é muito comum a relação pela internet. Então, você vê nos Estados Unidos, naquele site Harmony, é responsável por 1 a cada 3 casamentos nos Estados Unidos. [...] Hoje se recomenda ex-namorado na internet. Isso não se faria antigamente, era impensável. Então, não sei se a relação se tornou mais banal, ou se as pessoas não se apaixonam com tanta frequência por conta dessa troca tão grande de relacionamentos, ou dessa banalização do casamento. [...] Então, eu acho que a cultura massificou tanto aquela coisa do amor perfeito, sem na prática da sociedade isso existir. Então, as pessoas vão se relacionando, se relacionando, no fundo procurando amor perfeito, e quando ele não se aplica no relacionamento, gera uma quebra de expectativa tamanha, que a pessoa passa a desacreditar nos relacionamentos, ou desacreditar do parceiro, da instituição da família, ou da instituição do casamento. Então, acho que a gente está numa fase que ninguém sabe o que fazer ou porque tá fazendo o que tá fazendo. É uma fase bem confusa. Da pós-modernidade (riso) (Lígia, 21 anos, estudante de cinema, solteira, região Sudeste, grupo 1).*

*Eu sei que tem muita coisa banalizada. Muitas amigas solteiras, muitas separando, algumas nos relacionamentos de forma insatisfeita, poucos eu vejo falando que tá tudo bem, algumas falam que tá tudo bem e, do nada, vem a bomba. A outra coisa é os homens vendo as mulheres fáceis demais, eles começam a... é como se o mercado feminino estivesse... eles ficam se sentindo privilegiados, “ah, qualquer uma pode fazer o que eu quiser”. E aí aquela namorada muito rígida ou tá brigando demais e do nada ele pode correr atrás de outra. Então eu sinto como se os relacionamentos estivessem perdendo um pouco do seu valor (Helô, 34 anos, mestranda, solteira, região Nordeste, grupo 1).*

*Eu acho que de um modo geral tem um pouco mais de liberdade. Acho que a questão da monogamia tá começando a ser questionada, mas ainda há aquela coisa de que se espera que a gente vá entrar numa relação monogâmica, sempre. Mas, eu*

*acho que está começando a abrir pras mulheres também, né? Porque pra homem sempre foi aberto, sempre foi legal, eles têm várias parceiras e tal. Eu acho que pra gente tá começando a ficar mais aceitável. A gente tem o relacionamento só por sexo, ou relacionamento com mais de uma pessoa (Claire, 26 anos, mestre em estudos culturais, solteira, região Sudeste, grupo 2).*

Há uma temporalidade em parte das falas que constrói uma visão de um passado geralmente associado a relacionamentos mais duradouros e um presente constituído por liberdades e infelicidades. É interessante que, ao descrever os dilemas no âmbito dos relacionamentos, as transformações das relações de gênero que tiveram maior impacto sobre as mulheres são associadas às dificuldades afetivas. A independência da mulher aparece como uma “arma perigosa”: a liberdade que traz possibilidades, mas também infelicidades.

Em suas experiências, as leitoras se percebem em meio a um mercado dos relacionamentos, no qual a liberdade sexual significaria desvalorização das pessoas. No mercado dos afetos, há muita opção e pouca sensação de segurança. Sem segurança, as pessoas se relacionam mais sexualmente do que sentimentalmente, o que leva muitas leitoras a construir uma nostalgia relativa aos relacionamentos tradicionais (“as pessoas não querem relacionamentos a longo prazo”).

Na medida em que as mulheres vivenciam o dilema do tempo para fins reprodutivos, suas escolhas são mais limitadas, ao mesmo tempo em que estão carregadas de pressupostos de gênero. Ao falar da arquitetura das escolhas contemporânea, Illouz discorre sobre as dificuldades apresentadas para as mulheres dentro desse modelo de relacionamento. Relacionar-se afetivamente significa, na prática, assumir uma série de posições de gênero. No processo de escolhas, a mulher se vê levada a escolher a pessoa certa, estabelecer um relacionamento feliz e projetar um futuro em que a justaposição de responsabilidades a espera. Nas falas das leitoras, o diagnóstico dos relacionamentos afetivos já aparece associado a trabalho, propriedade, constituição de família, o que demonstra que o âmbito afetivo está articulado com demais eixos da vida social, como sugeriu Connell.

As relações de liberdade, por um lado, e necessidade de posse, por outro, que os corpos experimentam, entram em confronto com modelos de relacionamentos tradicionais, e daí porque, em meio a um contexto de questionamentos de modelos, o relacionamento durável é mais valorizado pelas mulheres entrevistadas. É importante notar que as causas da instabilidade são direcionadas às mudanças vivenciadas, principalmente, pelas mulheres. As posições masculinas não são mencionadas como fonte ou causa da infelicidade. Se bem

observado, o discurso de uma responsabilidade que recai sobre as mulheres é a tônica dos manuais analisados. Esse é um dos pontos de encontro entre as leitoras e os manuais de aconselhamento e que confere sentido ao gerenciamento sugerido nos livros.

O último depoimento, da leitora Claire, é o único a visualizar positivamente o atual contexto dos relacionamentos. Sua fala, no entanto, está situada para além dos modelos sugeridos não só pelos manuais, mas pelas próprias relações de gênero hegemônicas. Ao não incorporar a culpa em si pelos fracassos dos relacionamentos e sair do formato monogâmico, a leitora pensa sobre possibilidades de vivenciar a afetividade ou sexualidade. Seu argumento, ainda que minoritário, traz à tona a dinâmica da desconstrução do gênero. A liberdade, em sua fala, aparece como experimentação, não como infelicidade. As concepções que prevalecem, por sua vez, demonstram que a demanda do gerenciamento emocional surge como resposta individual para sustentar um modelo que é, simultaneamente, estimulado e inviabilizado. Ao situar no plano individual, impõe estratégias de escolhas cada vez mais complexas. Como sugeriu Giddens, trata-se de uma reflexividade que visa colonizar o futuro e evitar incertezas.

#### 4.3 AS EXPERIÊNCIAS DAS LEITORAS O GRUPO 1: ACONSELHAMENTO E GERENCIAMENTO EMOCIONAL

Entre as leitoras que foram incluídas no grupo 1, 15 ao todo, a busca por aconselhamento nos manuais geralmente resultou na adoção das técnicas sugeridas pelos autores. Com isso, essas leitoras, ao fazerem uma autoavaliação de seus comportamentos, refletiam sobre os insucessos em relacionamentos anteriores, assim como pensavam sobre as características da personalidade e comportamento do homem considerado ideal.

Nesse grupo de entrevistadas, observou-se que os aconselhamentos eram incorporados individualmente ou em grupos de amigas, que observavam reciprocamente suas condutas, buscando alertarem-se entre si quando estavam “errando”. Helô, uma das entrevistadas, possui vários contatos de amigas com quem compartilha experiências e, a partir de suas indicações, a presente pesquisa chegou a outras leitoras. Os vínculos estabelecidos para dividir relatos sobre relacionamentos afetivos se davam tanto com pessoas de seu convívio quanto com pessoas cujo contato acontece unicamente através da *internet*, ambiente

em que elas discutiam o conteúdo dos livros e acompanhavam os relatos amorosos umas das outras.

Ao relatarem como se deu o contato com o livro e sua motivação afetiva, algumas leitoras indicaram:

*Tive um relacionamento longo, de quatro anos, e fui ler em busca de entender o que aconteceu. Li muito sobre livros relacionados à separação. [...] E comecei a ver outras leituras sobre relacionamentos. E cheguei no livro das poderosas e virou um hábito, antes eu não tinha esse interesse. Eu não sei se antes eu discriminava, como muitos fazem, porque é livro de autoajuda ou algo assim. Virou um hábito depois do término. Então eu li, vi que tinha várias dicas e comecei a mudar muita coisa em mim. Não que tenha sido só o livro que fez isso em mim, tem vários fatores, mas é claro que ele contribuiu muito. [...] E depois acabei me interessando por ioga, reiki. É interessante porque é como se abrisse um mundo de várias outras coisas que eu nem me importava tanto.*

*Eu fui mexendo, principalmente na minha autoestima. Acho que antes eu não gostava tanto de mim. Eu não me aceitava muito. Com o tempo, isso foi melhorando, foi me dando mais confiança, eu fui ver como se eu tivesse quebrando padrões. [...] Ao mesmo tempo que eu comecei a ter essas leituras, voltei a ter vontade de tentar novamente o mestrado. É como se uma força, alguma coisa, me fizesse ver que eu tinha condições de passar. Então, favoreceu muito nesse sentido (Helô, 34 anos, mestranda, solteira, região Nordeste).*

*Acho que é o fato de você ter alguma referência, alguma base, de como uma mulher tem que se comportar num relacionamento. A gente é criada de uma forma que acho que não é a mais correta. A gente acha que tem que ser a mulher perfeita, tem que ser sempre amável, boazinha, tem que se abrir pra... no caso, pro homem, mas talvez nem sempre sejam as formas mais corretas. Acho que o livro me ajudou bastante a ver, realmente, a forma que... não a forma que eu devo me comportar, mas dá uma base do que eu achar interessante no livro pra me comportar (Marcela, 28 anos, estudante de física, em relacionamento afetivo, região Sudeste).*

*Eu participava de um fórum sobre lei da atração, na internet, queria saber sobre relacionamentos. A questão amorosa. É uma coisa que tá todo mundo em busca.*

*Entrevistadora: Você sugeriu a leitura dele para outras pessoas?*

*Sugeri pra várias pessoas, fui repassando o livro adiante (Luiza, 37 anos, psicóloga, solteira, região sul).*

*Foi pelo momento que eu estava vivendo, pessoal. Então eu achei que ia me ajudar no que eu estava vivendo naquele momento. Eu estava num relacionamento com um rapaz e a coisa estava meio bagunçada. Eu não sabia se era namoro, ou se só estava ficando, então eu não sabia. Eu comprei esse livro achando que talvez pudesse me ajudar.*

*Entrevistadora: Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura? Se sim, qual(is)?*

*Sim, porque eu estava esperando muito e às vezes... é... o retorno que eu tinha não era o que eu esperava. Então, daí, me abriu os olhos pra isso. Pouco tempo depois eu terminei com ele, porque, na verdade, ele queria só diversão. Ele tinha saído de um namoro e estava ainda muito apaixonado pela ex-namorada dele. E achava que eu queria me divertir também. Só que eu pretendia realmente alguma coisa mais duradoura (Adélia, 32 anos, enfermeira, solteira, região Nordeste).*

Diante de relacionamentos que não deram certo ou dúvidas a respeito do que estavam vivendo, as leitoras se perguntam sobre o que está errado e o que deveriam fazer. Dado o sofrimento amoroso vivenciado, olham para si e identificam falhas em suas condutas. O manual oferece, através de estereótipos, certas estratégias de mudanças de comportamento que têm um impacto imediato na autopercepção das leitoras. “Eu não gostava de mim”, “minha autoestima era baixa”, “a gente é criada para ser boazinha”, são explicações apresentadas que revelam que um determinado modelo de socialização entra em conflito com as situações amorosas vivenciadas pelas mulheres.

O mercado dos afetos lhes exige uso ponderado de investimento amoroso, que se expressa nas queixas sobre o baixo retorno obtido nos relacionamentos. Os manuais, paradoxalmente, apresentam a causa e a solução no plano individual. Ao se identificarem com os modelos sugeridos, as leitoras buscam as mudanças necessárias em seus comportamentos, seguindo as técnicas dos aconselhadores. No grupo de entrevistadas citado acima, prevalece a faixa etária acima dos 30 anos, o que significa, dado o padrão hegemônico de relacionamentos, a “corrida contra o tempo” para encontrar a pessoa certa e ser feliz. A leitora Luiza, psicóloga, é um exemplo interessante para pensar na demanda do gerenciamento emocional, pois em sua profissão lida com a narrativa terapêutica, mas também busca os recursos de aconselhamento para conduzir a sua vida sentimental. O exemplo dessa leitora é relevante para desmistificar uma visão de que as mulheres buscam os manuais na ausência de uma terapia. Na verdade, os depoimentos revelam que, em vários casos, os aconselhamentos eram tão presentes nas suas experiências quanto as terapias.

Ao serem perguntadas sobre os usos dos aconselhamentos na vida cotidiana, as leitoras narravam suas experiências que demandavam um gerenciamento afetivo, promovendo em si determinados estados emocionais e seguindo um protocolo de identificação de um possível parceiro que se encaixasse nas suas expectativas, evitando desperdiçar tempo com pessoas consideradas erradas. No trabalho emocional, a vigilância do comportamento torna-se fundamental, dado o pano de fundo que responsabiliza a mulher pelos rumos do relacionamento. No caso das solteiras, técnicas para encontrar parceiro viável; no caso das que vivenciam uma relação, uma série de condutas para não “colocar tudo a perder” – expressão, aliás, bastante recorrente nos depoimentos.

*Eu mudei um pouco a forma de ver o comportamento dos homens. Hoje eu acho que eles precisam mais de espaço, sabe? Não tem que exigir dele, deixar a pessoa mais*

livre: ela tem que vir quando ela quiser. Isso foi uma coisa que ajudou. Porque, como te falei, né? Antes de estar namorando, às vezes acontecia um rolo ou outro e você fica pensando: o que a pessoa quer? E lendo o livro você encontrava alguma coisa que te direcionava, que tem a ver com o que eu estava vivenciando. Eu acho que ele é um guia. Nem toda mulher tem uma autoestima muito forte, né? Então ele é um livro que fala um pouco disso. As atitudes que ele sugere são atitudes de uma pessoa que tem autoestima. Você não vai se rebaixar, você não vai se humilhar, pra ter atenção da pessoa. Então, se você não está muito bem com você, o livro te dá um certo guia, tipo: ó, não faz isso, que não é legal.

Uma coisa que o livro enfatiza muito é você entender o seu tempo pras coisas e o seu ritmo, e respeitar o seu ritmo, não querer atropelar as fases. [...] Seja você: é uma coisa que o livro procura sempre enfatizar, é você ser quem é, se respeitar. E isso eu adotei sim e foi bom.

Uma coisa que eu fiz, por exemplo: não ficar ligando. [...] É... agora eu tô namorando; quando eu não namorava, aí a pessoa saía comigo, eu não ia atrás. Eu aprendi com o livro: não ir atrás. Antes eu ligava, queria saber das coisas, hoje não. [...] Hoje eu já acho que é assim: a pessoa, se ela gosta, ela vem. Você não precisa ir atrás. Então, eu uso. Deixo a pessoa me procurar.

Ele [o livro] também fala que os homens costumam depois do sexo achar que a mulher vai se desdobrar e vai atrás dele, e ele dá umas dicas pra mulher não fazer isso. Que depois da relação ela continue tendo a vida dela normal, não fique abobalhada, que isso faz com que o cara note que você é diferente (Raquel, 36 anos, em um relacionamento afetivo).

Ele [o livro] fala em muitos casos no sentido de como você identifica um homem que tem características que não são muito confiáveis, ou que não levam um relacionamento tão a sério, então, por exemplo, ele dá no começo do livro uma lista muito engraçada de um homem, pra gente identificar logo no primeiro encontro. Se o homem é rude com o garçom, ou se ele quer dividir a conta com você ou quer que você pague a conta toda, [...] e eu lembro que muitas características, porque é o primeiro encontro, você acaba relevando, mas que, na verdade, você percebe que reflete na frente como uma característica da pessoa em questão de personalidade.

Entrevistadora: Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura?

Acho que sim. Eu acho que... tenho certeza que daqui a alguns meses eu vou tá ainda lembrando do que li, praticando “ah, olha, realmente! Isso tá lá no livro!”. [...] Ele fala em uma parte que a maioria das mulheres tem ciúme que o namorado tenha uma amiga próxima que tenha sido ex-namorada. Mas ele fala, ao mesmo tempo, que é muito importante pro homem que ele se dê bem com suas ex-namoradas, porque isso significa que o relacionamento terminou a ponto de ela ainda querer um relacionamento com ele. Então, se o cara tem mulheres que nunca mais querem ver a cara dele, é porque talvez ele não seja tão bom assim. [...] Então, acho que isso me marcou bastante nesse sentido.

As coisas que têm aqui você realmente sabe. O que você tem que fazer, o limite que você deve dar pro outro, mas as mulheres acabam se dando muito pro homem e ultrapassando os limites do bom senso, a ponto de elas sofrerem depois. (Lígia, 21 anos, solteira).

Ah, de uma forma geral, ela [a autora do livro] fala que você tem que impor a forma que você tem que ser. [...] Você tem que impor a forma como deve ser tratada. E também que você tem que ter dignidade, tem que ter autoestima, e a pessoa só faz com você o que você permite. De alguma forma você permite que a pessoa te trate com desrespeito, ela vai te tratar. Mas, se você impõe limites pra ela e demonstra que você a qualquer momento pode ir embora, você pode deixá-la, ela vai começar a te respeitar.

Entrevistadora: Você seguiu/adotou dicas sugeridas no livro?

*Sim. Ela fala muito sobre a disponibilidade, que você não tem que estar disponível o tempo todo pra pessoa, então, com meu novo namorado eu tô tentando seguir isso, não ficar sempre disponível, fazer as coisas que me agradam, porque em relacionamentos anteriores, você sente que tá fazendo alguma coisa que não tá sendo legal, tá se disponibilizando pra pessoa, tá ficando muito tempo com ela e tá esquecendo às vezes das coisas que você tem que fazer. Tem que estudar, tem que sair com as amigas, sabe? E hoje eu acho que estou mais fazendo as coisas que eu gosto e não tô ficando sempre disponível pra ele e acho que está sendo legal, eu tô me sentindo bem.*

*Entrevistadora: Você visualiza as informações contidas no livro na sua vida cotidiana? De que forma?*

*No caso da disponibilidade, no caso de você ficar esperando que a pessoa te ligue, sempre que ele me ligava eu atendia, em um relacionamento passado eu preparava muitas coisas pra ele. Sempre que ele vinha, ele morava em outra cidade, eu preparava bolo pra ele, comprava bombom, fazia um monte de coisas que ele não fazia por mim. Ele nunca chegou e me deu um presente, por exemplo. E eu sempre tentava agradar ele. Acho que eu era boazinha demais.*

*Entrevistadora: O livro proporcionou a você influência em ideias sobre sexualidade?*

*Sim. Tem trechos que ela fala que a boazinha vai lá e nem conhece o cara direito e já vai lá e transa com ele. E ela colocou esses pontos que você realmente tem que conhecer o cara, ver se realmente vale... quanto mais tempo você demorar pra fazer sexo com ele, mais tempo você tem de conhecer ele. Tempo de saber se ele tem outra mulher, se ele é uma pessoa que realmente está interessada em você, não só pelo sexo. Tem outro também que ela fala sobre você fazer sexo quando você quer realmente, quando você tem vontade. Porque aí a pessoa, o cara, vai saber que você realmente tá afim dele e não porque você é obrigada, só porque ele quer. Você faz coisas que o parceiro gosta, mas você também quer receber (Marcela, 28 anos, em um relacionamento afetivo).*

*Ele [o livro] confirmou coisas que eu já acreditava. Na verdade, eu já estava com meu esposo na época, eu tenho um relacionamento de 11 anos. Mas eu me certifiquei, com relação a isso, por exemplo, tem uma parte que ele fala com relação a encontros. Que você não vai encontrar seu homem dos sonhos numa boate, onde só tem aqueles caras solteiros que querem aproveitar. E geralmente ambientes familiares são mais interessantes, com pessoas mais próximas, que tenham interesses afins. [...] Ele fala também sobre pagar conta em jantares, então de fato são coisas que eu já pensava e, lendo, eu concordei com a ideia dos autores. De forma que eu passei a não só indicar esse livro, como presentear de vez em quando.*

*Entrevistadora: Você seguiu/adotou dicas sugeridas no livro?*

*Eu acho que ele é muito voltado para mulheres solteiras e ele pode ajudar muito nesse sentido. Hoje em dia com esse negócio de feminismo, autoafirmação, as mulheres perderam um pouco o rumo da coisa. E se tornaram bastante inseguras apesar de tentar ser independentes. Então, é um livro que te dá um pouco mais de segurança. Tem dicas muito interessantes (Alice M., 26 anos, casada).*

*Tentar entender um pouco como os homens pensam, porque a gente sabe que homens e mulheres são diferentes. Às vezes, a mulher não percebe que ela fica ali em cima, quando acaba um relacionamento. Ela não consegue enxergar o quanto ela está sendo carente, algo assim. [...] Por muito tempo eu quis o relacionamento de volta. Ele ficou o tempo todo atrás, mas ele não vinha. Queria você, mas não assumia, não voltava. Até hoje ele tá assim. [...] O livro me transformou em outra Helô, porque ele me mudou muito, externa e internamente, ainda estou em mudança. Uma das coisas que me chamou atenção foi a coisa das estratégias pra manter aquele homem atrás de você.*

*Entrevistadora: Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura? Se sim, qual(is)?*

*Sim. A melhora da autoestima. É como se abrisse um mundo de novas perspectivas na minha vida enquanto mulher. Eu ainda me sinto decepcionada com a classe masculina, porque, sinceramente, a grande parte decepciona. O livro mexeu muito comigo, mudou muita coisa.*

*Entrevistadora: O livro te auxiliou em ideias sobre relacionamento?*

*Sim. É como se fosse até uma receita pro relacionamento.*

*Entrevistadora: Você sugeriu a leitura dele para outras pessoas?*

*Sim, todas as amigas que vinham com problemas de relacionamento, eu acabava sugerindo.*

*Entrevistadora: Você seguiu/adotou dicas sugeridas no livro?*

*Sim. Ficar ausente, agir como uma poderosa, não telefonar muito (Helô, 34 anos, solteira).*

*Entrevistadora: Você seguiu/adotou dicas sugeridas no livro?*

*O que eu segui mesmo foi procurar a mudança de comportamento. Ter expectativas mais realistas. E a questão de também procurar se relacionar com pessoas que tivessem um interesse em comum com o meu. Não adianta nada eu querer namorar e a outra pessoa querer só curtir, ou só se divertir (Adélia, 32 anos, solteira).*

Os manuais causam um impacto imediato na autoimagem das leitoras, fazendo-as repensarem suas formas de vivenciar os afetos. A partir das falas, é possível extrair elementos que expressam influências das narrativas do feminismo e da psicologia, adaptadas ao discurso de autoajuda sentimental. A necessidade de autoestima é apontada como um imperativo comportamental para as mulheres. Se comparados com aconselhamentos sugeridos em décadas passadas, que estimulavam as mulheres a não contrariarem seus parceiros, há uma particularidade histórica no atual contexto, que enfatiza a necessidade de autodeterminação feminina no campo dos relacionamentos. O impacto imediato é a constatação, por parte das mulheres, de que elas não precisam se submeter às vontades masculinas. Porém, há um limite que estabelece até onde vai essa autoafirmação, algo que será demonstrado ao longo do restante dessa tese. O termo feminismo, por exemplo, é citado com conotação negativa em várias falas, como algo que ultrapassa a concepção de mulher mais aceitável.

Diante do sofrimento causado pelos relacionamentos ou experiências amorosas, os manuais aparecem como alternativas de segurança emocional para as leitoras. Ao se autoavaliarem, constatam que erraram em amar demais ou demonstrar mais sentimento do que deveriam. A ideia de não ultrapassar determinados limites até ter certeza que está diante da pessoa certa mostra como a liberdade é vivenciada segundo critérios racionalizados. Seus processos de escolhas, nesse caso, adotam os conselhos e pressupostos de gênero, canalizando também a esfera dos desejos para um modelo socialmente requerido. Os exemplos que incluem família e trabalho mostram que o modelo afetivo possui um pacote completo de

posições sociais femininas, além disso, as noções de sexualidade e suas experimentações guardam relação com valores da cultura ocidental. Nesse sentido, e mesmo em um contexto de mais liberdade sexual, aparecem noções de sexo vinculadas a um modelo de relacionamento ou exclusividade sexual. Esse aspecto é importante, porque até poucas décadas atrás os discursos de privação sexual recaíam muito fortemente sobre as mulheres. O que os depoimentos demonstram é que a ideia de um corpo feminino que experimenta livremente ainda é um processo em construção no imaginário brasileiro, daí porque os aconselhamentos, com seus estereótipos de gênero, encontram tanta aceitação.

Entre as implicações mais apontadas pelas leitoras, a mudança no comportamento é sua principal consequência. Não estar disponível, não telefonar, esperar ser procurada pela pessoa desejada, são estratégias que criam um protocolo do amor, evitando a dor por meio da adoção de regras. Estar mais próxima de um modelo feminino e desconstruir outro, seguindo um protocolo de “como deve agir uma mulher”, remete a fala dessas leitoras à noção de performatividade, em Butler. No próximo tópico, serão apresentadas situações em que as leitoras descrevem os usos dos aconselhamentos na sua vida e como concebem as mudanças de comportamento por elas adotadas.

#### **4.3.1 A condução racional dos sentimentos**

*Depois de muito meditar  
resolvi editar  
tudo o que o coração  
me ditar.  
Paulo Leminski*

Ao incorporar os aconselhamentos dos manuais, as leitoras apontam mudanças em seus modos de agir. Em alguns casos, havia uma transição de padrões de comportamento, geralmente exemplificados pelos modelos de boazinha e poderosa de Argov. Em outros, seguia-se uma estratégia de automonitoração e metas estabelecidas, como em um gerenciamento de negócio.

Uma das leitoras reside fora do Brasil há alguns anos. Seu relato revelava a experiência de uma mulher norteadada pela narrativa terapêutica do manual em um contexto

cultural diferente do seu contexto de origem, fazendo com que ela mesclasse as noções dos aconselhamentos com sua autopercepção enquanto brasileira em contexto estrangeiro. As noções de culpa que ela expressava responsabilizavam a mulher, mas também o contexto brasileiro, apresentado por ela como mais emotivo. Seu relato foi um caso bastante interessante para a pesquisa, tanto pelas questões que ela apresentava em sua fala, quanto pela situação em que a entrevista se deu.

A entrevista de Cristina ocorreu por videoconferência, já que estava fora do Brasil. Na época da pesquisa, a leitora estava vivenciando um rompimento depois de alguns meses de relacionamento. Desde o contato inicial com a leitora, se passaram alguns meses até ser estipulada uma data viável para a entrevista. Em mensagens enviadas por *e-mail*, ela reforçava interesse em relatar sua experiência, porque queria mostrar como os conselhos estavam funcionando em sua vida e que, graças ao livro, estava feliz. Ela tinha lido a versão inglesa de *Por que os homens amam as mulheres poderosas?*. No dia marcado para a entrevista, Cristina estava desconcertada pelo rompimento amoroso, mas queria falar e preferiu não adiar sua participação na pesquisa. Estava triste, mas afirmava, a todo o tempo, que sabia onde tinha errado e que iria contornar a situação. Nos meses que se seguiram à entrevista, Cristina estava noiva desse mesmo parceiro e, tempo depois, casou com ele. O aconselhamento, seguido à risca, é concebido por ela como o método correto para a felicidade.

*Eu sei onde eu falhei, mesmo com os ensinamentos do livro.*

*Se você gosta muito de um cara, não confessa. Porque cada vez que você confessa, é como se você se afastasse dele. E cada vez que você nem toca no assunto, você se aproxima do seu sonho. Estou sendo a prova viva disso.*

*Eu fiz um caderno, por quase um ano, baseado na lei da atração. Nele eu escrevi todas as características que eu queria num homem. Era alto, 1,80m, pensa num homem bonito e multiplica por dois; joga num homem só: é ele! Olho verde, sabe, meio assim, George Clooney? [...] Eu pegava foto dele no facebook, fazia montagem com foto minha do lado, brinquei assim por um ano ou mais.*

*A gente é latina, expressa sentimento, demonstra, fala alto. Então eu assustei o John, meu George Clooney. [...] Então, eu sei que ele correu de mim.*

*Então, eu imaginei um homem de 1,80m, olho verde, carro, alto, lindo e maravilhoso! E em agosto do ano passado aparece esse cara na minha vida, cumprindo todos os detalhes que eu pedi. [...] A primeira vez que a gente ficou, que teve o primeiro beijo, foi em um castelo aqui em uma cidade, na divisa com a França. Ele me tira de Londres, me colocou num carrão, porque o cara tem grana, [...] uma vista pro mar, uma noite perfeita, todo romântico, incrível que o que eu pedi no meu caderno ele fez!*

*Depois do fim de semana, fui olhar no meu caderninho. Eu tinha escrito tudo antes. 1,80m, porque o universo não erra, olhos verdes, só não era mais velho, era seis anos mais novo que eu. Mas, veio de carrão, como eu pedi.*

*Eu dei muita bandeira, tava ali, cuidava dele, coisa de brasileira! Nós, brasileiras, temos problemas com relacionamento quando viemos a Europa por conta disso. A*

*gente cuida, a gente ama, a gente protege, a gente limpa, a gente cozinha. As europeias não fazem nada disso. Os homens chegam em casa, a casa tá de perna pro ar, elas nem aqui estão, elas estão no pub bebendo com as amigas. Os homens têm que ir atrás delas, pra saber o que tá acontecendo. Brasileira quando namora, a gente na-mo-ra! Eu não sei que merda que eu fiz. Só sei que ontem a noite eu ganhei a cacetada.*

*Quando eu botei minhas coisas na casa dele, ele teve a certeza que eu estava na mão dele.*

*Ela [Sherry Argov] ensina como praticar o desapego, através de técnicas da psicologia. Eu achei isso mega interessante.*

*Esse livro tem muito a ver comigo. Porque a nossa cultura brasileira é de nos apegar, de desejar, de cuidar, e aí a gente se lasca!*

*Mas eu tenho que mudar o foco pra mim e não deixar nenhum homem me fazer sentir pra baixo.*

*Eu gostava de debater esse livro na internet com amigas, comentando relações passadas ou discutindo quem estava passando por situações desse tipo.*

*É o erro de todas nós, latinas, brasileiras.*

*A poderosa deixa muito claro que o desprezo faz milagres. Quando a mulher não liga, quando a mulher não atende, tá focada nela, aí ele não larga do pé. [...] Eu já fui assim. Pensava muito em mim. Muito ambiciosa, cheia de sonhos, e eu tinha tudo na mão. [...] A partir do momento que eu mudei, eu me prejudiquei.*

*Eu sou o tipo de mulher que não se abala com várias coisas. Perdeu o emprego? Vou arrumar outro. Problema em casa? Vou arrumar outra. Mas e quando é com namorado, com o parceiro? Aí a coisa muda. Acho que é porque mexe com o sentimento, e a pessoa precisa de ajuda, muita ajuda. [...] Então, quando a gente tem uma máquina na mão, um livro que você pode ler e nos ajuda, acho que faz as coisas ficarem melhor. Esses livros têm que ter na mão, na bolsa, no computador.*

*Quem faz a nossa felicidade somos nós mesmas. É tanto que os homens só aparecerem quando a gente tá bem; não é quando a gente tá pra baixo (Cristina, 34 anos, diarista, natural da região sul do Brasil).*

Cristina já tinha casado uma vez, ainda no Brasil, e tem uma filha, também residindo fora do país. O seu relato é um dos exemplos mais emblemáticos de como a literatura é posta em prática no cotidiano das mulheres. Ela adota um conjunto de procedimentos e persegue fielmente seu objetivo. Constrói previamente a imagem de um homem a partir de um parâmetro de classe, raça, padrão físico, selecionando determinadas características. A maneira como relata suas expectativas de busca de um amor carrega noções de amor romântico, porém mescladas com o realismo do gerenciamento das emoções. “Amar sem demonstrar”, “não cuidar demais”, são algumas das expressões utilizadas que mostram um conflito de expectativas sobre como vivenciar o amor. Sua experiência, marcada pela posição de gênero e as implicações culturais da condição de estrangeira, faz reforçar a autorresponsabilização e demanda de trabalho emocional. A maneira como se diferencia das europeias, apontando diferenças de gênero e produzindo generalizações, mostra ainda como as experiências criam justificativas situadas em determinado contexto. Ao carregar a responsabilidade por ser mulher e latina, a justificativa de Cristina deixa despercebido que o fato de o manual ser

comercializado no contexto inglês indica que a demanda também existe lá. Ao mesmo tempo, mostra a capacidade dos manuais de se ajustarem a diferentes contextos culturais.

No relato da leitora Raquel, 36 anos, ela conta os procedimentos adotados e suas implicações afetivas, vivenciadas também pelo seu grupo de amigas, com que costuma partilhar as experiências sentimentais e praticar um aconselhamento recíproco, em que cada uma acompanha o comportamento da outra e se advertem, seguindo o parâmetro do manual.

*Tem um outro que é da mesma autora [Sherry Argov], que é interessante. Nós fizemos um certo grupo de mulheres e aí, quando tinha uma questão de relacionamento, que a gente ficava perdida, uma conversava com a outra, e a outra dizia: “ó, lê o livro!” “Você lembra do livro?” “Vai lá no livro que ele tem tudo”. A gente chegou até a usar. E foi um período que deu certo, porque nós éramos um grupo e agora, hoje, todas estão namorando e estão felizes. E a gente se ajudava e usava o livro também pra uma dar conselho pra outra: “vai ler o livro lá, que você tá agindo errado, você tá pensando errado, segue aquele conselho do livro, que vai dar certo!”. E hoje a gente tá bem, eu achei que ajudou, sim.*

*Acontecia, assim, coisas interessantes, por exemplo: uma chega e fala que saiu com alguém, e agora não sabe se vai atrás. A gente dizia: “calma lá, a gente viu no livro. O livro falou que se for, é pra esperar, que a pessoa vem atrás”. [...] Outra coisa que o livro reforça é que você é importante, você é uma pessoa que merece ter alguém. Se aquela pessoa deu no pé e foi embora, não tem problema, vai vir outro. Ele procura trabalhar a autoestima da mulher; não é porque não deu certo com um, que não vai dar certo com outro. Porque as mulheres têm isso: “ah, não deu certo com ele, não vai dar certo com ninguém” e ele procura sempre levantar a autoestima da mulher.*

*[...] Se num relacionamento você for pela emoção no começo e não for pela... é... e não raciocinar, você não vai fazer boas escolhas, tipo às vezes, quando fala em ter um namorado, ter alguém, no livro é colocado assim: muitas vezes por você desejar tanto ter alguém, a vontade de ter alguém faz com que você não... é... que você abra mão de quem você é, abra mão das suas escolhas, você começa a se anular pra ter aquilo. “Nossa, eu quero tanto isso”, e você não pesa coisas importantes, pra ver se aquela pessoa realmente vale a pena pra você. Então é aí que você tem que olhar, você não pode ser tão emotivo, tem que parar e pensar, tem que ser mais racional: “pera aí! Quem é essa pessoa? Eu tô escolhendo ela? Quais são os benefícios que o relacionamento vai tá trazendo pra mim?” E não só o desejo, o objeto, de dizer que tem alguém. Então, isso ele trabalha bastante. Como a mulher tende a desejar, a querer logo, ele trabalha isso, que você não seja tão emotiva, que vá devagar e procure conhecer a pessoa com quem você quer se envolver.*

*Sim, eu acho que a mulher precisa [separar razão e emoção]. Não que ela vá se anular, mas eu acredito que ela tende a se apaixonar mais fácil que o homem. Então, ela tem que se cuidar, ela tem que se guardar. Por exemplo, ela tá pensando numa pessoa nova, ela já não pode ir já “ah, ele é o homem da minha vida!” e já querer fantasiar... Não! Ela tem que perceber que ela tende a se apaixonar mais rápido, então ela tem que se segurar, ter certeza, conhecer, não fantasiar, né? Eu acho que a mulher fantasia muito nessa questão de relacionamento. Num primeiro momento, ela já acha que tudo são flores. E no livro ele destaca isso, pra você pensar em você, se aquilo é bom pra você, não só pra dizer que tá com alguém.*

*Entrevistadora: Quando você fala “pensar em você”, o que é que está lhe vindo à mente?*

*É... primeiro: eu conheço essa pessoa o suficiente pra querer estar mais perto dela desse jeito? Pensar em mim é ver se aquela pessoa é boa, se aquela pessoa vai me trazer... é... se eu vou ser feliz com ela, sabe? Se a minha convivência... é... tipo...*

*quando eu tô com aquela pessoa, eu tô bem? Como que tá a minha emoção? Eu tô calma? Eu tô serena? Ou a pessoa me deixa agitada? Quando eu falo “pensar em mim”, é isso, é você controlar um pouco o desejo de ter alguém e procurar ver se aquele alguém serve pra você, na hora que você tá conhecendo, na hora que você tá se relacionando.*

*Entrevistadora: Como você vê a relação entre sexo e relacionamento?*

*A mulher que não separa as duas coisas, ela tem que estar sempre atenta, pra ver com quem ela está se relacionando. Porque se ela está tendo um bom sexo, não quer dizer que ela tá tendo o amor, porque o homem pode ser diferente, ele pode separar as duas coisas, né? E é uma coisa que o livro coloca muito, que pra os homens, a tendência é separar. [...] Na maioria das vezes, as mulheres quando têm sexo, acabam gostando do cara. Mas o homem nem sempre pode estar gostando da mulher. Então, ela tem que perceber isso.*

*Entrevistadora: A sua noção de autoestima foi modificada/acrescentada com a leitura do livro?*

*Sim, foi acrescentada. Eu comecei a questionar mais sobre o meu valor. Questionar mais sobre o que eu quero pra mim, [...] o tipo de pessoa que eu quero, como eu quero ser tratada, porque antes de ler o livro, eu tinha a visão de que o outro era mais importante. E aquela coisa, gostava logo, aí se envolvia e no fim não dava em nada, então eu comecei a trabalhar mais isso em mim.*

Há um pressuposto que norteia todo o argumento dessa leitora: o de que a mulher é caracterizada por sua emotividade. Na medida em que o excesso de emotividade é apontado como causa do insucesso dos relacionamentos passados, a demanda por amar com racionalidade aparece como saída estratégica para evitar o sofrimento amoroso.

No processo de arquitetura das escolhas, Raquel avalia, através de vários autoquestionamentos, se está fazendo opções adequadas, se elas são necessárias ou se lhe conferem o retorno esperado. É possível observar como a leitora produz suas escolhas, quais fatores pesam mais nas suas decisões e como o manual preenche o repertório cultural que lhe oferece as alternativas necessárias. Há um processo de reflexividade na tomada de decisão, porém há que se problematizar quais questões e respostas preenchem tal reflexão.

O depoimento de Paula (26 anos, auxiliar administrativa, solteira, região Nordeste) apresenta aspectos do trabalho das emoções ao descrever a necessidade da racionalidade no plano sentimental, bem como concebe positivamente as inúmeras tarefas reservadas à mulher apontadas em sua fala. No trecho citado, ela se remete ao livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*.

*Entrevistadora: Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que equilibrar razão e emoção?*

*Sim. Não só esse livro. Outros livros que eu já li nessa mesma linha ou outras linhas, é uma questão minha particular, buscar o equilíbrio. Nem ser totalmente razão, nem ser totalmente emoção.*

*Entrevistadora: Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos? Em que sentido?*

*Não. Eu acho que ela tem que ser sentimental, quando esse sentimento vir. Mas não deixar que a razão desapareça nesse momento.*

*Entrevistadora: Você considera que a psicologia (como área de conhecimento) tem importância para o comportamento/subjetividade das pessoas?*

*Sim, eu dou valor à psicologia depois que eu fiz um ano de terapia. Então, foi muito bom pra eu conseguir entender algumas coisas da minha vida, do meu ser, de mim como indivíduo, e eu gostei muito. Eu sempre recomendo: quem puder fazer terapia, faça. [...] Você consegue entender melhor você mesma.*

*Entrevistadora: Pra você, o que é ser uma mulher?*

*Eu acho que é um privilégio, porque a gente consegue equilibrar várias coisas. A maioria das mulheres consegue ter uma profissão, se realizar como mãe, se realizar como esposa, ou se realizar profissionalmente, a gente consegue equilibrar todas essas facetas em nós mesmas. A gente consegue trabalhar o dia inteiro e chegar em casa, ainda ter que fazer jantar, cuidar de roupa, cuidar de crianças, cuidar do marido, e ainda, no final de semana, tem que estar linda e deslumbrante, né? Eu acho que ser mulher é um privilégio, ela consegue fazer coisa que, por mais que os homens queiram fazer, mas não fica do mesmo jeito. É muito difícil você ver um pai sozinho, cuidando de casa, trabalhando, cuidando de filhos. É raro; você encontra, mas é mais raro.*

Outra leitora do livro do casal Pease, Larissa (25 anos, estudante de engenharia, região Norte), aborda a relação entre os aspectos racionais e emotivos a partir das diferenças entre homens e mulheres, reforçando a necessidade dessas últimas de trabalharem o seu lado racional. A última parte da citação abaixo é uma síntese do argumento central da tese. Ao reivindicar o amor racionalizado, Larissa aponta os prejuízos vivenciados pelas mulheres na esfera amorosa, e sua ênfase na racionalidade se expressa como um mecanismo de defesa em um mundo fortemente masculinizado.

*Entrevistadora: Pra você, o que é ser uma mulher?*

*O que é ser uma mulher? (riso) que pergunta! Deixa eu ver... ah, ser mulher é tomar conta de tudo, é cuidar das pessoas, é cuidar de si mesma, é ter uma visão positiva, mesmo quando tudo dá errado, mulher tem isso de ser otimista, de tentar melhorar as coisas.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?*

*Eu acho que depende. Há mulheres e mulheres. Até um tempo atrás, 99,9% das mulheres eram totalmente emocionais, totalmente emotivas, loucas mesmo. Hoje em dia, não. Hoje em dia, a mulher consegue até ser mais racional que muitos homens. Até porque na sociedade em que vivemos atualmente é necessário ser muito mais racional do que emocional, senão tu não vai conseguir as coisas. Claro, tem aquela história: “ah, porque as mulheres sempre tentaram conquistar os direitos, etc”, conseguimos, beleza. Mas, ainda tem muita coisa aí que a gente tem que lutar pra tentar se igualar e, muitas vezes, a gente tem que ir no grito, porque vão vir no grito com a gente; então, ou a gente responde na mesma altura, ou então não vai dar certo, porque a gente vai acabar ficando pra trás. Então, eu acho que não tanto. Há mulheres e mulheres. Eu acho que tá bem menos, hoje em dia, do que antes.*

*Entrevistadora: Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que equilibrar razão e emoção?*

*De certa forma, sim, mas, na verdade, eu não li o livro com essa intenção. Mas, depois que tu acaba de ler, tu acaba pensando por esse lado. É justamente pela*

*cabeça dele e pela cabeça dela, entendeu? Ela é uma mulher emotiva? É. Mas ela não é emotiva ao extremo. Já o homem, não, ele é totalmente racional.*

*Entrevistadora: Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos? Em que sentido?*

*Com certeza. A um tempo atrás, eu tinha uma amiga que me disse uma coisa muito certa: mulher, ela tem que amar com a cabeça, não com o coração. Porque quando você ama com coração, você perde o juízo. E, na maioria das vezes que isso acontece, a mulher se ferra, sempre. Primeiro, pra gente amar alguém, a gente tem que se amar primeiro. Tens que vir em primeiro lugar em tudo. Antes de tudo, tem que ser primeira, sempre, pra depois tu começar a gostar de alguém. Porque a partir do momento que tu coloca alguém à tua frente, começa a amar alguém mais do que tu ama a si mesmo; acabou pra ti, porque tu vai ficar louca. Se a pessoa te deixar, [...] aquela história, Máisa, “meu mundo caiu” e eu fiquei assim. Então, eu acho que a mulher tem que ser bem mais racional, senão não dá certo.*

Marcela (28 anos, estudante de física, região Sudeste) falou sobre seu histórico de vida, marcado por bastante sofrimento. Seu depoimento continha várias situações de angústias, nos relacionamentos ou na família, mas suas frases eram intercaladas frequentemente por um riso contido, algo que chamou a atenção da pesquisadora durante toda a entrevista. Filha de pai desconhecido, descrevia a mãe como uma figura que trabalhava bastante para sustentar os filhos. Para ajudar a família, Marcela assumiu responsabilidades precoces na vida, chegando a trabalhar ainda muito jovem. Em seu relato, apontava a existência de uma lacuna afetiva na relação familiar, que ela compreendia ter sido uma das causas de sua dependência emocional ao se envolver afetivamente com alguém. Na época da entrevista, Marcela estava namorando e, depois de ler o livro de Sherry Argov, refletia sobre as mudanças causadas no seu comportamento e compartilhava suas ideias com amigas.

*Entrevistadora: Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura?*

*Sim. Acho que também por causa da idade. Você vai amadurecendo, vai tendo relacionamentos que não são muito (riso)... muito saudáveis, principalmente o último relacionamento que eu tive, que foi muito difícil, e a pessoa judiou muito de mim (riso). Aí depois eu comecei a ver nos livros algumas coisas que eu fiz que, de alguma forma, eu permiti demais que ele fizesse algumas coisas comigo, que há muito tempo eu devia ter largado dele, sabe? Há muito tempo, que ele judiou demais (riso). Ele fez coisa que realmente um cafajeste (riso) é... faria. E, de alguma forma, fui lendo o livro e percebendo que eu devia há muito tempo ter colocado um basta nisso.*

*Depois desse relacionamento, eu fiquei mais com o pé no chão. Antes eu “viajava” demais, achava que eu ia encontrar uma pessoa e a gente ia viver aquela coisa toda, sabe? E depois desse relacionamento, quer dizer, outros também, né?, acho que eu fiquei muito com o pé no chão. E hoje eu sou mais realista (riso).*

*Entrevistadora: O que você quer dizer com o termo realista?*

*Eu vejo, eu acho que estou vendo a pessoa como ela realmente é. Não estou tentando nem mudá-la, porque antes nos meus relacionamentos, eu acho que eu tentava de alguma forma ajudar a pessoa, mudar ela, e depois eu vi que isso não adianta, sabe? Que foi muito esforço por nada. E quem muda mesmo é a pessoa. Eu*

*não posso fazer nada por ela. Eu tentava mudar, tentava ver as coisas de uma forma mais positiva, ficava sempre com esperança de que a pessoa mudasse, que tivesse mais atitude, mas eu vi que as pessoas só fazem aquilo que elas querem. E eu fui muito ingênua nessa parte de tentar mudar.*

*Entrevistadora: Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que administrar razão e emoção?*

*Sim. Porque eu sou impulsiva. Qualquer coisa eu... do nada, vinha um impulso, uma emoção. E eu queria ligar pra pessoa e falar, dizer o que eu estava sentindo. Do nada, eu começava a pensar um monte de... pensar negativamente em relação ao que a pessoa estava fazendo. Ah, ela tá traindo, tá fazendo isso, tá fazendo aquilo... e eu tinha esse impulso de ligar e falar tudo o que eu estava sentindo. E eu vi que você tem que ponderar isso. Não ser tão impulsiva.*

*Entrevistadora: Você concorda com a ideia de que as mulheres amam mais que os homens?*

*Ah, eu acho que sim (riso). Porque a mulher tem aquele instinto maternal. Eu acho que ela consegue amar mais. Mesmo sem ser mãe. [...] A psicologia te ajuda a reconhecer padrões em você mesma que você não tinha consciência disso. Então, eu acho que ela ajuda a você enxergar algumas coisas e tentar, a partir disso, mudar certos comportamentos em você que não estão adequados. Estão, de alguma forma, te prejudicando. Ela vai bem na raiz.*

*Entrevistadora: Para você, qual a relação entre autoestima e estética?*

*Antes eu achava que eu não podia me vestir de certa forma, porque senão eu ia chamar muita atenção e eu não queria isso. Eu queria me manter quietinha no meu canto. Mas eu percebi que eu posso me sentir bem, posso me sentir bonita comigo mesma, porque eu gosto, não por causa dos outros. Eu não passava batom, não usava brinco, não sabia como passar maquiagem, eu não fazia isso porque não queria chamar a atenção dos outros. Mas eu percebi que era uma forma errada de pensar.*

A fala da leitora Marcela aponta para uma mudança de comportamento bastante mencionada pelas demais entrevistadas que leram o livro “das poderosas”. O depoimento mostra um empoderamento subjetivo que confere à mulher mais autodeterminação ao conduzir seus relacionamentos afetivos. Elas evitam ser a mulher boazinha e sofrer por isso. No entanto, na medida em que as narrativas de aconselhamento não questionam os lugares masculinos, os privilégios deles e o quanto teriam proporcionado o sofrimento amoroso, essas narrativas fazem com que, indiretamente, a responsabilidade de mudança de comportamento recaia somente sobre as mulheres. Na fala de Marcela, ela expressa isso quando diz que desistiu de mudar o outro, e passou a mudar a si mesma. Outro aspecto que chama atenção é que a construção da concepção de emotividade feminina atravessa toda a experiência da mulher. Nos trechos citados, a justificativa aparece na associação entre mulher-emoção-instinto maternal.

O depoimento de Alice M. (26 anos, casada, turismóloga, região Nordeste) evidencia um aspecto importante para pensar sobre a difusão dos manuais de aconselhamento no Brasil, considerando a marca histórica religiosa do país, tanto no passado quanto atualmente. No

argumento de Giddens, a ideia de reflexividade moderna expressaria um contexto mediado mais pelos sistemas de conhecimento racionalizados e menos pelas explicações tradicionais. Alice M. compartilha da crença de uma igreja protestante e seu argumento é interessante para pensar como se mesclam influências, ao mesmo tempo, religiosas, terapêuticas, racionais e de autoajuda. Ela leu o manual *O que toda mulher inteligente deve saber*. Quando perguntada se partilhava de alguma crença religiosa, respondeu: “[e]u sou de religião protestante. Me sinto abaixo do meu Senhor e acho que Ele tem total domínio sobre minha vida. É Ele quem decide o que eu faço”. Outras leitoras afirmaram partilhar de crenças religiosas, o que pode ser caracterizado como um traço particular cultural colaborador à difusão da literatura de aconselhamento no Brasil. A forma normativa da linguagem dos manuais, muitas vezes utilizando termos como “mandamentos da mulher”, acaba por se ajustar a um contexto com fortes influências religiosas, principalmente cristãs. Se desconhecida a informação do forte lado religioso da entrevistada, seu argumento pode ser lido como mais um exemplo de racionalização das posições femininas. Sua concepção de mulher, no entanto, era marcada fortemente pela concepção religiosa e é o fundamento por ela utilizado para demandar a racionalidade na prática cotidiana. Ela mesclava posições tradicionais de gênero com exigências contemporâneas de racionalidade.

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?*

*Não. Porque eu acredito que a mulher edifica sua casa. E pra você sustentar os pilares da sua casa você tem que ser muito racional. Você tem que controlar o emocional de quem está ao seu redor. Então, ela tem que estar preparada pra ter inteligência emocional e pra lidar com relações interpessoais.*

*Entrevistadora: Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que equilibrar razão e emoção?*

*Sim. Porque esse livro fala muito sobre você encontrar e identificar uma pessoa ideal pra você. E isso não é pela emoção, né? Não dá pra você fantasiar o príncipe encantado. Você precisa buscar nas pessoas características que se adequem para o bom relacionamento. Não existe uma pessoa perfeita e ideal.*

O depoimento de Ana (41 anos, psicóloga, casada, região Sul) é um bom exemplo para pensar no que Illouz denomina de cultura terapêutica. O argumento de Ana expressa a linha tênue entre o discurso mais popularizado dos aconselhamentos e outro propriamente oriundo da psicologia (ainda que se possa considerar também a variedade de vertentes dessa área do conhecimento). Ana é uma mulher intelectualizada, casada há mais de 20 anos e afirmava constantemente a sua defesa pelo feminismo. A sua fala comportava, ao mesmo

tempo, concepções de valorização feminina mais associadas às relações de gênero tradicionais ao lado de noções de autodeterminação feminina bastante incisivas. Leu o manual “das poderosas”. Quando foi perguntada se concordava com a ideia de instinto maternal, respondeu citando Elizabeth Badinter (teórica feminista autora de um livro clássico sobre a construção histórica da maternidade na sociedade burguesa) para justificar seu posicionamento. Ana optou por não ter filhos e foi uma das poucas leitoras a dissociar a ideia de mulher como necessariamente mãe.

*Cheguei [ao livro] através de uma amiga que havia lido e eu estava comentando com ela que eu estava tratando de uma adolescente que estava em uma relação muito abusiva com o namorado. [...] Tem uma técnica que chama biblioterapia e eu buscava um livro que fosse de fácil compreensão para indicar pra essa adolescente. E o livro ajudou muito. Antes de passar pra ela, eu tive que ler. Eu gostei muito do livro.*

*Entrevistadora: O fato de ser um best seller despertou interesse na leitura?*

*Não, porque eu tenho um certo preconceito com livros de autoajuda. Mas quando eu li, eu vi que o livro é muito bem escrito, a ponto de eu pensar que eu queria ter escrito esse livro. Tudo isso aqui é exatamente o que eu penso! Eu sou de uma orientação feminista. E ele é muito feminista. Ele empodera a pessoa. A posse de si mesmo. Ele tem essa filosofia.*

*Entrevistadora: Houve trechos com os quais você se identificou?*

*Bastante. Eu sempre... as minhas amigas e amigos de longa data que eu tenho sempre me chamavam de poderosa: “ah, você é muito poderosa, você é muito poderosa”. E pensava: será que estão me achando arrogante e tal? Quando eu li o livro, eu vi que boa parte dos aconselhamentos que eu dou, até em termos profissionais, até porque eu trabalhei na área de educação em escola fundamental e nível universitário. É realmente minha maneira de ser e minha maneira de pensar. Na minha adolescência eu era bem difícil de namorar, não me rastejava por homem nenhum, a ponto de eu quase achar que eu tinha tendência homossexual. “Como é que eu consigo me controlar assim e eu vejo minhas amigas caindo de quatro pelos namorados?” Eu achava aquilo um exagero. E desde criança eu optei por não ter filhos, porque vi o perrengue que a minha mãe passava e optei por me dedicar aos estudos, por causa da minha vó. Na verdade, foi minha vó, que era professora, que me criou. Então, eu fui vendo que vários trechos desse livro eu me identifiquei demais. Inclusive, a última frase do livro, que é muito interessante. Do começo ao fim eu me identifiquei, mas sobretudo a última frase, eu achei que a autora fecha com chave de ouro: “a mais atraente de todas as qualidades é a dignidade”.*

*Entrevistadora: Você sugeriu a leitura dele para outras pessoas?*

*Com certeza, já indiquei pra umas dez pessoas.*

*Entrevistadora: Você já se sentiu ser tratada diferente por ser mulher?*

*Várias. Eu vejo que os homens intelectuais quando eles me testam e percebem que eu posso estar na terceira categoria [um mulher normal], eles me respeitam e me tratam normalmente e eu viro amiga deles pra sempre. Agora as mulheres, eu sofro mais com as mulheres do que com os homens. Porque, primeiro, eu não tenho filhos. A maioria tem. Segundo, eu leio um livro por dia. Pra boa parte, isso é um exagero. Elas acham que eu quero aparecer, que não é fome intelectual. Outra coisa, eu adoro moda, me arrumo, mantenho meu peso, faço dança diariamente pra manter a saúde e porque eu adoro dança, então isso também é outro problema. Eu sinto mais machismo por parte das mulheres mais velhas, do que por parte dos homens. [...] Eu acho que a felicidade feminina não deve se resumir à genitalidade. Não casei em igreja e não oficializei minha união com juiz. Porque eu não preciso de um juiz ou*

*padre pra me dizer o que eu tenho que fazer com a minha genitália. Eu sou dona do meu corpo, sei muito bem o que eu faço e o que eu não faço com meu corpo. Não preciso de ninguém pra me dizer isso.*

Adélia (32 anos, enfermeira, solteira, região Nordeste) leu o livro *Sedução* quando estava indecisa sobre os rumos do relacionamento que vivenciava na época. Adotou mudanças em seu comportamento após ter acesso aos aconselhamentos. Em seu argumento, a responsabilidade do comportamento feminino nos rompimentos amorosos é bastante notável. Quando foi questionada sobre como se imaginava no futuro, fez a seguinte afirmação:

*Acho que eu vou ser aquelas tias malucas que fica tomando comprimido pra cabeça, sabe? Aquela tia maluca tomando remédio tarja preta. Eu me vejo meio maluca, que tem aquelas manias, que tem aquelas compulsões, estilo transtorno obsessivo compulsivo.*

*Se eu tivesse filho hoje, quando eu tivesse 40 anos, o filho nem teria 10 ainda. Quer dizer: eu ia ficar velha, com um moleque pequeno. Então, eu tô achando meio difícil.*

A pressão do tempo vivenciada por Adélia no âmbito dos relacionamentos era vista de maneira bastante negativa por ela durante a entrevista. Esse aspecto é importante para sinalizar um dos impactos dos usos dos aconselhamentos, representado pelo peso destinado à mulher em corresponder a uma expectativa social de constituição de um relacionamento afetivo, seguido de família, filhos e conciliação com carreira profissional.

*Entrevistadora: Você concorda com a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?*

*Sim. Na maioria das vezes, sim. A maioria das mulheres que eu conheci tendia mais pra essa coisa do emocional do que do racional. Poucas eu vi ter uma postura de pensar primeiro e sentir depois. A maioria colocava logo as emoções e depois é que viam a coisa mais friamente. Poucas que eu conheci desse jeito.*

*Entrevistadora: Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que equilibrar razão e emoção?*

*Pensei bastante. É uma coisa que eu tenho tentado fazer. É lógico que eu não tenho conseguido todas as vezes, mas no caso de relacionamentos, eu sempre tento ficar mais fria. E ver as coisas na perspectiva correta, sem se envolver muito.*

*Entrevistadora: Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos? Em que sentido?*

*Eu acho que sim. Porque quando o sentimento fica sem a razão, ele fica como um cavalo desgovernado, sai devastando tudo. E não é bom pra mulher, nem pras pessoas que estão ao redor também. Aliás, pra nenhum ser humano, seja mulher, seja homem. Essa coisa de “ouvir o coração”, “faça o que manda o coração”, isso é uma grande mentirada que tem acontecido ao longo de décadas e tal. Então, a gente tem que pensar primeiro, ver os prós e contras, ver a situação, analisar, porque o sentimento é uma coisa que você se coloca [...] você analisando, vai saber se você se coloca naquilo ou não. [...] Eu acho que a psicologia seria muito boa se ela ensinasse as pessoas a... sei lá... [...] olha, é uma coisa que eu acho: o que eu vejo na psicologia é que tem muitas ideias de procurar coisas novas, e tem coisas*

*que acabam prejudicando. Eu acho que a psicologia devia ensinar as pessoas a pensar mais... Essa coisa de estimular a busca da felicidade acaba gerando pessoas inconsequentes. E a gente vê os psicólogos que influenciaram na revolução sexual, essa coisa de se liberar, eu acho que estimulou uma geração meio desgovernada, sem educação sentimental. Então, acaba muito nessa coisa do hedonismo, no prazer imediato, na satisfação imediata.*

O relato de Helô (34 anos, mestrande, solteira, região Nordeste) apresenta vários aspectos de trabalho das emoções. Ela fala literalmente sobre uma nova mulher, fruto da influência dos aconselhamentos. Essa luta interna entre duas mulheres presentes na mesma experiência expressa uma transição de modelos de gênero, que demandam diferentes atitudes por parte das mulheres e transformações subjetivas para alcançarem um modelo de relacionamento propagado como desejável.

*Entrevistadora: Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que equilibrar razão e emoção?*

*Sim. Eu sinto que o livro passa isso. Quanto mais você é racional, mais eles ficam emotivos. Porque eles são racionais. Então, se a mulher, do nada, se torna racional, ele acaba mudando o perfil dele. [...] O livro passa a ideia de que existe outra forma de lidar com o homem, que é ser mais racional.*

*Entrevistadora: Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos? Em que sentido?*

*Sim. [...] O livro leva você a perceber que você tem que controlar seus sentimentos, por mais que você goste daquela pessoa ali. Eu sei que parece estratégia, mas, por mais que você goste daquela pessoa, há momento que é bom fingir que não tá gostando, ou pelo menos ficar mais na sua, segurar a onda do sentimento, da emoção. Quantas vezes eu senti vontade de falar algo e eu segurei? Porque eu sei que se eu falar, ele vai se achar o tal e não vai me dar valor. Infelizmente, é assim. [...] E é difícil controlar, né?*

*Entrevistadora: O livro proporcionou a você influência em ideias sobre sexualidade?*

*Não é bom ceder de primeira. Por mais que tenha aquele clima, você corre o risco daquele homem te ver de forma errônea. Achar que você não é... é que tem aquela coisa da mulher ser moça de família, muitos homens observam isso. Se ela “der” logo, eles falam, ela não é uma pessoa correta. Mas, na minha visão, eu acho que você tem que primeiro conhecer a pessoa. [...] E o livro fala muito isso: “procure conhecer, vai dando as jujubas, vai conquistando, mas não ceda”.*

*Entrevistadora: Para você, o que significa dependência emocional?*

*Prisão. Eu acho que é uma prisão. É uma escravidão. [...] Você se anula. Você acaba esquecendo de você. Porque é uma angústia, um sofrimento, você quer aquela pessoa e a ela não está contigo, e se você não tomar cuidado isso vai virando até problema de saúde.*

*A Helô antiga tá morrendo. Mas eu tô lutando pra ela não sobreviver. [...] Eu luto pra não ter mais isso, essa dependência. E eu não quero mais viver em relação a essa escravidão, viver refém disso. [...] Eu brinquei com minha amiga: “eu escapei do cativo; e ele tá doído pra me prender de novo, mas eu não vou deixar”.*

A partir de experiências diferentes, as leitoras demonstram os sentidos concretos produzidos pelos aconselhamentos em suas vidas. Na maioria das vezes por motivos de

relacionamentos, mas não somente, os manuais apresentam um roteiro que fala sobre as realidades por elas vivenciadas, canalizando para uma resposta que se configura ao projetar um ideal feminino com várias atribuições. O discurso dos manuais é capaz de se ajustar a várias situações, conforme demonstrado nos exemplos, mas todas essas situações caminham para reforçar a concepção de que cabe à mulher modificar o seu comportamento de modo a alcançar situações de relacionamentos felizes. Ao mesmo tempo em que são capazes de amortecer o sofrimento de suas leitoras, os conselhos apresentam um custo emocional de gerenciamento, que leva as mulheres a monitorarem a sua relação com o outro e a praticarem um conjunto de estratégias que lhes evite o sofrimento amoroso. Ao transformarem as fragilidades de um modelo de relacionamento em questão psicológica/comportamental, os manuais transferem ao plano individual a responsabilidade de sua manutenção. Para justificarem situações que não ocorrem como exceções nas vidas das mulheres (e os grandes números de vendas indicam isso), os estereótipos de gênero reforçam a necessidade de reprodução de um modelo por meio de sugestões de como “todo homem e toda mulher é...”, que encontram sentido na vida prática das leitoras.

#### 4.4 AS EXPERIÊNCIAS DAS LEITORAS DO GRUPO 2: ACONSELHAMENTOS RESSIGNIFICADOS

*O amor é um menino cigano que  
nunca conheceu qualquer lei; se você  
não me ama, eu te amo; e se eu te  
amo, toma cuidado!*  
Carmen, personagem  
principal da ópera de Bizet.

No grupo 2, estão reunidos os depoimentos das 8 leitoras que não se identificaram com os aconselhamentos dos manuais, ou mudaram sua concepção sobre eles. Há, em comum, visões que apontam contradições e questionam os livros, em seu conteúdo ou forma, mas os repertórios de gênero das leitoras são distintos, de modo que foram identificadas pelo menos duas formas de rejeição: as que criticavam os aconselhamentos e seus pressupostos de

gênero; e as que criticavam os aconselhamentos, mas reforçavam, de outras maneiras, as concepções de gênero neles veiculadas.

Entre as leitoras que modificaram sua visão sobre o livro, os depoimentos demonstraram o olhar reflexivo sobre suas experiências, algo fundamental para pensar na dinâmica das relações de gênero, as quais comportam padrões, mas também rupturas e desconstruções. Nesse grupo de entrevistadas há uma menor identificação com os manuais, embora consistam em experiências de leitura importantes para serem analisadas, considerando que, em algum momento da vida, todas leram um dos livros analisados – o que não significa, por sua vez, que as trajetórias dessas leitoras possam ser presumidas apenas pelos conteúdos dos manuais. A rigor, nenhum dos dois grupos representa uma simples reprodução prática dos discursos dos manuais. Há, no entanto, mais pontos de identificação entre leitoras e livros no primeiro grupo. No segundo grupo, as críticas aos livros aparecem mais frequentemente. Significa também, enquanto prática de pesquisa, afirmar que um estudo centrado nos manuais não elimina a necessidade de perceber as apropriações de seu público, ao contrário do que outras pesquisas sobre o tema presumiram.

A leitora Cristal (29 anos, solteira, *sommelier*, região Sudeste) leu o manual “das poderosas” aos 22 anos e adotou dicas aconselhadas por Argov. Embora não se afirmasse feminista, via com simpatia situações de representação das mulheres no poder. A bota de cano longo e salto alto, que simboliza a poderosa na capa do livro, foi seu primeiro atrativo para a leitura. Cristal foi uma das leitoras encontradas na rede social na *internet*. Participa de um grupo de leituras de temas variados e foi através dele que começou a incluir outras fontes literárias em sua vida.

*Hoje, eu vou ser bem franca com você: eu não leria esse tipo de livro (riso). [...] Eu comecei lendo esses livros. Procurava a mulher poderosa não só no sentido da sedução, mas também no sentido profissional. Desde criança, quando eu via novela, e via aquelas artistas... normalmente as principais eram donas de empresa, então eu criei esse estereótipo, achando que isso era uma mulher poderosa. Naquela época, eu gostava de ler, até por causa disso.*

*Eu falo que é um tipo de literatura que eu não leio, mas tem muita coisa que tá lá que é as mulheres de hoje, mulheres da minha idade e mulheres muito mais velhas. [...] Porque, não importa a idade, desculpa o termo, a mulher é a mais burra, que mais sofre, então tem muita coisa ali. Eu recomendo esse tipo de livro. [...] Eu tenho amigas que sofrem com esse tipo de coisa e eu até indico. Todas as mulheres que sofrem por algum tipo de carência ou autoestima baixa, eu indico.*

*Hoje eu faço parte de um grupo [...]. Esse grupo se reúne aqui em SP pra discutir um livro. Foi através desse grupo que eu passei a ler outros tipos de livro. Autoajuda eu não leio mais, porque eu li tanto na minha adolescência, que hoje*

*parece que quando eu começo a ler, parece que eu já sei o final, qual a intenção do escritor ali. Gosto de ler biografia.*

Quando perguntada sobre ter aplicado os conselhos do manual em sua vida, Cristal afirmou:

*Sim, porque esse livro passa informações sobre coisas que a mulher faz no dia a dia que você para pra pensar e ver: é mesmo, tem muita coerência isso que ele tá falando e é burrice de quem faz. A mulher faz as coisas no dia a dia, ela sabe que tá errado, a mente dela fala assim – eu falo por mim –, a mente dela fala que tá certo. Só quando uma terceira, uma segunda opinião fala pra ela, aí ela muda. No meu caso, a minha segunda opinião era o livro.*

*Eu lembro que eu fiquei um tempo, eu estava noiva na época, eu fiquei um tempo folheando esse livro. Em alguns momentos do meu noivado, eu ficava folheando esse livro. E falava: “olha, eu errei nisso! Olha, eu acertei nisso!”.*

*E, recentemente, no ano novo, eu fui viajar com um grupo de amigas, assim, solteiras, e eu ainda comentei desse livro: “olha, tem muita coisa que ele fala e é a coisa que a gente tá conversando aqui, que a gente erra”. Não é um livro que eu leia hoje, mas eu lembro dessas coisas.*

*Eu lembro que quando eu era noiva, eu colocava ele [o noivo] sempre em primeiro lugar. Mas isso já é coisa emocional minha, porque eu sempre quis ter uma válvula de escape, então eu colocava ele sempre em primeiro lugar porque era minha válvula de escape. Aí, quando acabou, eu vi: e aí? Os próximos também vou ter que colocar sempre ele em primeiro lugar? Então, isso pra mim é um ponto forte. No livro, ele sempre dá exemplos de mulheres que deixavam de fazer as coisas que elas mais gostavam, pra fazer com o parceiro, com os amantes, enfim.*

*Entrevistadora: Você considera que a psicologia (como campo de conhecimento) tem importância para o comportamento/subjetividade das pessoas?*

*Sim, eu gosto muito de PNL [Programação Neurolinguística]. Eu tenho uma coach que tá sempre comigo, me ajudando. Pra mim, esses profissionais já fazem você perceber onde tá errando e acertando.*

*Entrevistadora: No livro, você se identificou com algum argumento/ideias da psicologia?*

*Sim, na parte que ele fala que é você em primeiro lugar. No livro ele dá o exemplo: você tem uma reunião com as amigas, um happy hour, e o amor da sua vida te liga, chamando pra sair naquele mesmo dia e mesmo horário. Então, você cancela sair com as amigas, pra sair com ele. Então, ele fala que tá errado. E eu vejo que também tá errado. Você tem que estar em primeiro lugar. Então, o livro me ajudou e é o que eu levo pra minha vida, que você tem que estar em primeiro plano.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?*

*Com certeza. Isso pra mim é uma coisa que eu vejo em todas. [...] Eu acredito que ela é mais emotiva. Ela pode fingir bem, mas, na minha opinião, ela pode ser uma máquina na frente de todo mundo, mas por dentro tá chorando. Por mais fria que ela seja, tem bastante emocional dentro dela.*

*Entrevistadora: Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos? Em que sentido?*

*Sim. Porque eu acho que o homem é melhor que nós nessa questão. Ele consegue lidar com isso; a mulher, não. Ela é mais emotiva, então se ela colocar tudo pra fora... quando eu falo assim, eu vejo mais o lado profissional, sabe? Eu acho que ela pode colocar tudo a perder. Porque a mulher é uma flor, né? Então, mexeu com ela, pode chorar, pode ficar nervosa, dependendo da situação, não é bom isso. Principalmente, na época de TPM. Eu mesma, nessa época, fico isolada.*

*Entrevistadora: Você concorda com a ideia de que as mulheres amam mais que os homens?*

*Ah, concordo. Os homens conseguem lidar melhor com essa coisa da emoção. Acredito que a mulher se entrega mais. Acredito que isso possa ser uma coisa dos nossos antepassados, pelo fato de ser maternal. Agora o homem, não. Ele já foi feito mais pra sair, pra trabalhar, e a mulher ainda tem esse instinto maternal que faz ela ficar mais fragilizada.*

*Entrevistadora: Pra você, é possível separar amor e sexo?*

*Hoje em dia, pra mim, existe. Infelizmente, eu vejo que isso está se agravando cada vez mais, não só comigo, mas com amigas da minha idade.*

*Entrevistadora: O que você quer dizer com “se agravando”?*

*Tem uma conotação negativa, porque eu acho que as mulheres estão ficando cada vez mais independentes, e usando mais pra ter um relaxamento. Pelas conversas que eu tenho com minhas amigas nos happy hour, é o que mais existe. Tá cada vez mais difícil um “sério, sério, sério”, então acaba achando um só pra ter uma válvula de escape, do que pra ter uma coisa séria. E as mulheres estão querendo ficar mais independentes, mais independentes, e pelo menos é assim que meu grupo de amigas pensa. Pode ser que quando eu fique mais velha, eu pense diferente.*

*Entrevistadora: Pra você, o que é ser uma mulher?*

*Ser guerreira (riso). Acho que essa palavra resume tudo: é ser guerreira. Tanto aquela que é mãe, que tem que trabalhar, segurar o sentimento em todos os sentidos, e tá sempre com um sorriso no rosto, pra voltar pra casa e tomar conta de casa, então eu vejo que é guerreira.*

Marta (27 anos, solteira, doutoranda, região Sul) também foi leitora do manual de Sherry Argov. Contou sobre suas experiências afetivas e os sofrimentos e dúvidas vivenciados. Marta casou muito jovem e, após se separar, questionou seus lugares de gênero em vários aspectos, inclusive os padrões recebidos em sua socialização, chegando a se identificar com o feminismo e ter participado da Marcha das Vadias. Em sua fala, aparece um elemento importante para pensar na cultura terapêutica de nosso contexto: mesmo sem a mediação do manual, os dilemas relacionados às emoções permanecem. Continuava se questionando a respeito dos relacionamentos, incluindo outras fontes de consulta para suas questões.

*Eu comecei a ler esses livros quando eu terminei meu casamento e me mudei de cidade, eu morava no interior e vim pra Porto Alegre, e aí eu comecei a ler esses livros um pouco pra talvez iluminar alguma ideia. E outra coisa porque eles são baratos, e aí eu comprava pra matar a curiosidade. Minha escritora favorita é Cláudia Tajes, daqui de Porto Alegre, que escreve ficção sobre relacionamentos. E é uma escrita gostosa, porque é aquela mulher que está sempre se ferrando nos relacionamentos, mas ela não tá nem aí. Então ela consegue fazer tu rir das desgraças da vida. E é muito interessante.*

*Entrevistadora: Você se identificou com trechos do livro?*

*Ah, vários trechos eu me identifiquei! Eu lembro que eu grifei muito, fiz até umas resenhas pra o meu blog, porque tinha coisas que eu pensava em aprender com ele. Algumas coisas eu me identificava e pensava: “ah, assim eu vou fazer; assim não vou fazer”. Não que eu tenha seguido como um manual, mas eu passei a adotar algumas coisas que o livro adotava. Não que eu tenha seguido fielmente as coisas que a autora falava, mas eu comecei a prestar atenção e rever algumas coisas que*

*ela comentava. Eu lembro muito que ela faz a comparação da mulher boazinha e da mulher poderosa. Acho que o livro é basicamente essa diferenciação: ou você é a mulher boazinha, ou você é a mulher poderosa. Eu comecei a prestar atenção em coisas desse tipo: eu não quero ser a mulher boazinha. Mas não seguindo uma regra, era mais prestando atenção em detalhes que o livro me fez perceber.*

*Acho que eu não segui nenhuma regra do livro. Só cuidei pra não ser a mulher boazinha. Não ser o capacho. Mas cuidando também, como a autora fala, pra não ser aquela mulher poderosa onde o sinônimo de poder é arrogância. Ele me suscitou percepções.*

*Acho que a mulher é sempre mais sensível, mais verdadeira. Claro que toda regra tem sua exceção, mas, por exemplo, num relacionamento eu acho que a mulher é mais sensível, porque ela se abala mais, ela demora mais a se recuperar, e ela também é mais verdadeira porque ela não fica fazendo joguinhos, eu acho. Se ela gosta, ela vai lá e fala e chora, se descabela. Enquanto que o homem fica naquele chove não molha, mesmo que seja na mesma situação afetiva que a mulher.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?*

*Eu acho que sim. Por mais que eu leia, que eu reflita, [...] eu luto muito contra o emocional. Porque não sei, parece que tu fica mais vulnerável. Talvez, com a emoção. A maioria das vezes que eu agi com emoção, eu me dei mal (riso). Então, eu tento racionalizar as coisas e fazer o cérebro oxigenar. E mesmo assim, eu ainda cometo erros. Faço bobagem, mas eu tô sempre brigando com isso.*

*Entrevistadora: Como você percebe a distinção entre “razão x emoção”?*

*Eu vejo claramente a distinção da razão e da emoção. Porque atualmente eu gosto de uma pessoa que não gosta de mim, e tem uma pessoa que gosta de mim. Eu sei que a pessoa que eu gosto não vale nada e a pessoa que gosta de mim todo mundo gostaria de ter, mas não adianta. Por mais que todo mundo me fale, não adianta. O emocional não modifica essas coisas. Então, a única razão que eu posso usar é ficar quieta. É não me expor mais. Mas, a razão não consegue mudar a emoção. Por mais que as coisas estejam claras, não conseguem mudar. [...] Eu sou uma dependente emocional. Estou sofrendo por eu não ter a retribuição daquela outra pessoa. Então eu meio que dependo emocionalmente dela. E isso é muito ruim, porque se ela me falta, eu me abalo. Por isso que eu tenho que cuidar muito. Mas tu não pode colocar essa tua debilidade na mão da outra pessoa.*

*Talvez eu tenha buscado livros e informações pra poder entender, já que eu não tava conseguindo me entender sozinha. Tem que ter alguma razão pra uma pessoa dizer que te ama e no dia seguinte ela simplesmente sumir. E aí depois ela reaparece, depois de um mês, e some de novo, então tem coisas meio que inexplicáveis, talvez só a psicologia ou a psiquiatria pra responder. Ou é falta de caráter mesmo (riso). Mas, eu recorri à psicologia.*

*Entrevistadora: Para você, qual a relação entre autoestima e estética?*

*Acho muito profunda. Porque eu sou gordinha e tenho olheiras. E aí eu fico pensando que eu não arrumo um namorado se será que é por que eu sou gordinha, ou por que eu tenho olheiras? [...] Fico achando que se eu fosse magra, talvez a pessoa gostasse de mim, talvez eu chamaria mais atenção, então acho que autoestima e estética estão bem relacionados, porque a mulher tem que ser muito bem resolvida.*

*Entrevistadora: Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos?*

*Acho que precisa sim (riso). Como a minha razão não sabe administrar a situação que eu estou vivendo, o máximo que eu posso fazer é controlar. É saber que se a pessoa não quer, o que é que eu posso fazer? Eu não posso ficar lá choramingando pra ela e, ao mesmo tempo, eu tenho que ser racional com a pessoa que tá sofrendo por mim.*

*Entrevistadora: Pra você, existe separação entre amor e sexo?*

*Já tentei (riso). Já tentei algumas vezes (riso). Quando eu me separei, eu pensei que não gostaria de me envolver tão profundamente com outra pessoa, porque eu tinha passado 8 anos sem ser solteira. Mas, quando eu começava a ficar com alguém e*

*acabava transando com essa pessoa, eu acabava me envolvendo. Apesar de dizer na cabeça: “não se envolve, não se envolve!”, eu acabava me envolvendo, de ligar, e acabava sofrendo. E eu comentava com uma amiga minha, e ela dizia que eu não estava preparada pra ser uma mulher moderna (riso). Que eu acabava sempre me envolvendo. Acho que uma única vez eu consegui fazer isso, de não me envolver, mas chegou um ponto que eu decidi ficar em abstinência até encontrar uma pessoa que eu saiba que não vá ser um erro. Então, eu falei pras minhas amigas que eu prefiro ficar agora sem relacionamentos, mas contanto que eu não fique: “será que ele vai me ligar? Será que vai me adicionar no facebook?” Então tomei uma atitude meio radical. Por enquanto, tô tranquila.*

*Entrevistadora: Para você, qual o significado da “mulher difícil”?*

*Eu já tive um pensamento de ser mulher difícil, de “ah, pra ficar comigo, tem que insistir muito”. Talvez a mulher difícil esteja se protegendo. Não precisa ser mulher difícil, mas também não precisa ser aquela que vai com qualquer um. Acho que tem que ter um equilíbrio entre a mulher difícil e a mulher fácil. Teve uma época que eu achava que eu ia ser diferenciada pelos foras que eu tinha dado, não pelos caras que eu tinha ficado. Mas eu perdi tanta oportunidade, que depois que eu fiquei mais velha, eu pensei: “ai, que idiota que eu era!”.*

*[...] Eu tô tentando superar a fase de dependência, essa cultura de [...] tive uma fase de estar muito abalada por não estar em um relacionamento sério (riso). E as minhas amigas comentavam: tu trabalhas, está no doutorado, é independente, só isso te faz pensar que é uma fracassada. Então, eu acho que eu tô tentando sair dessa cultura de que o sucesso depende de você estar num relacionamento. Porque mesmo tendo a experiência de que estar num relacionamento sério não signifique nada, tu podes estar casada e estar sofrendo muito mais do que uma pessoa solteira. Então eu tento sair dessa visão de que o sucesso é porque conseguiu um marido. Que é muito a coisa do interior, que é de onde eu venho. Eu volto na minha cidade, as minhas tias ouvem todas as minhas conquistas, minhas vitórias, aí no final perguntam: “tá, mas e o namorado?” Então eu meio que tô tentando superar essa mentalidade de interior.*

*Entrevistadora: Pra você, o que é ser uma mulher?*

*Ai, meu deus (riso)! Acho que é provar a capacidade todos os dias. Porque mulher sempre é subjugada, eu acho, não sei... ela ainda tem que provar que não é o sexo frágil. Eu acho que é meio complicado, assim, ser mulher. É complicado se relacionar, complicado trabalhar, tem sempre que estar se superando.*

Assim como no depoimento de Cristal, a liberdade sexual aparece como um paradoxo na fala de Marta. Relações sexuais e sentimentos são fortemente associados, o que faz com que várias mulheres prefiram restringir suas experiências sexuais para não se machucarem sentimentalmente. A questão também aparece associada à banalidade provocada pela liberdade sexual, que dificultaria o desejo de compromisso por parte das pessoas, especialmente os homens, já que as opções de envolvimento mais casual pareceriam mais atrativas.

Ao ler *O que toda mulher inteligente deve saber*, Denha (29 anos, solteira, jornalista, região Nordeste) chegou a refletir sobre a necessidade de equilibrar razão e emoção, mas questionava a abordagem do livro, por generalizar seu discurso e utilizar uma linguagem normativa.

*Gostei da capa. Achei melhor a capa, linda, cor de rosa, do que o mote do título dele. O título dele dá aquela fórmula pronta: o que as mulheres inteligentes devem saber. Com isso, uma coisa chama a outra. A capa do livro chamou atenção. Depois, com o título, fiquei curiosa pra saber o que eles estavam expondo a respeito daquilo que estava no título.*

*Como o livro não foi escrito para a realidade brasileira, ele é bem diferente do que a gente costuma ver no Nordeste. A gente não vê, por exemplo, ninguém vai ter um relacionamento com a pessoa só porque ela é um workaholic, aqui não tem muitos workaholics. O que mais me chamou a atenção eram as coisas mais parecidas com a realidade do Brasil. Mas como o livro dá muito a fórmula pronta, não tem muito o que você tomar como semelhante, eu acho.*

*Esse distanciamento entre culturas, da pessoa que escreveu o livro, do local onde eu moro, é bem grande. Isso me causou uma barreira quando eu li. Como tinham aquelas frases pra chamar atenção, tinha muito falando assim: “mulheres não devem isso...”. Eu achei muito estranho, porque ah, se a mulher fizer isso ela é burra? Eu achei esquisito. Outro trecho: “a mulher inteligente não deve namorar um cara que lê livro tal...”, “a mulher inteligente não deve namorar um cara viciado em trabalho...”, “a mulher não deve namorar um cara que pede dinheiro no primeiro encontro”, essas coisas bem exageradas, que quase não contemplam um livro que eu esperava que fosse mais interessante.*

*Entrevistadora: Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que administrar razão e emoção?*

*Pensei. É um lado que o livro expõe muito. Quando você inicia um relacionamento, geralmente você supõe que vai exercer mais o lado emocional. Mas, a partir do momento em que você lê um livro que te dá uma fórmula pronta que diz: “você não vai ficar com ele, por causa disso”, ele está estimulando o seu lado racional, antes do seu lado emocional, mesmo que você tenha gostado daquela pessoa.*

*Entrevistadora: Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos?*

*Precisa. Hoje em dia, a gente não pode se levar só pelo lado emocional. Se a gente levar só pelo lado emocional, a gente vai se machucar, a gente vai se decepcionar. Então você tem que dosar um pouco de razão com um pouco de emoção.*

Nina (20 anos, solteira, região Sudeste) leu *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* A leitora cursava psicologia, mas trancou a faculdade em função da maternidade. Filha de mãe solteira, teve a mesma experiência com seu filho, a quem estava dedicando cuidados integralmente. Ao longo da entrevista, Nina tinha uma postura muito firme ao se posicionar e sua experiência enquanto mãe a fazia questionar vários lugares de gênero socialmente estabelecidos. Tinha lido o manual das mulheres poderosas e o criticou bastante. Questionava os métodos, as generalizações e as concepções de feminino da autora. Por outro lado, Nina também naturalizava estereótipos de gênero, de outras maneiras, em suas opiniões.

*Eu estava namorando e uma amiga falou que eu era muito boazinha e que ia me indicar um livro que ia mudar meus pensamentos. E me deu o livro. Me interessei, porque o meu relacionamento estava muito ruim e ela [a amiga] segue à risca, a personalidade dela é de acordo com o livro. E ela é muito bem casada. Então, me despertou por esse lado.*

*Entrevistadora: Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura?*

*Não. Achei meio loucura você ler um livro pra adequar a sua personalidade.*

*Entrevistadora: Você sugeriu a leitura dele para outras pessoas?*

*Não.*

*Entrevistadora: Você seguiu/adotou dicas sugeridas no livro?*

*Algumas são boas. Talvez para uma mulher que esteja numa baixa estima muito grande ajude ela a não se humilhar tanto num relacionamento.*

*[...] A psicologia ajuda a você se conhecer. E os livros de autoajuda tiram exatamente isso, porque cada pessoa é cada pessoa, de necessidades diferentes. E os livros colocam as pessoas como todas iguais: todo homem faz sexo e toda mulher faz apenas amor.*

*Entrevistadora: No livro, você se identificou com algum argumento/ideias da psicologia?*

*Eu acredito que ela utiliza muito da psicologia comportamental. Mas, como eu disse, ela generaliza. E nada pode ser generalizado quando se trata de ser humano.*

*Nada. Eu tenho amigos meus que leram os livros, homens, um falou que era fato e o outro falou que era ridículo. [...] Meus professores de psicologia sempre falaram mal desses livros e é um absurdo mesmo. Pode ser que uma maioria pense assim, pode ser que uma maioria tenha um padrão de pensamento que seja parecido com o livro. Mas, eu não quero casar com a maioria (riso).*

*Entrevistadora: Você visualiza as informações contidas no livro na sua vida cotidiana? De que forma?*

*Sim, várias. Por exemplo, ela fala da mulher que vai na casa do cara assim que fica com ele, que o cara se desinteressa, porque acha que você está na mão dele e acabam não dando valor pra isso. Eu faço isso, sempre fui de tomar iniciativa. O problema é que ela coloca isso de maneira muito exagerada, voltada pra mulheres com muito baixa estima, não como uma pessoa independente. Ela coloca como se a mulher fosse dependente do homem e não é o caso pra mim.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?*

*Sim. É muito raro numa briga de casal você ver um homem ter um ataque de histeria, e é muito fácil você ver uma mulher tendo um ataque de histeria [...] porque a mulher perde o controle muito fácil. Eu acho que ela guarda tanta coisa, que quando ela estoura, estoura mesmo.*

*Entrevistadora: Para você, qual o significado da “mulher difícil”?*

*A maioria das mulheres querem, mas não fazem, porque o livro manda elas não fazerem. E elas dificultam a vida das outras, porque os homens gostam da dificuldade, mas não deveria ser assim, porque eu não entendo esse negócio de joguinho de amor, entendeu? Você querer e não poder, senão o cara vai fugir. Se o cara vai fugir porque eu sou como sou, é porque não era pra mim. Mereço coisa melhor. É assim que tem que ser, mas não é.*

*A mulher difícil segue clichês. Se o cara liga, ela vai esperar nove vezes pra poder atender e quando atende, ainda dá uma de fria. E fica naquela: “ah, ele me ligou, me ligou! Então, por que não bate um papo?” Não entra na minha cabeça.*

A leitora mais jovem de todas, Raiza (18 anos, estudante de jornalismo, região Sudeste) estava em um relacionamento na época da entrevista. Leu o manual das poderosas após sugestão da sua mãe e criticou bastante o livro. Pertencente a uma geração nascida em meados dos anos 1990, Raiza, morando em uma das maiores cidades brasileiras, cresceu vivenciando noções de liberdades sexuais mais difundidas socialmente, mas chamava atenção a maneira como também problematizava a efemeridade dos relacionamentos e mencionava as linhas morais que definem quais práticas femininas são mais aceitáveis entre pessoas da sua

faixa etária. Foi socializada com bastante liberdade e problematizava, algumas vezes, tal condição. Raiza não queria ser a poderosa de Argov, mas também rejeitava o feminismo.

*[O livro] me causou um impacto negativo. Eu já não gosto muito de livro de autoajuda porque eu acho que sempre tem uma fórmula, uma receita de bolo pra você ser feliz, isso ou aquilo. Esse livro fala na verdade pra você ser um tipo de mulher que, se você não for aquela mulher, você vai fracassar, vai ficar sozinha, entendeu? Então, eu achei muito fórmula, até meio vazio, fútil, sei lá. Por isso eu achei negativo.*

*Tem um trecho que ele fala que se você tá saindo com um homem há pouco tempo e ele chega na sua casa e você faz um super jantar e usa uma lingerie preta, ele vai sair correndo. É de uma generalização, que eu achei aquilo horrroso!*

*Entrevistadora: Você já foi tratada diferente, em alguma situação, por ser mulher? Com certeza, isso acontece muito. Ainda mais quando tem aquela coisa de mulher não pode sair sozinha e se você ficar com um cara ou mais de um cara na noite você é taxada como piranha e coisa do tipo. Agora se o homem sai e pega cinco, pega dez, ele é o gostosão. Isso acontece muito: “você é menina, você não pode andar sozinha. Você é menina, tem que se comportar de tal maneira”. Isso acontece muito; é muito chato.*

*Entrevistadora: Atualmente, você se espelha no seu modelo de família?*

*Sim. Eu mudaria a presença do pai. É muito importante você ter uma autoridade masculina. Porque você sendo mãe, às vezes você tem o coração mole, e você acaba deixando passar algumas coisas. É importante ter a figura do pai pra de vez em quando falar “ó, vc não vai fazer isso, hein?”. Tanto que eu acho que se o meu pai fosse mais presente na minha adolescência, eu não aprontava o quanto eu aprontei, entendeu?*

*Entrevistadora: Qual a sua opinião sobre o feminismo?*

*O feminismo eu acho errado. Na verdade, o feminismo tem como meta os direitos iguais entre homens e mulheres e tal. Mas eu vejo, por exemplo, vi no jornal que na França as mulheres entraram na igreja seminuas pra protestar contra algo que o papa fez que elas não concordavam. Você acaba saindo do propósito dos direitos iguais, entendeu? Acaba extrapolando e abusando dos direitos delas mesmas. Elas acabam passando dos limites. Então eu acho que hoje em dia eu não concordo com o feminismo. Antigamente, as mulheres realmente queriam batalhar pelos seus direitos, então eu achava até melhor. Hoje em dia você não vê isso acontecer. Até quando uma mulher ganhou a igualdade dela, fica reclamando que “ah, mas eu sou mulher”. “Mas, você não queria direito igual? Então, agora você vai trabalhar também, vai sustentar a casa junto com o marido, você não queria tanto o direito igual?” Então, acho que ficou meio perdido esses valores.*

Maria (25 anos, solteira, mestranda, região Nordeste) leu *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* quando estava concluindo o ensino médio. Se identificou com o livro na época, embora atualmente tenha uma visão diferente sobre o manual. Mas não fez crítica a quem lesse e afirmou que, quando lera, fizera sentido para ela naquele contexto. Desde que Maria entrou na universidade, teve acesso a várias concepções que a fizeram repensar relações de gênero, raça, etc. Trabalha com educação de crianças na rede pública e tem levado para o ambiente da escola reflexões sobre o processo de socialização infantil, através de vários exemplos que contou durante a entrevista. Sua história está entre as leitoras

que participaram da entrevista produzindo uma autorreflexão entre as concepções que tinham quando da leitura do manual e as que possuem atualmente.

*Entrevistadora: O que significaram para você as diferenças de masculino e feminino apontadas no livro?*

*Eu penso que existem muitos estereótipos sobre homens e mulheres. “Homens são assim, têm que pensar assim”. Acho que isso vem muito de um processo histórico, tem uma bagagem histórica aí do machismo. [...] E eu tenho essa percepção de que nem tudo o que o homem faz deve ser daquele jeito.*

*Entrevistadora: Pra você, existem características tipicamente masculinas ou femininas?*

*Agora, você me perguntando, eu comecei a pensar. Eu sou de uma família muito tradicional, do sertão de Sergipe. E por mais que eu tenha essa percepção mais ampla de pensar e ver as coisas, mas eu saí de um lugar onde o homem vai trabalhar e a mulher fica em casa. Isso ainda é muito forte em mim. Eu não posso negar, porque eu fui criada dentro dessa percepção. Mas, enquanto... é uma contradição, né? Mas hoje eu já não vejo que a mulher tem que ficar em casa e o homem tem que sair pra trabalhar. Eu penso que da mesma forma que o homem exerce algumas atividades, a mulher também pode. [...] Quando eu estava casada, de forma nenhuma eu aceitava que um homem dissesse que eu tenho que fazer isso ou aquilo, de forma nenhuma! Infelizmente a gente vive num mundo em que os homens ainda agem dessa forma.*

*Entrevistadora: Pra você, a biologia influencia nos comportamentos e identidades das pessoas?*

*Essas questões comportamentais são mais sociais. [...] Essa questão do comportamento, em si, ela vem mais do social. Porque um bebê não sabe que sexo ele é. É mais social mesmo. Eu percebo nas crianças, no trabalho. Tem muita coisa que eles trazem de casa. Às vezes chegam dizendo: “tia, não quero lápis rosa, que é cor de menina”. E eu pergunto: por que é cor de menina? Aí vem a resposta: “porque meu pai e minha mãe dizem que é de menina”. E eu pergunto: “e se a tia usar azul, não pode, por que é menino?” Aí eles veem e respondem: “não”. E mostro que a farda da escola é azul. E pergunto: “elas deveriam ter uma farda rosa, só por que são meninas?” Vem a resposta: “não, né, tia? Porque a farda é uma só”.*

Um aspecto importante a se notar, que também aparece na fala da próxima leitora, é a maneira como as relações de gênero assumem outras justificativas, geralmente culturais ou históricas, quando as leitoras entram em contato com repertórios culturais que, de alguma maneira, confrontam suas posições. A fala de Maria é perpassada por situações que evidenciam a dinâmica das relações de gênero: foi socializada em um contexto, reconhece as marcas culturais ainda presentes, mas questiona suas referências, não só refletindo sobre suas experiências, mas também no ambiente de educação que produz um regime de gênero, muitas vezes reforçado pelos valores já trazidos pela socialização familiar das crianças.

Mariana (21 anos, solteira, estudante de jornalismo, região Nordeste), leu o manual do casal Pease quando cursava o ensino médio. Tomou conhecimento da presente pesquisa através da carta-convite que divulgava o trabalho, e escreveu uma mensagem propondo-se a

participar e informando que naquele momento realizava um estudo sobre comédias românticas. O depoimento de Mariana é marcado por várias passagens reflexivas, em que ela narra as concepções que tinha quando leu o manual e também as mais recentes, quando teve contato com a teoria feminista e começou a desenvolver pesquisa no assunto. O questionamento de padrões estava presente em toda a sua argumentação.

*O que chamou atenção e agora eu vejo é que eles [os manuais] usam uma roupagem que parece que é cientificamente comprovada, aquilo que eles estão falando, sabe? [...] Então, tem sempre uma divisão, aquela divisão do cérebro masculino e feminino, a roupagem que eles usam leva você a crer, o público comum que não tá tão consciente sobre os poderes daquilo, você pensa que realmente eles têm comprovação e que você se encaixa naquelas categorias que ele falou, não tem pra onde correr. Então, o que me impressionou, foi aquela coisa “ah, vou fazer o teste, pra ver o que vai dar”. Eu acho que quando a gente é adolescente se encaixa muito nisso, né? Então, testes, horóscopos, tudo isso a gente se encaixa muito e se interessa. O que é que eu sou naquilo? O que é que vai dizer sobre mim? Como se aquilo fosse dizer alguma coisa sobre mim.*

*Eu li outro livro deles e não achei nada de novo. E comecei a pensar: “oxe, que é que tem nisso que parece ser mais do mesmo?” Eu não vi nada de diferente, como se fosse uma continuação daquilo que fez sucesso no primeiro, uma fórmula repetida, só mudando algumas coisas.*

*Entrevistadora: Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura?*

*Não, eu acho que reforça o senso comum. Não acho que traz nada de novo, não, acho que acomoda você a achar que é desse jeito mesmo: os homens são assim, as mulheres são assado, e as mulheres têm que respeitar aquilo, ajudar, entendeu? É como um condicionamento, na minha opinião: “olha, você tem que fazer isso, pra respeitar aquele cara que é...” Entendeu? Não tá trazendo nada de novo, só reforçando aquele estereótipo que já existe.*

*Entrevistadora: Pra você, o que representava a distinção “homens fazem sexo, mulheres fazem amor”, presente no título do livro?*

*Aquilo que também é muito comum hoje em dia, nas comédias românticas, nas novelas, em que os homens só querem sexo; que as mulheres são sentimentais, são delicadas, são amorosas e os homens só estão interessados nisso, em sexo. Então, como se o homem não pudesse ter sentimento. A própria capa: a mulher tem um coração, o homem tem um coração invertido. Eles estão na cama, então, reforça tudo isso. Você vê nas comédias românticas mesmo: a mulher transou com um cara, então fica aquela coisa: “você entregou de bandeja o que você tinha e agora não tem nada pra ele correr atrás, já tá tudo sem graça”. Então eu acho que reforça isso. A partir da capa mesmo, a impressão que dá é essa.*

*Entrevistadora: Você chegou a seguir dicas apresentadas no livro?*

*Não cheguei a seguir diretamente, mas fiquei mais compreensiva, entendeu? (riso). Eu dizia “ah, vou pedir informação no lugar do meu pai ou do meu tio”, porque eu sei que eles têm bloqueio, então eu entendo que homem é orgulhoso e não vai conseguir; então, eu vou solicitar, abrir o vidro e pedir solicitação primeiro. Eu lembro claramente disso.*

*Se eu vou ler outras coisas, como a literatura feminista, eu vejo que é outra coisa. [...] Então como eu posso dizer que é comprovado isso que eu tô falando que as mulheres são realmente biologicamente determinadas pra ficar em casa, e não culturalmente, e não socialmente programadas pra isso? [...] Então, tudo isso faz até a gente acreditar que é comum a traição masculina, que é normal o homem ser infiel, é uma coisa assim que “ah, é um tipo de conduta, mas é aceitável”. Tudo isso*

*leva a gente a se acomodar, a ser inferior a eles e achar que “poxa, eles sempre foram evoluídos e a gente tem que aceitar que eles são melhores que a gente”.*

*Entrevistadora: Pra você, a biologia influencia nos comportamentos e identidades das pessoas?*

*Eu acho que talvez influencie, mas eu acho que a cultura de um lugar influencia muito mais. A formação, o lugar onde a gente vive, o que a gente tem acesso, influencia muito mais. Tanto é que, assim, a questão das roupas, dos comportamentos, do jeito das mulheres, muda muito, do Oriente pro Ocidente, então eu acho que influencia muito mais o lugar onde você tá, a liberdade que você tem ou que é negada, e tudo isso influencia mais do que... acho que até aqui pra... nas regiões do Brasil mesmo, acho que tem diferenças, acho que influencia mais essa parte.*

*Entrevistadora: Você já se sentiu ser tratada diferente por ser mulher?*

*Com certeza, em todas! Não vou dizer todas não, que é muito (riso), mas, assim, na maioria. Na minha família mesmo, eu acho que tem isso, de “ah, homem, se vira; homem só estuda, pode sair sozinho, pode correr perigo”, entendeu? Porque é obrigado a se virar, desde cedo. Com menina tem aqueles cuidados, eu vejo isso direto. Até no trabalho mesmo, como eu sou estagiária e tem algumas pessoas com mais de 60 anos, as pessoas do setor têm muito cuidado comigo (riso). Eu percebo que tem aquela coisa: “ah, é uma menina”. E, principalmente, se for novinha, fica aquela dúvida se é virgem ou não, tem aquela coisa de “ah, vou cuidar, proteger”, aquela coisa de “mocinha”. Eu acho que tem, sim, esse cuidado a mais, por parecer ser mais frágil, mais sensível que um homem. E isso é o tempo todo.*

Claire (26 anos, solteira, região Sudeste) leu *Sedução* quando tinha 18 anos e o considerou um livro machista. Atualmente, é mestre na área de estudos culturais e sua entrevista ocorreu na véspera da defesa da dissertação dela. É feminista declarada e a única a se afirmar bissexual entre as entrevistadas. Afirmou que as influências feministas estavam presentes, de alguma maneira, na sua trajetória biográfica. Pensando em um processo de questionamentos das relações de gênero, a fala de Claire foi importante para compor esse pequeno fragmento da realidade social, expresso na amostra de 23 entrevistadas. Quando da elaboração dos questionários para as entrevistas, deixou-se as questões razoavelmente abertas para diferentes possibilidades de respostas, de sorte que não naturalizassem concepções de gênero ou direcionassem respostas dentro de um determinado padrão. Na medida em que a maioria das entrevistas se encaixava no modelo heterossexual de relacionamentos, o conjunto de concepções expressos pelas leitoras caminhava em sentido semelhante. A fala de Claire, ao trazer concepções que estão fora de um roteiro heteronormativo, surpreendia em vários momentos da entrevista. Sua fala também é reflexiva no sentido de pensar suas escolhas desde o tempo em que leu o manual de Eduardo Nunes até o atual contexto, em que o gênero é concebido como algo eminentemente cultural.

A bissexualidade, sinalizada por ela desde a primeira parte do questionário, desconstrói, de forma prática, as narrativas de aconselhamentos afetivos analisados. As

concepções de gênero dessa leitora, sinalizando possibilidades, mostravam ausência de um elemento muito comum ao discurso de gerenciamento: o sentimento de culpa. Na maior parte das entrevistas, a ideia de fracasso nos relacionamentos é afirmada como sendo motivada pelo comportamento feminino. Ao tratar o plano afetivo a partir das possibilidades de relações com homens ou mulheres, não necessariamente centradas no modelo monogâmico sugerido pelos manuais, Claire, por seu turno, não carregava o peso de mudar o comportamento em função das vontades masculinas, nem das femininas. É possível que, na condição de uma identificação mais aberta às possibilidades de experiências afetivas, Claire se depare com outros dilemas, por estar em uma situação não hegemônica. O que se pretende destacar aqui é que a ausência do sentimento de culpa é verificado na maior parte da sua fala, como pode ser conferido a seguir.

*Eu estava interessada num cara e comecei a procurar algo sobre sedução na internet. Eu tinha uns 18 anos quando isso aconteceu. Aí encontrei esse livro e fiquei curiosa, comprei num sebo. Quando eu comecei a ler eu me decepcionei profundamente. Era um livro muito incômodo pra uma feminista ler. Horrroso mesmo (riso).*

*Eu comprei por ser pela internet. Foi compra virtual, então eu já sabia o que eu queria. Era um livro que ensinava a gente a seduzir e aí eu comprei, né? Não esperava que ele era uma cartilha de como a mulher se comportar segundo os preconceitos vigentes.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?*

*Eu acredito que a gente está manifestando em alguns aspectos, sim. Mas não que seja natural. É meio que uma performance. A gente vai aprendendo e vai liberando mais as emoções. Talvez até os homens gostassem de ter mais sentimentos, mas acabam tendo um certo receio de demonstrar por conta de achar que não vão ser tão homens, se chorar, estar sentindo muito, etc.*

*Entrevistadora: Pra você, o que é ser uma mulher?*

*Pra mim sempre significou que eu tinha que lutar muito. Mas eu nunca acreditei que eu tivesse menos capacidade. Mas eu tinha uma noção de que eu precisaria me esforçar muito mais.*

*Entrevistadora: Pra você, o que é uma mulher tradicional?*

*É uma mulher que tá buscando, principalmente, o casamento, só faz sexo com um parceiro, que ela pensa em ser o marido dela, é devotada ao marido, aos filhos, que vai sempre encarar a casa e a família como a prioridade.*

*Entrevistadora: E o que significa ser uma mulher moderna?*

*Uma mulher moderna não se deixa afetar pelas expectativas que se tem dela. Ela vai saber o que realmente deseja, buscar os sonhos dela, sem se deixar intimidar.*

*Entrevistadora: Como você se imagina no futuro?*

*Eu imagino que eu vou ser realizada na minha carreira, eu espero ser realizada afetivamente, não sei se vai ser com um parceiro só, não tenho um plano assim acerca disso. O que eu acho mais importante mesmo é a minha carreira, independência financeira, principalmente me sentir livre.*

Entre as experiências observadas no segundo grupo, o gerenciamento das emoções também está presente em algumas situações. O fato de as leitoras desse grupo terem menos afinidade com os aconselhamentos dos manuais demonstra também menor sentimento de culpa, quando comparadas às situações do primeiro grupo. Aqui, aparecem falas mais inquietas com os padrões de gênero, embora haja também depoimentos que simbolizam concepções de gênero mais tradicionais, mesmo que não amparadas pelos aconselhamentos.

Quando comparamos os depoimentos do primeiro grupo com o segundo, observamos que há um empoderamento decorrente da prática dos conselhos entre as entrevistadas do grupo 1, porém com implicações de gênero. Os conselhos dos manuais, principalmente os de Sherry Argov, que estão entre os mais citados como tendo proporcionado autodeterminação às mulheres, partem de causas e soluções individuais. Como não problematizam o lugar da masculinidade hegemônica nas relações, constroem uma narrativa centrada na personalidade, que é sustentada por vários pressupostos de gênero. É aí que o custo emocional é repassado às mulheres. O “pacote completo” da resolução dos dilemas aponta caminhos para a superação do sofrimento amoroso, ao mesmo tempo em que convida as mulheres para assumirem posições de gênero requeridas socialmente, que têm impacto para além dos relacionamentos e a eles estão articulados. Esse aspecto normativo é problematizado na pesquisa, pois ele naturaliza posições de gênero, inclusive quando limita até onde vai a autonomia dessa mulher, que não pode ser confundida com uma feminista. Chamava a atenção que várias leitoras se identificaram com os estereótipos de boazinha e poderosa, mas não concebiam ser chamadas de feministas (como será demonstrado mais adiante). Essa delimitação que separa padrões de gênero anteriores e, ao mesmo tempo, concepções feministas, estabelece o lugar da mulher moderna atual, sujeito a quem os manuais se dirigem.

O fato de os manuais construírem uma imagem de mulher que não se confunde com a feminista, oferecendo uma saída individual para seus dilemas afetivos, revela o traço característico do individualismo das publicações de autoajuda. Considerando suas variantes, os discursos individualistas sempre atribuem ao sujeito a responsabilidade pela realização dos seus objetivos, se afastando da composição social que produz o próprio individualismo. Nesse sentido, por mais que sejam publicações direcionadas a milhares de pessoas, oferecem soluções individuais e não um enfrentamento coletivo. Concretamente, os manuais se apropriam de mudanças culturais e as ajustam em um modelo normativo.

Para encerrar esse tópico, é importante destacar um ponto. Ao mostrar as desconstruções presentes no depoimento da leitora Claire, não se pretende fazer uma polarização entre discursos heterossexuais e bissexuais. Os elementos transgressores da sua fala, ao não se ajustarem a um modelo de mulher culturalmente hegemônico, cria a possibilidade de evidenciar o contexto da difusão e as problemáticas que o constituem para além da heteronormatividade. Ao discutir a heterossexualidade como fator normativo, se indica como essa se manifesta culturalmente como regra de socialização sexual e de gênero. Daí porque a solução proposta dentro dessa normatividade resolve um problema, mas cria outros, porque repassa às mulheres o custo emocional decorrente de uma transição de padrões de gênero que produziram novas formas de liberdades e experimentações.

#### 4.5 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E TRAJETÓRIAS DE GÊNERO

Durante as entrevistas, alguns tópicos recorrentes permitiram observar o que as narrativas biográficas exprimiam a respeito das trajetórias de gênero. Considerando o padrão de gênero hegemônico analisado no contexto dessa pesquisa, vários depoimentos quando observados em conjunto indicavam problemáticas que se situavam em torno de concepções sobre maternidade ou do processo de socialização, considerando os parâmetros vivenciados pelas mães.

Conforme indicado no primeiro tópico desse capítulo, houve um aumento de acesso à escolaridade e ingresso em profissões quando comparamos as leitoras às suas mães. São duas gerações diferentes de mulheres e, em termos de dinâmicas de relações de gênero, é importante observar, seguindo as indicações de Connell, em que sentido caminham as mudanças. A construção das diferenças em termos de experiências de gênero ficou notável pelo fato de em vários depoimentos as leitoras apontarem aspectos vivenciados por suas mães que elas não gostariam de reproduzir. O fato de haver um número significativo de maior escolaridade caminhou ao lado do adiamento da maternidade, já que a maioria pretende ter filhos. Essa realidade vivenciada pelas leitoras origina concepções sobre maternidade que expressam, ao mesmo tempo, desejo e dilema. Ter filhos acaba por significar ter que optar por priorizar maternidade em detrimento de outras realizações pessoais. Era perceptível que a

partir de uma certa faixa etária, geralmente acima dos 30 anos, os argumentos aparecem problematizando mais a necessidade de “engravidar enquanto é tempo”.

Concretizar o desejo da maternidade, dentro da ordem de gênero vigente, significa na prática encontrar um parceiro, conciliar família e trabalho ou abandonar esse último em função dos cuidados familiares e fazer tudo isso antes que o relógio biológico da fertilidade impeça a execução desses planos. Nos depoimentos dos dois grupos, a maternidade aparece como um dilema, na maioria das vezes. Na perspectiva narrada pelas entrevistadas, não se problematiza o fato de a sociedade não dispor de meios que garantam uma maternidade sem prejuízos da carreira profissional das mulheres, o que poderia ser feito, por exemplo, com a responsabilização da sociedade pela socialização na infância, com a ampliação de creches como resultantes de direitos das mães. Nas falas, a mulher está sozinha tendo de optar por uma coisa ou outra; poucas vezes os pais são citados. A construção cultural de que os cuidados com os filhos são tarefas quase naturais das mulheres é marcada fortemente em alguns depoimentos.

Quando se observam as experiências de gênero vivenciadas pelas leitoras – para além dos manuais –, nota-se que várias dimensões sustentam e constroem concepções que elas encontram nos conselhos e também nas demais relações sociais. Analisa-se, a partir das falas das leitoras, como suas experiências constroem suas concepções emocionais. Os depoimentos abaixo exprimem os aspectos relacionais de gênero que articulam as experiências das leitoras e de suas mães.

*Entrevistadora: Você acha que o seu modelo de família influencia no que você é hoje?*

*Sim, totalmente. Uma forma que eu vejo claramente é a questão econômica. Eu vejo que se eu procurei uma formação superior, tenho procurado melhorar economicamente, em função da minha família, porque eu vejo que meus pais, especificamente minha mãe, não teve isso. Ela não teve acesso à educação, não teve a oportunidade de fazer uma faculdade, procurar uma melhoria de vida. Então, eu vejo que eu vi isso nela e eu quero algo diferente, uma melhoria econômica de vida. Eu vejo claramente como foi minha infância, minha adolescência, eu vejo repercutir na minha vida adulta (Paula, 26 anos, grupo 1, região Nordeste).*

*Entrevistadora: Você considera que o seu modelo de família influencia no que você é hoje?*

*Certamente, em algum lugar da minha subjetividade deve estar. Mas, racionalmente, eu creio que não. Eu fui criada num modelo muito machista. Eu fui criada pra casar, pra ter filhos, pra ser a dona de casa perfeita. Quando eu tinha 17 anos, minha vó me colocou num curso de culinária e, posteriormente, queria me colocar num curso de corte e costura. Porque a dona de casa tinha que saber costurar; [...] A minha mãe sempre me falava que eu tinha que ser boa pro meu*

*marido, tem que ser compreensiva, tem que ser calma. Então, eu acho que eu segui o contrário do que ela tentou me passar (Alice, 28 anos, grupo 1, região Nordeste).*

*Eu lembrei muito da minha mãe, quando ela [Sherry Argov] cita o caso da mulher que perdeu o marido e perdeu tudo. A minha mãe foi mais ou menos assim. Ela não trabalhava, cuidava dos filhos, e aí meu pai tem a profissão dele e minha mãe parou, não tem profissão. Então, é aquela coisa da mulher ser boazinha demais. E eu estudei tanto, cheguei no doutorado, já. Eu fui casada durante oito anos. E acho que um dos motivos porque eu me separei foi porque meu ex-marido não aceitava que eu quisesse progredir na vida. E ele foi ficando pra trás. E ele dizia que uma das culpadas era eu, que não aceitei ser só uma professorinha. Minha primeira formação foi como professora. E aí que tá a diferença, né? Eu acho que a poderosa é aquela que não precisa se subjugar, então eu continuei estudando.*

*Eu acho que eu comecei a estudar demais por ver tudo que a minha mãe sofreu. Meu pai nunca faltou com a gente, foi um ótimo pai, mas ela se viu, assim, perdida, quando ela se separou, porque era a única coisa que ela tinha. Então ela meio que ficou pra trás na relação dela com meu pai. E eu nunca quis isso. Eu não me deixei me convencer quando meu ex-marido queria que eu parasse de estudar, porque eu não queria depender dele. Não queria ficar com uma pessoa como se fosse um emprego, uma renda mensal. Quero alguém que me adicione. [...] Me identifico com a minha mãe no sentido emocional. Ela é uma mulher linda e mesmo assim ela acha que o sucesso dela depende de um relacionamento. E outro dia eu falei algo que ela não gostou, porque eu disse que quando chegasse na idade dela, eu queria já ter superado isso. Essa identificação que eu não gosto.*

*Me identifico muito com meu pai, pelo que eu quero ser. Meu pai é a pessoa mais inteligente que eu conheço. Não tem um assunto que tu fale pra ele que ele não venha explicar, todos os livros que eu falo com ele, ele já leu, ou conhece, então é a pessoa que um dia eu ainda quero ser. Acho que eu me esforço tanto pra mostrar pra ele que eu não sou a bocó (riso), que eu posso ser que nem ele.*

*Entrevistadora: Atualmente, você se espelha no seu modelo de família?*

*Sim e não. Meu pai fomentou essa coisa de estudo, leitura, e a minha mãe sempre nos fomentou com essa coisa de amor, afeto, que nos amamos, nos adoramos, nunca brigamos, raras as vezes discutimos, é uma família que às vezes as pessoas se impressionam como a gente se dá tão bem e acho que cada um dos meus pais contribuiu de alguma forma. Minha mãe com esse valor, o amor, o sentimento. [...] Mas meu pai pediu pra minha mãe não trabalhar. Meu pai achava que ele por si só, tinha uma carreira, tinha um bom emprego, então minha mãe não precisaria trabalhar. Minha mãe era concursada de um banco e pediu demissão. Então, por esse lado, eu não seguiria. Minha mãe não deveria ter saído do emprego. Meu pai também perdeu o emprego depois. Então, se não era ele, também não era ninguém. Passamos muito perrengue por conta disso (Marta, 27 anos, grupo 2, região Sul).*

*[...] Meu pai e minha mãe brigavam demais, eles tinham conflitos conjugais quase diários e, com isso, eu sendo filha mais velha, eu tive que aprender a cuidar da casa, a cuidar dos meus irmãos muito cedo, e então eu tive que entrar em contato com a realidade social com 7, 8 anos de idade. Isso fez com que eu amadurecesse mais cedo e visse a vida de uma maneira muito mais concreta e direta, do que fantasiosa. Então meu modelo de família, apesar de não ter sido tradicional e convencional, eu consegui, de certa forma, ser resiliente pra transformar aquela solidão que eu tinha, pra formar no que eu sou hoje, tanto pessoalmente, quanto profissionalmente.*

*Entrevistadora: Atualmente, você se espelha no seu modelo de família?*

*Não. Porque eu não tenho filhos e vivo com uma pessoa muito mais velha do que eu, muito mais experiente do que eu. É um modelo mais intelectual de vivência (Ana, 41 anos, grupo 1, região Sul).*

*Eu fui criada pela minha mãe. Então, desde pequena eu tive que cuidar da casa, ter responsabilidade, pensar num todo. Então eu pensava: “preciso cuidar dos meus irmãos, preciso arrumar a casa, porque senão minha mãe vai chegar e a casa vai estar bagunçada”, e eu tive essa coisa desde pequena, então eu sempre tive muita responsabilidade. Isso me influenciou também. O fato de minha mãe não ter dado muito carinho. Teve uma época que eu estranhava muito se as pessoas chegassem e dessem um abraço, dessem um beijo, eu ficava meio assim... eu achava estranho. O fato de desde adolescente ser muito independente, eu comecei a trabalhar cedo, desde os 16, antes disso eu fazia coisas pra ganhar dinheiro, arrumava a casa dos vizinhos, fazia essas coisas. Eu quis ser independente desde criança, adolescente, ter minhas coisas e acho que influenciou muito. Também pela carência. Minha mãe nunca teve tempo de chegar e explicar o que eu tinha que fazer, como eu devo me relacionar em relação às pessoas, ela nunca teve muito tempo de conversar comigo sobre isso, nem em relação a relacionamentos, sexo, então tudo isso eu acho que tive que aprender as coisas meio que sozinha, sabe? A experiência te ajuda a não repetir, ou repetir menos o que você fez de errado (Marcela, 28 anos, grupo 1, região Sudeste).*

*Às vezes eu vejo um choque entre eu e minha mãe. Ela ainda carrega alguma coisa tradicional que ela quer que eu siga. Quando eu namorava, ela achava que eu tinha que fazer aquele enxoval, eu já não queria. [...] Ela sempre tentou me influenciar nesse sentido, de querer que eu siga os padrões que ela seguiu (Helô, 34 anos, grupo 1, região Nordeste).*

As falas das leitoras revelam as transições de gerações em termos de experiências de gênero. Assim, esses relatos confirmam, como disse Connell, que a construção relacional de gênero pode se dar entre mulheres; nesse caso, pelas filhas em relação às suas mães. Algumas vezes, os estereótipos de boazinha e poderosa, de Sherry Argov, as fizeram pensar em suas experiências atuais, mas também no repertório cultural disponibilizado pela vivência da mãe. As figuras dos pais geralmente são mais associadas ao âmbito racional, enquanto as mães ao emocional. Em comparação com o acesso restrito que as mães tiveram para além da esfera doméstica, as leitoras viram nos estudos uma forma de superar a condição feminina materna. É interessante observar, também, que em alguns casos, as tarefas de organização doméstica são incorporadas muito cedo como parte das suas responsabilidades enquanto filhas mulheres. Tais aspectos, no conjunto das experiências, constroem perspectivas de gênero e a ecologia das escolhas com a qual lidam no âmbito emocional.

Ao exporem suas concepções de maternidade, aparecem os dilemas a respeito de conciliação de posições, que reforça a demanda de gerenciamento emocional na medida em que, mais uma vez, cabem às mulheres os cuidados principais com filhos, e, por conseguinte, a escolha de prioridades em termos de realização pessoal.

*Eu vejo de dois jeitos. Falando do lado das mulheres: algumas colegas minhas, de trabalho, elas têm maternidade, têm um marido, têm uma casa, como se fosse um*

*troféu. A mulher que conquistou tudo, que tem um emprego perfeito, um marido perfeito, uma família perfeita. E, por outro lado, tem a coisa de que, mesmo que seja tudo perfeito, na hora que não der certo, vai num juiz, assina o divórcio e pronto! É como se você tivesse indo no podólogo tirando uma unha encravada. Prevalece uma necessidade de se mostrar, como se fosse um bem que tivesse adquirido: um carro, uma casa e agora vou ter um filho.*

*Entrevistadora: Qual a sua concepção sobre maternidade?*

*É fundamental para uma mulher se sentir uma mulher de verdade. Porque se você põe uma pessoa no mundo, é como se você tivesse prolongando sua própria existência. Eu já tenho 32 anos e sem filhos, é como se eu não tivesse cumprindo a minha função.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de instinto maternal?*

*Sim. Acho que a biologia tem uma influência muito grande. Mas, claro, tem a parte genética, mas tudo vai depender, por exemplo, se você tem uma mãe que é um exemplo para você, que ensina como ser mãe, como ser mulher, como se comportar, essas coisas.*

*Entrevistadora: Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?*

*Pra mim, o ideal é que possa dar uma pausa enquanto a criança cresce, pelo menos dos dois aos seis anos, pra poder retornar. Ou, pelo menos, que tivesse oportunidade de ser feito em casa pra mulher acompanhar o crescimento do filho.*

*Entrevistadora: Atualmente, você se espelha no seu modelo de família?*

*Eu nunca pensei nisso. Nunca pensei nisso mesmo. Sim, não penso em nada diferente do que eu vivi. É, essa questão de produção independente, ou de adotar um filho sendo mãe solteira é uma coisa que não funciona, principalmente pra mim, porque eu teria que trabalhar o dobro pra sustentar uma criança, daí fazer empréstimos, deixar na mão de babás, e eu acho que a mãe tem que cuidar do filho nos primeiros meses, nos primeiros anos, dar aquela base da família, como se fosse dar a identidade da família pra criança (Adélia, 32 anos, grupo 1, sem filhos).*

*A mulher carrega muitas responsabilidades. Ela sofre muito mais do que o homem. Talvez porque tem o lance da maternidade. Às vezes porque tem que conciliar trabalho, filho e família. [...] E hoje em dia estamos num momento importante de fazer escolhas, poder escolher. E acredito que ela venha mudar mais ainda, que a tendência é abrir mais o leque de opções e crescer mais ainda como mulher. Mas tem coisas que ainda sinto, como machismos, segregações, “isso é pra mulher, isso não é”... a própria família influencia, porque vem de uma base totalmente tradicionalista.*

*Entrevistadora: Qual a sua concepção sobre maternidade?*

*Eu tenho vontade de ter filhos. Mas uma coisa que muitas fazem e eu acho que não faria é ter filho logo cedo. Eu acho que dá muito bem pra mulher ter sua vida, até mesmo se casar, curtir o casamento, eu sei que se tem um certo tempo que, se não tomar cuidado, não tem mais jeito, mas muitas estão tendo com 40, 41, sei que eu estou quase na idade limite daqui a um tempo, mas isso não me... não nego que às vezes eu fico pensativa: “nossa, o tempo tá passando rápido e eu ainda estou solteira”. E aí eu fico... dá um pouco de angústia, sim. [...] A maternidade, pra mim, não é algo que eu queira a todo custo, como algumas mulheres. Se eu não tiver, eu acredito que eu não vou me martirizar por isso. Eu quero, sabe? Pelo menos um, eu quero. [...] Tem primas que ficam me perguntando se eu não vou casar, é muita pressão da sociedade. Mas eu não deixo isso me manipular. Aí eu brinco, digo que estou logo namorando quatro e mostro meus livros. Chega alguém da família pra visitar e pergunta: “cadê o namorado? E os filhos?”.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de instinto maternal?*

*Existe. Mas eu acredito que tem mães que não têm isso. Têm filhos, deixam com a babá, mal tem contato, então eu acho que nem todas têm esse instinto maternal. É algo assim muito relativo, não é com todas. Talvez o subjetivo pese também para muitas. Porque elas crescem com a ideia da coisa maternal, outras não foram bem*

*cuidadas e já crescem não querendo, ou até querendo ser uma mãe melhor do que o tratamento que ela recebeu.*

*Entrevistadora: Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?*

*Eu agora não teria filho de maneira alguma. Porque eu vejo pelos exemplos. Tem uma amiga minha que teve filho no meio do mestrado e isso tá atrapalhando muito, ela falou pra mim. E você observa que já é difícil sem filho, porque tem muita pressão, tem muita cobrança. Acho que se for pra ter, ou você tem filho primeiro, pra depois fazer o mestrado, ou depois, acabou mestrado e doutorado agora pode ter seus filhos. Acho que não dá pra conciliar muito bem. [...] Acho imprescindível a mãe ter aquele espaço de tempo com aquela criança. E algumas não fazem isso. Deu o tempo da licença, já vai trabalhar, deixa com uma babá. Eu acho que não é bom (Helô, 34 anos, grupo 1, sem filhos).*

*Entrevistadora: Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?*

*Eu acho uma situação muito difícil de equilibrar. Por exemplo, por eu vir de uma família que a minha mãe é do lar, ela se dedicou na criação dos filhos, eu acho que é difícil, por exemplo, na minha carreira é difícil conciliar os dois. Então, a minha ideia é: no começo da maternidade eu não quero trabalhar. Depois disso, eu quero trabalhar meio período, porque quero tempo pra minha cria. É minha cria, eu que cuido. Eu tenho uma desconfiança enorme de deixar numa escolinha, ou outra coisa. Eu sou muito possessiva nesse sentido. Então, hoje, com as mudanças, acho uma coisa muito difícil. É um peso pra mulher. A mulher demora cada vez mais pra ter filhos, porque ela quer também conquistar, no campo profissional e tem hora que você decide: você acaba abrindo mão de uma coisa pra ter outra (Raquel, 36 anos, grupo 1, sem filhos).*

*Eu vejo a maternidade como uma realização pra mulher. De repente, a mulher que venha a não ter filhos, futuramente não vai se sentir uma mulher totalmente realizada, porque não viveu aquela emoção. Vendo tantas mães ao seu redor, chega uma hora em que isso vai bater forte nos sentimentos dela (Luíza, 37 anos, grupo 1, sem filhos).*

*Entrevistadora: Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?*

*Eu acho um pouco complicado, porque não é toda mulher que trabalha apenas seis horas por dia ou alguns dias da semana, o que a gente vê na maioria das vezes são mulheres trabalhando oito horas por dia, de segunda a sexta, ou até de segunda a sábado, então eu acho que deve ser uma coisa bem pensada. Como é que eu vou ter um filho e continuar no mercado de trabalho? Não são todas as mulheres que têm a opção de deixar o trabalho, pra poder ter filhos. Eu acho uma relação delicada, complicada, não sei como algumas mães conseguem educar seus filhos e educar bem, e continuar trabalhando. Eu acho que tem que ter uma força-tarefa por trás: a vó, babás, pais (Paula, 26 anos, grupo 1, sem filhos).*

*Eu acho que hoje em dia as mulheres estão sobrecarregadas e que há uma frustração... pra dar atenção ao filho. [...] O que eu vejo, hoje em dia, é que as mulheres ficam entre a cruz e a espada. Então, se dá muita atenção ao filho, esquece da vida profissional; se tenta focar na carreira, se sente culpada porque não deu atenção à criança. Tem uma pessoa que conheço que mudou de emprego, porque ela não aguentava ver a filha chorando, quando ela saía toda manhã. A menina segurava na perna dela e ela não aguentava. Aí, ela fez concurso pra polícia, que trabalha, mas folga um dia ou dois, mas quando a menina vai pra babá, quando chega o dia de ela ir dar plantão, a menina continua fazendo esse escândalo. E ela fica pensando: "será que a babá tá batendo nela? Será que tá acontecendo alguma coisa?" Não fica tranquila. Eu acho que hoje em dia não tá bem resolvido isso. Não são todos os parceiros que ajudam, também tem o caso das mulheres que não casam, que não têm um parceiro próximo, que têm uma gravidez*

*independente e tal, ou a pessoa que até foi abandonada mesmo, né? (Mariana, 21 anos, grupo 1, sem filhos).*

*Não sei, eu fico muito pensando que eu tô com quase 28 anos e que eu não queria ter um filho tão tarde, eu queria ter um filho logo (riso). Mas, ao mesmo tempo, eu já fui professora de maternal e eu cuidava de nenéns, então eu sei muito bem qual é o trabalho que dá cuidar de uma criança, qual é o custo que dá cuidar de uma criança e até de amar uma criança. Então eu fico pensando que eu não quero colocar um filho no mundo pra ficar sofrendo. Eu acho que o instinto materno está cada vez mais aflorando, mas eu sei que eu preciso terminar meus estudos, conseguir passar num concurso e conhecer uma pessoa que seja “a pessoa”, pra depois eu ter um filho e ele só ver o pai uma vez na semana. Apesar de sentir falta de uma criança, eu sei que não vai ser legal pra ela.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de instinto materno?*

*Acho que sim. Eu fico pensando como seria minha vida com uma criança. E às vezes eu vejo minhas amigas e grande parte delas teve filho, e aflora o instinto materno, mas é menor do que minha racionalidade, de ver que apesar do meu organismo estar pronto, eu ainda não faço jus a ser mãe.*

*Entrevistadora: Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?*

*Nossa, eu acho que é muito complicado. Eu venho pensando que eu ainda não tenho uma experiência de maternidade, mas eu fico pensando se eu tivesse um filho, como seria? Um filho precisa de uma atenção, precisa ter dedicação, eu acho que eu jamais estaria no doutorado, se eu tivesse um filho. Dentro das minhas limitações, isso já me prejudicaria. Então eu acho que teria que estar muito bem... num trabalho muito bem consolidado, pra eu me permitir essa maternidade. Acho que infelizmente é um ponto negativo pra mulher cuidar de uma criança, de um ponto de vista mercadológico, digamos assim.*

*Entrevistadora: Como você se imagina no futuro?*

*Eu me imagino com um emprego, porque hoje eu tô sem emprego, meu pai que me mantém. Eu me imagino com a estabilidade que já tinha conquistado. E a partir dessa estabilidade eu resolveria os meus problemas. Teria uma casa, ter meu emprego, me manter, mas eu me vejo também com um filho. Às vezes eu fico preocupada, se eu não conseguir um namorado, não conseguir um companheiro, essa parte ficaria prejudicada. Mas eu acho que se eu chegar nessa fase e não achar ninguém, eu faço uma inseminação artificial e tenho meu filho (Marta, 27 anos, grupo 2, sem filhos).*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de instinto materno?*

*Não. Eu li em 1993 o livro da Badinter O mito da maternidade. E concordo com toda pesquisa que ela fez em termos de antropologia. O instinto materno tanto não existe que há depressão pós-parto, há mulheres que tentam matar a criança quando é bebê, porque criar um bebê até os dois anos de idade exige uma força mental muito grande, porque é um bicho. Berra, vomita e faz cocô; fede. Então, haja amor pra você aguentar um estranho, fedorento, que vomita, faz cocô e xixi, o tempo inteiro. E é uma fase de construção e como esse mito do amor materno foi construído. E boa parte das mães que eu atendo dizem que passaram a amar os filhos depois dos dois anos, “quando convivi com meu filho e não foi imediatamente, logo que ele nasceu. Porque ele era um estranho pra mim”. [...] Eu acho que esse é o grande desafio da mulher atual. Porque a mulher ainda sofre da síndrome da supermulher. Ela tem que ser excelente mãe, excelente esposa e excelente profissional. Não dá pra ser excelente nas três coisas ao mesmo tempo. [...] Eu não tenho filho e me desdubro pra manter a casa, manter uma relação harmônica no casamento e dar conta da minha profissão. Eu tenho que viajar, tenho que estudar, tenho mais de 90 diplomas. Eu deixei de fazer muita coisa pra estudar (Ana, 41 anos, grupo 1, sem filhos).*

*Entrevistadora: Qual a sua concepção sobre maternidade?*

*Tenho muita vontade de ser mãe. O único impedimento é financeiro.*

*Entrevistadora: Você concebe a ideia de instinto maternal?*

*Eu não acredito muito em instinto maternal. [...] Você não nasce pra ser mãe. Isso é uma coisa que é concebida culturalmente, na minha opinião. Você é, às vezes, forçada a ser mãe. Eu tenho uma amiga que ela tem 31 anos e as pessoas começam a cobrar: “nossa, 31 anos! Por que você não tem filhos?”. [...] Mas ela fala pra mim: “eu não tenho a menor vontade de ser mãe, Alice, eu me sinto uma aberração!” E ela se sente muito mal com isso.*

*A minha mãe teve a mim e a minha irmã, mas ela não queria ter filhos. Ela fala abertamente que não queria ter filhos, que não é uma coisa que deu prazer e eu gostaria que vocês seguissem o caminho de vocês, pra eu seguir minha vida. Então, a gente aconteceu mesmo sem querer, na vida dela. Ao contrário, eu já tenho esse desejo. Eu não considero que seja instintivo. É algo cultural. Como a gente está passando por essa evolução, a mulher se inserindo mais no contexto profissional, acadêmico, tem ficado muito claro isso pra mim (Alice, 28 anos, grupo 1, sem filhos).*

*É uma situação muito difícil, porque as pessoas criam um mundo perfeito sobre ser mãe e você tem que se adequar a isso. Você tem que ser uma mãe perfeita e se você não é uma mãe perfeita, você mostra pros outros que é, mas se sente castrada por dentro. E é o que acontece com a maioria das mães, porque ninguém é perfeito. [...] Mas a maioria não aceita isso porque a sociedade coloca o tempo inteiro que você tem que ser uma mãe perfeita. [...] Na tentativa de ser duas, você acaba sendo meia.*

*Entrevistadora: Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?*

*É uma situação muito delicada. Porque eu vejo muitas mães largando filhos em escolas pra poder trabalhar. E, ao mesmo tempo, as drogas estão aumentando e eu vejo uma correlação nisso. Porque antigamente as mães se dedicavam totalmente aos filhos e os pais trabalhavam. Agora não é mais assim. As mães estão deixando muito a educação por conta das escolas, principalmente as mães solteiras. Chega em casa sem paciência, briga e fica tudo por conta da escola. Então, se a mãe tem condições de parar de trabalhar pelo menos até os 4 anos do filho, ela devia parar de trabalhar e cuidar dos filhos. Muita gente quando eu falo isso acha que eu sou machista. Mas, não é isso. É porque eu vejo uma correlação muito grande entre os usuários de drogas por causa disso (Nina, 21 anos, grupo 2, 1 filho).*

Com poucas exceções, a maternidade é concebida como uma fase necessária à vida das mulheres, resultado de um instinto característico de todas elas. Em alguns casos, para falar sobre as suas concepções, as leitoras já comentavam sobre a vontade de terem filhos e as dificuldades de equacionarem estudos, carreira profissional, idade e maternidade.

A noção de cuidados aparece, na maioria das vezes, como sendo uma atribuição naturalmente feminina. Várias entrevistadas sugerem que a mulher deveria parar por alguns anos suas demais atividades para se dedicarem à função de maternidade. Em se tratando do contexto brasileiro, onde não há uma cultura política de proteção social da maternidade, nas experiências biográficas das leitoras suas mães estavam, na maior parte das vezes, priorizando cuidados domésticos; no contexto atual, quando não se imaginam se afastando da profissão

por um longo tempo, pensam em uma rede de cuidados composta por parentes, principalmente mulheres, como uma “força-tarefa feminina”.

Vários exemplos dados pelas leitoras, sobre mães que conciliam trabalho e maternidade, enfrentando dificuldades em realizar bem as duas coisas, lembram a análise de Garboggini (2003) ao discutir um comercial de margarina dos anos 1990 que narra duas gerações de mulheres, mãe e filha, para expressar noções de tradicional e moderno. A figura da mulher moderna, uma escritora, aparece no comercial agradecendo à sua família pelo suporte enquanto escrevia seu trabalho, se desculpando por todas as tarefas que deixou de cumprir nessa fase. Garboggini lembra que a imagem de mulher moderna, conciliadora de posições, vem carregada da culpa por estar sempre priorizando alguma das responsabilidades, mas, a rigor, ocorre uma naturalização de que essas são tarefas naturalmente femininas e situadas no plano da vida privada, o que aumenta o dilema das mulheres contemporâneas ao se depararem com tais escolhas. Retomando um dos argumentos de Illouz, encontra-se aqui o relacionamento associado a uma futura maternidade, justamente porque o pacote que contempla tal perspectiva pressupõe as mulheres vivenciando todas essas fases socialmente esperadas e que Connell situou no que chamou de arena reprodutiva.

Por outro lado, aparecem também questionamentos, embora em menor frequência, sobre a concepção de que as mulheres necessariamente devam ter filhos. Geralmente argumentando pela via da construção cultural da maternidade como uma imposição de gênero, as leitoras observam também as implicações existentes de quando uma mulher opta por não ter filhos, como no caso da leitora Alice, que citou o exemplo da amiga, que se sente uma aberração por não ser mãe e ser cobrada socialmente por isso. O mesmo ocorre na fala da leitora Ana, que questiona e até rejeita a atribuição da maternidade como condição feminina.

Observadas as práticas vivenciadas para além do âmbito emotivo imediato, as relações de gênero reforçam, de maneira mais ou menos direta, as concepções que também norteiam suas perspectivas amorosas. No próximo tópico, as dimensões de gênero vivenciadas em conjunto são analisadas.

#### 4.6 GÊNERO ANALISADO EM DIMENSÕES

Nesse tópico consideramos aspectos das experiências das leitoras referentes à construção simbólica das concepções de gênero que embasam suas práticas, das relações vivenciadas no trabalho e aspectos referentes às relações de poder. Conforme indicado no primeiro capítulo, o eixo central de análise considera a estrutura da catexia ao discutir os aconselhamentos dos manuais e seus pressupostos normativos de gênero, bem como a recepção por parte do público de leitoras.

Ao articular diferentes dimensões, fica perceptível como o gênero constitui as práticas sociais para além da classificação de diferenças entre indivíduos. Da mesma forma, é possível perceber os repertórios que sustentam paradigmas de gênero que complementam as noções verificadas nos manuais. O que se constitui como dilema de gerenciamento emocional passa por compreender como ele se relaciona com a demanda de conciliar deveres socialmente atribuídos às mulheres, contribuindo para a reprodução social em seu sentido mais amplo.

Começando pelo aspecto das simbologias de gênero, algumas questões foram feitas relacionadas às formas como as leitoras concebiam diferenças entre masculino e feminino, como se percebiam nas experiências enquanto mulher, dentre outras. Em várias respostas, elas mencionavam desigualdades de posição, diferenças inerentes a homens e mulheres e, em alguns casos, problematizações sobre as relações de gênero que vivenciavam.

*A gente é cobrada com muita repressão. A gente tem que reprimir os desejos, então é o desejo sexual, pra que as pessoas aceitem a gente; a gente tem que reprimir o apetite pra ficar magrinha, porque se engordar vai ficar feia e "mulher tem que ser bonita", né? Tem uma grande cobrança em cima do que a gente pode ser pra ser aceita socialmente. Eu creio que é muito uma punição essa coisa desse culto ao corpo, fazer uma dieta super restritiva, fazer muitos exercícios, são punições com o corpo, né? (Claire, 26 anos, mestre em estudos culturais, grupo 2, região Sudeste).*

*Os homens acham que você é mais burra por ser mulher. Por exemplo, pra dirigir. Você vê muito preconceito. Outro dia, foi agora há pouco, eu tava com a minha prima e o marido dela. Ele não quer que ela dirija, porque ela é mulher. Aí eu me meti no meio. E por ser mulher você não tem uma capacidade emotiva pra dirigir? Aí eu mostrei pra ele que os índices são muito maiores de acidentes envolvendo homens, a mulher é mais cuidadosa. Ainda assim, eles acham que porque você é mulher, você é aquela criatura quase lenta (Vívica Luiza, 29 anos, gestora de alimentos, grupo 1, região Nordeste).*

*Às vezes, pela questão da evolução do divórcio sempre ter sido culpa da mulher, ou a mulher solteira é a mulher que não presta, a mulher que tem 30 anos e tá sem um namorado não é legal. Às vezes a mulher acaba se relacionando com alguém que*

*não tem tanto a ver com ela, mas ela pensa que “se não for esse, posso não ter mais ninguém. Se não for esse, não vou casar”. Então, a mulher é muito precipitada nesse sentido e eu acho que existe uma pressão e ela não se impõe, por questão de imagem social. E acho que ela acaba aceitando isso, certas coisas num relacionamento, muito mais que os homens, que com 30 anos, ser solteiro é normal, é legal, diferente do que é pra mulher (Lígia, 21 anos, estudante de cinema, grupo 1, região Sudeste).*

*Entrevistadora: Pra você, o que é uma mulher tradicional?*

*É aquela que não trabalha, que fica em casa, cuidando do marido, dos filhos, da casa, eu acho que é a Amélia, a mulher tradicional.*

*Entrevistadora: E o que significa ser uma mulher moderna?*

*É aquela que coloca a vida profissional e a si mesma antes da família.*

*Entrevistadora: Pra você, o que significa ser uma mulher emancipada?*

*É aquela que tem uma profissão, já tem uma renda, ela já tem a sua própria residência, ela que cuida de toda essa parte financeira da casa, e ela já tem uma profissão, então ela é emancipada, ela é liberta. Ela não precisa ter um homem pra prover a ela; ela provê a si mesma. Ela pode até ter um companheiro, mas isso não limita ela (Paula, 26 anos, auxiliar administrativa, grupo 1, região Nordeste).*

*As mulheres do gênero feminino que eu admiro são sempre aquelas que têm personalidade forte. Pra mim, tem a ver com personalidade, porque acho que a gente já foi tão discriminada, tão reprimida, a vida toda, que quando eu vejo uma pessoa que está lutando pelos seus direitos, bota o dedo na cara pra falar e tudo, eu admiro. [...] Então, acho que mulher tem a ver com personalidade forte, de não deixar ser oprimida, não deixar ser abusada, porque outra coisa que é super comum é achar que, porque a gente está sozinha, tem que ouvir todo tipo de cantada. Isso me irrita muito. Por que eu sou solteira, eu tenho que aceitar qualquer tipo de coisa?*

*Entrevistadora: E o que significa ser uma mulher moderna?*

*A moderna que está aí é o quê? A mulher que faz tudo ao mesmo tempo, que dá conta de um monte de coisa, que independente de fazer bem ou não, mas que está [...] que topa relacionamentos efêmeros, sexo casual e baladas, então acho que essa é aquela coisa de ser moderna, de ser a tal poderosa, [...] certo tipo de comportamento que indicaria uma cabeça aberta, um jeito que nem sempre condiz com o meu perfil.*

*E a mulher moderna que eu acredito que tenha, é aquela que se divide entre as suas atividades, mas sabe dizer não pra aquilo que não lhe cabe, que não diz respeito, não tá nas suas condições, sabe negar, dizer sim e não. Eu acho que a mulher moderna é essa, que faz suas atividades, tem os seus ofícios, seus papéis, mas que não se comporta mais com, não aceita certos rótulos do passado e que hoje em dia faz aquilo que acha certo pra ela (Mariana, 21 anos, estudante de jornalismo, grupo 2, região Nordeste).*

*Entrevistadora: Pra você, o que é uma mulher tradicional?*

*Acho que é aquela que se deixa levar por essa visão antiga que a mulher tem que ficar na cozinha, em casa, cuidando dos filhos e tudo o mais. É aquela visão de que por trás do grande homem sempre tem uma grande mulher. Por que por trás?*

*Entrevistadora: E o que significa ser uma mulher moderna?*

*Eu acho que a mulher moderna é aquela que sabe que pode ficar do lado. Não como muita gente quer, que a mulher fique bem na frente, acho que ela tem que estar do lado. Não acho que tem que ficar atrás, porque ela tem que ser coadjuvante da história.*

*Entrevistadora: O que significa ser uma mulher inteligente?*

*Acho que ela meio que se mistura com a poderosa. A mulher inteligente é aquela que sabe que pode ser moderna. Ela não precisa ficar presa nessa coisa de achar que é o atraso do homem. Eu vejo também essa coisa da minha vó, que ficava em*

*casa, limpando a casa, ela quem via roupa pro meu avô vestir depois do banho, ela que via o chinelo dele. Não! A mulher não é contrarregra na vida do homem. Esse é um pensamento muito retrógrado. E a mulher inteligente sabe que isto está errado. A boazinha é aquela que fica levando o chinelo. A moderna, inteligente e poderosa meio que se mesclam. Não adianta ser poderosa, se tu fica com a toalha depois do banho dele (Marta, 27 anos, doutoranda em comunicação, grupo 2, região Sul).*

*Entrevistadora: Pra você, o que é uma mulher tradicional?*

*É uma mulher que se sujeita a satisfazer o homem a qualquer custo. Seja como mãe, seja como esposa, seja como amante (um cargo altamente estigmatizado, o homem continua santo, né? Mas a mulher que é execrada).*

*Entrevistadora: O que significa ser uma mulher inteligente?*

*É uma mulher que apoia a outra. Apoia e admira as outras mulheres. Principalmente as que estão em posição de poder. É nisso que a gente falha com relação aos homens, os homens são muito unidos, mesmo quando inimigos. E nós, mulheres, não.*

*Entrevistadora: Para você, o que significa ser uma mulher poderosa?*

*Autossuficiente. Primeiro, economicamente. Depois, psicologicamente.*

*Entrevistadora: Como você se imagina no futuro?*

*Uma idosa mais sábia. Mulher já é triste, né? Agora velha e burra, não dá! Então eu quero ser magra, em primeiro lugar, porque você obesa, vai sentir dor em tudo. Vou sentir dor nas articulações, então vou ser magra. E eu quero viajar muito. (Ana, 41 anos, psicóloga, grupo 1, região Sul).*

*Entrevistadora: Pra você, o que é ser uma mulher?*

*É o tempo todo estar conciliando, a mulher é a maior conciliadora. Concilia sua vida, os problemas no trabalho, as questões de casa, ser mãe e uma coisa reflete na outra. Ser mulher é ser guerreira, ser batalhadora.*

*Entrevistadora: Pra você, o que é uma mulher tradicional?*

*Acho que é a mulher que não trabalha, que se dedica inteiramente ao lar, ao serviço doméstico, aos filhos.*

*Entrevistadora: E o que significa ser uma mulher moderna?*

*É uma mulher que consegue trabalhar tanto o lado de ser mãe, de ser esposa, ser companheira, quanto o lado profissional. E ao mesmo tempo ela tem que estar bonita (Denha, 29 anos, jornalista, grupo 2, região Nordeste).*

No conjunto das falas, é possível visualizar as fronteiras entre tradicional e moderno, segundo a maior parte das opiniões. A mulher tradicional é associada àquela que cuida da esfera doméstica e dedica sua vida à família, um modelo mais próximo da geração das mães das leitoras. A moderna é frequentemente definida como aquela que concilia várias tarefas, dentro e fora do lar, que se esforça para que tudo ocorra bem. É descrita como aquela que tem independência financeira e, em termos dos seus dilemas afetivos, pode-se acrescentar que elas desenvolvem também a dependência emocional, motivo que as conduz aos manuais. Ao se distinguirem da figura tradicional dedicada ao lar, também se distanciam da imagem de mulher que quer estar muito à frente.

Em vários exemplos, a presença das masculinidades hegemônicas perpassam várias experiências, na vida privada ou fora dela.

A consciência corporal, para usar um termo de Illouz, também aparece nas falas, variando segundo as faixas etárias. A concepção do tempo de vida como um elemento para conciliar a necessidade de se relacionar, de cumprir uma expectativa social esperada para as mulheres, ter filhos no limite permitido pela condição biológica, os cuidados com o corpo no futuro, são concepções mencionadas pelas leitoras que revelam que as relações de gênero se reportam à sua corporalidade ao longo da vida, estabelecendo parâmetros baseados na faixa etária para o cumprimento dos deveres ditos femininos. A fala de Ana, de 41 anos, revela que a independência vivenciada é minuciosamente gerenciada. Ela optou por não ter filhos e, ainda assim, menciona as pressões que sente para lidar com as exigências com as quais uma mulher moderna convive.

As experiências no campo profissional também indicavam desigualdades de gênero nas várias áreas de atuação e independentemente dos posicionamentos que elas tivessem ao refletir sobre tais questões. Um aspecto importante a se observar é que não influenciava o fato de a profissão ter prevalência masculina ou feminina; as desigualdades eram mencionadas de alguma forma.

*Às vezes tem aquele preconceito, porque você é mulher, não aprender direito tal matéria, você não vai ser... eles te olham diferente. Ainda tem um pouco de preconceito, principalmente na Física, eu sofri, eu senti. Nós éramos um grupo que tinha um laboratório avançado e tinha... eram duplas, né? E aí era eu e uma menina, nossa! Nossas notas eram as piores, e a gente via que, né? Pelo menos eu achei que fosse tipo... “ah, é mulher! Não sabe física”. Se você quer se impor nesse meio, tem que ser muito [ênfase no “muito”] bom, muito boa, porque você sempre tem um pouco de preconceito (Raquel, 36 anos, doutoranda em física, grupo 1, região Sudeste).*

*Entrevistadora: Você percebe diferenças de gênero no campo profissional?*

*Sim. Eu tenho um gerente e ele tem uma tendência – não sei se é coisa da minha cabeça, mas acho que não, porque muita gente já falou isso – a... vamos dizer... a promover melhor os homens. Eu vejo que as mulheres do setor dele não crescem. Enquanto que os homens, sim, sempre estão à frente, sempre estão gargalhando, batem as metas, ele ajuda a bater essas metas, e as mulheres ficam um pouco escondidas. Eu vejo essa diferença de gênero na minha empresa.*

*Eu vejo muito na questão hierárquica. Eu só tenho uma gerente, os outros são homens. E eu vejo que em um dado momento ela tem que se impor um pouco mais, pra poder ser respeitada na mesma altura que os outros. Apesar de ela ter muita capacidade, uma bagagem enorme, eu vejo que ela tem que fazer um pouquinho mais esforço que os outros pra poder ser respeitada. Também vejo na questão da seleção. Um determinado setor de vendas, eles preferem homens. Eles têm essa predileção por homens é... escancarada (Paula, 26 anos, auxiliar administrativo, grupo 1, região Nordeste).*

*Eu sinto por ser mulher e pela cor da minha pele, mas na área profissional. Porque a área que eu escolhi é uma área que tem mais homem, mais velhos, inclusive. Eu tenho 29 anos, ainda é um bebê nessa área. Então, por eu ser mulher e ter 29 anos,*

*eles têm um certo preconceito. O fato de ser negra também, ainda tem um certo preconceito, por ser uma negra trabalhando numa área só de burgueses [...]. Na minha área, eu percebo muito. Na correria, precisa pegar uma caixa de vinho, aí vem o “ah, mulher não aguenta”, “ah, é porque ela é mulher”. A depender do evento, tem empresa que não contrata mulher, porque “homem aguenta mais”, tudo isso (Cristal, 29 anos, sommelier, grupo 2, região Sudeste).*

*Entrevistadora: Você já se sentiu ser tratada diferente por ser mulher? Em que ocasiões? O que isso representava pra você?*

*Já. Eu estagio numa organização militar. Na marinha, ainda são poucas mulheres que trabalham lá, enfim, e na minha divisão, eu sou a única. Então, ainda é complicado, [...] pra os rapazes, ainda é muito complicado ter uma mulher lá dentro, ainda mais mandando neles. Então, você tem que saber... não adianta tentar mandar, porque se eu mandar, eles vão sair de lá e virar a cara, não vão nem olhar pra ti e vão te deixar falando só. Eles são assim mesmo, ainda tem muito isso. Então, tu tens que saber conversar, de certa forma até adular [...], contornar a situação, mandar, mas de uma forma que não demonstre que tu estás mandando, entendeu? Tem que saber enrolar um pouquinho eles (Larissa, 25 anos, estudante e engenharia, grupo 1, região Norte).*

*Eu vejo amigos meus de 19 anos, homens, que conseguem rapidamente emprego, mesmo não tendo experiência. Nesse sentido eu senti muito, muito, a dificuldade de ser mulher e arrumar um emprego sem experiência. Eles dão muito mais chance para homens do que para mulheres. Nas empresas, a maioria que tem poder é homem. E justamente porque as pessoas têm esse pensamento de que a mulher é emocional demais e o homem racional. E numa empresa eles precisam de pessoas racionais e não emocionais (Nina, 20 anos, estudante de psicologia, grupo 2, região Sudeste).*

*Entrevistadora: Você percebe diferenças de gênero no campo profissional?*

*Sim. É um ambiente onde as mulheres predominam, mas infelizmente têm um pensamento que, de certa forma, afeta a questão do recorte de gênero, nesse caso, a minoria masculina (existe apenas um homem no trabalho). [...] Infelizmente, algumas pessoas têm uma mente cheia de estereótipos e preconceitos. Elas não buscam conhecer, pra depois ter um conceito daquilo. Por isso, às vezes se torna até difícil trabalhar com suas crianças essas questões, porque você faz algumas coisas e quando você der as costas, for pra uma reunião, você vai ser criticado. E puxam muito pro lado espiritual, da religião. Como essa questão de orientação sexual, etc. [...] Eu, como sou intrusa, insistente, tento trabalhar de todas as formas essas questões, buscando os diferentes (Maria, 25 anos, mestranda em educação, grupo 2, região Nordeste).*

*Entrevistadora: Você já se sentiu ser tratada diferente por ser mulher? Em que ocasiões? O que isso representava pra você?*

*Já. Ano passado eu tava trabalhando num setor diferente de todos os lugares que eu já tinha trabalhado, porque tinha muito mais homens que o normal que eu costumava. E a maioria dos homens lá era de posição hierárquica superior à minha. Eu tive dificuldade de me adaptar por falta de costume e aí eles faziam piada meio sexista e tal. Foi bem complicado (Adélia, 32 anos, enfermeira, grupo 1, região Nordeste).*

As questões feitas sobre o âmbito profissional tratavam tanto de diferenças quanto de desigualdades de gênero. As experiências de desigualdades de gênero são vivenciadas em várias regiões do Brasil e em campos profissionais diferentes. É interessante destacar que o

público de leitoras expressa um contexto em que as mulheres têm acesso a níveis mais altos de escolaridade e ingresso em carreiras profissionais, mas isso não implica em relações igualitárias nos seus cotidianos.

Dois depoimentos de leitoras demonstram que, seja quando a mulher possui mais experiência, seja em situações que requerem menos experiência profissional, ainda assim os homens levam vantagem no mundo profissional. A gerente, com toda formação profissional, se esforça mais para obter reconhecimento. A estudante de engenharia reconhece que para exercer posição de comando é necessário minimizar seu poder – “não demonstrar que está mandando”. A estudante de psicologia reconhece que, entre pessoas da sua idade e com pouca experiência profissional, os homens são mais escolhidos nos postos de trabalho.

A fala de Maria menciona um aspecto importante na experiência de uma profissão predominantemente feminina. No ambiente educacional onde trabalha, a maioria é composta por mulheres. Porém, na situação narrada, há também a presença de um homossexual que, segundo indicação da entrevistada, sofre preconceito em função da mentalidade de suas colegas mulheres. A masculinidade hegemônica, nesse caso, prevalece mesmo quando não há presença física masculina majoritária. As masculinidades criam hierarquias e as experiências de gênero e sexualidade que não reproduzem o modelo masculino hegemônico estão no lado mais fraco dessa relação e, por isso, são mais rejeitadas socialmente. Mesmo em um ambiente majoritariamente feminino, as concepções masculinistas reforçam estigmas que, em última instância, também recaem sobre mulheres que desejem rupturas de padrões de gênero.

Uma vez observadas as maneiras como as entrevistadas identificavam as diferenças e desigualdades de gênero vivenciadas em várias dimensões das suas vidas, pode-se conduzir tais relatos à dimensão política, aqui representada pela perspectiva do feminismo. As últimas perguntas do questionário tratavam da concepção das leitoras sobre o feminismo e sobre a possibilidade de identificação delas enquanto tal.

A maior parte das respostas permite perceber e complementar quais características compõem o ideário de mulher moderna em questão e até onde se situam suas performances de poderosas. A mulher moderna rejeita posições tradicionais, mas também se distingue da mulher “exagerada”. A ideia de exagero delimita o que é socialmente desejado. Ultrapassa aquilo que o padrão comporta. Ao expor as falas seguintes, é possível visualizar com mais propriedade esses aspectos.

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*Eu acredito que o feminismo tirou a mulher de dentro de casa. Foi ele que chegou e disse: “olha, você pode fazer outra coisa, além de ser dona de casa”. Eu não tenho muito conhecimento sobre o movimento. Mas, acredito que foi começar a lutar por direitos iguais, de chegar e dizer “eu também tenho direito a uma profissão”. [...] Em gênero, vai ser diferente, mas em termos de direitos, seria lutar pelas oportunidades que a mulher tem hoje.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Ai, não sei. Eu acho que nessa questão de tentar a igualdade profissional, talvez. Eu acho que a gente trabalha igual, então a gente merece o mesmo tanto. Me responde, a revolução sexual teve a ver com o feminismo?*

*Entrevistadora: Sim.*

*Então, eu já não me acho, porque eu não tenho essa ideia pra mim. Por exemplo, da liberdade sexual da mulher. Eu não sou tão feminista a ponto de achar que eu sou igual a um homem que vai lá, tem uma noite de prazer e volta e tudo bem. São poucas que conseguem. No campo do comportamento, estou sempre atenta, de chegar pra outras mulheres e dizer: “não, você não pode se rebaixar”, etc. Acho que está muito ligado com a autoestima também (Raquel, 36 anos, grupo 1).*

*Eu acho o feminismo um pouco exagerado, né? De repente, a mulher perdeu muita coisa com a sua independência, então, eu acho que tem que ter um equilíbrio. O próprio mundo vai mudando a passos largos, né?*

*O que perdeu: a própria valorização da mulher, de certa forma ela está vulgarizada. A mulher... como eu posso falar? Ela acha que com a exposição do corpo dela vai conquistar um homem, e isso tá totalmente errado. A mulher sai com um cara que ela tá conhecendo, ela vai e divide a conta. Eu acho que no começo o homem tem que mostrar que tem possibilidades de ser um bom provedor, de repente futuramente, se ela vier a ficar com ele. O respeito que existia antigamente, de repente está se perdendo também. A moral está muito em baixa, né? Uma mulher que seja mais correta acaba pagando pelas que não são (riso). Então, eu acho que muita coisa acaba se perdendo, muita coisa boa.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Não (riso). Não, eu não defendo muito a independência da mulher. Acho legal algumas coisas, mas não sou feminista (Luiza, 37 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*O feminismo é um movimento que busca direitos iguais a... é um movimento de busca pela igualdade dos sexos, pelos direitos dos sexos. Mas eu também vejo que há uns momentos em que ultrapassam alguns limites; se perdem, de certa maneira. Direitos iguais, sim! Mas colocar a mulher como superior ao homem, não é bem isso, né? Como eu já falei, tanto os homens quanto as mulheres têm suas particularidades e tem suas tendências também. E o feminismo, eu acho que luta pela igualdade, mas, ao mesmo tempo coloca a mulher como ser superior, uma mulher maravilha e nós não somos isso. Nós temos os mesmos defeitos ou até mais que os homens. Então, eu acho que o feminismo um pouco se perde.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Não, não. Porque eu acho que, na verdade, eu sou aquela mulher que ainda está... é... coloquei minha carreira na frente da minha família, mas no fundo, o que eu eu também quero é isso: é ter uma família, ter filhos, e eu vejo hoje eu me colocaria mais na minha casa do que no meu lado profissional. Eu acho que hoje, pra mim, isso é mais importante. Eu tenho uma amiga que é feminista e ela não abre mão da carreira dela. Ela tá com 32 anos e ela fala que não se vê cuidando de filhos. Então, eu me vejo cuidando de família, de casa, tranquilamente. Eu acho muito radical, algumas facetas (Paula, 26 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*Há muito tempo, foi visto como essa coisa de queimar sutiã, etc. Eu acho que o feminismo, algumas vezes, eu acho que nada em excesso é legal. Feminismo em excesso, também não é legal. Se torna até machista, de certa forma. Porque tem mulheres que são tão feministas, que elas até acabam deixando de ser mulher, de alguma forma. Porque “ah, as lutas pelos direitos; ah, mulheres, direitos iguais”, tá, beleza. Mas, eu acho que tem que tomar muito cuidado com essa história de feminismo, pra não exagerar, pra não cair num machismo, de certa forma. Eu acho que tu pode ser feminista, mesmo não dividindo a conta com teu namorado, quando ele paga a conta pra ti, mesmo abrindo a porta do carro sem ele precisar abrir, sabe por que? Hoje em dia, o feminismo é uma coisa tão gritante, que até a mulher acaba sufocando a outra mulher. Porque a gente fica na obrigação de seguir aquela teoria feminista, que muitas vezes a gente não concorda. Então, eu acho que isso precisa ser reavaliado, de alguma forma.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Não, eu me vejo como uma mulher que tende a lutar pelo espaço como mulher, entendeu? Acho que ser feminista é uma coisa muito radical, eu sou contra o radicalismo, de forma geral. Acho que tudo tem que ser ponderado. Eu sou uma mulher que defende os direitos da mulher, não feminista (Larissa, 25 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*Às vezes eu sinto que a luta que se tem hoje em termos de feminismo é: “eu quero supremacia”, quando, na verdade, deveria ser mais uma coisa de igualdade [...] É a disseminação da ideia de que a gente não é mãe, só. E que a gente não nasceu com o útero condenado a parir e que a gente não pode fazer alguma coisa, a gente pode fazer qualquer coisa! Qualquer coisa que um ser humano pode fazer. O feminismo, pra mim, tem que ter um ideal de igualdade, de quebrar paradigmas, quebrar preconceitos que a gente tem.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Não. Não em relação a movimento social. Mas, se eu for pensar direitinho, sempre fico em dúvida em relação a essa pergunta. Porque é assim que eu vivo. Tentando combater meus próprios preconceitos, tentando trazer uma igualdade de gênero, tentando dizer pra alguns amigos: “olha, você pode ser sensível”. [...] E eu falo pro meu amigo: “você pode ser hetero e fazer o que você quiser, andar de salto se você tiver vontade. E isso não indica sua orientação sexual, que é um preconceito”. Então, se por um lado eu não sou feminista, por outro eu vivo como uma (Alice, 28 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*As mulheres querem ser iguais aos homens. Mas, de alguma forma, as mulheres são diferentes dos homens. Então, o feminismo quis ir por um caminho que nós somos independentes, e talvez se englobar num mundo masculino. Mas eu acho que a gente tem que encontrar um meio termo que tenha a ver com a mulher, realmente, pra não se igualar ao homem. Eu acho que não tem que ter essa coisa de guerra dos sexos. Eu acho que tem que ter bom senso.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Não. Eu sou uma pessoa que gosta de fazer muitas coisas sozinha. Eu não tenho medo de fazer coisas totalmente só. Mas eu acho que eu não me classifico, porque eu nunca falei “eu sou feminista, eu tenho que ser igual ao homem”. Eu sempre quis ir por um caminho que eu acho melhor e sem seguir um padrão (Marcela, 28 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*O feminismo é uma necessidade de afirmação que aconteceu pras mulheres em algum momento, onde elas precisavam entender que elas eram tão importantes quanto o homem na sociedade. Isso não é ruim. O problema é a maneira como isso foi destrinchado. Pra você ter importância na sociedade você precisa ter o seu próprio papel. Porque se você é igual ao homem, são direitos de igualdade em que*

*you do not stand out. Then I believe that a woman wanting to make the manifestations of topless and walking on the street without a shirt, this is not for being equal to the man. For me, it is a way of inferiorizing. I believe that for people to value themselves has to be by their own qualities and not wanting to occupy the role of the opposite gender. I think that a woman can be realized without anything that comes to aggress against her physically. Then feminism was a movement that sought this self-esteem, this role, this social importance, and that led to absurd proportions, it reached a point where a woman vulgarized, instead of achieving a suitable space.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*I see myself as a conservative. I don't think I have to direct, because every woman has to be able to direct like a man. I would be very happy if I had a lot of money to have a driver (Alice M., 26 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*Feminism is the biggest lie that has been told to women of the century [...] I, particularly, I am antifeminist, I think that women should not do anything for feminism, what happened is that some women put themselves in a situation of frustration, in their lives, as if all women lived that frustration, and that was the life of some women. Then, for me, feminism was useless, it was a lie. It doesn't pass as a lie of some women who had some political interests (Adélia, 32 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*Feminism is a philosophy of the woman as a human being, in which she exists with the same rights and duties, without being reduced to her differences. Feminism is machism, because feminism comes from the female, when the woman abuses the power of the woman against the man. It is equivalent to masculinism, it is the right of the man. [...] The strike of the woman is feminism. Feminism is respect for the woman as a human being, femininity, right to maternity, to leave maternity, right to a half day of work. It is insane for a mother of a young child to have a half day of work, it is insane. For me, every mother should have a half day of work, because taking care of a child is a more complex task that exists, even more so today.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Yes. I am feminist and masculinist. When you are feminist, it gives the impression that you are against the man. And no. Feminism was born with the proposal to also value the man. For the woman to have the right to education, for her to reach home and have someone to talk to. Because a person who does not have education, it is more difficult to change ideas (Ana, 41 anos, grupo 1).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*Everyone thinks that feminism is radicalism, right? The feminist woman does not like the man, she wants to annihilate all of them. I see this with my friends: "oh, you are feminist? Then you don't like the man!". But, I think that feminism is basically this total valuation, that she is doing all the time. I was reading a text of a woman who was talking about this, the woman who came in the 21st century, she conquered her space, but she did not take the measure. She conquered this and bagged it. She conquered, but she did not know how to keep it, many times.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*I see myself too. For these reasons. "oh, woman cannot do this", or limit her capacities, you have to impose. Because if you let go, you cancel. You end up putting zero in front of all the numbers and end up losing value. I think I am, yes, feminist. For example, at home there are two boys, the majority are men. At those who win are the men. I see even that my mother is machist. You cannot do a business like that (riso)! I have the right, I will not do this! "Ah, you have to do this, because you are a girl". "Go wash the dishes, because you are a girl, he won't do it because he is a boy". And you see this basically*

na base da sua família, onde você foi criada. Ali, esse feminismo meio que vai se construindo, se você for se percebendo, se não, você acabou: você vira Amélia (Vívica Luiza, 29 anos, grupo 1).

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*É uma coisa tosca, né? É uma briga inútil (riso). Feminismo é aquela mulher que vê o homem como a costela dela (riso). Ela inverteu os papéis. Antigamente era o machismo, agora é o feminismo. É uma mulher que ela é tudo e o cara tem que estar ao chão o tempo inteiro, porque ela é mais ela, ela é a boa. É muito estranho, porque ninguém pode ser superior a ninguém, entendeu? Então, tanto o machismo quanto o feminismo pregam isso. A mulher ser superior ao homem ou o homem ser superior à mulher.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Não (riso). Ah, por causa das minhas atitudes. Como eu falei, eu sou a favor da mulher parar de trabalhar pra cuidar dos filhos, não é o que uma feminista diria jamais, jamais! Se eu falasse uma coisa dessas, eu ia apanhar (riso). Eu não vejo nada demais uma mulher ficar cuidando da casa e dos filhos enquanto os homens trabalham. Assim como não vejo nada demais um homem ficar na casa e a mulher trabalhar. [...] A feminista não aceita que o homem pague a conta, né? Eu acho um absurdo! Eu saio, se o cara quiser pagar a conta, eu deixo ele pagar pra mim (riso) (Nina, 20 anos, grupo 2).*

*Eu compreendo o feminismo como um movimento que luta pela igualdade dos direitos, que luta pelo fim da discriminação das mulheres, então não quer dizer que eu vou ficar chateada se um cara puxar a cadeira pra eu me sentar, ou abrir a porta pra mim. Eu acho que não tem a ver com gentileza, tem gente que gosta disso, tem gente que faz as coisas sozinhas e não tá nem aí! Não quer dizer que eu sou feminista, que eu concordo com o feminismo, que eu vou ser contra isso. Achar que se eu sou feminista, eu sou contra os homens. Eu acho que não tem nada a ver, é uma ideia até pesada, achar que o feminismo luta contra os homens. Não, a gente tá querendo apenas que devolvam as coisas que foram roubadas há tanto tempo (riso). Eu acho que os contos de fada podem ser prejudiciais, se não forem bem colocados. Aquelas princesas da Disney, maravilhosas e com príncipes também, e competem a madrasta e a princesa; a princesa e a outra lá, rival, brigando pelo príncipe; então, eu acho, sim, prejudicial, [...] porque depois da Disney vem as comédias românticas, né? Ai, ferrou! A pessoa cresce e é alfabetizada naquilo, se não pensar um pouquinho, vai ficar fascinada o resto da vida por esse tipo de romance. Então, eu vejo dessa forma: como uma ferramenta de luta pela igualdade, não pra diminuir o direito do outro e aumentar o meu. Acho que não tem a ver com isso não.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Eu me vejo sim. Porque eu, cada vez mais, tenho me chocado com essas coisas. Desde que eu comecei a estudar, desde que eu [...]. Então eu me vejo como uma feminista, porque eu também luto por isso, eu também me sinto, acho que quando mexe com uma, mexe com todas; eu me sinto incomodada, assim como com relação a direitos, sabe? Eu não gostaria que discriminassem um negro, um homossexual, não suporto que maltratam animais, então, quando fala em direitos, isso mexe muito comigo. Eu me sinto tocada por todas essas coisas. Já aconteceu situação comigo de eu me sentir discriminada enquanto mulher, de homens virem com piadinhas, a dizer coisas que me incomodam.*

*A gente não tá totalmente emancipada, por conta de tudo isso que a gente vive. Pelo preconceito ser grande, por terem mulheres machistas, entendeu? Porque não tem só homem machista. Tem mulher que leva à frente, que discrimina a outra. [...] Eu fico observando, cada grosseria que uma fala pra outra! “Porque é vadia, porque é isso, porque dá pra vários”... poxa! A gente precisa se ajudar, tá todo mundo no mesmo barco! Então, vamo todo mundo se ajudar, então ser uma mulher emancipada é acreditar que se lutar por isso todos os dias, sabe? Eu me impor diariamente, exigir meu respeito, ter minha competência, ter minha ética, ter meu*

*comprometimento com as atitudes e não deixar que outra pessoa passe por cima disso, tanto homens, quanto mulheres. Eu vejo muito essa questão do parto mesmo, da violência no parto, eu me choquei com o título, que era “na hora de fazer, não gritou”. As parteiras diziam isso às mulheres. “Ah, na hora de fazer, não gritou, por que está gritando agora? Não tenha dor não!”. Esse tipo de frase... minha gente! A pessoa está numa situação tão delicada... eu acho que os principais adversários da mulher pra se emancipar, hoje em dia, são as próprias mulheres que... quando sentirem essa discriminação, não passar adiante, não achar que é normal. É parar por ali, não reproduzir (Mariana, 21 anos, grupo 2).*

*Olha, eu já participei bastante de passeatas feministas. A minha irmã é uma militante árdua, mas, assim, é que tem tudo um porém, né? Feminista não é anti-homem. Tem algumas feministas que eu acho radicais demais. Que querem meio que dizer que a mulher é a lei, que não depende deles pra nada. Claro que depende, tem que procriar! Eu fui pra uma passeata e escrevi um cartaz: “se eu uso um short curto, o problema é meu”. A feminista é a mulher que luta por direitos iguais. Não tem que tirar o homem da história. Pra mim, o feminismo é: “o corpo é meu, eu que sei o que faço”. E aí o feminismo também tá nessa visão de mulher moderna. “Ah, porque, se tu não é casada, é puta! Ou é puta, ou encaalhada”. O corpo é dela. Se ela quiser dar, ela dá. E isso não faz dela pior do que uma mulher casada. O corpo é dela, ela também tem direito a sentir prazer. E isso não dá o direito da pessoa abusar dela (Marta, 27 anos, grupo 2).*

*Entrevistadora: Como você define/compreende o feminismo?*

*Um conjunto de ações voltadas para as melhorias das mulheres, voltado para a igualdade, seja no trabalho, que a gente sabe que infelizmente na pirâmide que define os eixos, né? Principalmente a mulher negra tá lá embaixo. Se a gente sabe que o trabalho é o mesmo, pra que ter essa diferença? Então vamos buscar os nossos direitos. A constituição tá lá, diz que os direitos são de todos, independente de cor, raça, crença religiosa, gênero, enfim. Então, por que não lutar por esses direitos? Não vejo problema. Da mesma forma que os negros, índios, buscam seus direitos. A gente sofreu tanto, nesse processo histórico, que chega uma hora que a gente olha assim e quer dizer: agora eu que quero dar tapa na cara! Porque eu já levei muito. Infelizmente, é essa a realidade. Então, tem que lutar mesmo.*

*Entrevistadora: Você se vê como uma feminista?*

*Eu sabia que essa pergunta estava por vir. Sim. Se lutar por esses direitos, se apoiar essas causas, for ser feminista, eu sou. Mas, digamos que eu não estou ligada a nenhum grupo. [...] Mas, caso precise e eu possa estar, eu estarei junto. Eu participei de vários movimentos, logo que entrei na universidade, e a gente sempre discutia essas questões étnicas, raciais, de todas as minorias. Mas, se o que eu escrevo nas minhas entrelinhas poéticas for ser feminista, eu também sou por esse lado, mesmo que de forma mais melancólica, mas intrinsecamente, estou valorizando e dando ênfase ao ser mulher, ao ser feminina, ao nascer mulher e, no exterior, ser mulher (Maria, 25 anos, grupo 2).*

*Porque eu sempre acreditei que mulheres podiam fazer o que elas desejavam, independente do que os outros pensassem, que elas não deveriam enfrentar julgamento, principalmente com relação à sexualidade, que eu acho que é uma das partes mais delicadas quando a gente tem questão de gênero é a sexualidade feminina, como ela é mostrada, sempre como algo perigoso, um sinal de deficiência de caráter. A mulher que faz muito sexo ou com vários parceiros, ela é entendida como mau caráter. Ser feminista é algo que espanta as pessoas. (Claire, 26 anos, grupo 2).*

Os trechos citados permitem situar a imagem da mulher moderna em relação ao feminismo. Ao especificar, nos depoimentos as leitoras, as classificações de grupo 1 e grupo 2, é possível perceber que no grupo 1 prevalece menos identificação com o feminismo e no grupo 2 ocorre o contrário. Mais do que demarcar a existência de identificação, o importante aqui é perceber as implicações práticas dessas falas e sua relação com tudo o que vem sendo abordado na presente tese.

Quando discutida, aqui, a cultura terapêutica, viu-se que os discursos dos manuais mesclam influências do feminismo, bem como da psicologia, transformando a problemática dos relacionamentos em questões da personalidade. Concepções feministas são ressignificadas e adaptadas a um roteiro autobiográfico de autonomia feminina. Em alguns depoimentos, é possível perceber tal associação, quando conquistas ou lutas feministas são canalizadas para a ideia de autoestima. Esse elemento é importante para discutir uma das implicações dos discursos de aconselhamento dos manuais. Ao abordarem a questão sob um ponto de vista do comportamento individual, não problematizando a cultura masculinista hegemônica, nem sugerindo um enfrentamento coletivo do assunto, os manuais reforçam um ideário individualista, que nesse caso tem como principal ferramenta o gerenciamento. Assim, os manuais, ao tomarem o problema para si, têm uma apropriação privada e fragmentada dos impactos culturais do feminismo, mesmo quando as conquistas de direitos são mencionadas ou reconhecidas.

Na medida em que o centro da narrativa é a trajetória biográfica das mulheres, a crítica feminista é relativizada, seus impactos culturais são absorvidos para o plano da autodeterminação subjetiva e “seus excessos” expurgados do imaginário que constrói a ideia de mulher moderna. As mudanças de comportamento aparecem como progressões no tempo, nem sempre como resultantes de um enfrentamento político do feminismo, com impactos na vida cotidiana.

Alguns depoimentos de entrevistadas no grupo 2 indicam que rejeitar os conselhos sugeridos nos manuais não significa necessariamente se opor às suas concepções. É possível rejeitar as fórmulas dos manuais e, ao mesmo tempo, se distinguir de uma postura feminista.

Para falar sobre o feminismo, vem à tona o corpo como abrigo das experiências. E o mesmo corpo que pode ser concebido como sujeito às privações morais é também, sob outro prisma, *locus* da liberdade. Nos discursos que se distinguem do feminismo, há a crítica da liberdade sexual. Nos discursos que se aproximam do feminismo, se dá a reivindicação do

corpo que decide por si. Nos casos em que a liberdade sexual é criticada, o modelo de masculinidade hegemônica ajuda a conduzir o conteúdo moral que os regula, pois ela é apresentada como um obstáculo para as mulheres nas relações sociais contemporâneas.

Alguns depoimentos revelam distâncias entre práticas e identificações. Em algumas falas, as leitoras indicam que suas práticas contêm elementos do feminismo, mas não assumem uma identificação política com o movimento. Aqui vale estabelecer uma comparação com o rótulo de poderosa, sugerido por Sherry Argov, que a maioria das leitoras não rejeitou. O rótulo de feminista, por sua conotação política, é apontado como um excesso. A crítica a “ter que agir como uma feminista” demonstra que há implicações políticas em se afirmar enquanto tal, ausentes quando muitas leitoras afirmavam o quanto mudaram para agir como uma mulher poderosa, nos termos dos aconselhamentos. Em comum, todos os manuais criticavam o feminismo, variando apenas a proporção.

As falas das leitoras permitem também perceber as dinâmicas das relações de gênero, falas que nem sempre operam para uma reprodução dos padrões. Há os casos em que as diferenças produzidas nas experiências familiares permitem o desenvolvimento dessa percepção, assim como os casos em que o contato com repertórios feministas diversos permitiram uma mudança de concepção e crítica das relações de gênero. Nesses casos, era possível observar que a mediação social aparece com mais frequência ao produzir a reflexão, e a mulher fala com uma percepção mais coletiva sobre sua existência. O desenvolvimento de uma identificação feminista, mesmo quando não há um envolvimento político mais efetivo, produz um impacto na percepção privada, que é vista pelo parâmetro do gênero enquanto produção cultural e relacional.

Os depoimentos do grupo 2 mencionam mais a dimensão da política e esse pareceu um aspecto interessante para pensar nas implicações das experiências marcadas pelas desigualdades de gênero. A percepção de que a condição feminina extrapola o âmbito individual, ou da esfera da personalidade, dota as concepções de argumentos sobre relações de poder que privilegiam a hegemonia masculina. A política, nesse sentido, aparece como elemento importante de enfrentamento da própria vida cotidiana e, mesmo quando se reconhecem os dilemas vivenciados pelas mulheres em várias posições sociais, eles são mais questionados do que incorporados como elementos inerentes à sua condição.

Por sua força editorial, os manuais de aconselhamento se apresentam mais acessivelmente às leitoras, proporcionando um socorro emocional que provavelmente também

é vivenciado por muitas mulheres que não recorreram a essa literatura. A resposta da cultura de massa, alimentada pelos ideais de amor romântico perpetuados na atualidade, aponta para um caminho que leva ao final feliz. No atual mercado dos relacionamentos, que expressa um modelo vivenciado por milhares de pessoas, vários têm sido os produtos culturais que buscam demarcar caminhos para resolver dilemas afetivos. Os manuais são mais pragmáticos e apresentam um roteiro que é posto na prática, muitas vezes como uma tentativa de concretizar um modelo de felicidade, enfatizado por uma sociedade que já não é capaz de fornecer respostas civilizatórias mais profundas. A saída individual não por acaso é a matéria-prima principal dos aconselhamentos.

A dimensão política, nesse sentido, parece importante porque sinaliza a possibilidade de pensar uma existência coletiva, em que as diferenças possam ser valorizadas e as desigualdades enfrentadas. Algo que chamou muito a atenção é que os manuais utilizam as diferenças para justificar desigualdades. Nas falas de algumas leitoras, a possibilidade de enfrentar as desigualdades é vista negativamente, pois se imagina que sua consequência necessária seria: “as mulheres querem ser iguais aos homens”. A igualdade, nesse sentido, aparece como problemática.

No capítulo 1, mencionou-se que o feminismo foi um dos questionadores da noção de homem universal, assim como da ideia de igualdade que ocultava diferenças na prática. Vale retomar essa discussão. Mais uma vez, Connell parece pertinente para sugerir formas de enfrentar tais paradoxos, por meio de sua defesa da ideia de igualdade complexa.

Buscar a justiça social não quer dizer buscar a uniformidade, como clamam reiteradamente os que estão contra a igualdade. O filósofo Michael Walzer mostrou convicentemente como a mesma noção de “igualdade complexa” é requisito para o conceito contemporâneo de justiça. As questões da justiça surgem em esferas da vida que se estruturam de maneiras distintas e que não podem reduzir-se uma a outra. Se trata de uma experiência comum em qualquer tipo de prática que inclua mais de uma simples questão.

Nas relações de gênero a igualdade complexa se ocupa de diferentes estruturas dentro da ordem de gênero [...]. Buscar justiça social nas relações de poder quer dizer questionar o predomínio dos homens no Estado, nas profissões e na direção; também inclui acabar a violência que os homens exercem contra as mulheres. Ademais, significa mudar as estruturas institucionais que tornaram possíveis tanto o poder da elite como a violência corpo a corpo. Buscar a justiça social na divisão do trabalho derivada do gênero significa terminar com os dividendos patriarcais na economia monetária, compartilhar o peso do trabalho doméstico e igualar o acesso à educação e à preparação (que segue sendo muito desigual no mundo). Buscar a justiça social na estrutura da catexia significa terminar com o estigma da diferença sexual e com a imposição da heterossexualidade obrigatória, além de reconstruir a heterossexualidade com base na reciprocidade e não nas hierarquias. Para conseguir isso, é necessário ultrapassar a ignorância produzida socialmente, que faz da

sexualidade um lugar para o medo e um vetor de enfermidade (CONNELL, 2003, p. 309, tradução livre).

No lugar da normatividade, sugerida pelos manuais, pensa-se sobre o lugar da política como lugar de enfrentamento das desigualdades e afirmação das diferenças. Nesse sentido, o viés feminista é questionador das posições de gênero por excelência. É uma maneira de desnaturalizar posições de gênero que são experimentadas em várias dimensões da vida e ao longo dela.

Um aspecto que se observou, pensando em como o feminismo pode vir a ser um elemento de identificação política, é que a média da faixa etária do grupo – de 18 a 41 anos – expressa um conjunto de mulheres que vivencia, direta ou indiretamente, impactos do feminismo brasileiro, principalmente a partir dos anos de 1970. Com suas fases de organizações, períodos de refluxos, recentes rearticulações, o feminismo brasileiro tem produzido ruídos, a princípio no interior da própria esquerda, posteriormente no âmbito acadêmico, e mais recentemente por meio de políticas públicas de enfrentamento das desigualdades de gênero ou versões de movimentos organizados, a exemplo da Marcha das Vadias ou do feminismo negro.

Considerando o momento político brasileiro, que nos últimos anos tem vivenciado ascensos de articulação dos movimentos sociais e, ao mesmo tempo, expressões públicas de vertentes conservadoras, principalmente nas temáticas de gênero, é possível sugerir que há um campo aberto a possibilidades. O feminismo, nesse sentido, pode vir a assumir uma posição protagonista de dialogar com novas posições conquistadas pelas mulheres, de modo a relacioná-las com os enfrentamentos políticos, contribuindo para a politização da vida cotidiana e da experiência de gênero vivenciada nos mais diversos contextos brasileiros.

Algo que surpreendeu positivamente na realização das entrevistas foi ter conhecimento de que algumas leitoras estavam produzindo reflexões de gênero em seus campos profissionais. Monografia sobre comédias românticas, curta metragem sobre relacionamentos afetivos, dissertação sobre imagens femininas em seriados televisivos, contribuição com a temática de gênero na educação infantil, são trabalhos realizados por algumas leitoras que, em algum momento das suas vidas, recorreram aos manuais estudados nessa pesquisa. Para pensar na dinâmica das relações de gênero, os exemplos das entrevistadas foram fundamentais.

Ao considerar como as trajetórias das entrevistadas foram se constituindo, o que

inclui suas percepções políticas enquanto mulheres, refletiu-se sobre o feminismo brasileiro e seus rumos, quais são seus sujeitos, suas demandas e inserções entre diferentes experiências de gênero. Considerando a reflexão de Ribeiro (2006, p. 803):

A articulação feminista propõe-se como um catalisador das mudanças sociais para as mulheres e também para toda a sociedade. No entanto, não é um movimento homogêneo. Contém uma série de dificuldades de estruturação e de orquestração de sua multiplicidade, como no tratamento da diversidade entre as mulheres (racial, étnica, condição socioeconômica, orientação sexual, geração ou cultural), e também abordagem pluralista nos espaços políticos conquistados na sociedade. Em debates e formulações, são demonstradas controvérsias quanto ao crescimento da participação e ao surgimento de novas atrizes – fatores totalmente benéficos –, pois recolocam em pauta ser ou não ser feminista, os efeitos da popularização do feminismo e, até mesmo, a incorporação das temáticas raciais e étnicas, com seu cunho histórico de questionamento da estrutura da sociedade e também do feminismo “tradicional” branco.

As imagens de gênero sugeridas pelos manuais são oferecidas por meio de estereótipos que abordam diferenças de gênero – quando, na verdade, justificam posições desiguais. Essa é uma das implicações políticas dos manuais, pois ao naturalizarem tais posições, assumem – ainda que implicitamente – um lado nas relações de poder vigentes. Em se tratando de um contexto em que heranças patriarcais ainda são presentes na cultura, tais estereótipos conduzem a uma aceitação do padrão de gênero hegemônico. Os elementos modernos da mulher sugerida nos manuais enfraquecem em seu conjunto, pois já nascem com limites pré-estabelecidos.

Em contraste com o modelo essencialista sugerido pelos manuais, as experiências de gênero na prática são dinâmicas e, por isso, permitem apropriações que não necessariamente refletem o modelo de mulher recomendado nas publicações. Um dos aspectos que ficava bastante notável é que, entre as leitoras que pensavam suas experiências de forma mais mediada, geralmente havia uma maior aproximação com o sentido político de ser mulher. Mesmo quando não havia participação militante organizada, a leitora problematizava seu cotidiano mais politicamente, o que fazia com que contestasse as relações de gênero à sua volta. Nesse sentido, as formas de emponderamento feminino na presença ou na ausência da política pareciam bastante diversas.

Por fim, para encerrar esse tópico que discute gênero em várias dimensões, cabem algumas reflexões. Aqui, o ponto de partida foi a estrutura da catexia, ao buscar compreender a difusão dos aconselhamentos afetivos nos manuais de autoajuda contemporâneos e os

sentidos produzidos a partir das experiências das leitoras. Aproximando-se das trajetórias das leitoras, foi possível perceber as dimensões de gênero articuladas em seu conjunto. Nesse sentido, partindo do padrão heteronormativo sugerido nos manuais, é possível perceber que as concepções das leitoras encontram sentido no modelo masculino hegemônico situado para além das páginas dos manuais.

Os conselhos afetivos desses livros são socorros emocionais que dialogam com dilemas contemporâneos vivenciados por muitas mulheres dos contextos urbanos, empoderando-as em alguns casos, mas o fazendo na condição de apresentar uma resposta terapêutica desprovida de mediações políticas. Por todos os motivos já expostos, gênero expressa classificação de diferenças, mas também de relações de poder. É nesse ponto, segundo o entendimento da pesquisadora, que os conselhos dos manuais canalizam sua orientação afetiva para uma experiência de gênero individual na qual o custo emocional é repassado às mulheres. Assim, lugares de gênero são naturalizados e, mais que isso, sugere-se que as liberdades e independências femininas são responsáveis pela infelicidade delas no presente. Pelo que se observou, a forma como esse pressuposto é incorporado pela mulher pode fazê-la se sentir culpada por não corresponder a uma expectativa construída socialmente.

Ao afirmarem que as mulheres procuram homens com o intuito de viverem relacionamentos felizes como única possibilidade para a criação de laços afetivos, os manuais silenciam sobre inúmeras expressões amorosas existentes atualmente, pautando-se, portanto, como norma; o que, em última instância, situa os manuais como uma resposta conservadora a transformações afetivas vivenciadas hoje em dia, aspectos que também se relacionam com as problemáticas do gênero em seu sentido mais amplo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quem sabe o que será a mulher quando finalmente livre para ser ela mesma? Quem sabe qual a contribuição da sua inteligência quando esta puder ser alimentada sem sacrifício do amor? Quem sabe das possibilidades do amor quando o homem e a mulher compartilharem não só dos filhos, do lar, de um jardim, da concretização de seu papel biológico, mas também das responsabilidades e paixões do trabalho que constrói o futuro humano e traz o pleno conhecimento da personalidade? Mal foi iniciada a busca da mulher pela própria identidade. Mas está próximo o tempo em que as vozes da mística feminina não poderão abafar a voz íntima que a impele ao seu pleno desabrochar.*

O fragmento acima pertence ao livro *Mística feminina*, de Betty Friedan, escrito nos anos de 1960 e que inspirou mobilizações feministas em várias partes dos Estados Unidos, tornando-se um *best seller* na época. Friedan questionou sua condição feminina de então e milhares de mulheres se reconheceram e se perceberam ao lerem os relatos. Uma das consequências na época consistia em: o cotidiano foi problematizado e politizado. O livro é escrito no início da década que marca fortemente a influência do feminismo em vários contextos do mundo.

Décadas depois, se analisa, como aqui, manuais que lidam com o cenário em que as mulheres já obtiveram várias conquistas sociais – manuais que correspondem a um segmento editorial difundido a partir do contexto estadunidense –, o que implica, também, que falar sobre gênero significa tratar de inúmeros sujeitos. Entre avanços e retrocessos históricos, os manuais de aconselhamento afetivo falam para mulheres, pensadas a partir de um ideal heteronormativo, lhes dizendo que seus insucessos amorosos são decorrentes do seu modo de agir e sentir. No mercado dos relacionamentos, amar demais é desperdício e gera sofrimento. As mulheres devem, então, conduzir racionalmente seus afetos: analisar, ponderar custos e benefícios, não se doar facilmente, dentre outros procedimentos que prometem êxito amoroso.

Sentimentos são carregados de conotação social – pressuposto presente em toda essa pesquisa. Em função disso, ao optar por estudar a literatura de aconselhamento afetivo para mulheres, foram acessadas problemáticas da atualidade, que expressam dilemas amorosos

segundo as fórmulas sugeridas nos manuais, mas também elementos da condição feminina vivenciada por inúmeras mulheres dos centros urbanos. Para situar a problemática tratada no atual contexto, a abordagem de Illouz foi bastante pertinente.

A mulher moderna ilustrada nos manuais estudados na pesquisa mescla várias fontes de influência, mas delas se afasta na medida em que seus conteúdos são ressignificados e adaptados para uma versão mais conservadora e sem os ruídos feministas nas relações de gênero. Ao construir um ideal de mulher, considerando as especificidades das narrativas, reivindicam lugares de gênero que, em última instância, reforçam um padrão hegemônico masculino: menos emoção, mais racionalidade no “investimento” afetivo.

Quando da decisão de estudar esse tema, não se imaginava o universo de reflexões que se abrisse – e isso foi possibilitado, sem dúvida, em decorrência da opção de dar voz às leitoras que buscaram essa literatura em algum momento das suas vidas. Mais do que dilemas amorosos – embora esse seja o mote principal da literatura em questão –, essas mulheres vivenciam diversas posições e se veem levadas a estabelecer prioridades, em meio a uma sociedade onde reverbera a ideia de que a mulher “não pode ter tudo ao mesmo tempo”. O socorro emocional fornecido pelos manuais de autoajuda é uma das respostas produzidas nesse cenário.

Ao reunir o conteúdo das entrevistas e analisar os relatos, foi possível identificar aspectos dessa geração de mulheres que, com narrativas específicas, compartilham de um contexto de possibilidades e dilemas, dentre os quais estão os afetivos. Em meio às inúmeras possibilidades de construir as experiências de gênero e proporcionar respostas ou soluções em suas vivências, o manual de aconselhamento se constitui como uma das possibilidades. Está acessível, seu formato é facilmente “consumível” e tem força editorial para chegar ao público leitor pretendido.

Considerando os possíveis usos dessa literatura, essa pesquisa resulta em um deles. No entanto, o estudo olha a partir de um referencial teórico feminista e a inquietação com a naturalização de posições de gênero é uma constante na perspectiva aqui desenvolvida. Para questionar os pressupostos de gênero presentes nos manuais, foi preciso analisá-los em seu contexto e, principalmente, apontar os fundamentos que justificam sua difusão e classificação privilegiada nas listagens dos livros mais vendidos. Os títulos pragmáticos dos manuais são, nesse sentido, a face mais aparente de toda a problemática que explica sua grande aceitação. Por isso, a experiência das mulheres entrevistadas foi tão importante para essa pesquisa.

Ao optar por uma perspectiva feminista, a pesquisa também se propõe a questionar as narrativas sobre as mulheres. Porém, evita-se uma visão normativa que indique “o que a mulher deve fazer”. Pensando gênero como algo histórico e dinâmico, as narrativas de aconselhamento são analisadas em suas atribuições, ao mesmo tempo em que são questionadas as bases que sustentam os seus pressupostos de gênero que naturalizam concepções sobre homem ou mulher, ainda que dialogando com transformações culturais recentes. Ao observar o contexto de difusão dos manuais, é possível identificar que sua grande aceitação se explica pelo próprio modelo hegemônico das relações de gênero às quais se referem, modelo que constrói hierarquias e demanda diferentes modalidades de esforço individual subjetivo.

Na medida em que a sociedade define modelos hegemônicos de relações de gênero fixados em uma heteronormatividade, que compreende um conjunto de atribuições pré-definidas para homens e mulheres, as soluções para o atendimento de um padrão de felicidade que corresponda a essa expectativa passa por um número limitado de alternativas. O sofrimento amoroso, embora vivenciado individualmente, tem a marca do momento cultural atual. Da mesma forma ocorre quando as mulheres se veem diante da necessidade de operacionalizar diferentes posições e serem bem sucedidas em todas elas.

Os motivos de busca dos manuais de autoajuda pelas mulheres, a rigor, têm o mesmo pano de fundo do fundamento de outras formas de ajuda, a exemplo das terapias. O que muda é o conteúdo oferecido como causa e resposta para os dilemas. A cultura terapêutica, em sua forma mais popularizada, tem construído narrativas em que os indivíduos carregam em si a possibilidade de superação dos seus problemas. Uma decorrência disso é que, progressivamente, tem-se procurado problemas e soluções no âmbito individual, e menos nas relações sociais em seu sentido mais amplo.

A cultura do esforço individual para superar problemas, reforçada pelos manuais de autoajuda, permite também pensar em sua incorporação no próprio contexto brasileiro, no qual a afirmação da cidadania tem sido muitas vezes transplantada para o âmbito do consumo. Os dilemas emocionais vivenciados no domínio da vida privada são enfrentados em consonância com a lógica de relações de consumo. Uma das implicações desse contexto é o distanciamento da mediação da política no plano da vida cotidiana; em termos de gênero, muitas vezes têm resultado em manutenção de posições desiguais, reforçadas no plano cultural.

A fundamentação teórica a partir de Connell foi bastante fértil para a pesquisa por considerar gênero como multidimensional e não perder de vista suas complexas articulações no conjunto da vida social. É a perspectiva que permite pensar essa problemática sem desconsiderar que ela é uma das possibilidades no interior das relações de gênero, que comporta outros sujeitos e dilemas nas hierarquias de gênero socialmente construídas.

Lembrar-se das implicações da heteronormatividade significa também considerar que, como seu contraponto, um modelo mais aberto para as relações de gênero é capaz de reformular noções de felicidade e sofrimento – “reformular novas formas de paixão”, como afirma Illouz (2012). Que uma mulher esteja infeliz por não estabelecer um relacionamento afetivo com um homem pode ser concebido como uma possibilidade e não como demonstração de sucesso individual. E quando se associa a catexia às demais dimensões sociais, percebe-se que essas mudanças são possíveis quando problematizadas em seu conjunto; pois, pensando gênero como estrutura social, nenhum mecanismo se manifesta isoladamente.

Observar tal difusão no contexto brasileiro é interessante também para pensar nos processos recentes de inserção feminina em várias atividades sociais e, ao mesmo tempo, perceber marcas culturais de concepções patriarcais, ainda que adaptadas a um novo contexto. Nos últimos anos, o Brasil tem vivenciado novas expressões políticas de movimentos sociais na cena pública, mas também conservadorismos em defesa de concepções normativas de família tradicional, bem como iniciativas homofóbicas e machistas na própria esfera da política parlamentar.

Quando construída a análise das entrevistas considerando as trajetórias das leitoras, houve o intuito de contextualizar a cultura terapêutica direcionada à mulher brasileira a partir do recorte expresso pelos manuais analisados. Desde que a pesquisa foi iniciada, esse segmento literário continua sendo bastante vendido e alguns novos títulos foram lançados. Já em vias de concluir a pesquisa, encontrou-se *Por que os homens têm medo de compromisso?*, de Carter & Sokol, à venda em uma loja de variedades. Encontrou-se também *Não se apegue, não*, escrito pela brasileira Isabela Freitas, lançado em 2014 e até então com quase 200 mil cópias vendidas. Além da permanência desse segmento, o que revela que há muito a se explorar nessa temática, outra modalidade tem se difundido, mesclando conselhos afetivos para mulheres e concepções religiosas, algo que merece ser analisado, considerando, inclusive, as novas configurações religiosas brasileiras e suas implicações de gênero.

No estudo da literatura de aconselhamento afetivo contemporânea, foram localizadas pesquisas que já reuniam alguns elementos para se pensar na temática a partir das relações de gênero. Ao incorporar as concepções das leitoras na pesquisa, buscou-se contribuir com mais reflexões sobre o tema, considerando as trajetórias de gênero, desde as que apontavam identificação com os manuais, até as que se distanciavam e, ainda assim, permitiam pensar sobre a complexidade do tema analisado.

Entre os inúmeros aprendizados proporcionados por essa pesquisa, um deles foi perceber que o grande número de vendas dos manuais de autoajuda também expressa um contexto em que as mulheres buscam respostas para conciliar com êxito as posições que assumem e as que a sociedade lhes apresenta como suas. Os recursos utilizados para responder a tais questões e construir suas arquiteturas das escolhas são diversos. A linha que separa as experiências de gênero das leitoras e não leitoras desse segmento é bastante tênue. Após o período de realização das entrevistas da pesquisa, quando da leitura do relato de uma jornalista sobre seu cotidiano enquanto profissional e mãe, escrita em sua página pessoal na *internet*<sup>26</sup>, se percebe identificações entre sua narrativa e alguns depoimentos das leitoras que participaram das entrevistas. O trabalho emocional relatado pela jornalista, sobretudo, se aproximava da conciliação de posições narradas pelas leitoras, principalmente as que associavam profissão e maternidade – o que as situa em um contexto de dilemas parecidos, porém com mobilização de diferentes recursos para construir suas percepções femininas.

Ele acordou radiante, feliz, querendo tocar bateria. A mãe alerta: filho, ainda não pode, está muito cedo. Sabe que quando a noite chega não pode fazer barulho. Achando noite e cedo parecido, o menino, baquetas na mão, aceita: - Vou esperar o cedo ir embora então. Logo pergunta: - O cedo já foi? - Só depois das 8h, meu amor. O semblante compreensivo do garoto muda quando percebe que sua mãe está de saída. A cada passo ao encontro das roupas de trabalho, o berreiro se avoluma. A hora se adianta, a bateria é liberada, mas o menino não quer mais saber do som. A mãe corre apressada para, na hora marcada, assumir o posto de proletária. O menino se desespera. Chorando sem consolo, repete, numa espécie de canto encharcado de lágrimas: - Gosto não de você trabalhando. - Gosto não de você trabalhando. E persegue a mãe atrasada pelos cômodos da casa, dolorido ainda mais por sentir inútil o seu protesto. Banho, calça, blusa, colar... cada coisa posta aniquila as tentativas, o choro se impõe, o menino não se conforma. - Gosto não de você trabalhando. - Fica aqui comigo, mamãe. - Quero ir trabalhar com você. A cantiga chorosa testa a disciplina da mãe. Na hora dos brincos, ela aproveita e troca de coração. Deixa na caixinha de joias o amolecido coração de tanta paixão e repõe no peito um coração de pedra, feito sob medida para tal ocasião. Dá um beijo carinhoso no menino de olhos inundados e sai sem olhar para trás. Segue despedaçada: vai bater o ponto na

---

<sup>26</sup> O texto, publicado na página do *Facebook* da jornalista, foi autorizado para citação na pesquisa.

firma, vai ser a mulher que o mundo quer<sup>27</sup>.

O que mais despertou atenção no relato acima foi justamente o fato de não ser de nenhuma das leitoras entrevistadas na pesquisa. Porém, a demanda de colocar o “coração de pedra” no peito é requerida, em ambas as situações. “Ser a mulher que o mundo quer”, naquela situação, significa atender às expectativas sociais atribuídas às mulheres. Até o contexto presente, tais atribuições têm significado desigualdade de posições em termos de gênero. Ora as mulheres são privadas de possibilidades, ora se vendo na necessidade de administrarem suas emoções, visto que esse âmbito é associado como característica inerente à condição feminina. É nesse sentido que as conquistas decorrentes de lutas feministas têm sido associadas aos dramas pessoais vividos por muitas mulheres e não como impulsionadoras de novas transformações. E é nesse sentido também que a presente pesquisa busca, ao historicizar as relações de gênero, problematizar os modelos oferecidos pelos manuais de aconselhamento e sugerir que, longe de uma saída individual, os dilemas de gênero requerem soluções coletivas, o que inclui pensar nos inúmeros sujeitos que compõem e ao mesmo tempo questionam a ordem de gênero hegemônica.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/carla.serqueira.1?fref=ts>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. *A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*. Curitiba: Blucher, 2009.

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ALVES, Vera Lúcia Pereira. *Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de autoajuda*. 2005, 246f. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm04.pdf>>. Acesso em: 20 jan 2015.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Ed. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1970.

BONELLI, Maria da Glória. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cadernos Pagu* (versão on line). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000100015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100015)>. Acesso em: 08 ago 2010.

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: EDUC/Estação Liberdade, 1996.

BOSCO, Ângelo Marcos. *Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de autoajuda*. 2001, 94f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTRO, Talita Pereira. *Autoajuda e reificação da crise de meia idade*. 2009, f. 214. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CONNELL, Raewyn. *Gender*. Cambridge: Polity Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *Gender and Power*. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Masculinidades*. México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

FONSECA, José Guilherme Teixeira da. *O desafio de ser indivíduo no século XXI: um estudo sobre a cultura de autoajuda*. 2007. Dissertação (mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.

GARBOGGINI, Fláilda Brito. “Era uma vez” uma mulher margarina. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês (org.) *Representações do feminino*. Campinas: Átomo, 2003.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GIMENES, Éder Rodrigo. Identidade e identificação racial em questionários sobre cultura política. *Revista Perspectivas Sociais*. Pelotas, ano 1, n. 1, , março/2011. pp. 93-108.

GONÇALVES, Eliane. Novas solteiras: ecos do feminismo na mídia brasileira. *Cadernos de*

*Pesquisa*, v.41 n.142, jan./abr. 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. Rimando amor e dor: Reflexões sobre violência no vínculo afetivo-conjugal. In: PEDRO, Joana & GROSSI, Miriam P. *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: editora Mulheres, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar et al. Entre pesquisar e militar: engajamento político e construção da teoria feminista no Brasil. *Revista Ártemis*, vol. XV, n. 1, jan-jul, 2013. pp. 10-29.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. *The Commercialization of intimate life: notes from home and work*. Berkeley: The University of California Press, 2003.

IBGE. *Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça (2008)*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/default\\_raciais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm)> Acesso em: 08 nov 2013.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. *Saving the modern soul: therapy, emotions and the culture of self-help*. Berkeley: University of California Press, 2008.

\_\_\_\_\_. *Why love hurts: a sociological explanation*. Cambridge: Polity Press, 2012.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. *De “moça prendada” à “menina super-poderosa”*: um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista *Capricho* (1952 – 2003). 2005, 169f. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

MOCCI, Gisele. *Imagem de mulher na literatura de autoajuda: uma análise de quatro obras contemporâneas*. 2006, 226f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

NOEL, Gabriel D. Dos códigos aos repertórios: alguns atavismos persistentes acerca da cultura e uma proposta de reformulação. In: WERNECK, Alexandre & OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de (orgs.). *Pensando bem: estudos de sociologia e antropologia da moral*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. O feminismo desconstruindo e re-construindo o conhecimento. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.

PAES, José Paulo. *A aventura literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

REY, Fernando Luis González. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. *Estudos Feministas*, Florianópolis, setembro-dezembro/2006. pp. 801-811.

RUDIGER, Francisco. A experiência amorosa na literatura de autoajuda: terapia e intimismo. In: *Conexão – Comunicação e Cultura*. UCS, Caxias do Sul, v. 9, n.17, jan/jun. 2010. pp. 129-141.

\_\_\_\_\_. *Literatura de Autoajuda e Individualismo*. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1995.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisando uma trajetória. *Estudos Feministas*, Florianópolis, maio-agosto/2004. pp. 35-50.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? *Estudos Feministas*, Florianópolis, janeiro-abril/2008. pp. 173-186.

\_\_\_\_\_. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.5, n.8, 2001. pp. 47-60.

SMILES, Samuel. *Ajude-se: os grandes nomes do passado nos mostram exemplos de perseverança*. São Paulo: Rai, 2012.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

ZILBERMAN, Regina. A literatura e o apelo das massas. In: AVERBUCK, Ligia (org.). *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984. pp. 11-26.

WOOD, Charles H & CARVALHO, José Alberto Magno de. *Categorias do censo e classificação de cor no Brasil*. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev\\_inf/vol11\\_n1\\_1994/vol11\\_n1\\_1994\\_1artigo\\_3\\_17.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol11_n1_1994/vol11_n1_1994_1artigo_3_17.pdf)>. Acesso em: 8 jan 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

## MANUAIS ANALISADOS NA PESQUISA

ARGOV, Sherry. *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CARTER, Steven & SOKOL, Julia. *O que toda mulher inteligente deve saber*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

\_\_\_\_\_. *Os segredos das mulheres inteligentes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

NUNES, Eduardo. *Sedução: uma estrada de mão dupla*. São Paulo: E. Nunes, 2000.

PEASE, Allan & PEASE, Barbara. *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

## ANEXOS

### ANEXO A

#### Modelo de Questionário 1

##### **PARTE 1 – PERFIL DAS ENTREVISTADAS**

Nome:

Codinome utilizado:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Profissão dos pais:

Escolaridade dos pais:

Origem regional:

Estado civil:

Obs: já foi casada?

Possui filhos?

Orientação sexual:

Classificação de renda (modelo IBGE = renda + número de pessoas):

Identidade racial (baseada no IBGE): Branca/Preta/Amarela/Parda/Indígena/Nenhuma das Categorias

##### **PARTE 2 – SOBRE O LIVRO:**

- 1) Como você chegou ao livro?
- 2) O que despertou a sua atenção?
- 3) O fato de ser um *best seller* despertou o seu interesse pela leitura?
- 4) Houve trechos com os quais você se identificou?
- 5) Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura? Se sim, qual(is)?
- 6) Você sugeriu a leitura desse livro para outras pessoas?
- 7) Pra você, o que representava a distinção “homens fazem sexo, mulheres fazem amor”, presente no título do livro?
- 8) Na página 37, há duas figuras representando distinções entre os cérebros masculino e feminino. O que essas figuras representam para você?
- 9) Você respondeu ao teste de perfil cerebral (pp. 56-57)? Se sim, qual o resultado? Como você avaliou o resultado?
- 10) Você seguiu/adotou dicas sugeridas no livro?
- 11) Você visualiza as informações contidas no livro na sua vida cotidiana? De que forma?
- 12) Houve trecho(s) com os quais você não se identificou? Você sentiu falta de algum assunto a ser tratado no livro?
- 13) Quais outros tipos de literatura lhe interessam ou você costuma ler?

##### **PARTE 3 – CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO**

- 1) O que significaram para você as diferenças de masculino e feminino apontadas no livro?
- 2) Pra você, existem características tipicamente masculinas ou femininas? Se sim, como você poderia apontá-las?
- 3) Pra você, a biologia influencia nos comportamentos e identidades das pessoas?
- 4) Pra você, os hormônios podem interferir no comportamento? Se sim, poderia dar exemplos?
- 5) Pra você, o que é ser feminina?
- 6) Você se identifica com esse perfil? Desde quando começou a se identificar? Se sim, poderia dar exemplos?
- 7) Você já se sentiu ser tratada diferente por ser mulher? Em que ocasiões? O que isso representava pra você?
- 8) Pra você, o que representa a maternidade?
- 9) Você concebe a ideia de instinto maternal?
- 10) Como você concebe a ideia de identidade sexual?
- 11) Pra você, os hormônios interferem nas preferências ou identidades sexuais?

- 12) Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?
- 13) Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que equilibrar razão e emoção?
- 14) Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos? Em que sentido?
- 15) Você concorda com a ideia de que as mulheres amam mais que os homens?
- 16) Para você, existe separação entre amor e sexo?
- 17) Como você vê a relação entre sexo e relacionamento?
- 18) O livro proporcionou a você influência em ideias sobre sexualidade?
- 19) Para você, qual a relação entre mulher e sexualidade?

#### **PARTE 4 – GÊNERO, SUBJETIVIDADE, AFETOS**

- 1) Como você visualiza os relacionamentos afetivos atualmente?
- 2) O livro te auxiliou em ideias sobre relacionamento?
- 3) Como você concebe o que seja o amor?
- 4) Para você, os sentimentos estão mais ligados à esfera pública ou privada?
- 5) Para você, o que significa dependência emocional?
- 6) Para você, uma mulher realizada é aquela que possui um relacionamento afetivo bem sucedido?
- 7) Você considera que a psicologia (como campo de conhecimento) tem importância para o comportamento/subjetividade das pessoas?
- 8) No livro, você se identificou com algum argumento/ideias da psicologia?
- 9) Para você, o que significa ter autoestima?
- 10) A sua noção de autoestima foi modificada/acrescentada com a leitura do livro?
- 11) Você acha que o seu modelo de família influencia no que você é hoje? Em que sentido?

#### **PARTE 5 - COMPORTAMENTOS DE GÊNERO (MULHER, FAMÍLIA, TRABALHO...)**

- 1) Em qual modelo de família você foi socializada?
- 2) Com quais figuras você mais se identificava? Por quê?
- 3) Atualmente, você se espelha nesse modelo de família?
- 4) Quando você pensa em família, qual representação vem à mente?
- 5) Você se identifica com alguma crença religiosa? Se sim, a crença religiosa constitui o seu perfil/identidade?
- 7) Você percebe diferenças de gênero no campo profissional? Quais?
- 8) Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?
- 9) Você visualiza as pessoas buscando adotar posturas “femininas” ou “masculinas” no trabalho? Se sim, poderia dar exemplos?
- 10) Para você, o que é ser uma mulher?
- 11) Para você, o que é uma mulher tradicional?
- 11) E o que significa ser uma mulher moderna?
- 12) O que significa ser uma mulher inteligente?
- 13) Como você define/compreende o feminismo?
- 14) Você se vê como uma feminista?
- 15) Você já teve/tem alguma participação política?
- 16) Como você se imagina no futuro?

## ANEXO B

### Modelo de Questionário II

#### PARTE 1 – PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Nome:

Codínome utilizado:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Profissão dos pais:

Escolaridade dos pais:

Origem regional:

Estado civil:

Obs: já foi casada?

Possui filhos?

Orientação sexual:

Classificação de renda (modelo IBGE = renda + número de pessoas):

Identidade racial (baseada no IBGE): Branca/Preta/Amarela/Parda/Indígena/Nenhuma das Categorias

#### PARTE 2 – SOBRE O LIVRO:

- 1) Como você chegou ao livro?
- 2) O que despertou a sua atenção?
- 3) O fato de ser um *best seller* despertou o seu interesse pela leitura?
- 4) Houve trechos com os quais você se identificou?
- 5) Você considera que o livro causou algum impacto nas suas ideias, após a leitura? Se sim, qual(is)?
- 6) Você sugeriu a leitura desse livro para outras pessoas?
- 7) Você seguiu/adotou dicas sugeridas no livro?
- 8) Você visualiza as informações contidas no livro na sua vida cotidiana? De que forma?
- 9) Houve trecho(s) com os quais você não se identificou? Você sentiu falta de algum assunto a ser tratado nele?
- 10) Quais outros tipos de literatura lhe interessam ou você costuma ler?

#### PARTE 3 – CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

- 1) Pra você, existem características tipicamente masculinas ou femininas?
- 2) Como você poderia apontar as características femininas? (Se sim, como poderia apontar)
- 3) Você se identifica com esse perfil? Desde quando começou a se identificar? Se sim, poderia dar exemplos?
- 4) Você já se sentiu ser tratada diferente por ser mulher? Em que ocasiões? O que isso representava pra você?
- 5) Qual a sua concepção sobre maternidade?
- 6) Você concebe a ideia de instinto maternal?
- 7) Você concebe a ideia de que a mulher é mais emotiva do que racional?
- 8) Como você percebe a distinção entre “razão x emoção”?
- 9) Ao ler o livro, você pensou em questões sobre ter que administrar razão e emoção?
- 10) Você acha que uma mulher precisa ter controle dos sentimentos? Em que sentido?
- 11) Você concorda com a ideia de que as mulheres amam mais que os homens?
- 12) Pra você, existe separação entre amor e sexo?
- 13) Como você vê a relação entre sexo e relacionamento?
- 14) O livro proporcionou a você influência em ideias sobre sexualidade?

#### PARTE 4 – GÊNERO, SUBJETIVIDADE, AFETOS

- 1) Como você visualiza os relacionamentos afetivos atualmente?
- 2) O livro te auxiliou em ideias sobre relacionamento?
- 3) Como você concebe o que seja o amor?

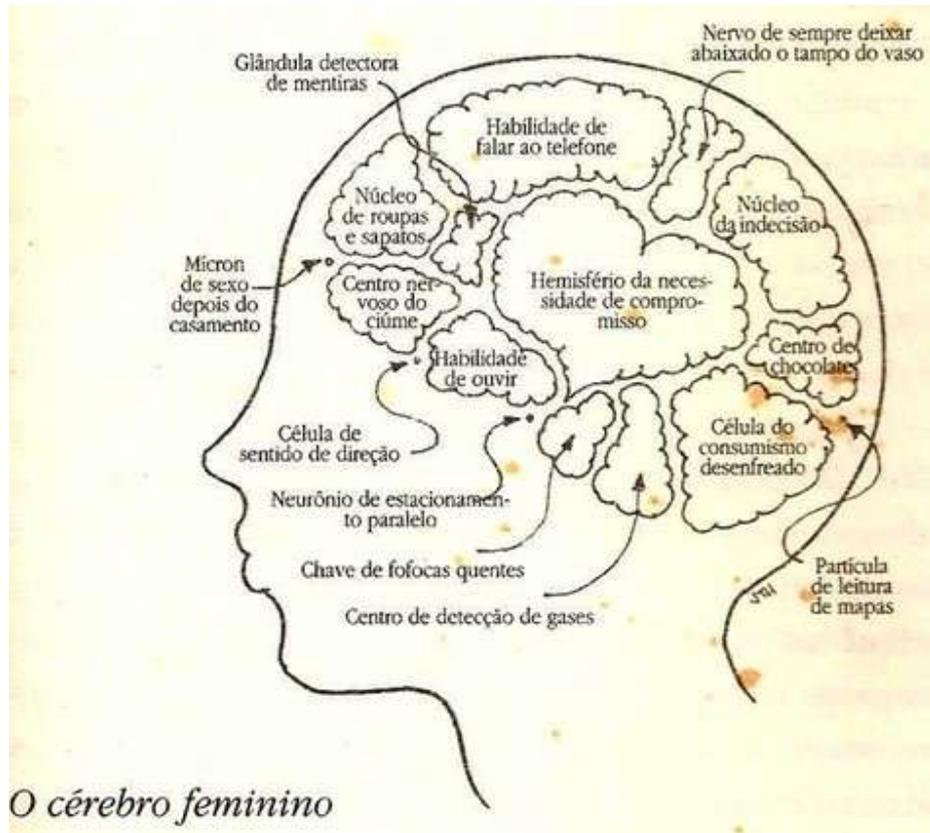
- 4) Para você, os sentimentos estão mais ligados à esfera pública ou privada?
- 5) Para você, o que significa dependência emocional?
- 6) Para você, qual o significado da “mulher difícil”?
- 7) Você se identifica com esse perfil?
- 8) Para você, uma mulher realizada é aquela que possui um relacionamento afetivo bem sucedido?
- 9) Você considera que a psicologia (como campo de conhecimento) tem importância para o comportamento/subjetividade das pessoas?
- 10) No livro, você se identificou com algum argumento/ideias da psicologia?
- 11) Para você, o que significa ter autoestima?
- 12) Para você, qual a relação entre autoestima e estética?
- 13) A sua noção de autoestima foi modificada/acrescentada com a leitura do livro?
- 14) Você acha que o seu modelo de família influencia no que você é hoje? Em que sentido?

#### **PARTE 5 - COMPORTAMENTOS DE GÊNERO (MULHER, FAMÍLIA, TRABALHO...)**

- 1) Em qual modelo de família você foi socializada?
- 2) Com quais figuras você mais se identificava? Por quê?
- 3) Atualmente, você se espelha nesse modelo de família?
- 4) Quando você pensa em família, qual representação vem à sua mente?
- 5) Você se identifica com alguma crença religiosa? Se sim, a crença religiosa constitui o seu perfil/identidade?
- 7) Você percebe diferenças de gênero no campo profissional? Quais?
- 8) Como você percebe a relação entre trabalho e maternidade?
- 9) Você visualiza as pessoas buscando adotar posturas “femininas” ou “masculinas” no trabalho? Se sim, poderia dar exemplos?
- 10) Para você, o que é ser uma mulher?
- 11) Para você, o que é uma mulher tradicional?
- 11) E o que significa ser uma mulher moderna?
- 12) O que significa ser uma mulher inteligente?
- 13) Para você, o que significa ser uma mulher poderosa?
- 14) Como você define/compreende o feminismo?
- 15) Você se vê como uma feminista?
- 16) Você já teve/tem alguma participação política?
- 17) Como você se imagina no futuro?

## ANEXO C

Ilustração de cérebro feminino, segundo Pease & Pease (2000).



## ANEXO D

Ilustração de cérebro masculino, segundo Pease & Pease (2000).

